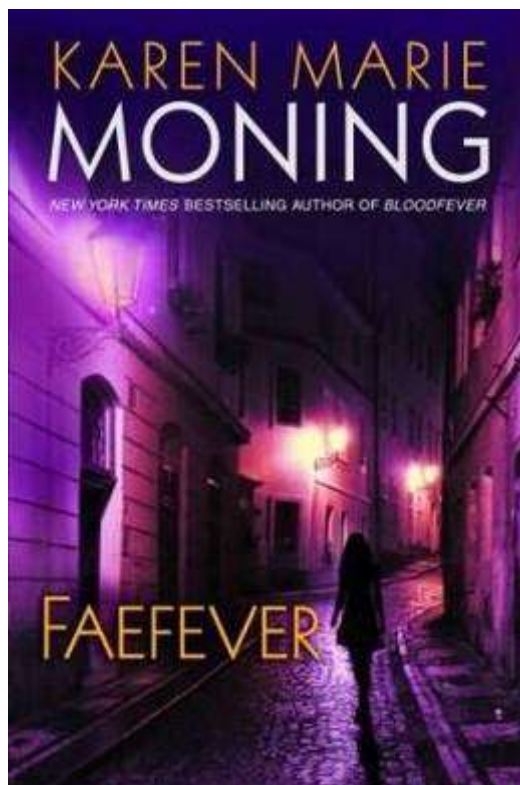




Fae Fever
Febre 3
Karen Marie Moning



Fae Fever Karen Marie Moning

Mudada pelas decisões que tomou a fim de sobreviver, Mac já não é a garota ingênua, idealista e glamorosa recém chegada a Dublin. Agora, inundada em uma busca para encontrar o assassino de sua irmã, é uma das peças principais em um mortífero jogo, mas que conta com uma grande vantagem: sabe como encontrar o único que os Fae e os humanos estão dispostos a matar: o Sinsar Dubh, um antigo livro de magia tão negra que corrompe qualquer um que o toca.

Entretanto, o que Mac não demora em descobrir é pior do que tinha imaginado. Rodeada de traição, seus inimigos são indistinguíveis de seus aliados, e só há algo do que pode estar segura: à medida que se aproxima o Dia de todos os Santos, o tempo se acaba.

Disponibilização em esp: Hatlish

Envio: Gisa

Revisão Inicial: Lu Avanço

Revisão Final: Danielle Aguiar

Formatação: Gisa

Finalização:

Tiamat - World

Comentário da Revisora Lu Avanço: No terceiro livro Mac vai ter que enfrentar o seu odio, e usar toda sua inteligencia para descobrir quem realmente esta do seu lado, e assim salvar o mundo.





Comentário da Revisora Danielle Aguiar: Gostei do primeiro e do segundo e o terceiro não deixa a desejar.....Mac está na busca pela vingança e Barrons.....continua deixando tudo no ar, pero no mucho.....rsssssss. Apareceram alguns personagens novos e fica a curiosidade pelo 4.....uma boa leitura.....

Primeira parte

Antes do Amanhecer

“Sigo esperando despertar e encontrar com que tudo foi um sonho ruim. Alina está viva, não vou ter medo da escuridão, os monstros não caminham pelas ruas de Dublin e não vou ter esse terrível temor de que o amanhecer de amanhã não virá”

—Diário de Mac-

Prólogo

“Morreria por ele”.

Não, espera um minuto... não é por aqui onde se supõe que devo começar.

Conheço isto. Mas devido aos reversos de minha própria sorte, prefiro interpretá-lo ao longo dos acontecimentos das próximas semanas, e depurá-lo através daqueles dias, para desmascarar detalhes que pudessem passar despercebidos sob uma luz mais adaladora.

Ninguém sai favorecido em suas horas mais escuras; entretanto, são essas horas as que nos fazem ser o que somos. Podemos nos fortalecer ou nos aterrorizar, emergir vitoriosa graças a nossos bons julgamentos ou nos quebrar de forma permanente, condenados à perdição.

Nunca me tinha dado de pensar em coisas como “horas mais escuras”, “julgamentos” ou “linhas de quebra”. Enchia meus dias com sol e compras, servindo mesas no Brickyard (sempre mais como um entretenimento que como um trabalho, e que era como eu gostava de minha vida) e ideando estratégias para convencer a meus pais a me ajudar na compra de um carro novo. Aos meus vinte e dois anos, ainda estava vivendo em seu lar, segura em meu mundo protegido, tranqüila em meus sonhos, inundada no Profundo Sul, acreditava-me mesma em centro do universo...



...Então minha irmã Alina foi brutalmente assassinada, enquanto estudava no estrangeiro, em Dublin, e meu mundo trocou da noite para o dia. Já foi suficientemente mal ter que identificar seu corpo mutilado, e ver que minha família, até esse momento feliz, se fazia pedacinhos; mas meu mundo não se deteve ali, caindo a pedaços... Não, seguiu e me inteirei de que quase tudo o que tinha acreditado sobre mim mesma não era certo.

Descobri que meus pais não eram meus verdadeiros pais, que minha irmã e eu fomos adotadas, e que apesar de minha preguiça e de meu acento, não era sulina absolutamente, mas sim descendia de um antigo sangue celta de sidhe-seer, essas pessoas que podiam ver os Fae, uma terrorífica gama de seres de outro mundo, que viveram secretamente entre nós há milhares de anos, nos envolvendo em ilusões e mentiras.

Estas foram as lições fáceis.

As lições duras estavam ainda por vir, esperavam-me e a diversão estava assegurada nas ruas do bairro de Têmpera Bar de Dublin, onde veria gente morrer, e aprenderia a matar; onde conheceria o Jericó Barrons, a V'lane e ao Lorde Master, onde eu sairia ao tabuleiro como protagonista em um jogo mortal com a-sorte-do-mundo a minhas costas.

Para aqueles que acabam de unir-se a mim, meu nome é MacKayla Lane, Mac para abreviar.

Meu verdadeiro sobrenome poderia ser O'Connor, mas não sei com segurança.

Sou uma sidhe-seer, uma das mais capitalistas que alguma vez viveu: não só posso ver os Fae, mas também posso lhes fazer danifico e, armada com uma de suas mais sagrados Relíquias, a Lança do Longinos, inclusive posso matar a estes seres imortais.

Não se respaldem em sua cadeira e se relaxe: não é “meu mundo” só o que tem problemas, mas sim é “seu mundo” também. Está ocorrendo, agora mesmo, enquanto você está sentado aí, comendo um sanduíche, enquanto te prepara para te inundar em uma ficção entretida que te sirva de escapamento... Sabe uma coisa? Não é ficção, e não há escapamento. Os muros entre o mundo humano e o Reino Fae estão baixando, e odeio romper suas fantasias, mas estas fadas não são Campainha.

Se os muros caírem completamente... bom,... mais nos vale que não o façam. Se eu fosse você, eu teria todas as luzes acesas neste momento, agarraria umas lanternas e compraria um bom fornecimento de pilhas.

Vim a Dublin com dois objetivos: para saber quem matou a minha irmã, e para vingá-la. (Veja-se com que facilidade posso dizê-lo agora!)

Quero vingança.

Revanche com R maiúscula.

Vingança dessas de - ossos triturados-e uma grande quantidade de sangue.

Quero a seu assassino morto, preferentemente por minha própria mão.

Uns meses aqui e já joguei ao lixo anos de polida educação sulina.

Pouco atrás de que abandonasse Ashford, Georgia e plantasse meus magnificamente bem pedicurados calcanhares nas costas da Irlanda, provavelmente, teria morrido se não tivesse tropeçado em uma livraria de sua propriedade com o Jericó Barrons. Sobre quem ou o que é, não



tenho a mínima idéia, mas ele tem conhecimentos que eu necessito e eu tenho algo que ele quer, os que nos converte em aliados resistentes.

Quando eu não tinha aonde ir, Barrons me levou com ele, ensinou-me o que sou, abriu meus olhos e me ajudou a sobreviver. Ele não o fez muito limpamente, mas eu já não disponho atenção a esses pequenos detalhes sobre como sobreviver, sempre e quando o fizer.

Devido a que era mais seguro que minha habitação trocar de hospedaria, mudei a sua livraria. Protegida contra a maioria de meus inimigos, com guardas e uma grande variedade de feitiços, este bastão está ao bordo do que eu chamo a Zona Escura: um bairro que foi assumido pelas Sombras, amorfos Unseelie que prosperam nas trevas e chupam a vida dos seres humanos.

Lutamos juntos contra os monstros.

Ele salvou minha vida, duas vezes.

Compartilhamos o sabor de uma luxúria perigosa.

Ele vai atrás do Sinsar-Dubh, um livro de magia negra, a mais negra imaginável, de um milhão de anos de antigüidade, escrito pelo Rei dos Unseelie, que em si mesmo é uma chave de incontável poder, tanto sobre o mundo dos Fae como sobre o do Homem. Eu o quero porque foi a última petição de minha irmã Alina moribunda, e, porque suspeito que seja a chave para salvar nosso mundo. Ele o quer porque diz que é colecionador de livros. Seguro!

V'lane é outra história. É um príncipe Seelie, e um Fae-morte-por-sexo, e espero aprender mais sobre ele o suficientemente logo.

Os Fae se organizam em duas Casas Reais e em castas: a Luz ou Corte dos Seelie e A Escuridão ou Corte dos Unseelie. Não deixe que os términos -luz-e -escuridão-lhe enganem: ambos são mortais. Entretanto, os Seelie temeram tanto aos Unseelie, que eles mesmos, os encarceraram, aproximadamente setecentos mil anos atrás. Quando um Fae teme a outro, nós deveríamos ter mais medo ainda.

Cada Corte tem suas relíquias, que são objetos sagrados ou de imenso poder. As Relíquias Seelie são: a Lança (tenho-a eu), a Espada, a Pedra e o Caldeirão. As Relíquias Unseelie são: o Amuleto (que tive e que me arrebatou o Lorde Master), a Caixa, os Espelhos e o muito procurado Livro Escuro.

Todas elas têm diferentes propósitos, alguns deles os conheço, sobre outros não o deixo tão claro.

Ao igual a Barrons, V'lane vai atrás do Sinsar-Dubh. Ele o busca por ordem da Rainha Seelie, Aoibheal, que o necessita para reforçar o muro entre os reino, o dos Fae e o do homem, e impedir que se venha abaixo. Ao igual a Barrons, ele também salvou minha vida (e também me deu um dos mais intensos orgasmos dela.)

O Lorde Master é o assassino de minha irmã, que a seduziu, utilizou-a e o que a destruiu. Não é do todo Fae, nem muito humano; esteve abrindo portais entre reino, com o que os Unseelie, o piorzinho dos Fae, entraram em nosso mundo, deixando-os soltos e lhes ensinando a infiltrar-se em nossa sociedade. Ele quer que os muros caíam, de modo que possa liberar a todos os Unseelie de sua prisão de gelo. Também vai atrás do Sinsar-Dubh, embora ainda não sei por



que. Acredito que poderia ter a intenção de destruí-lo e, assim, evitar a reconstrução do muro atrás de sua queda.

E aí é onde entro eu: estes três potentes e perigosos homens, precisam de mim.

Não só posso ver os Fae, mas também posso sentir suas Relíquias... Posso sentir o Sinsar-Dubh, aí fora, alguma coisa escuro, um coração pulsante de pura maldade.

Eu posso caçá-lo.

Eu posso encontrá-lo.

Meu pai diria que isso me faz candidata esta temporada ao MVP¹.

Todo mundo me quer. Portanto, devo me manter viva em um mundo onde a morte obscurece minha porta cada dia.

Vi coisas que fariam que sua pele empalidescesse; fiz coisas que fazem que empalideça a minha.

Mas isso não é importante agora. O importante é começar no lugar correto... vamos ver...

...onde estava?

Devo passar as páginas de minha memória para trás, uma cada vez, escrutinando entre o que não posso ver ainda com clareza. Um passo atrás, um passado nebuloso onde todas as lembranças desaparecem por um tempo, um passado como um Halloween infernal, as coisas que fez Barrons, a mulher que eu matei, mais atrás da penetração de V'lane com sua língua... Passado o que fiz a Jayne.

Ali.

Um zoom para baixo, em um lugar escuro, úmido, em uma brilhante rua...

... trata-se de mim, toda rosa e ouro. Estou em Dublin. É de noite. Estou caminhando pelo pavimento de paralelepípedos de Têmpera Bar. Estou viva, vibrantemente viva. Não há nada como um recente escarcéu com a morte para que se sinta ainda maior a vida.

Há luz em meus olhos e um ligeiro bamboleiço em meus passos. Estou usando um assassino vestido de cor rosa, minhas sandálias favoritas e estou acessoriada até os pedaços em ouro, rosa e ametista. Tive muito cuidado com meu cabelo e minha maquiagem. É minha maneira de impressionar ao Christian MacKeltar, um sexy e misterioso jovem escocês que conheceu minha irmã. Sinto-me bem que haja uma mudança.

Bom, ao menos por um curto período de tempo.

Dou ao avanço rápido por uns momentos...

Agora estou girando minha cabeça, que vai dando tombos da calçada à sarjeta. Tenho caído a quatro pés. Estou mais perto do Sinsar-Dubh do que estive jamais, e é habitual que tenha esse efeito sobre mim. Dor. Debilitação.

Já não parece tão bonito. De fato, é muito desventurado ser vidente.

Minhas mãos e meus joelhos estão em um atoleiro que cheira a cerveja e urina, estou gelada até o osso. Meu cabelo é um matagal, meus alfinetes de ametista me dão no nariz e estou

¹ Most Valuable Player = jogador mais valioso



chorando. Aparto o cabelo de meu rosto com uma mão suja, e vejo o tabuleiro de jogo que se desenvolve ante mim com uns dilatados e horrorizados olhos.

Lembro esse momento... Onde estava. O que eu não era. Fiquei congelada. Há tantas coisas que queria dizer a ela...

—Cabeça alta, Mac. Ponha em guarda. Uma tormenta está chegando. Não ouve o forte repico de cascos no vento? Não sente a alma adormecida pelo frio? Não cheira o sangue e especiarias na brisa?--Foge! -queria lhe dizer – Oculte-se!.

Mas eu não posso escutar a mim mesma.

De joelhos, vendo-o... isso... tudo o que está fazendo, vivo como estrangulada pela ressaca de uma matança.

A contra gosto, afundo-me com sua memória, meto-me em sua pele...

Capítulo 1

A dor, Deus, a dor! Vai partir meu crânio em dois!

Afundo minha cabeça molhada em minhas pestilentas mãos, decidida a agüentar até que se produza o inevitável: que desmaie.

Nada pode comparar-se com a agonia que o Sinsar-Dubh me causa. Cada vez que me aproximo dele me ocorre o mesmo: estou imobilizada por uma dor que aumenta até que perco a consciencia.

Barrons diz que é porque o Livro Escuro e eu somos o ponto e o contraponto. Isso é tão mau e eu sou tão boa, que me repele violentamente. Sua teoria é -diluir-meu -bom- dê alguma maneira, me fazer um pouco ruim para poder me aproximar dele. Não vejo como me fazer o suficientemente ruim para que possa me aproximar e recolher esse livro diabólico, o que, por outro lado, é uma boa coisa, já que acredito que só faria, provavelmente, coisas más com ele.

—Não! - sussurrei, caída sobre meus joelhos no atoleiro.

—Por favor, não! Não aqui, não agora!

No passado, cada vez que tinha estado perto do livro, Barrons tinha estado comigo, e eu tinha tido a segurança de saber que não deixaria que nada muito horrível acontecesse com meu corpo inconsciente. Ele podia envolver-se ao meu redor, me usando como a vara de um zahorí², mas eu podia viver com isso. Esta noite, entretanto, estava sozinha. O pensamento de ser vulneráveis a qualquer pessoa e a algo nas ruas de Dublin, inclusive durante uns momentos me aterroriza. O que devo fazer se perder o conhecimento durante uma hora? O que devo fazer se cair de barriga para baixo neste atoleiro vil no que estou e me afogo em umas polegadas de simples... ugh.

Tenho que sair do atoleiro. Não posso morrer tão pateticamente!

² vidente



Um vento invernal corre pela rua, seu açoite entre os edifícios me congela até os ossos. Jornais velhos e sujos flutuavam, garrafas quebradas e pacotes desprezados enchiam as calçadas. Aferro-me à boca-de-lobo, raspo na calçada com minhas unhas, me deixando as pontas quebradas da mão esquerda entre os paralelepípedos de pedra.

Polegada a polegada, vou recuperando uma posição mais erguida.

Ali, diante de mim: o Livro Escuro. Podia senti-lo, a uns cinquenta metros de onde eu agonizava. Talvez menos. E não era só um livro. OH, não. Nada tão simples. Era uma pulsão escura que carbonizava os borde de minha mente.

Por que eu não podia me afastar?

Por que não cessava esta dor?

Senti-me como se estivesse morrendo. A saliva alagou minha boca, a espuma saindo entre meus lábios. Queria desesperadamente me levantar, mas não podia. Inclusive meu estômago estava bloqueado pela dor.

Dolorosamente, tratei de levantar minha cabeça. Tinha que vê-lo!. Tinha estado perto dele antes, mas nunca o tinha visto. Sempre desmaiava em primeiro lugar e se agora não ia perder a consciencia, tinha muitas perguntas que necessitavam resposta. Nem sequer sabia o que parecia. Que tinha? O que estavam fazendo eles com ele? por que seguia tendo esse tênue contato com ele?

Estremecendo-me, caí de novo de joelhos, envolta pela meada de azedo aroma de meu cabelo no rosto e esperei.

A rua que momentos antes bulia com turistas fazendo seu alegre tour de um pub aberto à porta do seguinte, estava vazia agora, açoitada pela escuridão, pelo vento ártico. As comporta se fecharam, a música silenciado...

.. deixando-me só ...

.. e a eles.

A visão que se desenvolvia ante mim não era absolutamente o que eu tinha esperado: um atirador tinha um grupinho de pessoas apoiadas contra a parede de um edifício, uma família de turistas, com suas câmaras oscilando ao redor de seus pescoços. O canhão de uma arma semi-automática brilhava à luz da lua. O pai gritava, a mãe gritava tratando de reunir três meninos pequenos em seus braços...

—Não! -gritei. Pelo menos, assim acredito. Não estou segura de que em realidade fizesse nenhum som. Meus pulmões estavam comprimidos pela dor.

O atirador disparou uma rajada de balas, silenciando seus gritos. Matou a última, a menor de todas, uma delicada menina loira de quatro ou cinco anos, com dilatados olhos suplicantes que me espreitarão até o dia em que e, uma garota que não pude salvar porque estava fodidamente imobilizada. Paralisada pela dor, inúteis minhas extremidades, só podia me pôr de joelhos e gritar dentro de minha própria cabeça.

Por que estava acontecendo? Onde estava o Sinsar-Dubh? Por que não podia vê-lo?



O homem se girou, e, bruscamente exalei um gemido: o livro estava escondido debaixo de seu braço. Um, perfeitamente inócuo, livro de tampa dura, de umas trezentos e cinquenta páginas grossas, sem sobrecapa, de cor cinza pálido seu lombo e capas vermelhas. O tipo de livro de capa dura que pode encontrar em qualquer livraria de usado, em qualquer cidade.

Alucinava.

Supõe-se que eu devia acreditar que esse era o livro de magia negra imaginável, de milhões de anos de idade, escrito pelo Rei dos Unseelie? Supõe-se que isto era gracioso? Era um anticlímax? Um absurdo?

O atirador contemplou sua arma com expressão entusiasmada, logo sua cabeça girou para o matagal de órgãos, sangue e pedaços de carne e osso pulverizados pela parede de tijolo.

O livro caiu debaixo de seu braço. Ao parecer, caía em câmara lenta, trocando, transformando-se enquanto caía. No momento em que golpeou o pavimento de paralelepípedos com um pesado whump, já não era um simples livro de capa dura, a não ser um grande livro negro, de quase um pé de grossura, gravado com runas, apertado por bandas de aço e fechaduras intrincadas... exatamente o tipo de livro que esperava: a antigüidade e o mal procurados.

Inalei bruscamente, de novo.

Agora, o grosso volume escuro, estava trocando uma vez mais, convertendo-se em algo novo. Se contorcionava, aproveitando como fundo, o vento e a escuridão.

Em seu lugar levantou uma... coisa... terrível em essência e tom. Uma escura animação..., algo... uma coisa... que existia além de toda forma ou nome: uma malformada criatura surta de alguma fronteira desumana de balbucilho prudência.

E isso estava vivo.

Não tenho palavras para descrevê-lo, porque nada existe em nosso mundo para comparar com isso. Me alegro que não exista nada comparável em nosso mundo para compará-lo, porque assim não posso estar segura de que possa existir em nosso mundo.

Só posso chamá-lo Besta e deixá-lo aí.

Minha alma tiritava, como se percebesse, em algum nível visceral, que meu corpo não era suficiente amparo para ela. Não frente a este.

O atirador o olhou e isso olhou ao atirador, voltando sua arma contra ele. Senti o som de mais disparos. O atirador ficou atirado na calçada e sua arma claqueteó na distância.

Outra rajada de vento gelado cruzou a rua e não houve movimento em minha periferia.

Uma mulher apareceu à volta da esquina, como se respondesse a um encontro, olhou cegamente o lugar durante uns momentos e logo caminhou como drogada diretamente para onde o Livro tinha caído (encurvada besta com impossíveis extremidades e cabeça ensangüentada!) que abruptamente já não tinha nem fechaduras antigas ou forma de besta, mas sim, uma vez mais, estava-se camuflado como um inocente livro de capa dura.

—Não o toque! -chorei, contundentes golpes furando minha carne e meus pensamentos.

Ela, encurvando-se, recolheu-o, escondeu-o debaixo de seu braço e se voltou.



Eu gostaria de dizer que partiu sem Lançar um olhar atrás, mas não o fez. Ela olhou sobre seu ombro, diretamente para mim e sua expressão expulsou estranguladamente o pouco de fôlego que ficava em meus pulmões.

Pura maldade brilhava em seus olhos, uma astúcia, uma má fé sem fundo que não tinha conhecido nunca e que me tivesse gostado não conhecer jamais; um Mal que celebrava sua existência em cada oportunidade que tinha através de caos, destruição, ira e psicose.

Sorriu, um sorriso terrível, mostrando centenas de pequenos dentes bicudos...

...E tive uma de minhas repentinas Epifanias: lembrei-me da última vez que tinha estado perto do Sinsar-Dubh e perdi o conhecimento; quando li no jornal, ao dia seguinte, sobre o homem que tinha matado a toda sua família, para logo suicidar-se o mesmo despencando-se com seu carro, a poucas quadras de onde tinha perdido eu o conhecimento. Todas as pessoas entrevistadas, haviam dito o mesmo, “ele não podia ter feito isso”, “não foi ele”, “comportou-se como alguém possuído nos últimos dias”... Me recordou o incrível incremento de artigos de notícias horríveis que ultimamente se ecoavam do mesmo sentimento: qualquer que fosse o brutal crime, não é ele / isso ele/ela nunca faria. Recordei à mulher que não sei o que era ou o que tinha sido antes de dobrar a esquina e entrar nesta rua. Agora era uma mulher possuída.

Agora entendia: não era essa gente a que cometia esses crimes terríveis.

A Besta se encontrava em seu interior, no controle... e mantinha o controle da vítima até que fazia uso dela, desfazendo-se dela quando já não lhe era útil e passando a seguinte.

O que equivocados estivemos Barrons e eu!

Nós cremos que o Sinsar-Dubh se encontrava em posse de alguém, que o transportava de um lugar a outro com um propósito determinado; alguém que ou o utilizava para conseguir determinados objetivos, ou o custodiava, tratando de evitar que caísse nas mãos equivocadas.

Mas não estava em posse de ninguém que tivesse um propósito, ou de qualquer outra maneira convincente, e nunca o tinha movido.

Movia-se, sozinho, se por acaso mesmo.

Passava de umas mãos a outras, transformando a cada uma de vítimas em uma arma de violência e destruição. Barrons me havia dito que as Relíquias Fae tinham a tendência de assumir uma vida e um propósito próprio com o tempo e o Livro Escuro teve um milhão de anos. Tratava-se de uma grande quantidade de tempo. Tinha assumido, sem dúvida, algum tipo de vida.

A mulher desapareceu a volta da esquina e caí na calçada como uma pedra. Os olhos fechados, inalando ar com ofegantes respirações superficiais. Ella/isso se afastou, desaparecendo na noite, onde só Deus sabia o que faria a seguir; minha dor começou a aliviar-se.

Era a mais perigosa Relíquia que jamais se criou, e estava solta em nosso mundo.

Esta horripilante coisa, até esta noite, não tinha sido consciente de mim.

Agora já o era.

—Isso me olhou, tinha me visto. Não poderia explicá-lo, mas senti que, de algum jeito, me

Tinha marcado, etiquetada como uma pomba. Eu olhava para o abismo e o abismo tinha olhado para trás. Meu pai sempre disse: - Quer saber sobre a vida, Mac? É muito singelo. Mantém sempre visível o arco íris, neném. Segue buscando-o no céu. Pode encontrar aquilo que buscas. Se



procurar caçar o bom do mundo, encontrará-o. Se buscas caçar ao diabo... bom... melhor não o faça.

Que idiota, resmunguei enquanto me arrastava de joelhos na calçada, tinha decidido me dar poderes especiais? Que idiota pensou que eu poderia fazer algo para controlar problemas desta magnitude? Como poderia não caçar ao diabo quando eu era uma das poucas pessoas que podia vê-lo?

Os turistas alagaram de novo na rua. As portas dos Pubs se abriram. A escuridão foi repelida. A música começou a soar e o mundo começou a girar de novo. Som de risadas saindo através das janelas... Perguntei-me em que mundo viviam eles, seguro de que não era no meu.

Esqueci-me de todos eles; vomitei até ficar seca e quando acreditava está-lo, vomitei até que não ficou nem bÍlis. Levantei-me, me secando a boca com o dorso da mão e me apoiei ao lado da janela de um pub. Estava manchada, empapada e fedia. Meu cabelo era uma confusão molhada de cerveja e... OH!... não podia suportar pensar no que outras coisas. A gente nunca sabe o pode encontrar em uma sarjeta de um bairro de bares de Dublin. Arranquei-me o passador de meu cabelo e o coloquei sujeitando, firmemente, meu cabelo na nuca, garantindo assim não golpearia de novo meu rosto.

Meu vestido estava rasgado, faltavam-me dois botões na parte frontal do mesmo e me tinha quebrado o salto de meu sapato direito; tinha os joelhos em carne viva e sangrava.

—Algumas dão um novo significado a cair redondo da bebedeira, né?-, burlou-se um homem. Seus amigos riam. Havia uma dúzia deles. Uma despedida de solteiro, celebrando a alegria da testosterona.

Eles estavam tão FORA DE ONDA...

Fazia tão somente vinte minutos tinha estado sorrindo aos transeuntes? Passeando através de Tempere Bar, me sentindo viva e atrativa? Pronta para algo que o mundo pudesse decidir para mim atrás? Vinte minutos atrás, eles me teriam rodeado e flertado comigo.

Dava uns passos desequilibrados, tratando de caminhar como se não me faltassem três polegadas e meio de salto esquerdo. Não era fácil. Agarrava-me por toda parte. Apesar de que a dor produzida pela proximidade do Livro diminuía, sentia-me machucada da cabeça aos pés. Se esta noite trazia como resultado algo como a última vez que me tinha tropeçado com ele, minha cabeça doeria durante dias.

Minha visita ao Christian MacKeltar, o jovem escocês que tinha conhecido a minha irmã, ia ter que esperar.

Olhei ao redor a ver se encontrava meu salto desaparecido. Não o via por nenhum lugar. Adorava esses sapatos, merda! Tinha economizado durante meses para comprá-los.

Suspirei. No momento, tinha maiores problemas em minha mente ...

Não me tinha desacordado.

Tinha estado em um raio de cinqüenta jardas do Sinsar Dubh e tinha estado consciente todo o tempo.

Barrons ia estar muito contente. Encantado, inclusive, embora este encanto ia ser difícil de ler em sua escura e dura face. Cinzelada pela selvageria de um hábil escultor, Barrons era um



retrocesso a um tempo sem lei seu olhar era tão estoicamente primitiva como seu comportamento.

Ao parecer, os últimos acontecimentos me haviam diluído e agora me parecia mais ao Livro. Malvada.

Em meu caminho de volta à livraria, começou a chover. Coxeei miseravelmente através dela. Odeio a chuva.

Por muitas razões.

Uma: é úmida, fria e desagradável e eu estou suficientemente úmida e fria; dois, o sol não brilha quando chove e sou uma adoradora incansável do sol; três: faz que Dublin na noite seja inclusive mais escuro que de costume, e isso significa que converte aos monstros em seres mais audazes; quatro, necessita-se um guarda-chuva e quando as pessoas levam um guarda-chuva têm uma tendência a baixá-lo ante elas, sobre tudo se a chuva te está açoitando no rosto. Eu não sou diferente. E isso significa que uma não pode ver o que lhe vem em cima, que em uma rua normal, pelo geral, não significa, mas que tropeços, um murmúrio de desculpas, ou maldições, mas... em Dublin significa que poderia me tropeçar com um Fae (seu encanto não me repeliria fisicamente como o faria com a gente normal) e me trair a mim mesma... todo o qual somado significa: quando chove aqui, não me atrevo a levar guarda-chuva.

O que não seria tão mau, se não fora porque, aqui, a maldita chuva está sempre presente.

Consequência: estou completamente empapada, o qual me leva a quinta razão pela que odeio a chuva: a maquiagem se corre e meu cabelo parece murcho como se o tivesse lambido uma vaca.

Mas cada nuvem traz também uma pequena bênção: atrás de uma boa, e dura, ducha, pelo menos já não cheirava tão mal.

Voltei para minha rua. Não é realmente minha rua. Minha rua está a quatro mil milhas de distância, nas zonas rurais do Profundo Sul. É uma ensolarada, exuberante rua, emoldurada por folhas de magnólia, azáleas brilhantes e muito altos carvalhos. Em minha rua não chove todo o tempo.

Mas não posso ir a casa agora, por temor a que os monstros voltem para Ashford comigo, e preciso chamar de minha a alguma chuvosa, sombria e triste rua.

Quando me aproximei da livraria, escaneei a fachada de quatro andares com cuidado. Refletores exteriores montados na parte dianteira, traseira e aos lados do edifício de tijolo visto. Um brilhante pôster de latão proclama BARRONS LIVROS, suspensa perpendicularmente sobre a calçada, oscilando na cada vez mais fria brisa noturna. Na porta de cristal verde polarizado, um suave brilho de néon: FECHADO. Tochas de latão âmbar iluminam o arco de pedra calcária da profunda entrada da loja. Ornamentadas portas de cerejeira situadas entre as colunas de pedra calcária cintilam na luz.

Tudo estava bem em minha “casa”. As luzes protegiam o edifício de meus mortais vizinhos. Detive-me e olhei um momento as ruas abandonadas do bairro, me assegurando de que não tinham feito novas incursões em meu território.



A Zona Escura no bordo do Barrons Livros e Adornos é a maior vi até agora (e tenho a esperança de que seja quão maior jamais chegue a ver), abrange mais de vinte quadras, cheias de uma transbordante e letal massa de sombras escuras. Duas coisas caracterizam a uma Zona Escura: a escuridão e a morte. Criaturas da noite devoram tudo o que vive: a gente, a erva, as folhas... inclusive os vermes do chão, deixando detrás de si um páramo.

Inclusive agora, que se desagradem inquietamente, agitando-se como moscas pegas em uma fita, procurando um intercâmbio de sua desesperadora vida nas sombras por um chão fértil, bem iluminado, além deste bairro.

No momento estava segura.

As sombras não podem tolerar a luz e perto da livraria eu estava banhada nela. Entretanto, se fosse vinte pés 15 metros mais longe, vagando pela rua, na escuridão, quando as luzes estivessem apagadas, mais me valeria estar morta.

Estou obcecada com meus vizinhos. São vampiros no sentido mais estrito da palavra. Vi o que fazem às pessoas, consomem-na, deixando só montões de objetos de vestir, joalheria e outros objetos inanimados, rematado tudo isso por uma pequena casca seca de papel em que qualquer parecido humano é difícil de encontrar. Ao igual à cauda de um camarão, suponho, parte de nós é muito rangente para seu gosto. Nem sequer posso matá-los. Não têm nenhum fundamento real, o que faz inúteis as armas. Quão único funciona contra eles é a luz, e não os mata, só os mantém a raia. Rodeada por toda parte pelas luzes dos bairros circundantes, esta Zona Escura se manteve aproximadamente do mesmo tamanho há vários meses. Sei de certo: controlo periodicamente seu perímetro.

Se não ser sidhe-seer, não pode nem sequer vê-los. As pessoas que morrem em uma Zona Escura nunca vêem a cara de seu assassino. Não é que as Sombras tenham caras, rasgos distintivos é seu segundo nome. Se for sidhe-seer, ainda resulta difícil separar os da noite, inclusive quando sabe o que está procurando. Mais escuras que a escuridão, como uma névoa de tinta negra, que se deslizam e se esfumam, arrastando-se entre os edifícios, deságüe abaixo, ao redor de luzes quebradas... Embora nunca chegasse a estar o suficiente perto para pôr a prova minha impressão, e espero não fazê-lo nunca, acredito que estão frias. São de todas as formas e tamanhos, desde o de um gatinho a menor a tão grandes como...

Pisquei.

Certamente ESSE não era o que me tinha esquecido na parte de trás da sala, a noite que Fiona, a mulher que dirigia a livraria, tinha tentado me matar, por deixar entrar uma horda deles enquanto eu dormia!

A última vez que lhe tinha visto, fazia aproximadamente cinco semanas (contando o mês que tinha perdido no Reino Fae), tinha uns 5 metros e meio de comprimento e dois metros de alto. Agora era o dobro de grande: uma densa nuvem de escuridão oleosa se estendia quase a todo o comprimento do deserto edifício adjacente à livraria.

Aumentaria de tamanho com cada “comida”? Poderia chegar a ser tão grande como uma pequena cidade? Talvez pudesse cobrir sobre ela e tragar-lhe em seu conjunto?



Olhei-lhe fixamente. Para ser uma coisa que não tinha cara, certamente pareceu me devolver o olhar. A última vez que lhe tinha visto, deu a si mesmo uma forma quase humana e me havia devolvido o insulto que eu lhe tinha dirigido.

Eu não estava para lhe ensinar novos truques.

Agitei-me visivelmente e imediatamente o lamentei. Minha cabeça me doía tanto que meu cérebro se sentiu ferido, pugnando de lado a lado contra as paredes interiores de meu crânio.

Embora a chuva finalmente se deteve, ou melhor se tomou um desses muito breves lapsos nublados, seguia estando molhada e congelada, e tinha coisas melhores que fazer que estar aqui contemplando a um de meus muitos inimigos. Coisas como me esconder meio pote de aspirinas e me esquentar sob a ducha. Coisas como limpar minha mente para poder refletir sobre as ramificações do que tinha visto esta noite e procurar o Barrons para contar-lhe tudo. Não tinha nenhuma dúvida de que estaria tão assombrado como eu o estava pelo método de locomoção do Livro. Que escuro programa seguia? Seriam o caos e a violência ao azar um objetivo suficiente?

Como já disse estava na porta, comecei a escavar em minha bolsa procurando as chaves, quando escutei passos detrás de mim. Olhei por cima de meu ombro e franzi o cenho.

O Inspetor Jayne estava detrás de mim no arco de entrada, sacudindo-a chuva de sua jaqueta com uma mão enluvada. Tinha-me cruzado com ele antes, na rua, quando ia ver Christian, antes de meu encontro com o Sinsar Dubh. Com seu olhar me tinha prometido que a perseguição seguiria, mas imaginei que teria um dia ou dois antes que ele pudesse cumprir essa promessa.

Não ia ter essa sorte.

Alto e corpulento, com cabelo castanho, perfeitamente, penteado a um lado, em seu duro rosto mostravam duras linhas. Cunhado do Inspetor Patty O'Duffy (o inspetor que tinha dirigido originalmente o caso de assassinato de minha irmã e quem tinha sua garganta aberta de lado a lado, enquanto sustentava uma parte de papel com meu nome nele), Jayne, recentemente, tinha-me levado a delegacia de polícia e interrogado todo um dia sob suspeita de assassinato. Tinha-me interrogado, tinha-me feito passar fome, tinha-me acusado de manter um romance com O'Duffy, para logo me soltar no escuro coração de Dublin, sem mais defesa que minhas Lanternas-repele-sombras, para que voltasse para casa. Não estava por lhe perdoar seu cruel trato.

“vou ser um grão em seu traseiro” me havia dito.

E tinha sido fiel a sua palavra, continuamente detrás de mim, vendo cada um de meus movimentos.

Agora, olhou-me de acima a abaixo e deu um bufido de desgosto.

—Nem sequer vou perguntar lhe.

—Está aqui para me deter? -disse friamente, tratando de fingir que não tinha perdido um salto e que portanto, não estava ridiculamente inclinada para um lado da porta e não tinha feridos nem meus gêmeos nem meus pés.

—Talvez.

—Isso é um sim ou um não, Jayne. Tente-o de novo. - Ele não disse nada e ambos sabíamos o que significava -Então vá-se! A loja está fechada. Isto faz que seja uma propriedade privada agora e você a está invadindo.



—Podemos falar esta noite ou posso voltar amanhã, quando você tenha clientes. Quer um detetive de homicídios rondando e interrogando a sua clientela?

—Você não tem nenhum direito a interrogar a minha clientela.

—Eu sou a polícia, senhorita. Isso me dá todos os direitos que necessito. Posso fazer, e de fato farei, sua vida miserável. Fale comigo.

—O que quer? -grunhi.

—Faz muito frio e umidade aqui. - disse enquanto cavava suas mãos, soprando sobre elas. - Que tal uma taça de chá?

—E logo uma transa ? -respondi-lhe com um doce sorriso

—É o que meu gordo e de meia idade cunhado era o suficientemente bom para você, mas eu não o sou?

—Eu não tinha relações sexuais com seu cunhado...

Cortou-me a palavra

—... Então, que diabos, estava fazendo com você?

Dava-lhe as costas.

—Já passamos por isso. Eu disse. Se deseja me interrogar de novo, vai ter que me deter e desta vez não direi uma palavra sem um advogado.

Olhei por cima de seu ombro. As Sombras se estavam movendo inquietas, vigorosamente, como provocadas por nossa discórdia. Nossa argumentação lhes parecia... emocionante. Perguntava-me se a ira ou a paixão nos daria ainda melhor sabor para elas. Obriguei-me a apartar tão macabro pensamento de minha mente.

—Suas respostas não foram respostas a tudo e você sabe

—Você não deseja a resposta real. -eu não queria lhe dar a resposta real. Infelizmente, estava entupida com isso. -Talvez, faça-o. Entretanto... será difícil de acreditar... poderia parecer...

Lancei-lhe um duro olhar. Apesar de que vestia sua habitual e determinada expressão de cão-com-um-osso, havia um sutil, novo, componente novo que me tinha perdido antes. Era o mesmo componente que tinha vislumbrado nos olhos de O'Duffy a manhã que tinha vindo para ver-me, o dia que tinha morrido, um cauteloso, um tal vez. Um sinal seguro de que, ao igual a O'Duffy, Jayne estava a ponto de começar a meter-se em questões que provavelmente teriam como prêmio sua morte. Embora o método de assassinato de O'Duffy parecia implicar um assassino humano, não tinha dúvida de que tinha sido pelo que ele tinha descoberto sobre os novos meninos da cidade: os Fae.

Suspirei. Queria sair de minha desagradável roupa úmida. Queria lavar meu cabelo repugnante.

—Vá-se, quer? Me deixe. Não tive nada que ver com o assassinato de O'Duffy e não tenho nada mais que lhe dizer.

—Sim, tem-no. Sabe o que passa nesta cidade, Srta Lane? Não sei como ou onde encaixa você nas coisas, mas sei que o faz. Essa é a razão pela que Patty veio a vê-la. Ele não veio aquela manhã a lhe dizer algo sobre a causa de sua irmã, mas sim devia pedir algo. O que era? O que era aquilo que queimava tanto em seu cérebro durante toda a noite que não pôde esperar até na



segunda-feira para falar com você, que enviou a sua família à igreja só e que impedia sua concentração? O que queria saber Patty a manhã que morreu?

Era bom. Eu gostaria de poder lhe responder, embora fora um pouco

—Vou morrer, também, Srta Lane, agora que vim a vê-la? - disse brutalmente - É assim como funciona? Sabe que quando despertei dava um beijo de adeus a meus filhos antes de ir esta manhã? Que disse a minha esposa quanto a amava?

—Deixe de me acossar! Não foi culpa minha que morresse!

—Talvez não o matou, mas, talvez, não o protegeu tampouco. Respondeu a suas perguntas? É por isso que morreu? Se não o tivesse feito estaria vivo ainda?

Olhei-lhe fixamente

—Vá-se!

Ele pinçou dentro de sua jaqueta e retirou um punhado de mapas pregados de um bolso interior. Voltei a lhe olhar fixamente, odiava todo o relacionado com esse momento. Era uma espécie de déjà-vu que nunca quis voltar ter. Patty O'Duffy me tinha mostrado mapas, muitos. Esse domingo pela manhã em que tinha vindo para ver-me à livraria, tinha-me ilustrado em detalhe, cartograficamente, de uma impossibilidade gráfica, um descobrimento que me tinha golpeado quase duas semanas atrás: as partes de Dublin que já não se imprimiam nos mapas, as que tinham ido desaparecendo, fora dos planos e da memória humana, como se nunca tivessem existido. Tinha descoberto as Zonas Escuras. Tinha sido seu afã do Scout ao entrar nelas, um simples entardecer, que lhe conduziu à morte.

Jayne se inclinou mais perto, até que seu nariz esteve a escassos centímetros da minha

—Viu algum destes ultimamente?

Não lhe respondi nada.

—encontrei uma dúzia deles na mesa do Patty. Havia certas zonas rodeadas por círculos. Tomou um tempo averiguar por que. A polícia tem um armazém em Lisle Street, a sete quadras daqui. Não se pode encontrar em um só mapa publicado nos dois últimos anos.

—E? Qual é o problema? Além de assassina, sou parte de alguma grande conspiração cartográfica? Qual é meu próximo cargo? Um complô para obter turistas perdidos?

—Muito engraçada, Srta Lane. Depois de um longo almoço ontem, dirigi a Lisle Street. Tratei de tomar um táxi, mas o condutor insistiu em não existir dita rua e se negou a me levar ali. Terminei caminhando. Quer saber o que vi?

—Não, mas estou bastante segura de que me vai dizer isso de todos os modos. - murmurei enquanto massageava minhas têmporas.

—O depósito segue aí, mas essa zona da cidade parece ter sido. . . esquecida. Quero dizer, completamente esquecida. As ruas não se limpam, o lixo não está sendo recolhimento, as luzes não luzem, as águas residuais se acumulam nas sarjetas... Meu telefone celular não pode obter um sinal dali. Justo no centro da cidade e não pude obter um maldito sinal!

—Não conseguir isto tem algo que ver comigo? -disse com minha voz mais aborrecida.

Ele não me escutava e eu sabia que estava caminhando, em sua mente, de novo pelas ruas desoladas e cheias de escombros. Uma Zona Escura não era só olhar uma zona abandonada, mas



sim gotejava morte e decadência, fazia você sentir tão imundo como ela, deixava uma marca indelével em você, fazia você despertar no meio da noite, com o coração na garganta, apavorado da escuridão.

Eu agora sonho com todas as luzes acesas.

Eu levo lanternas, 24 / 7.

—Encontrei carros abandonados em meio das ruas com as portas abertas, carros caros, do tipo que se desmonta por partes antes que o proprietário pode retornar com uma lata de gasolina. explique-me isso. - gritou.

—Talvez a taxa de delinquência em Dublin esteja diminuindo. - sugeri-lhe, sabendo da mentira que era.

—subiu, tem-no feito durante meses. Tanto como a média de crucificações do corpo de polícia.

É certo que o tinha feito. E atrás do que eu tinha visto esta noite, a escalada local de delitos violentos era um feito especialmente interessante. Uma idéia começava a germinar em minha mente.

—Havia montões de roupa fora dos carros, com as carteiras ainda nos bolsos. Algumas delas cheias de dinheiro em efetivo, só à espera de ser roubadas. Pelos pregos de Cristo, encontrei dois Rolex na calçada!

—Agarrou-os? -perguntei-lhe com interesse. - Sempre quis ter um Rolex.

—Mas sabe que foi o mais estranho, Srta Lane? Não havia gente. Nenhuma só pessoa. Como se todo mundo tivesse acordado ao mesmo tempo transladar-se vinte blocos mais para o centro da cidade, justo em meio da tarefa que estivessem fazendo, sem levar nada, sem seus carros, sem nem sequer sua roupa. Todos eles saíram nus?

—Como quer que saiba?

—É que está acontecendo aqui, Srta Lane. Há uma zona desaparecida dos mapas, justo ao lado de sua livraria. Não me diga que nunca olhou para baixo quando saía.

Encolhi-me

—Não saio muito.

—Segui-a. você entra e sai continuamente

—Sou bastante distraída, Inspetor, estranha vez olho a meu redor -disse olhando detrás dele, por tempo indefinido.

As Sombras seguiam comportando-se sibilinamente, apanhadas em suas trevas, lambendo-a magra, escura e desagradável sombra de seus lábios.

—Mentira! Eu a interroguei. Você é inteligente e aguda, e... está mentindo!

—Bom, pois me explique isso O que acredita que aconteceu?

—Não sei.

—Pode pensar em algo que possa explicar tudo o que encontrou?

Um músculo se contraía em sua mandíbula.

—Não



—Então, que espera que te diga? Que malvadas criaturas da noite se fizeram cargo de Dublin? Que de fato estão aí abaixo? -assinalei com meu braço para a direita ... e que estão comendo às pessoas e que deixam o que não gostam detrás? O que reivindicaram alguns de seus territórios como próprios e que se for o suficientemente estúpido para caminhar ou conduzir na escuridão através delas, você morrerá?

Isso era o mais perto a uma advertência que poderia obter de mim.

—Não sou tolo, Srta Lane.

—Idem, Inspetor -disse bruscamente -Quer um conselho? Mantenha-se afastado dos lugares que não pode encontrar nos mapas! Agora, vá-se!

Voltei-me de costas para ele.

—Isto não terminou. - disse hermeticamente.

Ao parecer, ultimamente, todo mundo me estava dizendo o mesmo. Não, certamente não tinha acabado, mas tive uma sensação de afundamento, sabia como ia terminar: Com uma morte mais em minha consciência para ocupar minhas já habituais noites de insônia.

—me deixe em paz ou vá por uma ordem judicial!

Coloquei a chave na fechadura e a girei. Quando já estava aberta, olhei sobre meu ombro.

Jayne estava de pé na calçada, em quase exatamente o mesmo lugar que tinha ocupado cinco minutos antes, olhando para baixo, para o abandonado bairro, arqueadas as sobrancelhas, a frente franzida. Ele não sabia, mas os matizes de seu olhar para trás, nesse rosto, de forma subjugada... O que ia fazer se começava a caminhar para ali?

Sabia a resposta e a odiava: eu e minhas lanternas lhe seguiríamos, me obrigando a fazer um completo e absoluto espetáculo de mim mesma, lhe salvando de algo que ele não podia e não seria capaz de ver. Provavelmente obteria um fechamento na sala mental de um hospital local como agradecimento por meu problema.

Minha dor de cabeça era brutal. Se não tomava uma aspirina logo, ia cair em picado em uma repetição do quadro de vômitos pela dor.

Ele me olhou. Embora Jayne houvesse aperfeiçoado o que eu chamava a cara-de-poli-imperturbável, eu tinha melhorado em minha capacidade de ler nas pessoas.

Ele tinha medo.

—Vá-se a casa, Inspetor! -disse brandamente - Beije a sua esposa e a seus filhos, coma, lhes dê sua bênção. Não vá caçar maldições.

Ele me olhou um longo momento, como se se debatesse sobre o critério da covardia, e se dirigiu para fora, para Têmpera Bar.

Soltei um enorme suspiro de alívio e entrei na livraria.

Inclusive se não tivesse sido um muito necessário refúgio, tivesse-me encantado BB & B. encontrei minha vocação, e não é ser um sidhe-seer: é dirigir uma livraria, especialmente uma que tenha as melhores revista de moda, canetas, artigos de papelaria e revistas várias e que tenha uma luxuosa e elegante atmosfera. Quer dizer, que encarna todas as coisas que sempre quis ser: inteligente, elegante, polida e de bom gosto.



A primeira coisa que notas quando passa dentro do Barrons Livros e Adornos, além da abundância de brilhante e rica madeira mogno e suas janelas de cristal biselado, é a desorientação, uma ligeira sensação de anomalia espacial, como se esperasse uma caixa de fósforos e encontrasse um campo de futebol bem escondido em seu interior.

A habitação principal é de uns vinte e um metros de comprimento e quinze metros de largura. A parte frontal tem meias abóbadas que ascendem retas até o teto, situado quatro níveis mais acima. Ornamentadas estantes de livros de mogno rodeiam cada nível, do chão até o teto. detrás de elegantes corrimões, há passarelas de acesso sobre o segundo, terceiro e quarto níveis. Escadas engraxadas com rodas unem uma seção com outra.

O primeiro andar independente tem prateleiras dispostas nos corredores, à esquerda, dois assentos brincalhões enfrentando um a outro, com um estilo elegante, e uma esmaltada chaminé de gás (em frente da qual estou acostumada a passar uma grande quantidade de tempo tratando de me descongelar do frio tempo de Dublin) e uma caixa registradora em um balcão à direita, atrás do qual há uma geladeira, uma pequena televisão e meu aparelho de som. Mais à frente, na parte traseira, em balcões, nos níveis superiores, há mais livros, incluídos os muito estranhos, e alguns desses adornos que se mencionam no nome, guardados em vitrines fechadas.

Custosos tapetes cobrem os andares de madeira. O mobiliário é muito do velho mundo, suntuoso, e caro, ao igual ao autêntico sofá Chesterfield no que eu gosto de descansar e ler. Os abajures são antiguidades e plafones embutidos dotam a estadia de uma particular tonalidade âmbar envolvendo-a em um quente resplendor gorduroso.

Ao cruzar a soleira do frio, úmido e louco das ruas para a livraria, sinto como se de novo pudesse respirar. Quando abro para os negócios e começam a soar as compras na antiga caixa registradora, que tilinta como um pequeno sino de prata cada vez que se abre a gaveta, sinto que minha vida é singela e boa e posso esquecer todos meus problemas por um tempo.

Olhei meu relógio e observei a ruína em que se converteu meu sapato. Era quase meia-noite.

Só fazia umas horas me tinha sentado na parte posterior, conversando com o enigmático proprietário da livraria, exigindo saber quem era.

Como de costume, não me tinha respondido.

Realmente, não sei por que me incomodo. Barrons sabe quase tudo sobre mim. Não me surpreenderia se em algum lugar tivesse um pequeno arquivo que abrangesse toda minha vida até a data, claramente montada, com cartelas legendadas sob as fotos: Mac tomando o sol, Mac pintando-as unhas, Mac quase morrendo...

Mas quando lhe pergunto uma questão pessoal, tudo o que obtenho é um críptico. - Me siga ou me deixe-, junto com um aviso das vezes que me salvou a vida, como se isso fosse suficiente para me calar e me manter em minha linha.

Triste feito é, e muito usual, por certo.

Há um intolerável desequilíbrio de poder entre nós: ele é o que tem todos os triunfos do baralho enquanto eu apenas aferro a meu jogo de patéticos casais ou trios com os que me jogar a vida.



Podemos caçar juntos OOP'S (Objetos de Poder Fae) como as Relíquias, lutar e matar a nossos inimigos um ao lado do outro, e, recentemente, inclusive tratar de nos arrancar mutuamente gosta muito de vestir em um caso da luxúria tão repentina e imensa como um inesperado soco; vi de alguma forma sua mente enquanto lhe beijava, mas não estamos seguros de compartilhar detalhes pessoais de nossas vidas ou encontros entre nós. Não tinha nem idéia de onde vivia, aonde ia quando não estava comigo ou quando viria a próxima vez. Isso me irrita. Muito. Especialmente agora que sei que ele pode me encontrar em qualquer momento que queira, utilizando a marca que me tatuou na parte traseira de meu crânio, seu fodida Z. Sim, tinha-me salvado a vida, mas isso não significa que tenha que gostar disso.

Tirei minha empapada jaqueta e a penduro em um cabide. Duas lanternas se estrelam no chão e se vão rodando. Preciso encontrar uma maneira melhor das levar. São muito chatas de levar nos bolsos e me caem constantemente. Temo-me que muito em breve vou ser conhecida como a garota-louca-que-leva-lanternas por todas as partes de Dublin que estou acostumado a freqüentar.

Dou-me uma apressada lavada na parte traseira da loja, cautelosamente limpo meu cabelo, e retiro brandamente minha maquiagem. Havia uma garrafa de aspirina, vamos, gritando meu nome. Faz um mês, me teria fixado imediatamente meu rosto, agora, era feliz só tendo-a limpa e afastada da chuva.

Saio do quarto de banho, pelo conjunto de portas duplas que conectam a livraria com a residência privada do edifício, chamando Barrons, me perguntando se seguia aqui. Abri as portas e comprovei todas as habitações no primeiro andar, mas ele não estava ali. Não tinha sentido seguir a busca na segunda e terceira planta, pois ali, ele mantém todas as portas fechadas. O único andar com salas abertas é o quarto, onde eu dormia, e ele nunca veio, exceto uma vez, recentemente, a reduzir a escombros minha habitação quando desapareci durante um mês.

Pensei em lhe chamar pelo celular, mas minha cabeça estava tão ferida que descartei a idéia. Amanhã cedo poderia lhe dizer o que tinha descoberto sobre o Sinsar Dubh. Sabendo como era, se lhe chamava agora e o contava, queria ficar em marcha de imediata e sair de caça e não havia nada que pudesse me apartar de uma ducha de água quente e uma cama, igualmente, quente.

Estava na parte posterior escadas, quando algo se filtrou em minha visão periférica. Voltei-me, tratando de identificar a fonte. Não podia ter sido uma sombra; todas as luzes estavam acesas. Apoiei-me de costas na parede para poder ver as habitações. Nada se moveu. Encolhi-me e comecei escanear o entorno.

Aconteceu de novo.

Desta vez tenho um sentimento estranho, não é o formigamento típico de meus sentidos sidhe-seer, a não ser mais como um prelúdio do mesmo. Olhei na direção que me estava incomodando: o estúdio do Barrons. Apareci a cabeça, deixando a porta entreaberta. Além dela, pude ver o cenário escritório do século XV e parte do alto espelho que enche a parede detrás dele, entre livros.

Aconteceu de novo e fiquei boquiaberta. O reflexo de prata o espelho acaba de agitar-se.



De costas às escadas, não lhe tirei os olhos de cima. Desde meu refúgio no patamar, fora da habitação, olhei durante uns minutos, mas não voltou a ocorrer.

Abri a porta de par em par e entrei na sala. Cheirava como Barrons. Inalei profundamente. Um rastro de escuridão, de gosto picante persistia no ar, e por um momento voltei a estar nas covas de Burren, onde quase morri a semana passada, quando o vampiro Mallucé me tinha seqüestrado e me tinha enterrado em seus labirínticos túneis, para me torturar até a morte como vingança por uma terrível lesão que lhe tinha infligido não muito tempo atrás ao chegar eu a Dublin. Estava estendida no chão, debaixo de um Barrons selvagem, de seu corpo elétrico, rasgando sua camisa aberta e passando minhas mãos sobre o duro abdômen musculoso, tatuado em negro e carmesim com intrincados desenhos e modelos exóticos. Cheiro-lhe em tudo a meu redor. Sinto que esteve dentro de mim ou eu estive dentro dele. Pergunto-me quanto mais dentro dele eu gostaria de estar se lhe permitisse estar dentro de mim.

Nenhum de nós tornou a mencionar essa noite. Duvido que nunca o faça. Não estou segura de querer sabê-lo, perturba a uns níveis que não quero descobrir.

Centrei-me na habitação, revisando seu estúdio uma vez mais. Olhei em cada gaveta, dentro do armário, inclusive espiei detrás dos livros, nas prateleiras, à caça de não sei o que, qualquer segredo que pudesse me dar uma pista do homem. Não encontrei nada. Ele mantém uma asséptica existência. Duvido que fique nem um cabelo para ser utilizado em uma análise de DNA.

Caminhei paralela e longe do espelho. Tudo emoldurado, enchia a parede do chão ao teto, duro e liso, sem nada que pudesse agitar-se.

Vibrou quando o toquei e, esta vez meus sentidos sidhe-seer apregoaram seu alarme. Tirei a mão, tropeçando contra o escritório com um surdo grito.

A superfície estava agora tremendo a sério.

Saberia Barrons disto? Pensei grosseiramente. É obvio, que sabia. Barrons sabia tudo. Era sua livraria. Mas, e se não? O que aconteceria Barrons não era tão onisciente como acreditava? O que passou se lhe fraudava, e alguém como... OH, por exemplo, o Lorde Master... tinha plantado um estranho espelho em seu caminho, sabendo de sua afeição para determinadas antiguidades...? Barrons o tinha comprado, e o togado de carmesim podia mandar a sua rede de espionagem Unseelie através dele? ... ou algo assim... Como não havia sentido isto? Era Fae ou não o era?

Fumegantes runas apareceram na superfície e o perímetro do vidro se obscureceu, repentinamente, tomando uma tonalidade cobalto, estendendo-se em um perímetro de três polegadas em todo o bordo externo, voltando-se de um negro puro.

Era definitivamente Fae! O negro dos borde o delatava. Se tivesse sido visível antes, tivesse reconhecido imediatamente o que o espelho era, mas a verdadeira natureza do vidro se camuflou detrás de algum tipo de ilusão que inclusive meus sentidos sidhe-seer não tinham sido capazes de penetrar. Estive nesta sala uma meia dúzia de vezes e nunca tinha tido o menor formigamento. Quem poderia criar tão impecável ilusão?

Isto não era um simples espelho. Era um dos Espelhos criados pelo Rei Unseelie para si mesmo, como um meio de mover-se entre os reino dos Homens e dos Fae. Uma relíquia, um



Espelho Prateado estava em minha livraria! O que estava fazendo aqui? O que outra coisa poderia ocultar-se na loja de mim, escondendo-se a simples vista?

Tinha visto parte desta Relíquia antes. Perto de uma dúzia de Espelhos prata com negros borde tinham adornado as paredes da casa do Lorde Master no 1247 do LaRuhe, na Zona Escura. Tinha visto coisas terríveis neles, coisas que me seguiam causando pesadelos. Coisas como... bom, iguais que o horivelmente deformado ser que atualmente se estava aparecendo ante meus próprios olhos.

Quando falei com o Barrons dos espelhos que tinha visto na casa do Lorde Master, tinha-me perguntado se estavam -abertos. Se antes não tinha sabido o que me perguntava, agora já sabia. Quando se abriam, podiam os monstros sair deles? Se fosse assim, como se podia “fechar” um Espelho Prateado? Poderia ser tão simples como rompê-lo? Poderia ser quebrado? Antes que eu pudesse jogar uma olhada ao redor para tentar algo como isso, a coisa atrasou o crescimento de suas extremidades e seus enormes dentes se foram.

Exalei um gemido. Agora entendia por que no BB & B havia essa estranha sensação de distorção espacial. Havia sentido uma coisa similar na casa do Lorde Master o dia que tinha ido à Zona Escura e descobri que o ex-noivo de minha irmã era o mega-mau de Dublin, mas não tinha somado dois e dois até agora. Estes espelhos dimensio0ais, ou melhor, a conexão entre eles, de algum jeito afetava ao espaço que lhes rodeava.

Agora, outra coisa estava chegando, passando da profundidade à superfície, rajadas prateadas avançavam em giros inexoráveis. Retirei a uma distância segura.

Escuras formas tremiam na parte mais afastada da superfície do espelho, sombras que carecem de definição primitiva inclusive em seus mais profundos temores. Esta é uma dessas vezes nas que quereria se refugiar em qualquer outra parte, o qual teria sido uma muito boa idéia, mas o problema era que eu não tinha nenhum outro lugar ao que fugir. Este era um refúgio, meu refúgio. Se não podia ficar aqui, não podia ir a nenhum outro lugar.

O que vem é agora mais estreito.

Esquadrinhei no espelho, no estreito e prateado sulco que se desvanecia em negro nos borde, alinhados como árvores esqueléticas, volutas de ressentimento envoltas na névoa, infestada de monstruosas criaturas que se formavam e reformavam na névoa. Era mais fedorento baldio que uma Zona Escura, e eu sabia, de algum jeito, que o ar no interior do espelho era arrepiante, causando a morte como frio, tanto física como psiquicamente. Só uma infernal e desumana vida podia suportar esse lugar.

Uma forma de pesadelo, como a escuridão, deslizava-se pelo caminho, os demônios sombra a perseguiam com gritos silenciosos.

Mais runas se materializaram no cristal lhe tremendo. Eu não podia saber se o que vinha o fazia caminhando em posição vertical ou se arrastava a quatro patas, talvez abrindo caminho com dezenas de garras. Esforcei meus olhos tratando de identificar a forma do mesmo, mas a névoa doentia ocultava seus atributos.

Eu só sabia que era enorme, escuro, perigoso... e que estava quase aqui. Saí da habitação nas pontas dos pés, fechei a porta, deixando uma fresta minúscula para observar e que ao mesmo



tempo, permitisse-me fechar a de um puxão e sair correndo como um demônio. O espelho de gelo exalou uma rajada de ar. Estava aqui! Um casaco comprido e negro bater de as asas e Jericó Barrons saiu do cristal. Estava coberto de sangue, que se tinha gelado carmesim nas mãos, a cara e os objetos de vestir. Sua pele estava pálida pelo frio extremo e seus olhos de meia-noite com uma expressão desumana, cheios de uma luz selvagem. Em seus braços levava a amostra de uma selvageria brutal, o sangrento corpo de uma moça. Eu não precisava lhe olhar o pulso para saber que estava morta.

Capítulo 2

—Eu gostaria de falar com o Inspetor Jayne, por favor - disse no telefone, à manhã seguinte, cedo.

Enquanto esperava a que agarrasse o telefone, escondi-me três aspirinas com meu café. Tinha a esperança de não ver o insofrível inspetor por um tempo, mas atrás da última noite me tinha dado conta de que lhe necessitava. Tinha elaborado um plano, simples mas brilhante e só necessitava uma coisa para pô-la em prática: minha incauta vítima. atrás de uns momentos e uma série de clique, ouvi

—Jayne No que posso lhe ajudar?

—Em realidade, sou eu quem pode lhe ajudar.

—Srta Lane - disse rotundamente.

—A mesma. Quer saber o que está passando nesta cidade, Inspetor? Una se a mim para o chá desta tarde, às quatro em ponto, na livraria -estava a ponto de acrescentar, com profunda voz de locutor, “e venha sozinho”. Sou o produto de uma geração que via muito tempo a televisão.

—Estarei às quatro, Srta Lane, mas se você tentar me fazer perder o tempo...

Pendurou-me; não me afetaram suas ameaças: tinha obtido o que necessitava; ia estar aqui.

Eu não sei muito de cozinha. Mamãe é uma grande cozinheira, e, vamos chamar as coisas por seu nome, durante toda minha vida, até faz uns meses era preguiçosa posto que obtinha tudo o que desejava graças a mamãe (e se alguma vez me tinha ocorrido a idéia de ajudá-la, esta tinha sido rapidamente descartada), já que preparava e embelezava minhas comidas favoritas. Não estou segura de poder imitá-la, mas terei que tentá-lo.

Desde que cozinho para mim, estive comendo um montão de pipocas de milho, cereais, macarrão instantâneo e comida lixo. Tenho uma placa quente em minha habitação, um forno de microondas e uma pequena geladeira. Esse é o tipo de cozinha que domino.

Mas hoje me pus meu chapéu do chef, claudicação incluída, ia cozinhar. Poderia ter comprado a bandeja de ricos e gordurosos doces em uma confeitaria pela rua, mas me faria os sanduiches eu, cortando o pão doce da padaria em forma muito pouco elegante pelos borde, preparando o recheio, com minha Receita especial entre as fatias. Minha boca se fazia água procurando o momento de lhe fincar o dente a tamanho aperitivos.



Olhei o relógio, verti água sobre o chá negro, preparei as taças e o levei a mesa, perto da parte posterior, no fundo, onde a estufa semelhava um pequeno incêndio que afastava o frio de outubro deste sombrio dia.

Embora fosse contra perder negócio ou romper a rotina, tinha fechado a loja antes de tempo, já que tinha que realizar esta reunião em um momento em que sabia que meu empregador era pouco provável que se mostrasse.

Tinha tido uma importante chamada de atenção ontem à noite, quando tinha visto o Jericó Barrons atravessando o Espelho. Tinha fugido pelas escadas mais rápido do que se demora para um salto Fae, bloqueado minha porta e levantado barricadas, com o coração tamborilando tão rápido que tinha pensado que sairia disparado pela parte posterior de meu crânio.

Já era bastante mal ter uma Relíquia Unseelie na loja, oculta de mim, e com um uso regular, provavelmente, tendo em conta que estava em seu estúdio, mas... a mulher... Deus, a mulher!

Por que estava Barrons com seu corpo coberto de sangue, com suas mãos cobertas de sangue? A lógica gritou: Bom... Porque a tinha matado ele? Mas, por quê? Quem era a mulher?

Onde a tinha encontrado? por que tinha saído do Espelho? O que havia dentro desse Espelho? Tinha-o examinado esta manhã, mas tinha sido, uma vez mais, um plano e impenetrável cristal e seja qual for o que havia em seu interior, isso só sabia Barrons.

E o olhar em sua cara! Era o aspecto de um homem que tinha feito algo, que embora não tinha encontrado prazer, se algum tipo de comodidade. Em seu rosto havia... seguro... sombria satisfação.

Jericó Barrons não era um homem de que fosse fácil apaixonar-se (se não tínhamos em conta seu selvagem corpo, é obvio). Fiona, a mulher que dirigia a livraria antes que eu, tinha estado tão cegamente apaixonada por ele, que tinha tentado me matar para deixar livre seu caminho. Barrons era poderoso, deprimentemente bonito, insanamente rico, terrivelmente inteligente e de delicioso gosto, por não falar de um corpo duro que emitia, de maneira constante, algum tipo de energia de baixa intensidade. Em síntese: da mesma massa que os heróis...

...Ou os assassinos psicopatas.

Se houver uma coisa que aprendi em Dublin, é que há uma linha muito fina entre as duas opções.

Eu não estava idealizando-o: sabia que era desumano, tinha-o sabido desde o dia que lhe conheci e lhe tinha visto me olhando, através da livraria com esses olhos anciões e frios. Barrons faz, exatamente, e, só aquilo que serve melhor ao Barrons. Por um tempo. Me manter viva me serve no melhor dos casos. Por um tempo... Mas, um dia, talvez não. Por todos os...! Por que tinha um espelho prateado unseelie em seu estúdio? Onde-se-foi-nele? O que-fez?... Além de levar em cima uma mulher morta...

As Sombras-demonios do espelho se comportavam como às Sombras na Zona Escura quando ele tinha caminhado através dela: cedendo o passo, lhe dando todo o espaço. O Lorde Master mesmo, recentemente, tinha-lhe olhado e se afastou.

Quem era Jericó Barrons? O que era Jericó Barrons? As possibilidades, em minha opinião, eram cada uma pior que a anterior.



Eu não tinha maneira de saber o que era, mas sabia o que não era. Ele não era alguém ao que contar o que tinha descoberto do Sinsar Dubh ontem à noite. Ele mantinha segredos? Estupendo. Eu ia manter meus.

Não tinha nenhum desejo de ser a responsável por pôr ao Jericó Barrons e ao Livro Escuro no mesmo lugar... e juntos. Ele tinha cruzado através de uma Relíquia Unseelie em um santo e tinha ido de caça. Bem, poderia ter algum tipo de marca Unseelie? Talvez um desses finos e transparentes que podiam deslizar-se dentro da pele e possuir, que eu chamei Grippers? Seria possível que lhe houvessem possuído?

Examinei a idéia uma vez mais, mas, rapidamente, descartei-a. Agora, tinha que admitir que não tinha nenhuma base para rechaçá-la, possivelmente outros... Bem... Minha idealização dele, repetia-me, a mim mesma, que Jericó Barrons era muito duro para ser possuído por ninguém nem por nada. Quem era eu para dizer se era certo? Tinha visto um Gripper possuindo diretamente a uma jovem no bairro da Têmpera Bar não faz muito tempo. O momento em que tinha entrado nela, eu já não tinha sido capaz de sentir ao Unseelie dentro dela. Ela tinha passado como humana para meus sentidos sidhe-seer.

E se era assim, em segredo, como trabalhavam as forças da escuridão, como o Lorde Master tinha dirigido a sedução de minha irmã na busca do Livro? Poderia explicar virtualmente tudo a respeito dele: sua desumana força, seu conhecimento dos Fae, sua familiaridade com e a propriedade de um dos Espelhos Escuros, as Sombras que lhe evitavam, o Lorde Master que não lhe enfrentava... atrás de tudo, poderiam estar no mesmo lado.

Exalei um frustrado fôlego.

A única vez que me senti, como nunca, que poderia cuidar de mim mesma, desde que vim a Dublin, foi a noite que Mallucé quase me mata e tive que comer Unseelie para sobreviver.

Repugnante como era, a carne Fae outorga um grau de poder Fae à pessoa que a come; fez-me super forte, sanou minhas feridas mortais, embora, supostamente, me concedendo um certo poder nas artes escuras. Senti-me como que, finalmente, tinha um triunfo essa noite e que não necessitava a ninguém mais para me proteger; tinha sido capaz de chutar o traseiro tanto como todos os outros grandes maus a meu redor. Minha luta com o Mallucé tinha sido de igual a igual; tinha sido quase tão letal como o próprio Barrons, talvez tão mortal, não só como uma boa aprendiz. Finalmente me senti como uma força a ter em conta, alguém capaz de exigir respostas, de fazer valer meu peso, sem o constante temor de me fazer mal ou morrer.

Tinha sido emocionante, liberador, mas não podia comer Unseelie todos os dias, tinha muitas desvantagens. Não só cancelava temporariamente todos meus poderes sidhe-seer e me fazia vulnerável a minha própria Lança (a Relíquia mata todo o Fae, inclusive se um só os come, tinha-o aprendida graças ao Mallucé, vendo sua putrefação), mas tinha visto, a semana passada, que comer Unseelie era aditivo e uma única comida era suficiente para que começasse o vício. Mallucé não tinha sido débil. O atrativo do poder Fae era forte... De noite, havia sonhando com partes de carne do Rhino-Boy... mastigar... tragar... a incrível sensação de sua escura vida entrando em meu corpo... eletrizando meu sangue... me trocando... me fazendo invencível de novo...



Saí de meu sonho para encontrar um sanduiche fino encarapitado em minha boca. um pouco de farinha de pão da padaria estava em meu lábio.

Empurrei de novo o sanduiche na bandeja, levei os sanduíches à mesa e organizei o lanche, guardanapos de papel floreado e pratos que tinha recolhido em meu caminho de volta da confeitaria.

A gentil Mac sulina se sentia envergonhada pela falta de porcelana e prata. A Portadora-da-lança-mac se preocupava de que os restos dos mantimentos nunca deviam ser desperdiçados... as pessoas morrem de fome nos países do terceiro mundo.

Olhei meu relógio. Se Jayne era um homem pontual, tinha que estar aqui em três minutos e queria pôr em marcha meu plano. Era arriscado, mas necessário.

Ontem de noite, entre pesadelos nas que perseguia o Livro e em cada vez que estava perto dele (do ser, não da besta), mas a façanha do Barrons me tinha feito permanecer acordada, classificando e descartando idéias, até que uma me tinha golpeado de tal forma que inclusive me impressionou por sua habilidade: a chave para encontrar o Sinsar Dubh era seguir os crimes mais atrozes; em tudo caso em que Reinasse o caos e a brutalidade, seria encontrado. Em primeiro lugar, pensei em tratar de conseguir um rádio da polícia, mas a logística de um roubo e a necessidade contínua das 24 / 7, tinham-me derrotado.

O que eu necessitava, dava-me conta, já o tinha: o Inspetor Jayne.

Mamãe sempre me disse que não pusesse todos meus ovos em uma mesma cesta e isso era, exatamente, o que eu tinha estado fazendo com o Barrons. Necessitava alguém para meu plano? Ninguém. O que precisava era diversificar.

Se pudesse persuadir a um membro da polícia de me chamar cada vez que recebesse um relatório do tipo de delito que se ajustasse a meus parâmetros, poderia obter uma informação foto instantânea, sem estar atada a uma emissora de rádio; poderia me precipitar à cena do crime, com a esperança de que o Livro estivesse ainda o suficientemente perto para que pudesse senti-lo e utilizar meus sentidos sidhe-seer para segui-lo. A maioria das vezes seria, provavelmente, infrutífera, mas com o tempo, estava obrigada a ter sorte, pelo menos uma vez.

Jayne ia ser meu informante. A gente poderia perguntar-se como tinha previsto alcançar este monumental giro no costumes de relação entre polícia e civil, e, essa era a parte mais brilhante de meu simples plano.

É obvio, não tinha nem idéia do que fazer se realmente conseguia localizar o Sinsar Dubh. Não podia nem sequer me aproximar dele, e se o conseguia de algum jeito, já tinha visto o que acontecia às pessoas que o haviam tocado. Entretanto, tinha que encontrá-lo. É uma dessas coisas programadas em todos meus genes, como meu medo inato aos Caçadores, as reações viscerais às Relíquias e a constante necessidade de alertar às pessoas a respeito dos Fae, embora sabia que nunca acreditariam.

Hoje, precisava ser acreditada. Jayne queria saber o que estava passando.

Hoje, o mostraria.

A voz de minha consciência protestou um pouco. Ignorei-a: ela não ia manter-me viva.



Olhei a bandeja. Minha boca babava. Esses não eram simples sanduíches de ovo, atum, salada de frango, a não ser escrupulosas obras de arte pelas que tinha trabalhado duro e que agora morria por comer. Sonhava comendo. Faminta de uma forma que eu nunca imaginei para a alimentação humana... Essas delícias do Unseelie em sanduíches.

Jayne estava a ponto de conseguir uma grande, enorme “abertura de olhos” para observar sua cidade. Se deixasse de ser um molho de nervos...

O inspetor comeu só dois de meus diminutos sanduíches: o primeiro porque não podia esperar um gosto tão horrível, e o segundo, acredito, porque ele acreditou, sem dúvida, que o primeiro devia ter sido um engano.

No momento em que se tragou o segundo, afastou a bandeja com o resto dos sanduíches e não havia nenhuma possibilidade de fazer que comesse um terceiro. Eu não estava segura de quanto tempo durariam os efeitos de uma quantidade tão pequena de Unseelie, mas pensei que teria um ou dois dias ao menos. Não lhe havia dito nada da super força, características ou capacidade regenerativa da arte escura de devorar Unseelie. Só sabia que ele era o suficientemente forte para me esmagar com um só golpe.

Minha mão tremia quando me obriguei mesma a esvaziar o resto das rechaçadas delícias na taça do Walter, deixando sozinho dois a um lado para caso de emergência. Na metade do caminho para a porta me dei conta de minha própria mentira e tornei para atirá-los também. Vi a mim mesma, no espelho, tentado negar o que tanto queria: a felicidade da super força a segurança frente a meus inumeráveis inimigos que caminham pelas ruas de Dublin, por não mencionar que sou capaz de me enfrentar com o muito mesmo Barrons. Aferrou-me ao bordo da taça do Walter vendo as partes de carne envoltas na turbulência da água da cisterna, até que desaparecem.

Estivemos nos subúrbios do distrito de Têmpera Bar e eu estava esgotada.

Tinha estado com o Jayne durante sete largas horas, e eu não gostava mais agora, pelo que eu gostava antes que o alimentasse com carne Unseelie e lhe obrigasse a ver o que estava acontecendo em seu mundo.

A ele não é que eu lhe parecesse muito melhor. Bom. De fato, estava bastante segura de que ia odiar-me o resto de sua vida por aquilo ao que eu lhe tinha feito enfrentar-se esta noite.

Insistiu em que lhe tinha drogado, pouco antes de começar nosso pequeno tour monstruoso. Acreditava que lhe tinha dado alucinógenos e me ia deter por tráfico de entorpecente; ia jogar-me da Irlanda e me enviar a um cárcere de meu país.

Ambos sabíamos que não.

Guiei-lhe durante horas pelo Dublin, lhe mostrando o que se encontrava nos bares, nas cabines dos condutores, no funcionamento dos stands de fornecedores, para poder obter o que necessitava dele. Tinha que lhe avisar, continuamente, sobre a maneira correta de atuar, como se permanecesse despercebido, sem nos trair, a menos que ele queria acabar tão morto como O'Duffy.

Independentemente do que pudesse pensar de meus métodos de manipulação, o Inspetor Jayne era um bom policial, com os instintos acordados, tanto se gostava do que lhe estava dizendo como se não. Embora ele tivesse insistido em que nada era real, não obstante, tinha empregado o sigilo adquirido em vinte e dois anos de procedimento de investigação. Tinha observado ao Ser-



De-Muitas-Bocas, triste e com os olhos úmidos e as monstruosas gárgulas de asas de couro e suas enlouquecidas massas de extremidades deformadas e exsudação, com a perfeita impassibilidade do incrédulo.

Tinha escapado, por fim, dele, fazia só uns minutos.

Tinha necessitado anular e apunhalar, rapidamente, três Rhino-boys no escuro beco para poder utilizá-lo como saída.

Jayne estava ali, olhando para baixo, para seus órgãos cinzentos, mandíbulas e dentes, o olho saltado, a pele de elefante e as feridas abertas, revelando a carne rosada de mármore cinza com pus, enchendo os quistos.

—Você me alimentou com isso? -disse finalmente.

Encolhi os ombros

—Era a única maneira que tinha de lhe mostrar o que você precisava ver.

—A carne dessas... coisas... encontravam-se nesses pequenos sanduiches? -disse com voz gritona enquanto empalidecia.

—Uh-huh.

Ele me olhou, seu pomo de Adão convulsionando e por um momento pensei que ia vomitar, mas logo se controlou.

—Senhorita, você está fodidamente doente.

—Vamos. Há uma coisa mais que quero que veja - disse-lhe.

—Vi suficiente.

—Não, não o tem feito. Ainda não.

Tinha-me guardado o pior para o final.

Cheguei ao fim de nosso percurso turístico no bordo de uma nova Zona Escura no lado norte do rio Liffey, que tinha sido clinicamente planejado, por isso poria mais tinta nos parâmetros do mapa que tinha parecido na parede de meu dormitório.

—Recorda esses lugares que você não pôde encontrar nos mapas? -disse-lhe - A zona próxima à livraria? Os que O'Duffy descobriu? Isto é o que são.

Assinalei-lhe com minha mão a rua.

Jayne deu um passo para a escuridão e lhe gritei.

—Não saia da luz!

Ele se deteve debaixo da luz e se recostou nela. Vi sua cara quando olhava às Sombras serpenteando famintas o bordo da escuridão.

—E você espera que acreditem que estas Sombras comem a alguém? -disse hermeticamente.

—Se não me crê, vá a casa, traga um de seus filhos e lhes envie a ver o que acontece.

Não me sentia tão fria e desumana como soava quando o disse, mas tinha que obter algo dele e, para isso, precisava lhe golpear onde vivia, situando a ameaça tão perto de casa como pudesse.

—Não mencione nunca aos meus filhos outra vez! -gritou girando-se - Ouça-me? Nunca!



—Quando este efeito desaparecer. -assinalei-lhe - já não saberá onde estão as Zonas Escuras, seus meninos poderiam caminhar à escola através de uma e nunca voltar para casa. Vai em sua busca? Sabe sequer onde procurar? Vai morrer no intento?

—Está-me ameaçando? -suas grandes mãos se dirigiram para mim.

Tinha-lhe em meu terreno.

—Não, nem lhe estou lhe oferecendo ajuda, estou lhe oferecendo um trato. É um concessões; amanhã você não será capaz de ver nada disto, não saberá que perigo ameaça a sua família e a todos outros a seu redor. Não posso lhe manter informado. Posso-lhe dizer que zonas da cidade são escuras, onde a maioria dos Unseelie, fazem suas “coletas” e a melhor forma de manter a sua esposa e a seus meninos a salvo. Se ficar muito mal, posso lhe dizer quando deve sair da cidade e onde pode ir. Tudo o que quero em troca é um pouco de informação. Não é como lhe pedir que me ajude a cometer delitos, estou lhe pedindo que me ajude a tratar de acautelá-los. Estamos no mesmo lado, Inspetor. Até esta noite, simplesmente não sabia o que havia no outro lado. Agora

Sabe. Me ajude a deter o que está acontecendo nesta cidade.

—Isto é uma loucura.

—Loucura ou não, é real.

Eu sabia que era difícil de aceitar, muito. A ponte que conecta o cordato a este mundo escuro infestado de Fae, de Dublin, a mim levou muitos passos vacilantes cruzá-lo.

—Por isso mataram O'Duffy. Vai deixar se matar?

Esperava fora e não disse nada. Nesse momento, soube que tinha ganhado. Eu sabia que me chamaria a próxima vez houvesse um crime, odiando-se cada minuto, dizendo-se a si mesmo que era uma loucura, mas faria a chamada e isso era tudo o que necessitava.

Jayne desceu na estação de polícia de Pearse Street, assegurando-se de me perder de vista a maior brevidade. Quando nos separamos vi a mesma expressão em seus olhos que às vezes vi nos meus.

Senti lástima por ele.

Mas eu necessitava a alguém no interior da Polícia e agora o tinha.

Além disso, se eu não lhe tivesse aberto os olhos esta noite e lhe tivesse obrigado a ver o que estava passando, teria terminado morto em questão de dias. Tinha estado farejando muito. Teria visto um carro abandonado, manchado, à volta de um beco ou caminhado por uma Zona Escura de noite ou perguntado pela degola de O'Duffy, fazendo que o seu fosse o próximo.

Teria sido um homem morto andante. Agora, ao menos, tinha uma oportunidade.

Capítulo 3

“Morreria por ele....

Não há nada mais que dizer.



Poderia dar até o último fôlego de meu corpo e a última esperança de meu coração para mantê-lo com vida. Quando pensei que estava louca, ele veio para mim e deu sentido a tudo. Ele me ajudou a compreender o que estava ocorrendo, mostrou-me a forma de caçar e a de me esconder. Ele me ensinou que há mentiras necessárias. Estive aprendendo muito a respeito disto nos últimos tempos. Cada vez que Mac me chama, adquiero mais prática. Morreria por ela também.

Ele me fez me ver de outra maneira. Ele me permite ser a mulher que sempre quis ser. Não a filha perfeita e a honorável estudante que se sente como se tivesse que fazer todas as coisas bem, como se tivesse que fazer sempre que mamãe e papai estivessem orgulhosos, ou seja, sempre a perfeita irmã maior, que sempre trata de estabelecer um exemplo brilhante para Mac e manter os narizes e as línguas de nossos vizinhos afastadas de nossos caminhos.

Odeio minha pequena cidade lotada! Sempre quis ser mais... como Mac. Ela não faz nada que não queira fazer. Quando a gente a chama preguiçosa e egoísta, não lhe importa, ela é feliz. Pergunto-me se ela soube quão orgulhosa estou disso?

Mas as coisas são diferentes agora.

Aqui, em Dublin, com ele, pode ser qualquer pessoa que queira ser; já não estou apanhada em um pequeno povo do sul, obrigada a ser uma boa garota. Sou livre!

Ele me chama sua Rainha da Noite; mostra-me as maravilhas desta incrível cidade; respira-me a encontrar meu próprio caminho, e a escolher o que acredito que é correto ou equivocado.

E o sexo, Deus, o sexo! Nunca soube o que era o sexo até que chegou ele! Não tinha música suave e velas, nenhuma eleição ou uma ação deliberada. É tão involuntário como respirar e igualmente impossível que deixar de fazê-lo. É um golpe contra um muro em um beco escuro ou de uma mesa sobre minhas costas frias porque não posso estar um segundo mais sem ele. Está em minhas mãos e joelhos, na secura de minha boca, no coração tamborilando em minha garganta... esperando o momento em que me toque e me sinta viva de novo. É castigo e purificação, veludo e violência e faz que todo o resto se esfume, até que nada mais importe, só o ter dentro... e quero morrer, não só por ele, também mataria para ele.

Como fiz esta noite.

E quando o vi pela manhã...

... Odiava-lhe."

OH, já odiava ao assassino de minha irmã antes, mas agora lhe odiava ainda mais. Aqui, entre meus pálidos nódulos, tinha a prova de que o Lorde Master tinha utilizado seus poderes escuros com Alina, tinha-a convertido em alguém que não era antes de sua morte: umas páginas arrancadas de seu diário, escrito na bela e brandamente inclinada caligrafia que tinha começado a aperfeiçoar antes que eu nem sequer aprendesse a ler.

Não podia ter sido mais evidente, na parte final da página, que lhe tinha lavado o cérebro a Alina, o que ele queria fazer a mim com A Voz a outra noite nas covas debaixo de Burren, quando ele me tinha exigido que lhe desse o amuleto e eu ia para ele, quando tinha sido incapaz de resistir ou negar-lhe Com o poder de umas poucas e simples palavras, tinha-me convertido em um autômato sem sentido. Se não tivesse sido pelo Barrons, me teria ido atrás dele, escravizada.



Entretanto, Barrons, também era perito no poder da Voz dos Druidas e me tinha liberado do feitiço.

Sabia que minha irmã tinha sido feliz em Ashford. Ela tinha querido ser a pessoa que era: brilhante, com êxito, e divertida, idolatrada por mim e pela maioria de outros, um rosto sorridente no jornal por alguma menção honorífica por algo que tinha feito.

“Ele me chama sua Rainha da Noite”.

—Rainha da Noite, minha petúnia!

Minha irmã nunca tinha querido ser Rainha de nada, mas se tivesse querido, sem dúvida não teria sido da noite, tivesse sido de algo festivo, como a Festa anual da Cabaça de Ashford ou o Desfile dos Pêssegos. Ela teria usado uma fita de cor laranja brilhante e um diadema de prata e teria saído na primeira página do jornal de Ashford ao dia seguinte.

“Sempre quis ser mais como Mac”.

Ela nunca disse que desejasse ser como eu!

“Quando a gente a chama preguiçosa e egoísta, não lhe importa”.

Dizia isso gente de mim? Estava então surda ou era simplesmente muito idiota para me dar conta?

E o que tinha escrito sobre o sexo... definitivamente, não era minha irmã. A Alina não gostava do estilo cachorro. Ela o tinha considerado degradante. “A quatro patas, neném”. “Sim, claro”, diria ela e poria-se a rir. “Até outra”.

—Olhe, você não é Alina - disse-lhe à página.

Quem tinha matado a minha irmã a noite em que ela tinha escrito esta entrada? Um monstro? Ou Lorde Master lhe tinha lavado o cérebro a um bom menino para que a matasse por ele? A quem tinha visto ela ao dia seguinte? Tinha ido matá-la? Eram humanos os assassinos

Ou eram Fae? Se fossem FAE, como teria podido ela matá-los? Eu tinha a Lança; Dani, um mensageiro de Correios Urgentes, Inc, o falso frente da organização de sidhe-seer a cargo da Grande Professora Rowena, tinha a Espada e estas eram as duas únicas armas, que eu soubesse, que podiam matar a um Fae. Alina tinha descoberto alguma outra arma desconhecida? De todas as páginas de seu diário, por que alguém me tinha enviado esta página?

E o que era mais importante e preocupante de tudo: Quem me tinha enviado isso? Quem tinha o diário de minha irmã? V'lane, Barrons e Rowena, todos negaram havê-la conhecido. Poderia ser o muito mesmo Lorde Master quem me tinha enviado isso, pensando talvez, em sua arrogância retorcida, que me faria encontrá-lo tão atrativo como minha irmã lhe encontrava?

Como de costume, ia à deriva em muitas perguntas e respostas sem salva-vidas; estava em iminente perigo de me afogar.

Recolhi o envelope e o estudei. Claro, de vitela de cor branca, pesado e de bom gosto. Não me disse nada. A direção, claramente datilografada em um tipo de letra genérico, poderia ter chegado de qualquer impressora laser ou de injeção de tinta em qualquer lugar do mundo.

MacKayla Lane c / ou Barrons Livros e Adornos

Não havia remetente. A única pista que oferecia era um carimbo de Dublin, com data de ontem, e que não sugeria nada absolutamente.



Cheirei meu café, pensando. Tinha chegado de madrugada, despido e deslocado para meu dormitório, situado na planta superior da loja, deixando esquecidos os novos jornais e revistas mensais, mas me tinha detido na pilha de correio empilhada sobre o balcão. Três envelopes debaixo, encontrei o envelope que continha a página do diário da Alina. A pilha de correio oscilando, as revistas ainda na caixa.

Fechei os olhos e esfreguei isso. Tinha procurado o diário de minha irmã, desesperada por encontrá-lo antes que alguém mais o fizesse, mas já era muito tarde. Alguém tinha chegado a ele antes que eu, alguém a tinha privado de seus íntimos pensamentos e tinha ao seu dispor todos os conhecimentos que tinha adquirido desde que tinha chegado às costas da Irlanda infestada do Fae.

O que outros segredos continha seu diário, além da pouco aduladora visão sobre mim? Ela tinha escrito sobre a localização de qualquer das relíquias? Alguém mais sabia sobre o Sinsar Dubh e da forma em que se movia? Estávamos eu e meu inimigo anônimo com a esperança de encontrar a pista da mesma maneira?

O celular começou a soar, um número local. Ignorei-o. Todas as pessoas que me importavam estavam na agenda de meu telefone. Via a escritura da Alina, escutava suas palavras pronunciadas em voz alta em minha mente, como se o visse; deixou-me uma sensação muito crua. Não estou com o estado de ânimo adequado para falar de livros com um cliente.

O telefone deixou de soar, mas atrás de um período de três segundos de pausa, começou de novo.

A terceira vez que soou, agarrei-o.

Era Christian MacKeltar, perguntando o que me tinha acontecido a outra noite, e por que não havia devolvido nenhuma de suas chamadas. Eu não poderia lhe dizer que foi porque estava um pouco ocupada, atirada de joelhos na rua por minha reação ante O Livro, nem vendo meu assassino empregador com um cadáver em seus braços, nem convidando a um aditivo e canibal chá a um detetive de homicídios com o fim de convertê-lo em meu informante para, continuando, lhe levar de tour pela cidade, lhe obrigando a ver monstros, e que, agora, lia sobre a maneira em que minha irmã tinha querido ter relações sexuais com o monstro responsável, pelo que o resto dos monstros passassem através de nosso mundo.

Não, eu estava bastante segura de que tudo isso só serviria para enlouquecer a um homem que esperava, pudesse ser uma valiosa fonte de informação.

Portanto, ofereci-lhe um colorido ramalhete de mentiras e fixei um novo encontro com ele para esta noite.

Até o momento em que saí a ver o Christian, Barrons ainda não tinha feito ato de presença e me alegrava; não estava preparada para lhe fazer frente ainda.

Conforme saí da livraria, escaneei a Zona Escura. Três Sombras no bordo da luz, o resto arrastando-se na sombra. Nada tinha trocado. Eram presas da escuridão ainda.

Voltei-me rapidamente para minha esquerda e avancei pelo Trinity College, onde Christian trabalhava no Departamento de línguas antigas. Reuni-me com ele fazia várias semanas, quando Barrons me tinha enviado a recolher um encargo da mulher que dirigia o departamento. Ela não



tinha estado ali, mas se Christian. Logo nos tínhamos visto uma segunda vez, fazia uma semana, em um pub, onde me tinha surpreso lhe dizendo que teria gostado de conhecer minha irmã, e que, inclusive sabia o que ela e eu fomos. Nossa conversa se viu interrompida bruscamente por uma chamada do Barrons, para me advertir que os Caçadores estavam na cidade e me dizer que voltasse para a Livraria. Tinha planejado chamar o Christian ao dia seguinte e descobrir que mais sabia, mas em meu caminho a casa, tinha sido encurralada pelos caçadores e seqüestrada pelo Mallucé e, obviamente, tinha minhas mãos muito ocupadas lutando por minha vida. Então, a outra noite, a aparição debilitante do Sinsar Dubh nos tinha impedido a reunião de novo e estava ansiosa de averiguar o que sabia.

Afastei meus cachos da frente e me cavei o cabelo com os dedos. Tinha-me gostado de me vestir de novo esta noite, me pondo um brilhante lenço para recolher meu cabelo e deixar que suas cores brilhantes caíssem sobre meu ombro, repousando brandamente sobre a abertura de meus seios. Eu não era nada se, pelo menos, duas vezes à semana, não levava brilhante e bonita roupa. Temo-me que, se não, mais me valeria me esquecer de quem era. Assim poderia me esquecer de como me sentia em realidade: como um gângster, com armas mortais, irritados, ressentidos e famintos de vingança cadela. A garota com comprido cabelo loiro, perfeita maquiagem e unhas de escândalo, podia ser uma imagem do passado, mas ainda queria estar bonita. Meu lenço de seda cor Noite da Arábia, batia as asas ao redor de meu cabelo e de meu rosto, complementando meus olhos verdes e minha pele clara. O lápis labial de cor vermelha escura me fazia parecer maior, mais sexy que os que tinha usado até agora.

Tinha escolhido para esta noite roupa que abraçasse minhas curvas e mostrasse meus melhores atributos; levava uma saia nata, com um ajustado pulôver amarelo em honra a Alina (debaixo de um curto, elegante e nata impermeável que ocultava oito lanternas, duas facas e uma Lança), saltos altos e pérolas. Papai sempre dizia que o dia em que nos tinha recolhido da agência de adoção, Alina se tinha vestido como um raio de sol, e eu tinha sido um arco íris.

Alina.

Sua ausência em minha vida era tão dolorosa que se parecia uma presença. A dor, ainda, mantinha-me acordada toda a noite, acompanhava-me na loja durante todo o dia e se arrastava à cama comigo na noite.

Dublin era um aviso constante dela, aqui, em cada rua, na cara de todos os jovens universitários que não tinham idéia do que estava caminhando junto a eles, fazendo-se passar por humanos. Ela ri nos pubs e mais tarde morre na escuridão.

Ela representa toda a gente que não posso salvar.

Deixei atrás a “zona de marcha” das ruas de Têmpera Bar e me dirigi diretamente à universidade. Ontem à noite, enquanto atravessava a grande zona turística, o condutor se gabou dos mais de seiscentos pubs que havia, mas esta noite eu não estava de ânimo mais que para recordar que só tinha conhecido duas armas que pudessem matar Fae e centenas, se não milhares, do Unseelie em da cidade. Meu encontro com o Sinsar Dubh me tinha afetado muito. A grande maldade da coisa tinha servido como um sombrio aviso de que, apesar de que poderia ter



triunfado recentemente em uma contra-toda-esperança-de-êxito situação e tinha saído dela mais forte, era ainda pior o que me esperava.

Quando cheguei ao escritório que aloja o pessoal do Departamento de línguas antigas, Christian se reuniu comigo na porta, com seus jovens, quentes e fibrosos quadris em uns jeans ajustados, botas resistentes e um suéter, seu comprido e escuro cabelo retirado atrás, sobre sua nuca com uma correia de couro. Ele me dirigiu um olhar carregado de avaliação e me alegrei de ter tido tanto cuidado com minha aparência. A uma mulher gosta de saber que seus esforços estão dando seus frutos.

Ele tomou meu braço e sugeriu ir a algum outro lugar.

—Está-se discutindo o pressuposto. - advertiu-me com uma profunda e rouca voz, pendurando-se sua mochila de lona de seu musculoso ombro.

—Não é necessário que fique?

—Não. Só os contratados a tempo completo têm que sofrer as reuniões. Eu tenho um a tempo parcial. - indicou com um sorriso demolidor que me fez me endireitar.

Christian é o tipo de bonito que lhe afeta à cabeça: faz-te querer roubar um segundo e um terceiro olhar dele, desse ponto de sombra justo em uma mandíbula forte, de seus amplos ombros, de sua impecável pele escura e de seus assustadores olhos, os olhos de um tigre. Havia uma fácil graça em seu corpo que indicava que não desapareceria nem ainda com o passo dos anos

—Além disso, não é um lugar cômodo para falar e temos muito que falar, moça.

Eu entendi que finalmente alguém me ia dizer algo útil a respeito de minha irmã. Ele me levou a um estudo-habitação sem janelas, longe, em uma zona de máquinas vendedoras nos quase desertos porões do edifício. Estamos sentados em cadeiras dobradiças de metal, sob o zumbido dos abajures fluorescentes, onde me poderia imaginar a Alina sentada, estudado, uma hora ou dois. Não perdi tempo perguntando ao Christian como tinha conhecido a minha irmã. Perguntava-me se ele tinha sido um dos moços com os que ela se citou quando chegou, ao princípio, antes que lhe tivesse lavado o cérebro o Lorde Master. Eu o tivesse feito. Em outra vida. Em uma normal.

—Ela chegou a ALD³, procurando a alguém para traduzir uma página de texto.

—Que tipo de texto? -disse, pensando instantaneamente no Sinsar Dubh.

—Ninguém podia traduzi-lo. Meus tios não puderam, certamente

Assumi que seus tios eram lingüistas e assim o disse. Ele sorriu ligeiramente, como divertido pela observação

—São historiadores, antiquários, com conhecimento das antiguidades e essas coisas. Nunca tropecei com nenhum texto que não pudessem traduzir

—Alguma vez averiguaram do que se tratava?

—Meu turno, Mac. Tenho algumas pergunta de minha própria colheita. O que te passou a outra noite? por que gritou?

³ N.de T. - Departamento de línguas antigas



—Disse-lhe isso. Meu pai chamou e tivemos que falar de mamãe e de como cada vez está pior e por que perco o tempo... Logo, quando deixei o telefone, algo que comi para jantar, caiu-me mau e senti-me tão doente que fui à cama

—Boa tentativa -disse zombador -Agora me diga

—Acabo-o de fazer

—Não. Está mentindo. Ouço-o em sua voz.

—Não se pode saber se mentir por minha voz -burlei-me -Minha linguagem corporal poderia te dizer uma coisa ou duas, mais...

—Sim, se puder -cortou-me com um novo espiono amargo de seu matador sorriso - Literalmente. Se for mentira, eu o escuto . E desejaria que não fosse assim, não tem nem idéia das pessoas que se encontram freqüentemente. Todos passam seu fodido tempo mentindo, inclusive sobre coisas estúpidas das que não tem sentido tomá-la moléstia de mentir. Haverá verdade entre nós, Mac, ou nada absolutamente. É sua eleição. Entretanto, não te incomode em tratar de me enganar. Não se pode.

Comecei a pensar em meu casaco, no arsenal que tinha escondido nele e refleti seriamente; me reacomodei em minha cadeira e cruzei as pernas, balançando o pé de acima; busquei-lhe com o olhar. Deus, estava realmente sério!

—Sabe realmente quando as pessoas estão mentindo?

Ele assentiu.

—Pode demonstrá-lo.

—Tem noivo?

—Não

—Há algum homem que te interesse?

—Não

—Está mentindo.

Pus-me rígida

—Não o há

—Sim, houve. Pode não ser seu noivo, mas há alguém que te interessa o suficiente para que esteja pensando a respeito de ter relações sexuais com ele.

Traguei saliva

—Não o estou pensando e você não pode saber isso.

Ele encolheu os ombros

—Sinto muito, Mac, escuto a verdade, inclusive quando a pessoa não quer nem admitir-lhe a si mesmo. — levantou uma escura sobancelha - Suponho que não poderia ser eu?

Ruborizei-me. Acabava de fazê-lo. Nós. Nus. Wow! Eu era uma mulher perfeitamente saudável, e ele era um homem formoso.

—Não. - disse envergonhada.

Ele riu, seus olhos de ouro brilhando.

—Mentira. Uma grande e gloriosa mentira, coisa que eu adoro. Hei dito que sou um grande crente de que um homem deve cumprir todas as fantasias de uma mulher?



Baixei os olhos.

—Eu não o estava pensando antes que o dissesse, pôs a idéia em minha cabeça e então desapareceu o que eu estava pensando - E isso me preocupava, porque podia pensar em só outras duas pessoas (e conste que estava usando esse término vagamente a respeito desses dois), com os que poderia ter tido o pensamento de ter relações sexuais, antes que ele me tivesse feito pensar em ter relações sexuais com ele e ambas as opções eram terríveis. -Isto não prova nada.

—Suponho que terá que ter fé em mim então, até que me conheça. Aproveita a fé. Eu não te peço que me demonstre que pode ver os Fae.

—A gente pensa a respeito de ter relações sexuais todo o tempo – disse irritada -É consciente de cada vez que alguém está pensando nele e em como?

—Benditos sejam os Santos!Não! Do contrário não poderia fazer nada. A maioria das vezes é só uma música de fundo, já sabe, o sexo-sexo-sexo-encontrar-rápido-mais-perfeito, jogando em minha cabeça, com um fácil e sensual ritmo, mas, às vezes, alguém como você se aproxima e se enrosca em meu cérebro como a canção do Nine Inch Nails que meu tio toca todo o tempo a sua esposa. -gemeu - Quando faz isso, saio do castelo e vou a algum outro lugar.

—Seu tio escuta ao Trent Reznor? -saltei - Vive em um castelo?-E eu que acreditava que era estranha.

—Grande, com muitas correntes de ar. Não é tão impressionante como sonha. E não todos meus tios são tão refrescantes como Dageus. Os homens queriam ser ele. As mulheres lhe adoram. É irritante, em realidade. Nunca posso lhe apresentar minhas amigas.

Se se parecia em algo ao Christian, podia entender o por que.

—O caso é, Mac, que não pode me mentir, porque vou ou seja... E não vou deixar o passar.

Pesei sua declaração. Eu sabia o que era ser capaz de fazer algo que outros consideravam impossível. Decidi levá-lo a seu valor nominal, e ver o que foi assim. O tempo dirá.

—portanto, é um presente de nascimento, como o meu, o de ser sidhe-seer? -Não acredito ser uma sidhe-seer seja um presente. Tampouco o é meu... pequeno problema, e sim, é um legado de meus pais, eu diria, inconveniente, nasci desta maneira. Não são necessárias as mentiras. Ou, ao menos, deste tipo. Ao menos, não sempre. Agora não escuto nenhuma.

Alina havia dito: Algumas mentiras são necessárias.

—Bom, olhe o lado bom, escutará mentiras, mas ninguém a seu redor se atreverá a te mentir. Crê que é fácil estar ao redor de alguém ao que terá que dizer a verdade em todos os...OH! Chamou-me a atenção.

—Não tem muitos amigos, verdade?

Não de seu tipo, se ele falava tão livremente e, parecia a classe de tipo que o fazia.

Ele me disparou um olhar novo.

—Por que gritou ontem à noite?

—Tive um estreito contato com uma Relíquia escura e me põem muito doente se as tiver muito perto.

Inclinou-se para frente, os cotovelos sobre os joelhos, e me olhou com fascinação.

—Agora escuto um coro celestial de verdade, moça! Viu uma Relíquia escura?Qual?



—Como sabe que existem as Relíquias escuras? Quem é e qual é sua participação nisto? – o que menos precisava eram mais homens desconcertantes em minha vida.

—Quanta verdade me dará?

Duvidei brevemente. De todos os homens que tinha conhecido em Dublin, parecia o mais... “como eu”, isto é, essencialmente normal, mas tinha uma característica indesejada, um talento que alterava a vida.

—Toda a que possa, se você fizer o mesmo

Ele assentiu, satisfeito e, continuando, se repôs em sua cadeira.

—Venho de um clã que, em tempos antigos, serve aos Fae.

Os Keltar, disse-me Christian, havia, servido de druidas aos Tuatha Dê Danaan, muitos milhares de anos atrás, durante esse breve tempo no que os Fae tinham tratado conviver de maneira agradável com os homens. Algo tinha acontecido que sacudiu os alicerces da frágil paz – não explicou mais desta parte -mas que foi a causa de que Fae e humanos seguissem caminhos separados, e não precisamente de maneira amistosa.

Um Pacto foi negociado para permitir que ambas as raças existissem no mesmo planeta, mas mantendo os reinos separados e aos Keltar lhes deu o dever de realizar certos rituais para manter os muros entre eles. Durante milênios, realizaram-nos fielmente com poucas exceções, e se não, de algum jeito, conseguiam compensar a defasagem de tempo.

Mas nos últimos anos, os rituais deixaram de ir como se esperava. A noite anterior a que os Keltar tivessem que realizar sua magia, outra magia negra se levantou e impedia a promessa dos druidas de reforçar os muros e o dízimo devia ser desembolsado em sua totalidade. Embora esta outra magia não tinha sido capaz de paralisar os muros entre nossos mundos, se os tinha debilitado seriamente. Os tios do Christian acreditavam que seu ritual estava incompleto por culpa de outro ritual alheio. A rainha dos Seelie, Aoibheal, que em sempre passado tinha aparecido em tempos de crise, ainda não tinha sido vista, apesar de que tinha sido invocada mediante todos os feitiços que tinham ao seu dispor.

Eu concluí a história. O pensamento de que, durante milhares de anos, um clã nas Highlands de Escócia tinha protegido à humanidade dos Fae, fascinou-me. Sobre tudo se todos eram como Christian: formosos, sexys e auto-suficientes. É reconfortante saber que há outros aí fora, deste fodido mundo, com especiais e incomuns poderes. Eu não estava sozinha em meu descobrimento do que lhe estava acontecendo a nosso mundo. Eu gostaria de encontrar a alguém, além do Barrons, que tivesse mais informação que eu, e ele estava disposto a compartilhá-la!

—Meus tios acreditam que algo e aconteceu à Rainha -disse -e segundo seu poder diminui, cresce o outro. As paredes seguem debilitando-se e se não averiguarmos algo antes que o próximo ritual tenha que realizar-se, poderiam vir-se, definitivamente abaixo.

—O que aconteceria então? -perguntei-lhe com um fio de voz -O Pacto se romperia?

—Meus tios acreditam que o Pacto já está quebrado, que as paredes estão mantendo-se só pelo aumento dos dízimos que seguimos pagando. A magia Fae é uma coisa estranha – se deteve, para logo continuar cripticamente -Nos últimos ritos, tivemos que utilizar o sangue, sangue Keltar, em um ritual pagão. É insólito. Não utilizamos o sangue nunca antes. Meu tio Cian sabia como



fazê-lo. É magia escura, podia senti-lo. O que fizemos esteve mau, mas era a única coisa que podíamos fazer.

Compreendo esse sentimento. O que tinha feito ao Jayne me fazia pensar que nunca voltaria a me sentir bem comigo mesma, mas tinha sido incapaz de encontrar uma alternativa. Não tinha sido magia escura, só chá escuro, manipulador e desumano. Mas comecei a compreender que um só pode permitir o luxo de jogar limpo quando não há muito em jogo.

—E se as paredes se vêm abaixo completamente? -reiterei minha pergunta anterior. Queria saber que coisas más podiam acontecer.

—Quando os FAE caminhavam entre nós, só os Seelie o faziam; os Unseelie tinham encarcerados durante tanto tempo, que seu nome era já o mero murmúrio de uma lenda. Se os muros se vierem abaixo por completo, todos os Unseelie serão liberados, não só as castas inferiores que na atualidade passam de algum jeito a nosso mundo, mas sim os mais capitalistas das Casas Reais dos Unseelie escaparão - fez uma pausa e quando falou de novo sua voz era baixa, urgente. -A lenda diz que os chefes das quatro casas, os príncipes da escuridão, seriam nossos Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

Eu sabia quem eram: Morte, Peste, Guerra e Fome.

Os Unseelie que eu tinha visto até o momento já eram bastante maus. Não tinha nenhum desejo de um encontro com as Casas Reais Escuras dos Fae.

—É assim de mau, Mac. Eles converterão nosso mundo em um pesadelo. Meus tios acreditam que os Seelie podem não ser capazes de voltar a encarcerar aos Unseelie se escaparem.

Era este o motivo pelo que todo mundo perseguia o Sinsar Dubh? Refletiria os feitiços necessários para encarcerar aos Unseelie, talvez, inclusive, os segredos para manter os muros levantados?

Isso, sem dúvida, explicaria por que V'lane e a Rainha o queriam.

Por que Alina me queria encontrar antes que o fizesse Lorde Master?

Não me cabia a menor dúvida de que se o Livro caía em suas mãos, ele se apressaria em destruí-lo para assegurar-se de que ninguém poderia encarcerar ao seu exército de novo.

Perguntava-me onde encaixava Barrons nisto Estaria realmente disposto a vendê-lo ao melhor preço?

Não podia me deter na possibilidade dos Unseelie invadindo nosso mundo. Manter bem centrados meus pensamentos em minhas metas era a chave para manter meus temores em xeque.

—me diga mais a respeito da Alina.

Com minha rápida mudança de tema, lhe via aliviado e me dava conta de que não era o único que se sentia arrasado por tarefa impossível. Não era de sentir saudades, Christian parecia amadurecido além de seus anos. Era-o. Tinha suas próprias questões sobre o-destino-do-mundo com os quais tratar.

—Sinto muito, Mac, mas não tenho muito mais que dizer. Tentei me fazer amigo dela. Embora meus tios não podiam traduzir o texto, sabiam de onde tinha vindo e precisávamos saber como o tinha conseguido. Tratava-se de uma fotocópia de uma página de um livro muito antigo...



—...chamado Sinsar Dubh.

A Besta, pensei, e minha alma tiritou.

—Perguntou-me se sabia algo a respeito dele. O que sabe você? Sabe onde está?

Eu não sabia, de maneira exata, onde estaria neste momento e esgriemi este pensamento como um escudo quando lhe respondi

—Não. -possivelmente era, realmente, um detector de mentiras andante, porque ele me buscou o olhar muito intensamente para minha comodidade e acrescentei rapidamente -O que passou quando tratou de te fazer amigo de minha irmã?

—Ela me rechaçou, estava profundamente envolta com alguém e tenho a impressão de que era muito possessivo. Não gostava que falasse com ninguém.

—Alguma vez te reunir com ele?

—Não, vi-lhe uma vez, fugazmente. Não recordo muito, mas tive a impressão de que era Fae. Devia lhe haver comido o coco para que não se desse conta.

—Disse a minha irmã o que acaba de me dizer a mim?

—Não tive oportunidade.

—Se alguma vez foram amigos como se inteirou de que era uma sidhe-seer? Como te deu conta comigo?

—Segui-a umas quantas vezes - disse. -Ela sempre via coisas que não estavam ali, estudava os espaços vazios. Conheço as histórias de sidhe-seer. Minha família é... perita em antigos mitos e tradições. Somei dois e dois.

—E eu?

Ele se encolheu de ombros.

—Foi ao Trinity perguntando por ela. Além disso, os assuntos de família, estão em um registro público, se souber onde procurar.

Com todos meus inimigos, os registros deviam ser destruídos. Estava agradecida de que meus pais estivessem a quatro mil quilômetros de distância.

—Com que Relíquia Escura te encontrou ontem à noite? -perguntou à ligeira.

—Com o amuleto.

—Mentira.

Provei de novo

—O cetro.

—Mentira de novo. Não é isso.

—Tem razão. Era a caixa

—Estou esperando a verdade, Mac.

Encolhi-me de ombros

—O Sinsar Dubh? -ofereci à ligeira, como se realmente não o houvesse dito.

Ele saltou de sua cadeira.

—O que o...? Está brincando? Não, não é necessário que responda, sei que não o está. Você disse que não sabia onde estava!

—Não sei. Vi-o de passada.



—Aqui? Em Dublin?

Assenti.

—Foi então, agora não tenho nem idéia do que... será.

—Quem...? -Christian começou.

—Olá, meninos. O que acontece?

Christian olhou detrás de meu, para a porta. ficou rígido

—Ei, homem, não te ouvi chegar

Eu não lhe tinha ouvido tampouco.

—Quanto leva aqui?

—Acabo de abrir a porta. Acreditei ter ouvido algo.

Voltei-me em minha cadeira. A segunda vez que tinha falado, reconheci sua voz. O menino de olhos de sonho que tinha visto no museu e que logo me tinha encontrado mais tarde na rua o dia que tinha sido interrogada pelo Inspetor Jayne, estava enchendo o vão da porta com sua escura e magnífica aparência de sonho. Havia-me dito que trabalhava na ALD, mas o tinha esquecido. Como com o Christian, em outra vida, me teria chamado com ele rapidamente. Por que, então, tinha sido ao Barrons a quem tinha acabado beijando?

—Olá, preciosa. Como você por aqui? Que pequeno é o mundo! Não?

—Ei. - ruborizei-me

Faço-o quando um bonito homem me chama preciosa, especialmente agora, que, cada vez que olho em um espelho, apenas me reconheço mesma. Ironicamente, quando o mundo se desmorona, é a massa que volta a uni-lo, são estas pequenas coisas que se convertem em um estranho tesouro.

—Conhecem-lhes? -perguntou Christian desconcertado.

—Encontramo-nos um par de vezes. - respondeu.

—Estão lhe procurando no escritório, Chris -disse o menino de sonho -Ele quer falar contigo.

—Não pode esperar? -disse Christian com impaciência.

Ele se encolheu de ombros.

—Ela não parece pensar assim. Algo sobre apropriação indevida de recursos ou algo assim. Disse-lhe que estou seguro de que era simplesmente um engano de contabilidade, mas ela é uma

...

Christian rodou seus olhos.

—Essa mulher é impossível. Quer lhe dizer que vou para lá em cinco minutos?

—Claro homem. -Seu olhar me cortou - É este o namorado que me disse?

Neguei.

—Mas, tinha um...?

—Dezenas, recorda?

Ele riu.

—Vemo-nos em outra, preciosa. Cinco minutos, Chris. Sabe o que fará Ele contigo?

Arrastando um dedo da mão através de sua garganta o girou com ironia para a esquerda.

Christian empurrou a porta e a fechou



—Bom, temos que falar rápido porque necessito este trabalho, no momento, e, ultimamente Ele parece estar procurando qualquer razão para me despedir. Há algo que precisa ver. -abriu sua mochila e tirou um bloco de papel de notas de couro, pacote com cordão atado. - Meus tios enviaram a Dublin por uma razão, Mac. Bom, várias, mas só um se refere a ti de maneira iminente. Estive vigiando a seu chefe.

—Barrons? Por que?

O que tinha descoberto? Algo que poderia me ajudar a sair de minhas próprias preocupações a respeito de quem e que fazia?

—Meus tios são colecionadores. Tudo o que eles conseguiram descobrir, seu chefe o tem feito também. Se o conseguia algo, meus tios também o conseguiam e outros elementos passaram a um terceiro. -retirou uma ficha de seu bloco de papel de notas e me entregou uma revista dobrada que mostrava uma foto - É este Jericó Barrons?

Uma breve olhada foi suficiente.

—Sim.

Estava quase abafado pelas sombras, de pé detrás de um grupo de homens, mas o flash tinha capturado seu rosto, só o ângulo direito, banhado pela luz do sol. Embora a foto estivesse granulosa, não havia dúvida de que era ele. Barrons era incomum. Ele disse que sua ascendência era basca e picta. Criminais e bárbaros, burlou-se. Sem dúvida, via essa parte.

—Que idade diria que tem?

—Nesta foto?

—Não, agora.

—Tem trinta. Vi-o em sua carteira de habilitação.

Seu próximo aniversário, no Halloween, cumpriria trinta e um.

—Olhe a data da revista.

Dava-lhe a volta à coberta. A foto tinha sido tomada fazia dezessete anos, o que significava que teria tido treze no momento da fotografia, se a data de sua licença de conduzir era certa. Obviamente, não o era. Não era nenhum menino de treze anos de idade, esperando maturar.

Christian me entregou outra revista, esta refletia uma reunião em um dos ricos clubes, em um traje de gala em um museu britânico. Uma vez mais, Barrons era inconfundível: mesmo cabelo, a roupa a medida, a mesma expressão na altiva, ao estilo velho mundo, uma mescla de aborrecimento e diversão depredadora.

Dava a volta à coberta. Esta foto se tomou quarenta e um anos atrás. Olhei de novo a foto, estudando-a cuidadosamente, em busca de anomalias. Não havia nenhuma. Era claramente Barrons ou tinha um avô que tinha sido seu gêmeo idêntico, e se era Barrons o da foto, na atualidade deveria ter setenta e um anos de idade.

Continuando, Christian me passou uma fotocópia de um artigo de imprensa, em desvanecido branco e negro, com uma foto de um grupo de homens uniformizados. Barrons era o único que não levava uniforme. Como no caso das duas últimas fotos, estava em ângulo ligeiramente longe, como se tentasse escapar do objetivo, e, como nas outras duas fotos, não era nem um dia maior ou menor que nestes momentos.



—Sabe quem é? -Christian se referiu ao homem no centro da fotografia.

Neguei

—Michael Collins. Era um famoso líder revolucionário irlandês.

—E o que?

—Foi assassinado em 1922. Esta foto foi tomada dois meses antes de sua morte.

Fiz algumas rápidas contas. Isso significaria que Barrons não tinha setenta e um, a não ser uns muito bem conservados cento e quinze anos.

—Talvez houvesse um familiar, -perguntei -com uma forte similitude genética.

—Nem você crê isso. - disse rotundamente. -por que a gente faz isso? Dizer as coisas, alto e claro, se nem sequer, remotamente, crê?

Tinha razão. Eu não acreditava. As imagens eram muito idênticas. Passei suficiente tempo com o Jericó Barrons para saber a forma em que move suas extremidades, a forma em que se para, as expressões que usa... Era ele, em todas essas imagens. Dentro, uma parte de mim estava petrificada.

Barrons era velho, impossivelmente velho. Mantinha-se vivo porque estava possuído por um Gripper? Era possível?

—Há mais destas?

Perguntava-me que finalidade perseguiam os tios do Christian. Queria me levar essas fotografias comigo, lançar-lhe ao peito ao Barrons e demandar algumas respostas, embora sabia que nunca as obteria.

Ele olhou seu relógio.

—Sim, mas tenho que ir.

—Permita ficar as uns dias.

—De maneira nenhuma. Meus tios me matariam se Barrons puser suas mãos sobre elas.

Cedeu-me isso a contra gosto. Poderia começar minha própria investigação, agora que sabia o que procurar. Eu não estava seguro de que o necessitasse. Qual era a diferença se Barrons tinha cem, mil ou vários milhares de anos? A questão era: que não era humano. A questão era: Como de mau era realmente isto?

—Vou a Inverness amanhã e não estarei de volta até dentro de uma semana. Tenho... algumas coisas que cuidar em casa. Vêm ver-me na próxima quinta-feira. Acredito que você e eu podemos nos ajudar o uns ao outro - deteve-se para logo continuar - acredito que pode me necessitar para ajudar a outros, Mac; acredito que nossos propósitos podem ser resolvidos juntos.

Eu assentia quando saiu, embora tivesse minhas dúvidas. Queria lhe acrescentar em minha linha de jogo (e, ultimamente, com independência de quanto pudesse saber Christian ou sua participação na manutenção dos muros existentes entre reino ou do muito que podia desfrutar de sua companhia), o certo é que não podia ver os Fae e isso significava que, em uma briga, ele seria uma responsabilidade, uma pessoa mais pela que teria que preocupar-se de manter viva, e, ultimamente, eu estava tendo muitas dificuldades em me manter.



Passei entre os turistas, vendo os Rhino-boys custodiando aos novos Unseelie como se fossem meninos, e foi a poucas quadras da livraria, passando por um dos inumeráveis bares que caracterizam Têmpera Bar, quando olhando pela janela, ali estava.

Alina.

Sentada com um grupo de amigos, em uma poltrona de respaldo, em uma acolhedora esquina, com uma garrafa de cerveja, falando e rindo por algo que o homem sentado junto a ela havia dito. Fechei os olhos. Sabia o que era e que necessitava para desfazer o encanto. Abri os olhos e olhei abaixo, a mim mesma. Ao menos não estava nua.

—V'lane. - disse.

—MacKayla.

Fazendo caso omissa da magnificamente erótica criatura dourada, situada detrás de meu ombro, centrei-me nesse antigo, estranho, sidhe-seer lugar dentro de meu cérebro que me mostrava o que era certo, e o exigi a respeito da ilusão. A visão da Alina se rompeu com a rapidez de uma borbulha explosiva, revelando um buliçoso grupo de jogadores de rúgbi brindando por sua última vitória.

Voltei-me e a cabeça do Fae-morte-por-sexo, elevou-se.

Meus joelhos se fizeram de gelatina, meus mamilos ficaram duros e eu já não queria mais que sexo na calçada, sexo inclinada sobre os carros, sexo contra a parede do pub e me trazia sem cuidado se minha nua petúnia se estrelava contra a janela para que todos vissem o processo

V'lane é um príncipe de uma das quatro Casas Reais Seelie e é difícil ver nele diretamente quando utiliza o Glamour. É de ouro e bronze, aço e veludo, e seus olhos têm a grandeza do fogo estelar de um céu noturno invernal. Ele é tão sobrenaturalmente formoso que faz que uma parte de minha alma chore. Quando o olho, tenho fome de coisas que não entendo. Dói-me ser tocada por ele. Estou aterrada de seu toque. Acredito que o sexo com ele pode desfazer minha essencial coesão celular e me romper em fragmentos de uma mulher que nunca poderia ser se não estávamos juntos outra vez.

Se V'lane fosse um sinal, seria a de Que-Todo-O—Pessoal-Abandone-Sua-vontade ou Tenha-Cuidado-onde-andas e embora não pensei muito a respeito de minha volta a casa, no Ashford, comecei a pensar que tudo o que realmente quero chamar meu, está aqui.

Tentei afastar um pouco a vista, deixá-lo na zona periférica de minha visão. Não ajuda. Minha roupa é dolorosamente restritiva e luto contra a entristecedora necessidade de me tirar isso.

Os príncipes Fae destilam um primitivo erotismo que provoca os sentidos de uma mulher além de qualquer coisa pela experiência, convertendo sua vida em um despertar animal, disposta a fazer algo para ter relações sexuais, pois promete pratica sexuais incomuns e os orgasmos mais incríveis de sua vida, mas os Fae não compreendem conceitos humanos tão básicos como a morte. O tempo não tem nenhum sentido para eles, não precisam comer ou dormir e seu apetite sexual pela mulher humana é enorme, todo o qual conduz a um inevitável resultado: uma mulher apanhada em um feitiço por um príncipe Fae e, pelo geral, fodida até a morte. Se sobreviver a ela,



converte-se no Pri-já: uma viciada, com um vazio sexual insaciável, seu propósito só é saciar essa necessidade, servir a seu professor (e ele é quem te está dando sexo).

As primeiras vezes em que me encontrei com V'lane, tinha começado a me despir ali, onde estivesse. Agora, estava aprendendo a resistir melhor, pois era capaz de deter minha mão, cada vez que se aproximava dos baixos de meu suéter, antes que começasse a atirar dele para cima, sobre minha cabeça. Entretanto, não estava segura de quanto tempo poderia resistir.

—Silêncio. - exige-lhe.

Um lento sorriso curvou seus lábios.

—Não hei dito nem palavra. O que sente, não procede de mim.

—Está mentindo. - tive uma fugaz visão da acusação do Christian de que estava pensando ter relações sexuais com alguém.

V'lane não era “alguém”. Era “algo”.

—Não o estou. Deixaste claro que não quer... Sexo comigo. Talvez está... como dizem os seres humanos... no cio?

—Nós o dizemos sobre os animais, não sobre as pessoas.

—Animais, pessoas... que diferença há?

—Seelie, Unseelie... que diferença há?

Escamas chapeadas de gelo cristalizaram no ar entre nós, tornando a noite realmente desagradável.

—A diferença é muito ampla para que sua insignificante mente possa compreendê-la.

—Idem.

—Não está nua, nem sobre suas mãos e joelhos, me oferecendo seu traseiro, MacKayla, que é o que faria se eu usasse o Sidhba-Jai sobre ti. Quer que lhe recorde isso?

—Tenta-o e lhe Mato.

—Com o que?

Apartei minha mão do botão situado na parte de atrás de minha saia e procurei com ela a Lança que escondia debaixo de meu braço, mas não estava. Fazia o mesmo a última vez que lhe tinha visto e queria saber como o fazia: tinha que encontrar a maneira de detê-lo.

Caminhou em um círculo a meu redor. No momento em que terminou de me rodear, seu olhar era tão frio como o ar da noite.

—O que estiveste fazendo sidhe-seer? Cheira diferente.

—estive usando um novo creme hidratante.

Poderia cheirar minha recente canibalização de sua raça? Embora eu já não sofria os efeitos dramáticos da mesma, tinha deixado uma pátina de resíduos em minha pele, visível para ele embora menos tangível para mim? Tinha-me comido um Unseelie, não um Seelie, Haveria alguma diferença para ele? Eu duvidava dele. A raça inferior comia Fae para roubar o poder Fae, mas eu era uma simples humana... que jamais admitiria o que tinha feito ante qualquer Fae.

—Você gosta?-disse com olhos brilhantes.

—Não tem poder para me desafiar, entretanto, está de pé diante de mim destilando desafio. por que?



—Possivelmente não estou tão impotente como cria.

O que queria o príncipe Seelie de mim? Poderia escapar de necessitá-lo? Certamente, poderia “lhe anular” o tempo suficiente para afundar os dentes em alguma parte. O pensamento era um pouco muito tentador. Todo esse Poder... meu... com só uma pequena dentada... Ou dez. Eu não estava segura, exatamente, de quanto teria que comer para obter a super força, isso, se não estava ferida de morte para começar.

Ele me examinou um momento e, continuando, riu, e o som me fez sentir de repente exuberante, com a euforia própria da embriaguez.

—Basta. -vaiei -Sai imediatamente de meus sentidos!

—Eu sou o que sou, inclusive quando me camufo de mim mesmo, como reveste dizer, minha mera presença aflige aos seres humanos

—Garanhão -cuspi-lhe -Quando te ajoelhou ante mim na praia, no Reino, e me tocou, senti-te como um homem e só como um homem.

Isso não era de tudo certo, mas seria muito melhor que isto; podia baixar seu “potencial” se assim o desejava.

—Sei que pode fazê-lo. Se quiser minha ajuda para encontrar o Sins... , o Livro, apaga-o, completamente. Agora. E mantêm assim no futuro.

Lembrei-me de uma superstição de Dani, a jovem sidhe-seer que tinha conhecido recentemente, tinha-me advertido a respeito de que propalar certas palavras no vento, agora, cada vez que queria falar do Sinsar Dubh, em voz alta, nas ruas, especialmente na noite, trataria de recordar que devia chamá-lo simplesmente “o Livro”.

V'lane cintilou, um flash branco brilhante, logo se desvaneceu e se resolidificou. tentei não gemer. Desvaneceu-se o traje iridescente, os olhos queimando com um milhar de estrelas, o corpo que irradiava o fogo do Eros. O homem parado frente a mim levava jeans, uma jaqueta de motoqueiro, botas e... Era o homem mais sexy que jamais tinha visto. Uma anjo quente de ouro, despojado de asas. Este é o V'lane com o que podia tratar. Com este príncipe Fae poderia manter minha roupa em seu lugar.

—Caminha comigo.

Ele ofereceu sua mão.

Uma sidhe-seer de passeio com um Fae? Meus instintos gritaram ao unísono: NÃO!

—Se me tocar te matarei.

Ele me examinou um momento, como debatendo sobre se devia tomar a sério minhas palavras. Logo, encolheu-se de ombros. O gesto humano só lhe fez parecer mais exótico.

—Só se o deseja, MacKayla. O desejo de “anular” ou o instinto de te defender estão presentes em você. Se não o desejar, não te tocarei. -fez uma pausa - Não sei de nenhum outro Fae que permita este risco nem esta intimidade. Fala-me da confiança. Estou te dando isso. Possivelmente se me toca poderia trocar de intenção e eu gostaria de gozar de sua misericórdia.

Eu gostei que ele quisesse minha misericórdia. Tomou a mão. Tratava-se de uma mão masculina cálida e forte, nada mais. Ele enlaçou seus dedos com meus. Eu não tinha ido da mão de ninguém desde fazia muito tempo. Sentia-me bem.



—Esteve em meu mundo -disse -agora vou passar um tempo no teu. Me mostre o que é que cuida tão profundamente que não te importa morrer por isso. Ensina-me MacKayla. Me mostre a razão pela qual devemos cuidá-lo nós também.

Ensinar a esta antiga criatura que, em sua mais recente encarnação, tinha mais de cento e quarenta e dois mil anos? Lhe mostrar por que devia cuidar de nós? Seguro!... E eu nasci ontem.

—Alguma vez pára, não?

—Alguma vez deixo do que? -disse inocentemente.

—De tratar de me seduzir. Acaba de trocar de tática. Não sou estúpida, V'lane. Não podia te ensinar a nos emprestar atenção nem em um milhão de anos. Mas, sabe o que realmente me irritar? Eu não deveria ter que justificar nossa existência ante você, nem ante nenhum Fae, nós estávamos aqui primeiro, temos direito a este planeta. Você, não.

—Se pudesse faz o correto, teríamos todo o direito deste mundo que necessitamos. Poderíamos ter exterminado a sua espécie faz muito tempo.

—Por que não o fizeram?

—É complicado.

—Estou escutando.

—É uma larga história.

—Tenho toda a noite.

—As decisões Fae não são compreensíveis nem inteligíveis para os seres humanos.

—Aí tem, toda a superioridade de novo. Não pode nem te manter sendo agradável durante mais de uns poucos segundos.

—Eu não estou fingindo, MacKayla. Estou tratando de saber sobre você, para ganhar sua confiança.

—Poderia ter ganho algo mais de minha confiança se tivesse acudido quando te necessitei. Por que não veio? -exigi. -Passei um tempo infernal debaixo do Burren, de formas que ainda nem consigo entender e embora meu corpo sanou e me sinto mais forte que nunca, eu não estava segura de que tinha sido, necessariamente, o melhor para ele. -Quase morro. Supliquei-te que viesse.

Soltou-me abruptamente e me colocou de frente a ele. Embora seu corpo era quente e sólido como o meu, seus olhos tinham um desumano fogo.

—Suplicou?Gritou meu nome? Rogou por mim?

Fulminei-lhe com o olhar.

—São essas palavras o único que te interessa ouvir. -cravei-lhe meu dedo em seu peito, o que enviou um erótico retrocesso até meu braço. Inclusive “apagado” ele seguia sendo irresistível -A parte importante do que te contei é que quase morro.

—Está viva. Qual é o problema?

—Sofri terrivelmente, esse o problema!

Ele capturou minha mão antes que eu pudesse afastá-la de novo, deu-lhe a volta e roçou com seus lábios a parte inferior de meu pulso, para soltá-la atrás, bruscamente. Afastou-me, a pele me começou a picar.



—Este nu e indefeso pulso. -disse -Quantas vezes te ofereci o Bracelete de Cruzamento? Não só para que um Unseelie menor não possa te danificar, com ele, poderia me haver convocado e te teria economizado o sofrimento. Disse-lhe isso em nosso primeiro encontro. Ofereci-te meu amparo em repetidas ocasiões e você te negaste em todo momento.

—Um bracelete pode ser eliminado. - soava amargurada porque o estava: tinha aprendido essa lição pelo caminho.

—Não este.

Fechou a boca, mas era muito tarde. Lhe tinha escapado. Ao Todo-poderoso— Príncipe-V'lane-da-Corte-Luminosa-dos-Fae, lhe tinha escapado.

—Sério?-disse zombadora - Assim, uma vez que me ponha isso, estarei atada a ele para sempre. Esse é o pequeno inconveniente deste “presente” que alguma vez te ocorreu me mencionar antes?

—É por sua própria segurança. Como há dito, um bracelete pode ser eliminado. De que te serviria então? Melhor se não lhe podem tirar isso.

Barrons e V'lane tinham tentado usar o mesmo truque: tratar de pôr sua marca em mim. Barrons o tinha obtido. Maldita seja se lhe deixava fazer o mesmo a V'lane. Além disso, eu estava bastante segura de que Mallucé, alegremente, teria serrilhado meu braço para me tirar o bracelete, por isso realmente me alegrava de que não havê-lo levado.

—Quer que confie em você, V'lane? Me dê outra forma de te convocar. Uma maneira que não me custe nada.

Ele se burlou.

—E fazer a um príncipe Fae responder a uma sidhe-seer?

—me permita pôr isso em perspectiva: vi o Livro de novo a outra noite e não havia maneira de contatar contigo.

—Viu-o? Quando? Onde?

—Como posso te convocar?

—É muito ousada, sidhe-seer.

—Você pede muito, Fae.

—Não tanto como poderia.

Seguiria uns segundos mais aí ou poderia inclinar-se ainda mais perto? Sua boca estava polegadas da minha. Poderia sentir seu fôlego sobre minha pele. Ele cheirava a exóticas e especiais drogas.

—Se afaste, V'lane – lhe adverti.

—Estou-me preparando para te dar a forma de me convocar, humana. Estou esperando.

—Um beijo? OH, por favor! Não sou tão...

—Meu nome em sua língua. Eu não posso te ensinar a dizê-lo, os seres humanos não possuem a capacidade para formar ditos sons. Mas lhe posso dar isso com minha boca, posso colocá-lo em sua língua. Então o terá, para liberar meu nome ao vento e me chamar...



Estava tão perto que o calor de seu corpo era luz do sol sobre minha pele. É que nada podia ser singelo? Eu não queria uma conexão, nem queria um beijo: queria agradáveis métodos normais de comunicação.

—Que tal um telefone celular?

—Não há repetidores no Reino.

Esgotei os olhos.

—Acaba de fazer uma brincadeira?

—Move-te entre os piores de minha espécie e, entretanto, treme ante a perspectiva de um simples beijo.

—Não estou tremendo. Você vê algum tremor aqui? -empurrei minhas trementes mãos nos bolsos de minha jaqueta e lhe lancei um olhar carregado de sacanagem. Duvidava de tudo, nada em V'lane era simples e, especialmente, um beijo. -Que tal um místico telefone celular que não use repetidores? -provei - Sem dúvida, com todo o incrível poder que possuí, poderia criar...

—Se cale MacKayla. - agarrou um punhado de cachos da parte de atrás de minha cabeça e me atraiu para ele.

Não pude tirar as mãos dos bolsos o suficientemente rápido, assim que me golpeei contra seu peito. Pensei seriamente na possibilidade de “lhe anular”, mas se, realmente, ia me dar uma maneira de me comunicar com ele, queria-a. Isto formava parte de meu novo plano de diversificação. Queria todas as possibilidades, armas potenciais e probabilidades que fosse capaz de conseguir a meu favor. Se me metia em um atoleiro de novo, como no que me tinha metido baixos as Burren, V'lane poderia me tirar em questão de segundos; ao Barrons tinha levado horas seguir a pista e chegar para mim, inclusive seguindo o sinal de minha tatuagem.

Falando de. . .

Os dedos de V'lane acariciavam minha nuca, onde Barrons tinha colocado sua marca; reduziu os olhos e, bruscamente, inalou. Por um momento, pareceu brilhar, como se estivesse lutando para manter a forma humana e não voltar para a “outra”.

—Crie que vou permitir que leve sua marca em seu corpo, mas negue a minha? -vaiou.

E fechou sua boca sobre a minha.

Os Caçadores Unseelie são especialmente aterradores para as sidhe-seer porque sabem onde vivemos dentro de nossas cabeças. Eles instintivamente sabem exatamente onde encontrar à pequena e assustada menina que vive em todas nós.

Os Príncipes Seelie sabem onde vivemos também, mas é a mulher amadurecida a que está escondida. Eles nos caçam em nossos próprios corpos, nos perseguindo, sem misericórdia, pelos rincões mais escuros de nossa libido. Eles seduzem à Virgem, procuram à prostituta. Servem nossas necessidades sexuais sem descanso, equilibrando-se sobre nossa paixão, amplificando-a e nos golpeando com ela uma e mil vezes. Eles são os capitães de todos nossos desejos. Eles sabem os limites de nossas fantasias, levam-nos até o bordo e nos deixam ali, pendurando das unhas, em cima de uma ravina sem fundo, mendigando para obter um pouco mais.

Sua língua tocou a minha. Algo quente e elétrico sacudiu minha boca e atravessou minha língua, engrossando-se dentro de mim, enchendo minha boca. Afogada, tive um orgasmo



instantâneo, tão quente e eletrizante como o que tinha feito a minha língua. O prazer me destruiu com tal deliciosa precisão que meus ossos se vaporizaram e se converteram em água. Tivesse-me derrubado, mas ele segurou meu peso, enquanto eu vivia em um sonho, em um lugar surrealista, por uns momentos, onde sua risada era de veludo negro e minha necessidade era tão vasta como a noite... Então, voltei para a realidade e fui de novo eu.

Havia algo capitalista e perigoso em minha boca, em minha língua. Como ia poder voltar a falar?

Voltou-se de costas.

—Lhe dê um momento. Passará.

Assentou-se com a sutileza de múltiplos orgasmos na cúspide de um espinho de aço; um prazer impossível de separar da dor. Tremi com suas réplicas. Olhei-lhe furiosa, mais sacudida por seu contato do que queria reconhecer.

Ele se encolheu de ombros.

—Amorteci-o muito; poderia ter sido muito mais... Como diz você? ...traumático. Os seres humanos não estão preparados para levar um nome Fae em sua língua. Como se sente, MacKayla? Tem um pedaço de mim em sua boca. Quer outro?

Ele sorriu; eu sabia que não queria dizer, precisamente, outra palavra ou o que fosse que se enrolava dentro de mim, apenas sujeito por uma frágil jaula de porcelana.

Quando tinha quatorze anos, estilhace-me um dente enquanto fazia de animadora. Meu dentista estava de férias e passaram quase duas semanas antes que me pudesse limar isso. Durante a interminável espera, minha língua incessantemente se passava pelo bordo denteado do esmalte. Assim era como me sentia agora: tinha uma aberração em minha boca e queria limá-la porque estava equivocada, não pertencia ali e enquanto estivesse em minha língua, eu não poderia eliminar ao príncipe Fae de minha mente.

—Desejaria cuspi-lo. - disse-lhe friamente.

Seu rosto se endureceu e a temperatura baixou tão bruscamente que exalei meu fôlego gelado ao ar da noite.

—Concedi-te uma grande honra. Nunca tinha dado antes este presente. Não o menospreze.

—Como se usa?

—Quando me necessitar, só tem que abrir a boca e eu estarei lá.

Não lhe tinha visto aproximar-se, mas, de repente, seus lábios roçavam minha orelha.

—Diga a alguém o que te dava e te levarei comigo.

Ele desapareceu antes de terminar de falar. Suas palavras flutuavam no ar, como o sorriso do gato do Cheshire.

—Ouça, acreditei que queria saber o do Sinsar Dubh!

Estava tão assustada por sua abrupta saída, que falei sem pensar e o lamentei imediatamente. Minhas palavras penduravam no ar tão pesadas como a umidade da Georgia na noite.

“Sinsar Dubh”



Parecia soar um eco sibilante, rumoroso como o vento noturno, correndo na escuridão da noite e, de repente, senti como se me tivesse estampado uma X de cor vermelha sobre mim mesma. Não tinha nem idéia de aonde tinha ido V'lane ou por que tinha desaparecido tão de repente, mas decidi que seria prudente fazer o mesmo.

Antes que pudesse fazê-lo, uma mão se fechou sobre meu ombro.

—Sou eu, Srta Lane - disse Barrons tristemente -Mas, primeiro, eu gostaria de saber... que diabos estava fazendo beijando-se com ele!.

Capítulo 4

Voltei-me franzindo o cenho. Barrons e seu hábito de aparecer sem aviso, quando menos o esperava, era, na maioria das vezes, um inconveniente. Eu lhe olhei, lentamente, gradualmente, pois era a única maneira de lhe ver. Em conjunto, enchia irritantemente o espaço que ocupava, como se ocupasse dez vezes o espaço que ocupa um homem de tamanho normal.

Perguntei-me por que.

Porque havia um Unseelie dentro dele?

Perguntei-me quantos anos tinha realmente.

Deveria ter medo dele, e, às vezes, em meio da noite quando estou sozinha e penso nele, especialmente em sua imagem levando o corpo morto da mulher e no olhar de sua cara sangrenta, tenho-o. Entretanto, quando está diante de mim, não lhe temo.

Pergunto-me se lhe é possível fazer algum tipo de feitiço "adormecedor", criar uma miragem tão completa que engane a todos os sentidos, inclusive meus queridos sentidos sidhe-seer.

—Há algo em sua lapela. - disse à ligeira.

Era muito meticuloso, não um homem dado a levar penugens ou manchas em sua roupa, mas esta noite seu traje escuro tinha uma mancha brilhante no lado esquerdo.

Estava tomando o cabelo a um... homem, por falta de uma palavra melhor... que tinha tido incalculáveis aniversários e caminhou através de relíquias escuras transportando cadáveres. Era tão absurdo como lhe escovar os dentes até do lobo ou tratar de acariciar sua pele

—...e eu não o estava beijando. -“E eu gostaria de saber que merda estava fazendo com essa mulher nesse Espelho”, pensei, mas não disse.

Há um término jurídico que gosta de utilizar a meu pai: cabeça de gado ipsa loquitur (a coisa fala por si mesmo). Eu sabia o que sabia, e agora lhe estava observando a ele. E as minhas costas. Muito atentamente.

Ele colocou seus braços nas costas.

—Então, por que tinha sua língua na boca? Era uma prova clínica de reflexo e sucção? - sorriu, mas não muito - Como está seu reflexo de sucção, Srta Lane? É você de gatilho fácil?



Ao Barrons gosta de utilizar insinuações sexuais para tratar de me encurralar. Acredito que ele espera que a-garota-boá-do-sul diga “eew” e dê marcha atrás. Às vezes, eu diria “eew”, mas já não dou marcha atrás.

—Posso lhe cuspir, se isso for o que está pedindo. — indiquei-lhe, com um muito doce sorriso.

—Não me olhe dessa maneira. Acredito que o traga tudo. Sua língua foi a metade de caminho a China de todas as formas.

—Ciumento?

—Isso implicaria um investimento emocional. O único investimento que tenho em você é meu tempo e estou esperando uma grande recompensa por ele. Me fale de Sinsar Dubh.

Olhei-me as mãos. Sua lapela estava molhada. Com a luz em este ângulo, o vermelho se via negro de noite. Inalei. Cheirava a dinheiro velho. Gee, sangue. Não me surpreendi

—estive em uma briga? Não, me deixe adivinhar... recolheu um cão ferido, uma vez mais? -disse zombadora. Essa foi a desculpa que tinha utilizado a última vez.

—Sangrei pelo nariz.

—Sangrando pelo nariz, meu traseiro.

—Traseiro?

—Traseiro Barrons. Você é um grão no meu.

—O livro, Srta Lane.

Olhei aos olhos. Havia um Gripper aí? Um pouco muito antigo estava detrás

—Não há nada que dizer.

—Do que falava você com ele?

—Não lhe vi da última vez que vimos o livro. Mantinha a V'lane informado. Você não é o único tubarão no mar.

Ele me scaneou com uma só olhada.

—É um príncipe Fae cuja natureza é escravizar a uma mulher mediante sexo, Srta Lane. Você é propensa a deixar-se escravizar. Trate de superá-lo.

—OH, eu não sou uma mulher propensa a me deixar escravizar! -todo o feminismo que residia em mim se preparou para a batalha.

Girou-se e se afastou.

—Você leva minha marca, Srta Lane -sua voz flutuava sobre seu ombro -e se não estou equivocado, agora luz a sua. A quem pertence você? Não acredito que a você mesma.

—Isto é... muito. - gritei a minhas costas, mas já estava em metade da rua, desaparecendo na escuridão - Não usarei sua marca!Ouvindo-o?

O que era exatamente o que tinha encravado V'lane em minha língua? Dava um murro ao ar, olhando fixamente para trás.

Detrás de mim, uns torcedores se aproximaram. Procurei instintivamente minha Lança. Se era tal como supunha, a Lança estaria de novo em seu lugar: debaixo de meu braço. Assim era. Precisava averiguar como V'lane me tirava isso. Haveria me devolvido isso quando me tinha



beijado? Como não me tinha dado conta? Poderia deixá-la na sala do Barrons se não podia levá-la comigo? Ele parecia ter um grande interesse em minha propriedade.

Uma tropa de Rhino-boys, com a pele de uma feia cor cinza vinham, e eu comecei a procurar em minha bolsa, em parte para evitar lhes ver (enquanto dissimuladamente contava seu número e tratava de decidir se eram novos na cidade ou se me tinham visto antes) e, em parte, para manter meu rosto oculto nas sombras. Não me surpreenderia absolutamente que Lorde Master tivesse feito circular um pôster com meu rosto dizendo BUSCA- SE. Provavelmente era o momento de trocar a cor de meu cabelo de novo, começar a usar gorros ou peruca.

Reatei minha caminhada à livraria. Não evitei o feito de que meu orgasmo bucal com V'lane tinha desaparecido de meu cérebro no momento em que tinha aparecido Barrons. Talvez, ele não era um Gripper, mas havia piores Unseelie que eu, ainda, não tinha encontrado. Em um mundo que se voltava cada dia mais escuro, Barrons parecia ter o dom de manter a todos os monstros sob chave. Porque ele era o maior e malvado monstro de todos?

Na segunda-feira pela manhã despertar foi lento e difícil. A maioria das manhãs vadias na cama.

A pesar do feito de que minha vida não resultou como eu queria que fosse, é a única que tenho e trato de fazer que mereça a pena. Entretanto, alguns dias, apesar de minhas melhores intenções para passar o dia e agarrar toda a felicidade que possa, inclusive se for só um café cappuccino perfeito corado com canela, ou vinte minutos de baile em torno da livraria com meu iPod soando, me acordado cheia de sentimento machucados, recoberta com os resíduos de um mau sonho que se aferram a mim todo o dia.

É assim esta manhã.

Sonhei com a bela mulher morta de novo.

E, agora, temia-me, não poderia esquecê-lo durante muito tempo. Durante anos, era uma menina, sonhava com ela uma e outra vez, tantas vezes que comecei a confundir os sonhos com a realidade e esperava vê-la em algum lugar cada vez que despertava.

Não tinha nem idéia do que estava equivocado com a triste mulher, só que era algo horrível, e eu teria dado meu braço direito, minha dentadura ou inclusive vinte anos de minha vida por salvá-la. Não existe uma lei que eu não tivesse quebrado ou um código moral que não tivesse violado. Agora que sabia que Alina e eu fomos adotadas, perguntava-me se não era tanto sonho como uma memória reprimida de minha infância, arrastando-se até meu cérebro na noite, quando eu não podia controlá-la.

Era, esta formosa e triste a mulher, nossa mãe biológica?

Ela nos tinha dado porque sabia que estava morrendo, e sua dor era o que sentiu por ter sido obrigada a nos dar a nossos pais adotivos?

Mas se ela tinha tido que nos dar porque estava morrendo, por que nos tinha enviado tão longe? Se eu fosse realmente uma O'Connor, como Rowena, a Grande Mestre da sidhe-seer reclamada, parece provável que Alina e eu tivéssemos nascido na Irlanda. Por que nossa mãe nos enviou fora do país? por que fomos criadas por pessoas que poderiam nos haver ensinado sobre nosso patrimônio e nos doutrinar igual à as demais sidhe-seer? Por que obrigar a nossos pais



adotivos a jurar nos manter em uma pequena cidade e alguma vez deixar ir a Irlanda? O que tinha estado tratando de manter longe de nós? Ou era ela a que tinha estado tratando de manter-se afastada de nós?

Há outras lembranças de menina bloqueadas em minha mente? Se fosse assim, precisava encontrá-los, desatá-los e recordar.

Fui ao banho e tomei uma ducha. Abri o grifo da água quente o batente e deixe que o vapor me escaldasse. Estava tremendo, gelada. Inclusive de menina, o sonho sempre me tinha deixado dessa maneira. Sentia frio quando a mulher estava morrendo, e agora eu tinha muito frio.

Às vezes meus sonhos são tão reais que é difícil acreditar que são só o passeio do subconsciente através de um mapa caprichoso que não tem um norte real. Às vezes parece que sonhar é como uma terra que existe realmente em algum lugar, com uma latitude e longitude concretas, mas com suas próprias normas e leis, traiçoeiros terrenos e perigosos habitantes.

Dizem que se morrer em um sonho, seu coração se detém na vida real. Não sei se isso é certo. Nunca conheci a ninguém que morrera em um sonho para lhe perguntar... talvez porque estamos todos mortos.

O vapor quente limpa minha pele, mas não minha psique. Não havia sabão que pudesse eliminar a sensação de que ia ter um verdadeiramente fodido dia.

Não tinha nem idéia de como se foderia.

Em um de meus cursos da universidade estudei a respeito das zonas de conforto da psique. Às pessoas gostam de as encontrar e permanecer nelas. Uma zona de conforto pode ser um estado mental: a crença em Deus é para um montão de gente uma zona de conforto. Não me interpretem mal, não estou insultando à fé, simplesmente acredito que não se deveria ter somente porque te faz sentir seguro. Acredito que se deveria ter porque sim, porque em algum profundo lugar dentro de você, sabe que além de seus enganos existe algo maior, mais prudente e imensamente mais amoroso do que somos capazes de compreender, que tem um interesse no Universo, na forma em que as coisas resultam. Da mesma forma, a gente pode acreditar que enquanto as forças da escuridão podem tentar serem superiores, existe, a sua vez, um Superior.

Essa é minha zona de conforto.

Entretanto, as zonas de conforto pode ser lugares físicos também: ao igual à poltrona favorita de seu pai, esse que sua mãe ameaça enviando ao lixo por sua destroçada tapeçaria, e que entretanto, não se preocupa que cumpra, e cada noite, volta a te sentar nele, te relaxando ou o rincão do café da manhã de sua mãe, onde o sol brilha no ângulo perfeito todas as manhãs, enquanto dá pequenos goles a seu café, vendo como o sol ilumina a rua ou a rosa de seu vizinho ancião ou a perfeição das ameixas passas, a pesar do sufocante calor do verão, sorrindo ao dia na distância.

A minha é a livraria.

Estou segura em seu interior. Sempre que as luzes estejam acesas, as Sombras não podem entrar; Barrons pôs guardas no edifício contra meus inimigos: o Lorde Master, Derek O'Bannion (que me quer morta por lhe roubar a Lança e matar a seu irmão), os espantosamente satânicos Caçadores Unseelie (que perseguem e matam sidhe-seer) e, em geral, todos os Fae, inclusive



V'lane; e se por alguma estranha casualidade, algo enguiça, tenho um arsenal pego a meu corpo e ocultei armas, lanternas, inclusive água benta e alho em lugares estratégicos por toda a loja. Nada me pode fazer mal aqui. Bom, está o proprietário, mas se ele for me prejudicar, não será até que acabe comigo, e, como estou longe de encontrar o livro, é um tema muito distante no tempo. Há um grau de comodidade nisso.

Quer conhecer alguém? Quero dizer, quer realmente conhecer alguém?

Lhe tire sua zona de conforto e verá o que acontece.

Sabia que não deveria ter ido ao terceiro andar, o de catalogação de livros, com dinheiro em efetivo da caixa registradora e com a porta desbloqueada dois andares por debaixo de mim, mas tinha sido um dia horrível e minhas guardas estavam baixos. Era de dia e eu estava na livraria. Nada me podia fazer mal aqui.

O sino da porta soou

—Vou em seguida.

Guardei o livro que tinha estado a ponto de catalogar em um lado da plataforma, sobressaindo-se um pouco para marcar seu lugar. Então, baixei correndo pelas escadas e senti que algo, como um taco de beisebol de beisebol, golpeava-me, conforme passava a última fila de livros.

Cai voando, de cabeça, sobre o chão de dura madeira. Uma Banshee aterrissou sobre minhas costas, tratando de me ligar as mãos à costas.

—Tenho-a - gritou a Banshee.

Meu traseiro, que me tinha. Não fui a agradável pessoa que estava acostumada a ser. Tinha uma torcedura, assim que lhe agarrei um punhado de seu cabelo, e extraí a força suficiente para lhe pôr uma bela dor de cabeça, por simpatia.

—Ow!

Uma mulher luta diferente que um homem. Uma não pode conseguir que lhe doam os seios a outra mulher, para nada. É como quando se tem o período. Eu, às vezes, seria capaz de comer meninos. Usei um punhado de seu cabelo como alavanca, envolvi ao seu redor, atirei-a de costas ao chão e a agarrei pela garganta. Quase a estava estrangulando, quando uma segunda Banshee aterrissou em minhas costas, mas esta vez, senti sua presença e golpeei com meu cotovelo, cravando de cheio em seu abdômen. Ela se desmoronou longe. Outra caiu sobre mim e dei murros no rosto. Seu nariz se rompeu sob meu punho e cuspiu sangue.

Três mulheres mais apareceram e a luta ficou realmente feia; perdi todas minhas ilusões a respeito de que as mulheres lutavam de maneira distinta, osso, de que eram o sexo débil. Em tanto o pensava, conectava mais golpes enquanto escutava seus grunhidos, quanto mais fortes melhor. Seis contra uma não era um combate justo.

Senti a mesma mudança que havia sentido esse dia no armazém, na Zona Escura, quando Barrons e eu lutamos juntos pela primeira vez, um ao lado do outro, contra os servos do Lorde Master e Mallucé. Senti, como eu mesma me convertia em uma força a ter em conta, em um perigo por direito próprio, inclusive sem a ajuda da carne Unseelie. Ainda não podia acreditar que essas fossem minhas próprias mãos.



Sentia-me cada vez mais sidhe-seer, cada vez mais forte, mais dura, me deslocando mais rápido do que um humano poderia, com a surpreendente exatidão de uma formação de tubarões, com a habilidade de um assassino profissional.

O único problema era... seus uniformes verdes, com o anagrama Correios Urgentes, Inc. ... Eram sidhe-seer, muito.

Evitar as aborrecidas cenas do combate, e segundo conto esta história, estou dando ao avanço rápido deste filme, nos economizando os detalhes.

Eu estava em minoria, mas, por alguma razão, pareciam ter um pouco de medo de mim. Decidi que Rowena devia as haver enviado e talvez ela lhes havia dito que eu era uma trapaceira, imprevisível.

Não nos equivoquemos, recebi uma surra. Seis sidhe-seer são um exército e me deram de pontapés em meu traseiro de seis maneiras diferentes, mas não podiam me dominar.

Como, tão abruptamente, uma situação passa a ser tão irrevogavelmente má, que te deixa pasmada pensando... Espera um minuto... quem tem o mando a distância? Onde está a tecla de rebobinar? Posso retroceder estes péssimos três segundos e fazer as coisas de maneira diferente?

Não queria matá-la.

É só que, uma vez que penetraram as sidhe-seers, segui tratando de raciocinar com elas, mas nenhuma delas me escutava. Estavam decididas a me deixar inconsciente e eu estava igualmente determinada a que não o fizessem. Não estava por deixar que me arrastassem à Abadia contra minha vontade, preferia ir por minha conta; como e quando voltaria a me sentir segura atrás desta soterrada emboscada da Rowena? Eu diria que nunca.

Logo começaram a exigir minha Lança, me revistando, tratando de averiguar se a levava... e algo se quebrou em mim, quando me dava conta de que Rowena tinha enviado a minha própria gente contra mim e não por mim, para me roubar minhas armas, como se ela tivesse direito! Eu era quem a tinha roubado e quem tinha pago por isso com sangue. Ela pensava me deixar indefesa? Sobre meu cadáver. Ninguém ia arrebatá-la de minha mão-ganhadora neste jogo.

Apalpei por debaixo de minha jaqueta para tirá-la e, antes que pudesse avisá-la, para que desse marcha para trás e escutasse minhas razões, e como já a tinha extraído da capa de meu ombro e retirado a bola de papel de prata protetor, a morena se equilibrou sobre mim e ela e a Lança... colidiram. Violentemente.

—OH. - disse, e seus lábios se congelaram na forma redonda da palavra.

Ela piscou e tossiu, florescendo o sangue em sua língua e manchando seus dentes. Procurei mais abaixo, o sangue em sua blusa e a Lança cravada em seu peito. Não sei que era mais confuso. Queria partir e me afastar tão longe como pudesse do que a terrível coisa lhe tinha feito (essas polegadas de aço assassinas), mas nem sequer nessas circunstâncias podia me forçar a deixar de lado a Lança. Era minha. Minha corda de salvamento. Minha única defesa nas perigosas e escuras ruas.

Suas pálpebras tremeram e de repente ela parecia... dormir, o qual não é tão estranho: a morte, ao fim e ao cabo, é o grande sono. Ela se estremeceu e seu corpo se desabou para trás, torcido. O sangue brotou da ferida ao tirar a Lança e parei ali observando sua agonia. O genocida



apunhalamento do Unseelie era uma coisa, mas este era sangue humano, em sua camisa, em sua calça, em mim, em todo mundo. Sentia-me quente e fria ao mesmo tempo. Muitos pensamentos de pânico colidiam em minha mente, me deixando em branco. Aproximei-me dela, mas seus olhos se fecharam e ela caiu, definitivamente para trás.

—Vou chamar a uma ambulância. - chorei.

Duas das sidhe-seer que a sujeitavam, deixaram-na gentilmente no chão e baixaram brandamente suas pálpebras.

Tirei meu celular.

—Qual é o número de emergência daqui? -deveria sabê-lo, mas não sabia

Ela parecia morta, mas não muito. Seu rosto estava branco, seus olhos fechados.

—É muito tarde para isso. - burlou-se uma delas.

Necessitava algo mais que ajuda médica.

—Eu posso conseguir algo para salvá-la. - gritei.

Deveria ter guardado os sanduiches, estúpida! Havia o pensando eu? Claro, provavelmente deveria começar a levar partes de Unseelie a viver comigo, por todo mundo.

—Posso mantê-la ainda.

Poderia correr, agarrar ao Fae escuro, mais próximo, arrastá-lo de novo aqui e dar-lhe pedacinhos. Ela se recuperaria. Eu gostaria de solucionar este problema e assim, ela não estaria morta, não podia está-lo, o Unseelie a curaria. Como já baixava correndo as escadas, uma delas me agarrou de repente pelas costas.

—Ela está morta, fodida idiota -vaiou -É muito tarde. Terá que pagar por isso...

... empurrou-me violentamente e me golpeei contra uma livraria. Caí sob uma escaramuça de mulheres de verde que golpeavam todo meu corpo. Meu futuro se mostrou como um flash ante meus olhos. Queria chamar à polícia, queria ser detida. Jayne me encarceraria e atiraria a chave. Ele nunca precisaria aprender autodefesa, especialmente, não com um roubo, o de uma antiga Lança. Haveria um julgamento. Meus pais teriam que voar mais. Isto destruiria o que ficava deles: uma filha apodrecendo-se em uma tumba, a outra em uma cela do cárcere.

Elas se levantaram e começaram a subir as escadas, chegando à planta principal. Começaram a apagar a cena do crime. Se eu tinha alguma esperança de ser declarada inocente, necessitava essa cena intacta.

—Não acredito que se deva fazer isso. Não devem chamar à polícia?

Talvez pudesse ir para fora do país antes que o fizessem; talvez Barrons poderia solucionar este problema. Ou V'lane. Eu tinha amigos situados muito acima, os mesmos amigos que me queriam, viva e livre, para fazer seus "trabalhinhos".

Uma delas me disparou um assassino olhar sobre seu ombro.

—Viu à polícia ultimamente? Além disso, agora a polícia não é humana -burlou-se -Temos nossa própria polícia. Sempre a tivemos. Sempre a teremos.

Havia uma inconfundível ameaça em suas palavras.

Apareci minha cabeça sobre a balastrada e vigiei até que desapareceram abaixo. Uma delas me olhou.



—Não trate de sair; só teríamos que caçá-la -vaiou -OH, compre um bilhete e parta -murmurou, enquanto fechava a porta de repente.

—Necessito que me empreste um carro. - disse ao Barrons, conforme entrou pela porta essa noite, pouco atrás das nove.

Ele levava um traje esquisitamente adaptado, uma impecável camisa branca e uma gravata de cor vermelha sangue. Seu cabelo escuro estava jogado para trás, afastado de seu formoso rosto. Abotoaduras de diamantes brilhavam nos pulsos. Seu corpo destilava com tal energia que saturava o ar a seu redor. Seus olhos estavam surpreendentemente brilhantes, inquietos, afiados como dardos. Pensei que era a parte superior de meu corpo a que era o foco desse olhar que consumia. Tratei de não pensar nisso.

Tenho dentro de mim uma caixinha que nunca acreditei que existisse e que não tivesse necessitado nunca que o fizesse. Está em minha mais profunda e mais escura esquina; é hermética, tirada o som e está fechada com cadeado. Esse lugar onde sigo pensando que não sei o que fazer com ele, que me poderia trazer problemas. Comer Unseelie martelar, também, no interior da caixa incessantemente. Trato de manter o beijar Barrons na dita caxinha, muito, mas às vezes, consegue sair. Não vou colocar a morte da vidente-seer na caixa. Isso é algo ao que tenho que fazer frente para poder

Obter meus objetivos.

—por que não diz a seu namorado Fae aonde quer ir para que a leve?

Trata-se de um pensamento, mas há outros pensamentos que se unem à reflexão e eu não tinha pensado ainda. Antes, em casa, quando estava realmente zangada por algo, como me romper uma unha o mesmo dia em que me tinha gasto muito dinheiro na manicura ou me encontrar a Betsy, que tinha ido a Atlanta com sua mãe para comprar o mesmo vestido rosa de baile que eu, tinha usado meu carro, com a música pisoteando a plena potência para conduzir durante horas até que me acalmava.

Precisava conduzir agora, para me perder na noite e queria sentir o trovão de centenas de cavalos explorando debaixo de mim enquanto o estava fazendo. Meu corpo estava golpeado em uma dúzia de lugares, minhas emoções estavam negras e azuis por toda parte. Tinha matado a uma jovem o dia de hoje. Por ação ou omissão, o caso é que estava morta. Amaldiçoei os caprichos do destino que me tinham levado a escolher esse preciso momento para desencapar minha arma, e a ela, a equilibrar-se sobre mim nesse momento exato.

—Não quero lhe pedir tão pouca coisa a meu namorado Fae.

Barrons franziu os lábios, quase lhe tinha feito sorrir e Barrons sorria tão freqüentemente como o sol saía em Dublin... e tinha o mesmo efeito em mim: me fazia sentir cálida e estúpida.

—Suponho que não gostaria que lhe chame a próxima vez que lhe veja nem me permitirá ver sua reação.

—Não acredito que queira esse trabalho, Barrons -disse docemente -Ninguém quer estar em seu entorno quando aparece. Não lhe parece incrível? Como se todo mundo tivesse medo de você.

Meu humor adocicado exorcizou o fantasma de seu sorriso.



—você tinha um carro específico em mente, Srta Lane?

Queria puro músculo esta noite.

—O Viper.

—por que devo deixar que o agarre?

—Porque me deve isso.

—por que o devo?

—Porque eu lhe suporto.

Ele sorriu então, realmente sorriu. Bufe e esperei fora.

—As chaves estão no mesmo lugar, Srta Lane. As chaves da garagem se encontram na parte superior da gaveta de meu escritório, lado direito.

Olhei-lhe bruscamente. Era uma concessão? Dizia-me onde tinha as chaves? Era uma oferta de uma mais profunda e mais confiada associação?

—É obvio, já sabe -continuou zombador -Você as viu a última vez que bisbilhotou em meu estúdio. Surpreendeu-me que não tentasse as utilizar então, em lugar de romper minha janela. Houvesse-me sentido menos ofendido.

Barrons merecia ser ofendido. Ele era o mais que lhe ofendia... era o mais... que tinha conhecido. A noite que tinha quebrado uma janela para entrar em sua garagem, não me tinha ocorrido levar as chaves porque eu tinha estado tão segura de que mantinha algum grande e escuro segredo encerrado nele, que certamente nunca teria deixado as chaves a minha disposição. (Ele seguia mantendo o enorme e escuro segredo, só que eu não havia resolvido como chegar a ele, ainda). Capturada em minha escapada noturna pelas câmaras de vídeo ocultas na garagem, a fita e com ela, as provas incriminatórias, tinham sido depositadas ante a porta de meu dormitório).

—me deixe adivinhar, você tem câmaras de vídeo ocultas no armazém também?

—Não, Srta Lane, mas pude cheirá-la. Sei quando você esteve em uma de minhas habitações e conheço sua natureza. Você bisbilhota.

Não tratei de negá-lo. É obvio que bisbilhotava. Do que outra maneira ia encontrar nada?

—Não pode cheirar onde estive - burlei-me.

—Cheirei sangue essa noite, Srta Lane e não era a sua. Por que está tão machucada seu rosto? O que passou hoje? Quem sangrou em minha livraria?

—Onde está a Abadia?

Pus-me os dedos sobre as bochechas. Estavam gelados, mas não o suficientemente. O tato era difícil e doloroso. Tinha milhares de golpes em meu corpo: minhas costelas eram uma confusão que doía ao respirar profundamente e minha coxa direita tinha uma contusão gigante; em minha acne havia enormes hematomas como ovos de ganso; temia que vários de meus dedos estavam quebrados, mas além de estar um pouco torcida, sentia-me melhor agora.

—Por que? É aonde quer ir esta noite? Você crê que é sábio? O que aconteceu, lhe atacaram?

—Estava ali Como me encontrou ontem à noite? Andava-me procurando? -estava irritada por isso.



—Por que tinha aparecido quando eu estava com V'lane? Parece muito casual para ter sido pura coincidência.

—Ia de caminho a Chester - Ele se encolheu de ombros - Pura coincidência. A marca?

Chester. Como quando o Inspetor O'Duffy tinha falado com um homem chamado Ryodan que, segundo Barrons, tinha falado de mais sobre coisas das que não devia falar, como do mesmo Barrons, por exemplo. Fiz uma nota mental para procurar Chester, e uma pista do misterioso Ryodan, e ver o que podia descobrir

—Tive uma luta com outras sidhe-seer. Evite as respostas, se quiser Barrons, mas não me trate como se fora idiota.

—Eu sabia que estava perto ontem à noite. Dava um rodeio para me assegurar de que estivesse bem. Como foi a luta? Está você... sã e salva?

—Principalmente. Não se preocupe, estou intacta em todas as maneiras nas que me necessita. Não tenha medo, seu detector OOP pessoal está aqui -minha mão se dirigiu à base de meu crânio -É a marca? você pode me encontrar tão facilmente por ela?

—Sinto quando está perto.

—Isso fede - disse amargamente.

—A posso tirar, se assim o desejar -disse -Seria... doloroso.

Seu brilhante olhar se reuniu com a minha e nos olhamos fixamente um ao outro um comprido momento. Nas profundidades obsidiana, vi a escuridão da gruta do Mallucé, revivendo minha própria morte de novo.

Através dos anais da história, as mulheres pagaram um preço por seu amparo. Um dia, não terei que fazê-lo.

—Agüentarei-o. Onde está a Abadia, Barrons?

Ele escreveu "Arlington Abbey" e uma direção em uma parte de papel para mim e em um mapa da biblioteca, marcou com uma X o lugar. Estava a várias horas de Dublin.

—Quer que a acompanhe?

Sacudi a cabeça.

Estudou-me um comprido momento.

—Então, boa noite, Srta Lane.

—O que acontece ao detecção do OOP's?

—Podemos fazê-lo qualquer outro dia. Estou ocupado com outras coisas agora. Entretanto, logo o faremos.

—Com o que está ocupado?

Era uma inócua pergunta. Às vezes, obtinha respostas.

—Entre outras coisas, estou seguindo aos que puxaram pela Lança - disse, me recordando que tinha tirado vários nomes do computador portátil do Mallucé na gruta, opositores em um leilão pela arma. Imaginava que estava tratando de averiguar que tinham em sua posse que quiséssemos nós e logo o estaríamos roubando, tão seguro quanto há céu sobre a terra e um plano em sua mente. A detecção OOP planejava no horizonte. Assustou-me dar conta de que o estava esperando ansiosa.



Barrons inclinou sua cabeça escura e saiu; olhei fixamente a porta atrás de que ele se foi. Havia vezes em que queria voltar para meus primeiros dias com ele, quando eu pensava que era só um homem dominante, como um humano. Mas ele não o era e se houver uma coisa que aprendi nos últimos meses, de algumas das mais dolorosas formas, é que não há volta atrás, nunca. Era isso o que parecia, feito está”, “os mortos seguem estando mortos” (bom, em sua maioria; Mallucé tinha tido alguns problemas com isso), e “todas as lamentações do mundo não podem trocar uma só coisa”. Se se pudesse, seria que Alina estivesse viva e eu, nem sequer, estaria aqui.

Agarrei o telefone e marquei um número. Não me surpreendeu, absolutamente, que respondesse alguém há uma hora tão tardia, em Cartas e Pacotes, Inc, do Dublin, o serviço de mensagens em bicicleta que albergava às sidhe-seer da Rowena, que mantinham o olhar fixo sobre o que estava acontecendo ao redor da cidade, sob o pretexto de entregar cartas e pacotes urgentes.

Sua Casa Mãe, a Abadia, está longe da cidade, e me informou que, precisamente, na Abadia, era onde se encontrava agora Rowena.

—Bem. Lhe diga a velha estarei ali em duas horas - e pendurei.

Capítulo 5

O Viper não é nem o carro mais caro nem o mais rápido do mercado, mas oferece tudo o que promete. Tem grandes linhas, uma atitude agressiva e sobe a sexta em menos de quatro segundos. Se eu retornasse a casa de novo, não saberia o que fazer com meu Toyota, sentir-me-ia como Pedro Picapedra tirando os pés por debaixo do capacho.

A última vez que Barrons me deixou conduzir o Viper, e, quão única o tinha feito, foi faz muito tempo e logo se acabou. Em seu lugar, estava um dos novos, com uma quente carroceria, elegante, baixo e temperamental: um TER-10 com 90 cavalos adicionais sobre um total de 600 cavalos e 560 libras por pé de torção. Era negro sobre negro com cristais polarizados, e assemelhava uma espécie de besta de metal agachada, esperando, (não, desejando) que o agarrasse e provasse seus limites. Eu estava desejando pôr minhas mãos sobre ele.

Parei-me por um momento, absorvendo a incrível coleção de carros do Barrons, escutando atentamente, alerta a qualquer som ou vibração do chão. Nada. Seja qual fosse a criatura debaixo da garagem, ou estava dormindo ou tinha trocado de lugar. Imaginei um montão de trevas rodeando um montão de ossos recolhidos limpamente e sacudi a cabeça para dissipar a imagem.

Deixei-me cair no interior de couro negro de dois lugares, arranquei, escutei o motor, sorri, pus primeira e saí da garagem. Uma queixa sobre o Viper (dessas pessoas que preferem um quatro cilindros automático e vivem a realidade indiretamente através de programas de televisão) é que o compartimento de passageiros fica muito quente por causa dos gases de escape, e que é muito ruidoso quando se abre a capota na estrada.



Acelerei o motor. O rouco grunhido se magnificava nas calçadas da rua e ri em voz alta. Assim é o Viper: músculo e machismo, e decididamente, quero-o.

A minha direita, a enorme Sombra quase eclipsa o edifício detrás dela; murmuro algo que faria empalidecer a minha mãe, mas conservou minhas mãos no volante e mudança de velocidade. Não queria derrubar ante os monstros em lugar desconhecido e ser uma estatística mais de um assassinado em estrada; além disso, não via nenhuma vantagem em me inimizar com uma Sombra inimizada que já era muito mais consciente de mim do que me teria gostado.

Conduzir um carro, para mim, é muito mais quente que o sexo, ou, ao menos, muito parecido; o sexo deveria ser: uma experiência corporal total, entristecedora para todos os sentidos, indo a lugares aos que nunca foste, como um murro que te deixa sem fôlego e toca sua alma. O Viper era muito mais satisfatório que meu último namorado.

Subi a música e me deslizei na noite. Não queria pensar no que tinha acontecido no dia de hoje. Tinha tido toda a tarde para pensar nisso e tomar minhas decisões. O tempo para a reflexão tinha terminado, tinha chegado o momento da ação.

A vinte minutos da Abadia, no centro do que chamaríamos BFE⁴ em minha casa, rodeada de muitas ovelhas e muito poucas cercas para minha comodidade com este tipo de carro tão caro, saí-me ao estreito bordo da estrada de dois sulcos, na escuridão; olhei ao redor para me assegurar de que não havia erva e folhagem muito altos, me tranquilizando a mim mesma iluminando com os faróis as sombras, e saí do carro.

A coisa de minha língua tinha estado me incomodando desde V'lane a tinha posto ali. Não sabia quanto tempo ia ser capaz de suportá-lo. Mas no momento, alegrava-me de que o tivesse feito.

“Se me necessitar, abre a boca e estarei ali” havia dito.

Nunca acreditei que o estaria usando menos de vinte e quatro horas mais tarde, mas havia algo que tinha que fazer esta noite, e necessitava um guarda-costas. Um grande guarda-costas. Necessitava algo que Rowena temesse e Barrons não encaixava tão bem no plano como o Príncipe Seelie.

Tratei de decidir no que podia consistir essa necessidade, em uma forma de liberar o “piercing” de minha língua. O mero feito de pensar nele? Poderia ser que não. Havia pensando nele ao menos a metade do dia, havia-o sentido queimar-se a fogo lento na parte de atrás de minha mente, desde que a tinha posto ali. Talvez, com o tempo, eu gostaria do intruso. Duvidava-o muito.

—V'lane, o necessito. - disse-lhe de noite e a coisa em minha boca nem se moveu.

Traguei saliva. A coisa se desenrolou de repente contra a parte de atrás de meus dentes. Cuspi convulsivamente. Algo suave e escuro explodiu em minha boca, golpeando o ar, e desapareceu.

—Sidhe-seer.

⁴ (N. De T: Bum Fuck Egypt, “em metade da puta nada”)



Dava um salto. V'lane estava detrás de mim. Abri a boca e a fechei de novo, lamentando aqueles velhos tempos do telefone celular. Talvez, a radiação haveria frito meu cérebro atrás de décadas de uso repetido, mas me sentia já bastante frita utilizando métodos de comunicação Fae uma só vez.

Não me incomodei em alcançar a Lança. Seu peso frio em meu ombro se foi. Tinha desaparecido no intervalo no que ele se materializou. Eu gostaria de provar a rapidez com a que se materializava para ver se conseguia detê-lo. Fiz uma nota mental para tentá-lo que a próxima vez.

—Fae. - devolvi a saudação, poderia dizer-se que, burlonamente

Como caramba tinha terminado em um mundo com tão estranhos métodos de saudação? De todos os homens que tinha conhecido em Dublin, só Christian me chamava Mac.

—Me dê minha Lança de novo - sabia que não o faria, mas não perdia nada por pedir.

—Eu não venho a ti, armado com armas letais humanas.

V'lane estava em pleno modo Fae: uma dúzia de brilhantes tons exóticos, seus olhos iridescentes, paralisando meu coração com sua incrível sexualidade. Literalmente.

—Você já é uma arma letal humana.

Seu olhar dizia algo como “assim é como deve ser”

—Por que me chamou?

Ele aguardou impaciente, como se lhe tivesse interrompido em meio de algo importante.

—Quanto desejas o Livro para sua Rainha?

—Se o encontraste e me está ocultando isso...

Sacudi a cabeça

—Não o estou ocultando. Mas todo mundo quer minha ajuda para encontrá-lo e não estou segura de quem é o mais forte ou o que me vai ajudar mais. Há coisas que também eu quero.

—Dúvidas de meu poder?

Seus olhos de prata pareciam afiadas adagas, e tive uma repentina, estranha visão de... farrapos de minha memória genética?... de um Fae esfolando a pele de um corpo humano com só um olhar. Se você tropeçar de cara com um deles, nós o ensinamos assim a nossos filhos, nunca olhe aos olhos. Não porque temamos ser hipnotizados (um Fae não necessita contato visual para fazê-lo), mas sim porque se nossos filhos forem morrer horrivelmente, não queríamos ver sua sorte refletida nos desumanos olhos.

—Por que me deixou quando Barrons apareceu? -perguntei-lhe.

—Desprezo-lhe.

—Por que?

—Não é seu assunto. É você tão idiota que acredita que pode me convocar para me interrogar?

Tremi visivelmente dentro de meu suéter e minha jaqueta. A temperatura tinha baixado bruscamente. Os sentimentos Fae são tão capitalistas que seu prazer ou desgosto afeta ao clima, se ele o permitir. Recentemente, tinha-me informado de que os Caçadores Unseelie, com suas grandes asas de couro, bifurcadas línguas e olhos ardentes, tinham esta faculdade, também.



—Chamei-te porque necessito sua ajuda. Pergunto-me se só você pode fazer o que necessito que faça.

—Eu te mantereí viva. E não te deixarei... o que é o que te desagrada tanto que não pudeste me convocar antes? Ah, diz que sofreu horrivelmente... Eu não vou permitir isso.

—Isso não é suficiente. Necessito-te para nos manter a todos com vida esta noite e não deixar a ninguém sofrer horrivelmente. Preciso saber que não voltará aqui outro dia e lhes fará nenhum mal.

As sidhe-seer se esconderam dos Fae durante milhares de anos e eu estava a ponto de guiar a uns das mais capitalistas diretamente a sua oculta guarida. Chamar-me-iam traidora? Jogar-me-iam? OH, bom, já parecia. As que deveriam ter sido minhas aliadas nesta batalha estavam agora preparando a fogueira para mim, graças a Rowena. Eu gostaria não ter tido que fazer isto, se não me tivessem empurrado tão até a data.

Reduziu seus estranhos olhos e me olhou. Então riu.

Pilhei a mim mesma atirando para cima de meu suéter, sorrindo como uma vampiresa, inchados os peitos, erguidos meus mamilos.

—Te desative. -grunhi - Temos um trato, recorda? Disse que te apagaria enquanto estivesse comigo.

Ele se esfumou e foi uma vez mais o homem que tinha visto a noite anterior, em jeans, botas e jaqueta de motociclista.

—Me esqueceu. - não havia nenhuma gota de verdade ou contrição em suas palavras - Vai à Abadia.

—Pelos pregos de Cristo! - explodi - É que todos sabem tudo menos eu?

Consolei-me com a idéia de que ao menos, agora, não tinha que me sentir mal por trair sua localização ante V'lane. Ele já sabia.

—Ao parecer assim é. É jovem. Seu minúsculo tempo é apenas um bocejo em minha vida - deteve-se e acrescentou - e na do Barrons.

—O que sabe do Barrons? - exige.

—Que seria muito mais prudente depender de mim, MacKayla.

Ele se transladou para mim e eu retrocedi. Inclusive em sua silenciada e humanizada forma, era puro sexo. Ele me ultrapassou, deteve-se no Viper e posou sua mão sobre a elegante curva do capô. V'lane de pé ao lado do negro-sobre-negro Viper era uma coisa digna de ver.

—Quero que venha à Abadia comigo -disse-lhe -Como meu guarda-costas. Quero que seja meu amparo, mas não lhe fará mal a nenhuma das sidhe-seer dali.

—Creem que pode me dar ordens?

A temperatura caiu em picado de novo e neve em pó caiu sobre meus ombros.

Reconsiderarei-o, não tinha me expresso bem: mamãe sempre dizia que se atraem mais moscas com mel que com vinagre.

—Promete-me que não machucará a nenhuma das sidhe-seer? -cruzei os dedos mentalmente e acrescentei - Por favor?



Ele sorriu, e, perto, uma árvore de aspecto aveludado, com fragrantes floresça brancas, banhava o ar picante da noite com aromas de especiarias. Uma exuberante quantidade de pétalas de alabastro, caíram ao chão e se decompuseram rapidamente. Da vida à morte em questão de segundos. Isto era o que ele queria me ensinar?

—Vou conceder te isto. Eu gosto quando diz “por favor”. Diga-o de novo

—Não. Uma vez é suficiente.

—O que me dará em troca?

—Já o estou fazendo. Te ajudar a encontrar o Livro.

—Não é suficiente. Quer que Um Príncipe Fae seja seu cão guardião. Tem um preço, MacKayla: deixará-me fodê-la.

Ofeguei. De repente, estava tão zangada que não podia nem pensar. Não ajudava que suas palavras tivessem provocado uma marejada de emoções eróticas ondulando em meu ventre. amplificou-se a se mesmo outra vez? Tinha disparado algum dardo de sexo Fae para mim?

—Não. Nem que o inferno se congele vou oferecer ter sexo comigo em troca. Entendido? Algumas coisas não são negociáveis e esta é uma delas.

—Não é mais que um coito, um ato físico, ao igual a comer ou excretar. por que lhe concede tanta importância?

—Talvez para um Fae seja simplesmente um ato físico, e talvez para algumas outras pessoas, muitas, mas não para mim.

—Porque o sexo foi estupendo em sua breve vida? Porque teve amantes que têm feito que seu corpo queime e sua alma se derreta em seu fogo? – burlou-se ele.

Levantei altivo meu queixo.

—Possivelmente não até agora, mas sim algum dia.

—Lhe vou dar isso agora, um êxtase mortal, mas não permitirei que morra, deterei-me antes de que isso aconteça.

Suas palavras me deixaram gelada: era como um vampiro prometendo deixar de te drenar antes que as últimas gotas de sangue que mantinham seu coração pulsando se esgotassem.

—Esquece-o, V'lane. Sinto te haver convocado. Cuidarei de meus assuntos por mim mesma. Não te necessito, nem a você nem a ninguém.

Abri a porta.

O golpe foi tão rápido que quase perdi um dedo da mão, assustou-me sua repentina violência. Ele me esmagou contra o Viper e tocou meu rosto. Seus olhos eram nitidamente hostis e seus dedos suaves como plumas de luz.

—Quem te machucou?

—Tive uma briga com algumas sidhe-seer. Sai de em cima de mim.

Ele passou um dedo de sua mão sobre minha maçã do rosto e a dor desapareceu; logo desceu para minhas costelas e dor já não me aguilhoava com cada fôlego; quando deslizou sua mão para minha coxa, senti como desaparecia o enorme hematoma e ao pressionar sobre minha acne, deixaram de estar machucadas. Minha carne queimada como resultado de seu contato.

Ele baixou sua cabeça para diante, seus lábios perto de meus.



—Me ofereça algo em troca do que te pedi, MacKayla. Sou um Príncipe e tenho meu orgulho.

Apesar de que seu toque era suave, senti a rigidez de seu corpo, e eu sabia que não podia lhe empurrar mais.

No Sul, entendemos o orgulho. Perdemos quase tudo uma vez, mas Por Deus que conservamos nosso orgulho. Podemos amontoar combustível em uma pira, aticá-lo tão alto como em um crematório e atrás nos imolar nela com tal de defender nosso orgulho.

—Sei como se desloca o Livro. Não o hei dito a ninguém.

A pressão do corpo do Vlane contra o meu abria portas em minha mente e deixava ao descoberto coisas que tivesse preferido não saber que existiam.

Seus lábios roçaram minha bochecha e tremi.

—Barrons não sabe?

Neguei com a cabeça. Seus lábios roçaram meu ouvido.

—Não, poderia dizer-lhe.

—E não o contará ao Barrons? Será nosso segredo?

—Não e sim. Nessa ordem. - Odeio quando a gente faz baterias de perguntas, uma detrás de outra.

Sua boca era um incêndio em minha pele.

—Diga-o.

—Não vou dizer ao Barrons e será nosso segredo – não perdia nada, não tinha pensado contar-lhe de todos os modos.

V'lane sorriu.

—Temos um trato. Me conte.

—Atrás de que me ajude.

—Agora, MacKayla ou irá sozinha. Se eu posso acompanhar a uma Null dentro de um ninho de sidhe-seer, acredito que posso pedir um pagamento adiantado.

Não havia espaço para a negociação em sua voz.

Odiava perder qualquer de meus agarres no jogo, mas se tinha que dar a V'lane uma peça de informação que tivesse preferido não lhe dar, a fim de manter a Rowena longe de minhas costas, que assim fosse. Não podia estar em guarda ante todos e cada um dos perigos da cidade. Os Fae já eram um bastante mau, mas, ao menos, poderia despreocupar-me das servas da Rowena, que passariam meus olhos como seres humanos normais e poderiam aproximar-se de mim antes que eu me desse conta de que eram um perigo. Embora meu instinto de amassar Fae era forte, meus instintos para atacar a um humano não o eram e não queria que chegassem a sê-lo nunca. Os seres humanos não eram meus inimigos, mas precisava lhe enviar a Rowena e a suas sidhe-seer um grande, grande mensagem de “Atrás” e V'lane era o mensageiro perfeito.

Entretanto, eu não tinha que lhe dizer tudo.

Empurrei a uma posição apoiada sobre o Viper. Ele contemplou minha retirada com um sorriso zombador. Sentia-me melhor com uma dúzia de passos entre nós e comecei a selecionar



porções do que eu tinha visto, desde aquele pestilento atoleiro. Disse-lhe que passava de pessoa a pessoa, cometendo delitos.

Mas não lhe disse nada dos três aspectos que tinha apresentado o Livro, ou a gravidade dos crimes, ou que matava ao anterior "portador" antes de transladar-se; permiti-lhe acreditar que passava de um ser humano a outro. Desta forma, se ele decidia me apertar as porcas, muito, queria ter um cabo. Necessitava todos os cabos que pudesse conseguir. Sabia que V'lane não considerava os seres humanos forma de vida verdadeiramente "viáveis" e não tinha mais raciocínio para confiar nele que no Barrons. V'lane podia ser Seelie e Barrons podia me manter viva, mas tinha muitas perguntas sem resposta a respeito dos dois. Minha irmã tinha crêdulo em seu noivo até o final. Ela tinha procurado desculpas para Lorde Master da mesma forma que eu tinha vindo fazendo com o Barrons? É que alguma vez ia obter resposta para algumas de minhas perguntas? Ele me disse mais a respeito do que sou que ninguém. Mas, poderia me matar sem piedade? Ele fazia tudo para manter minha segurança... coisa que tinha feito, até o momento, ao menos meia dúzia de vezes. V'lane também: ele era um Fae-morte-por-sexo, que nunca realmente me tinha prejudicado. Mas, poderia fazer que me fora despindo por cada lugar público que quisesse? Ele me salvou das Sombras...

Sou uma garçõete. Eu gosto das receitas. São concretas. A receita da sedução tem o encanto de um disparo, dois disparos são auto-engano, é o sacudido, não agitado?

—Seguiu consciente todo o tempo?

Assenti.

—Poderá te aproximar dele?

Sacudi minha cabeça.

—Como vais encontrar o de novo?

—Não tenho nem idéia -menti -Dublín tem mais de um milhão de pessoas e a taxa de criminalidade foi subindo. Caso que se mantenha na cidade, e nem sequer estou segura disso (isto era uma mentira, não sei por que estava tão segura disso, mas acreditava que o Livro não tinha nenhuma intenção de deixar as caóticas ruas do Dublin no momento, nem em qualquer outro de um futuro próximo) estamos procurando uma agulha em um palheiro.

Estudou-me um momento e logo disse:

—Muito bem. Mantiveste sua parte do pacto. Agora vou cumprir o meu.

Abandonou o carro e se dirigiu à Abadia.

Arlington Abbey foi construído sobre terreno consagrado no século VII, sobre uma igreja originalmente construída por São Patrício no ano 441 AD que se incendiou. A igreja, curiosamente, construiu-se para substituir a um círculo de pedras em ruínas que alguns afirmavam, tinha sido sagrado para uma antiga irmandade pagã faz muito tempo. O círculo de pedra que supostamente tinha sido construído sobre um shian, ou montículo das fadas, que tinha oculto em seu interior uma entrada ao Outro Mundo.

A Abadia foi saqueada em 913, reconstruída no 1022, queimada em 1123, reconstruída em 1218, queimada em 1393 e reconstruída em 1414, ampliando-se e enriquecendo-se cada vez. Cresceu no século XVI, e mais ainda, no XVII, patrocinada por um anônimo e rico mecenas que



completou o retângulo de pedra dos edifícios, anexou-lhe o pátio interior, a moradia e acrescentou (ante o assombro dos aldeãos) até a um milhar de residentes. Este mesmo doador desconhecido comprou a terra em torno da Abadia e converteu o enclave no centro de operações independente que é hoje. A Abadia conta com seus próprios produtos lácteos, frutíferos, gado bovino, ovino e extensos jardins; o que mais destaca uma elaborada cúpula de cristal convertida em estufa para albergar algumas das mais estranhas flores do mundo e ervas do mais incomum.

E isso foi tudo o que tinha sido capaz de averiguar sobre o lugar nos vinte minutos que tive para navegar por Internet antes de procurar a direção que Barrons me tinham marcado.

Hoje em dia, a Abadia de Arlington era propriedade de uma sub-corporação de uma corporação muito maior que formava parte da grande exploração de uma empresa ainda maior. Ninguém sabia nada, hoje em dia, sobre suas operações. Curiosamente, ninguém parecia sentir saudades. Pareceu-me espetacularmente estranho que um país que tinha tal quantidade de apaixonados por suas abadias, castelos, pedras e um sem número de outros monumentos, não se perguntasse a respeito destas questões na mais extraordinariamente bem conservada Abadia dentro de suas fronteiras. Mas não, e aí estava, no centro de quase um milhar de hectares, silenciosa, misteriosa e privada, e a ninguém incomodava.

Perguntava-me que enorme importância tinha este lugar para as sidhe-seer que o tinham protegido obstinadamente, inclusive sob a cristandade e que haviam reconstruído cada vez que tinha sido destruído, fortalecendo-a cada vez mais, até convertê-la em uma fortaleza proibida situada sobre um escuro lago.

No assento do passageiro, V'lane se encolheu e pareceu sacudir-se.

Olhei-lhe.

—Vamos deixar o carro aqui - disse.

—Por que?

—As da abadia me... incomodam... com seus intentos de me desafiar.

Tradução: A abadia tinha guardas.

—Pode atravessar as guardas?

—Não podem impedir minha entrada. Vamos peneirar ". Elas não podem pôr guardas contra isso.

Bem, isso era preocupe-se, mas queria entrar e o primeiro é o primeiro.

—Barrons disse que pode peneirar o tempo também. -Em realidade, ele havia dito que os Fae podiam fazê-lo, nada mais. -Com isso se poderia voltar para passado.

Nesse caso, Alina poderia estar ainda viva, poderia salvar a minha irmã e este terrível futuro poderia acautelar-se... e poderíamos reatar nossas vidas felizmente ignorantes, desconhecedoras do que fomos felizes com nossa família em Ashford, Georgia, e nunca nos afastaríamos dali. Casaríamos-nos, teríamos filhos e morreríamos em nosso Sul a uma idade avançada.

—É isso certo? Pode ir para trás no tempo?

—Em um momento determinado, pudemos, mas inclusive então, estávamos limitados, embora não a Rainha. Já não possuímos essa capacidade. Estamos tão apanhados no presente como os seres humanos.



—Por quê? O que aconteceu?

Ele se encolheu de ombros.

—Para o carro, MacKayla. Não desfruto disto. Seus guardas são muito aborrecidos.

Parei o motor. Quando saímos, olhei fixamente o teto do automóvel.

—Portanto, as guardas são incômodas para você, mas isso é tudo? Não podem te manter fora?

Poderia entrar na livraria em qualquer momento que ele quisesse? as guardas do Barrons podiam me manter a salvo de qualquer Fae?

—Isso é correto.

—Mas eu pensei que não podia entrar na livraria. É o que pretendia a noite que me atacaram as Sombras?

—Estivemos falando das guardas sidhe-seer: a magia que sua gente sabe e a magia que Barrons sabe não é a mesma. -seu olhar se acerou ante a menção de meu empregador. -Vamos. me dê sua mão para que possa te peneirar comigo e pensa nisto: se me anular dentro dos muros, se arrependerá. Uma vez mais, MacKayla, vê a confiança que te outorgo? Permito-te entrar em seu mundo sidhe-seer, onde sou temido e odiado, e onde dependo de sua misericórdia. Não há nenhum outro entre minha gente que o considerasse.

—Não te anularei. Prometo-lhe isso.

Barrons ainda tinha uma vantagem sobre outros. por que não me surpreendia isto? Como tinha conseguido ocultar o espelho Unseelie de mim? quanto mais profunda e mais escura era a magia que sabia? Não podia estar muito compungida por isso, pois significava que, realmente, estava segura na livraria. Que complexo era isto! Agradecia o poder em qualquer parte onde pudesse encontrá-lo, a condição de que esse poder trabalhasse para mim.

—Está claro o que eu vou fazer e o que você não vais fazer?

—Tão claro como seus transparentes desejos, sidhe-seer.

Fiz uma careta, desci-me do carro e tomei sua mão.

Em casa, em Ashford, tenho um grande grupo de amigos.

Não tenho nenhum em Dublin.

O lugar onde pensei que poderia fazer amigos se encontrava na Abadia, entre minha própria espécie. Agora, graças a Rowena, fechava-se esta oportunidade para mim. Ela tinha jogado com minha vida desde a primeira noite que cheguei a Irlanda, quando eu quase me tinha traído mesma em um pub com o primeiro Fae que tinha visto jamais e, em lugar de tomar e me ensinar o que era, tinha-me insistido a "morrer em outro lugar".

Atrás tinha assistido passivamente a minha quase violação por parte de V'lane em um museu. Logo tinha enviado a seus sidhe-seer a me espiar (como se eu não fora uma também!). E, finalmente, ela tinha acrescentado o insulto à injúria (as enviando a me atacar e roubar minha arma, me obrigando a matar a uma das minhas). Nenhuma só vez me acolheu com benevolência Rowena. Nenhuma só vez me tinha demonstrado nada, mais que desconfiança e desdém sem uma boa razão!



Estas mulheres nunca me vão perdoar pela morte de uma delas. Eu sabia e não estava aqui para lhes pedir que o fizessem. Não é a mão que se repartiu o que importa, é o como jogar as cartas.

Estava aqui para pôr as coisas claras.

Rowena fazia uma declaração de intenções esta tarde, mediante o envio de suas sidhe-seer detrás de mim, com ordens de me submeter e roubar minha arma; ela havia dito: não é uma de nós e a única forma em que pode te converter em uma, é te submetendo por completo a minha vontade. M dê sua arma, me obedeça em tudo e te permitirei entrar.

Eu estava aqui para fazer minha própria declaração: vai-te ao diabo, velha!. Para fazer mais contundente meu ponto de vista havia trazido como protetor a um Príncipe Fae capaz das destruir a todas (embora nunca deixaria que o fizesse). Se ela era uma mulher sábia, não me atacaria outra vez e ela cancelaria o ataque de sua matilha. Já havia um número suficiente de pessoas e monstros jogando comigo.

Maldita seja! Queria amigos e os queria entre minha própria classe!

Eu queria a meninas como Dani, jovens que confiassem em mim, para falar, para compartilhar os segredos de nosso patrimônio. Queria pertencer aqui, queria aprender sobre os O'Connor, o sangue da que supostamente descendia e cujo último membro com vida era.

—Me leve. -disse a V'lane, me preparando para a "peneiração".

Perguntei a V'lane por que os Fae o chamavam peneiração e me disse que era a única palavra humana que englobava os elementos básicos do que fazia. Os Fae crivam as ilimitadas dimensões, como grãos de areia através de seus dedos, deixando um pouco derramar-se aqui, outro pouco derramar-se ali, classificando-os até que chegam aonde queriam. Quando escolheram, as coisas trocam.

Pergunto-me se isso significava que elegeu o "grão" do lugar onde queria estar e se transladava ali com o poder do pensamento. Ele disse que não se movia. Segundo ele, nem nós, nem as dimensões o faziam, simplesmente... trocavam. E estava uma vez mais, a dualidade dos fae: mudança ou estancamento.

A peneiração era como morrer: simplesmente deixava de existir por completo e, então, estava de novo ali.

É indolor, mas muito inquietante. Um momento antes estava fora, de pé junto ao Viper, na escuridão, atrás, subitamente cegada por um incêndio de faíscas e, logo, quando pude ver de novo, estavam no interior das brilhantemente iluminadas paredes do Arlington Abbey.

As mulheres estavam gritando. Muito e em voz muito alta. Era ensurdecedor.

Por um momento, acreditei que nos estavam atacando. Então entendi: Eu era o ataque. Estava escutando o som de centenas de guardas sidhe-seer detectando a um imensamente poderoso Fae dentro de suas paredes. Tinha-me esquecido desse pequena detalhe; é obvio que tinham recebido V'lane e gritavam e choravam.

—Quer que as elimine? -disse V'lane.

—Não as deixe. Pararão em um minuto.

Isso esperava.



Fizeram-no.

Ele nos havia peneiração à parte traseira da abadia, onde esperava encontrar os dormitórios. Minha previsão, apoiada no esboço que tinha visto na Internet, tinha sido exata. Uma por uma, abriam-se as portas, as cabeças apareciam, as bocas se abriam, gemiam e as fechavam de novo.

Uma familiar cabeça o cabelo encaracolado de cor vermelha surgiu de uma habitação próxima.

—OH, está foddidamente morta! -exclamou Dani. -Já te encontrava em graves problemas antes, mas agora ela te vai matar.

—Cuida sua linguagem, Dani - falou a mulher que apareceu na porta detrás dela.

Dani rodou seus olhos.

—Eu gostaria de ver seu país - disse-me.

A comissura da boca da jovenzinha se elevou.

—Como te atreve a vir aqui? Como te atreve a trazer essa coisa aqui?

Exigiu uma sidhe-seer em pijama, assinalando com um dedo a V'lane. Outra cabeça apareceu detrás dela, seu nariz fortemente enfaixado. Conhecia essa mulher: meu punho se estrelou contra sua cara. Seus olhos injetados de sangue eram para chorar e lhe olhou com aberta hostilidade.

O notando rígido, coloquei uma mão sobre seu braço, cuidando de que não acreditasse que tinha intenção de lhe anular, mas sim como uma amostra de solidariedade com a que esperava lhe acalmar.

O corredor estava cheio de sidhe-seer em distintos estados de nudez. Não porque estivesse V'lane, mas sim porque era depois da meia-noite e as tínhamos despertado. Ao parecer, foi fiel a sua palavra. Nenhuma só sidhe-seer se despiu. Eu não senti o fantasma do formigamento sexual. Não obstante, todas lhe olhavam fixamente.

—Não me atrevi a vir aqui sem o Príncipe V'lane. -O uso de seu título lhe agradou, senti um músculo deslizando-se brandamente por debaixo de sua pele. -Rowena enviou a seis de vocês por mim o dia de hoje.

—Vi que retornaram - a mulher em pijama falou. Ela olhou sobre seu ombro enfaixado a sua habitação e, continuando, voltou para mim seu olhar frígido. -Elas receberam uma grande surra, mas não há sinal em você, nem uma só marca - fez uma pausa e logo cuspiu - Pri-já.

—Eu não sou Pri-já!

—Viaja com um príncipe Fae, toca-lhe livremente, por própria vontade. O que outra coisa poderia ser?

—Prova com uma sidhe-seer que colabora com um príncipe Fae a fim de ajudar à Rainha Aoibheal a encontrar o Sinsar Dubh e assim arrumar a confusão no que estamos todos - disse friamente. -V'lane me aproximou em nome da Rainha dos Seelie, porque posso sentir o Livro Escuro quando se encontra perto. fui-

Ela gemeu.

—Pode sentir o Sinsar Dubh? Está perto? Viu-o?

Olhei às sidhe-seer situadas acima e abaixo do corredor e exclamei.

—Nenhuma pode senti-lo?



Olhei ao redor. As caras voltadas para mim refletiam assombro. Era meu próprio espelho. Eu pensava que, certamente, haveria outras como eu, uma ou duas pelo menos.

Dani sacudiu sua cabeça.

—A capacidade de sentir objetos Fae é extremamente estranha, Mac.

Sua companheira de habitação disse rigidamente.

—A última sidhe-seer com essa capacidade morreu faz muito tempo. Não tivemos êxito na cria das de seu sangue.

A cria das de seu sangue? O suave acento irlandês não suavizou as palavras nem um pouco. Eram frias. Fez-me pensar em batas brancas, laboratórios e placas de Petri. Não era de sentir saudades que eu estivesse tão solicitada; não era de sentir saudades que Barrons estivesse decidido a me manter viva e tinha a um Príncipe Fae de escolta... e Lorde Master ainda não tinha posto em marcha seu ataque contra mim. Todos eles me necessitavam viva. Eu era o alvo. Eu era a única.

—Você matou a Moira! -acusou-me uma mulher da porta.

V'lane me olhou com agudo interesse

—Matou a uma das tuas?

—Não, eu não matei a Moira. -Dirigi às sidhe-seer, que me olhava com aberta hostilidade, com a exceção de Dani. -Rowena matou a Moira quando as enviou para que me golpeasse e roubassem minha Lança. -A mulher tinha um nome: Moira. Ela tinha uma irmã, também, que se doía por isso como eu me doía pela morte da Alina? -Estou igual de horrorizada pelo acontecido hoje como podem estar vocês.

—Claro que o está - alguém se burlou.

—Ela nem sequer diz que o sente -cuspiu outra -Só vem aqui com seu guarda Fae de fantasia e culpa a nossa líder. Surpreende-me que não trouxesse também um Caçador.

Desejava lhes dar uma desculpa se isso era o que queriam.

—Sinto ter desencapado a Lança e havê-la brandido. Dói-me que ela decidisse equilibrar-se sobre mim nesse momento. Se não o tivesse feito, ela ainda estaria viva.

—Se não te tivesse negado a nos dar a Lança, também o estaria - alguém disse.

—A Lança não é tua - gritou outra mulher. -por que deveria tê-la? Só há duas armas que matam Fae. Mais de sete centenas de nós, compartilharam a espada e você sozinha tem a outra. Faz o correto: dá-la às pessoas que nasceram e se criaram para isso!

As outras assentiram.

Nascido e criado? Meu traseiro! Como se eu fora menos!

—Eu sou quão única pode sentir o Livro e tenho que sair cada noite para caçá-lo. Têm idéia do que é agora Dublin? Eu não poderia sobreviver nenhuma noite sem ela. Além disso, sou a que arriscou sua vida para roubá-la.

Minha acusadora inalou e cruzou de braços.

—Rouba. Trabalha com um Príncipe Fae. Matas a uma de nossas irmãs. Você não é uma de nós.



—Eu digo que se o for; só teve um mau começo. -disse Dani. -Ela não teve a ninguém para ajudá-la a entender as coisas. Que teriam feito vocês na mesma situação? Ela está tratando de sobreviver, ao igual a faríamos todas nós.

Ri. Uma vez eu lhe tinha perguntado o mesmo e me havia dito, arrogantemente, que ela teria atuado "perfeita", mas ao parecer me tinha compreendido. Admirei sua valentia, defendendo aquilo no que acreditava. Logo que tinha treze ou quatorze anos e tinha os ovos de um touro. Este, também, o discurso mais comprido que eu podia recordar lhe haver ouvido, sem que estivesse salpicado por um só palavrão.

—Volta para a cama, menina - disse alguém.

—Eu não sou uma fodida menina -bufou Dani -matou a mais deles que qualquer de vocês.

—A quanto ascende já sua conta, Dani? -A última vez que falamos, ela tinha tido quarenta e sete Unseelie em seu haver. Com seu dom sidhe-seer de super-velocidade, armada com a Relíquia Seelie, a Espada da Luz, tinha que ser uma formidável lutadora. Eu gostaria de ter a oportunidade de averiguá-lo um dia, combatendo a seu lado. Nós poderíamos nos vigiar as costas mutuamente.

—Noventa e dois - disse com orgulho. -O último, um ser enorme, asqueroso, com dúzias de bocas e uma monstruosa membro...

—Muito bem, Dani, isso é tudo - disseram assinalando sua habitação -Volta para a cama.

—Matou a Coisa-de-muitas-bocas? -exclamei - Muito bem, Dani!

—Obrigado -disse com orgulho -Era muito duro de matar. Não crie...

—Habitação. Agora. -sua companheira empurrou a Dani dentro e fechou a porta.

—Sabe que está de pé ao outro lado da porta, escutando - disse. -Que necessidade há?

—Mantém afastada de nós e te leve esta coisa daqui.

—Bem dito - disse a voz de aço que tinha estado esperando.

A sidhe-seer retrocedeu, permitindo aproximar-se de uma mulher de cabelo cor prata. Tinha-me perguntado quanto demoraria a vir. Tinha apostado que dois ou três minutos: tinham sido cinco. Eu queria uns minutos a sós com as sidhe-seer, sem travas por parte da Rowena, para limpar meu nome. Já havia dito tudo o que tinha que dizer a suas seguidoras, agora tinha que lhe dizer um par de coisas a sua líder.

Olhei a V'lane. Devolveu-me o olhar, a cara impassível, mas seus olhos eram folhas letais, centenas de brilhantes bordas afiadas que poderiam derramar sangue com uma simples piscada.

Com um sussurro de sua larga túnica branca, a anciã se deteve diante de mim. Sua idade era impossível determinar, poderia ser sessenta ou possivelmente oitenta. Seu comprido cabelo prateado estava apertadamente trancado em uma coroa por cima de um fino rosto enrugado. Os óculos descansavam sobre um pequeno nariz, aumentando a sensação de feroz inteligência de seu penetrante olhar azul.

—Rowena. -disse.

Ela levava, adivinhei o que devia ser o traje de Grande mestre: uma túnica branca com capuz, de cor esmeralda e um disforme Shamrock (o símbolo de nossa Ordem, a promessa de Ver, Servir e Proteger) em bradado no peito.

—Como te atreve? -Sua voz é baixa, controlada, e furioso.



—OH... e você me pergunta isso - disse, com a mesma voz afiada.

—Convidei-te a assumir seu lugar entre nós e esperei a que aceitasse minha oferta. Não o fez. Só pude concluir que nos tinha dado as costas.

—Disse-lhe que viria e o deixava previsto, mas me surgiram um par de coisinhas -Coisinhas como ser perseguida, seqüestrada, encerrada e torturada até a morte. -Só foram uns dias.

—Foi uma semana e meia! Os dias importam agora, inclusive as horas.

Tinha sido realmente uma semana e meia? O tempo voa quando te está morrendo

—Creste que lhes dar ordem de me matar era a única forma em que poderia conseguir minha Lança?

—Och, não sou eu a sidhe que derramou sangue sidhe hoje!

—OH, sim o foste! Você as enviou detrás de mim, enviou seis de suas mulheres para me atacar. Eu nunca teria matado a nenhuma delas e elas sabem. Viram o que aconteceu. Moira se equilibrou sobre minha Lança. tratou-se de um terrível acidente... Mas foi só isso... um acidente.

Ela deslizou seus óculos de seu nariz e as deixou repousar sobre seu peito, suspensas de uma correia de delicadas pérolas que levava no pescoço. Sem separar os olhos de meu rosto, Rowena se dirigiu a seu conclave.

—Ela está chamando o assassinato, acidente. Trai-nos ante nossos inimigos e os traz até nossas salas, evadindo nossas guardas. Esta mulher é nosso inimigo, muito.

—Conheço seus guardas há milênios -V'lane bramou -São de risada. Não poderiam evitar que um pesadelo como se eu mantivesse afastado nem umas polegadas. Você fede a velhice e morte, humana. Quer que cobra sonhos disso e a atormente?

Rowena se afastou de seu olhar

—Não vou escutar lhe -logo me disse -Me dê a Lança e lhes permitirei aos dois viver. Você permanecerá aqui conosco. "Isto" partirá e nunca voltará.

Senti neve em pó sobre minhas bochechas. Flocos suaves enchendo o corredor. Algumas das sidhe-seer voltaram sua Palmas para cima para capturá-los. Adivinhei que nenhuma delas tinha visto antes a um Príncipe Fae.

A voz de V'lane era ainda mais fria que a neve, por causa de seu desgosto.

—Você crê que pode me matar com a Espada que tem escondida em sua túnica, velha?

Gemi interiormente. Estupendo. Agora ele tinha as duas armas. Devia lhe anular e tratar das recuperar?

Rowena tentou agarrar a espada. Eu poderia lhe haver dito que não se incomodasse. V'lane tirou a Espada que procurava em um flash de prata e posou sua folha, afiada como lâmina de barbear, sob o enrugado oco de sua garganta.

A Grande Professora da sidhe-seer ficou muito, muito quieta.

—Conheço as de sua índole, velha. E você sabe. Eu poderia fazer que ficasse a quatro patas diante de mim. Gostaria? Gostaria que suas pequenas sidhe-seer a vissem arder nua em êxtase, diante de mim? Quer que as faça arder a todas?

—Basta, V'lane! -disse bruscamente.



—Elas não lhe salvaram de mim - disse, me recordando o tempo em que havia quase me tido violado no museu. -Ela ficou te vendo sofrer. Limite-me a... como dizê-lo?... lhe devolver o favor. Vou castigá-la por você. Talvez então você me perdoe um pouco.

—Não quero seu castigo e não seria um favor. Basta!

—Ela interfere e te ofende. Vou eliminá-la.

—Não. Temos um trato, lembra?

A Espada estava preparada em sua garganta, seu punho equilibrado em sua palma, seu olhar em mim.

—De fato, recordo-o. Está-me ajudando nesta corrida. Pela primeira vez em sete mil anos, Os Fae e o Homem estão trabalhando juntos por uma causa comum. É uma coisa estranha, e será necessário que ambos o desejem para sobreviver com nossos mundos intactos. -voltou-se para a Rowena. -Nossos esforços combinados obterão o que todas as suas síde-seer juntas não podem. Não me zangue, velha, ou a abandonarei ao Inferno que vem se MacKayla falhar em encontrar o Sinsar Dubh. Deixe de tratar de lhe roubar sua arma e comece a protegê-la. Ela é a melhor esperança para sua raça. De joelhos.

Não vou preocupar-me com esse "a melhor esperança de sua raça". Respondo mal, nunca funcionei bem sob pressão.

A obrigou a ajoelhar-se ante Rowena, seus lábios brancos e estremecidos. Pude ver a batalha que assolava seu pequeno e robusto corpo. Sua túnica tremia, seus lábios se apertavam sobre seus dentes.

—Basta - disse de novo.

—Em um momento. Você nunca mais virá ante mim armada, velha, ou vou renunciar às promessas que tenho feito e a destruí-la. Ajude-a em seu intento por me ajudar e lhe permitirei viver.

Suspirei. Não era necessário que jogasse uma olhada ao redor para que me desse conta de que não tinha feito amigos aqui esta noite. De fato, estava segura de que tinha piorado as coisas ainda mais.

—Só lhe devolva a Espada, V'lane, e nos tire daqui.

—Seus desejos, minhas ordens

Tomou minha mão e nos peneiramos.

Instantaneamente nos rematerializamos, a umas poucas dúzias de metros do Viper; golpeei-lhe o peito com as Palmas de ambas as mãos, disposta a congelá-lo com cada onça desse estranho lugar dentro de minha cabeça.

A diferença da primeira vez que tinha tentado lhe anular, a noite que lhe conheci, ficou congelado durante mais de uns poucos pulsados. Estava muito surpreendida de que não se movesse, até que começou a mover-se, e lhe golpeei de novo, pondo tudo o que tinha em meu desejo de neutralizar ao Fae. Se a intenção for o que conta, eu estava plena de força nesse aspecto. Tinha tido a esperança de crescer algum dia, durante anos. Agora acariciava essa esperança com a ponta dos dedos.



Esperei. Ficou congelado durante sete segundos. Procurei minha Lança o mais rapidamente possível, lhe pedindo mentalmente "fica congelado, bastardo".

A Lança não estava.

Recuei e lhe permiti "descongelar-se".

Olhamo-nos fixamente o um ao outro através dos 3 metros que tinha posto entre nós e vi muitas coisas em seus olhos: vi minha morte, vi meu indulto. Vi um milhar de penas neles e reconheci o momento em que decidi não tomar nenhuma ação contra mim.

—É realmente difícil para você me ver como uma forma de vida válida, não? -disse - O que faria que tomasse mais a sério? Quantos anos tenho que viver, para contar com o crédito de que valho a pena?

—A longevidade não é o fator determinante. Não dou crédito a maior parte de minha própria raça, não vale a pena; é uma opinião não nascida da arrogância, mas sim de eras gastos entre aqueles que são ainda pior que tolos. por que me anulou, sidhe-seer?

—Porque você fodeu meu plano ali.

—Então, talvez, a próxima vez, deva me confiar os mais sutis matizes de seu plano. Eu acreditava que queria estabelecer sua superioridade e me esforcei em ajudou a obtê-lo.

—Fez-lhes pensar que estava aliada contigo. Fez-lhes me temer.

—Está aliada comigo. E devem te temer.

Meus olhos se reduziram

—Por que?

Ele sorriu ligeiramente.

—Logo que começaste a compreender o que é.

Abruptamente, desapareceu.

Continuando, sua mão estava nos cachos da parte de atrás de minha cabeça e sua língua estava empurrando em minha boca, e algo quente, escuro e aterrador, se enrolava em minha língua e se incrustava ali, explorando em um violento orgasmo.

Caí a 3 metros de distância, uma vez mais, e ali estava eu, boqueando como um peixe fora da água e flutuando igual de mau. Um shock tão intenso de erotismo me sacudiu tão violentamente que fiquei momentaneamente imobilizada. Se tivesse tratado de me mover, me teria derrubado.

—Isto só funciona uma vez, MacKayla. Devo substituir meu nome em sua língua cada vez que o utilize. Assumo que não quer te jogar atrás?

Furiosa, assenti. Pensei que não me havia dito nada da curta duração do "trato".

Desapareceu. Esta vez não reapareceu.

Senti de novo minha Lança, à costas.

Estava esperando, ainda, que cedessem as últimas réplicas. Perguntei-me, se, realmente, tinha anulado a V'lane esta noite ou se só o tinha fingido. Eu estava cada vez mais paranóica, me perguntando se todo mundo estava jogando comigo. Certamente algo que podia mover-se tão rápido podia evadir meus imaturos esforços na magia sidhe-seer. Ou, sinceramente, tinha-lhe pego despreparado? O que poderia ele ganhar fingindo? Um ás na manga? Talvez, um dia,



realmente, precisaria lhe anular e esse seria o dia em que eu averiguaria que isto não funcionou e que alguma vez funcionaria?

Dava-me a volta e comecei a caminhar para o Viper.

Não havia olhar em sua direção desde que me tinha materializado. Fiz-o agora e gemi.

O Countach estava estacionado no lado oposto da estrada, atrás, nas sombras e Jericó Barrons estavam recostado sobre o capô, os braços cruzados sobre o peito, vestido da cabeça aos pés de negro, tão escuro como a própria noite.

Pisquei.

Ainda estava ali. Difícil de ver, engolido pela escuridão, mas real.

—O que... Como... Desde onde saiu? -cuspi.

—Da livraria.

Duh. Às vezes suas respostas me fazem querer lhe estrangular.

—Possivelmente V'lane sabia que estava aí?

—Acredito que vocês estavam um pouco muito ocupados para ver-me.

—O que está fazendo aqui?

—Me assegurar de que não necessitava um guarda-costas. Se você me houvesse dito que trazia seu namorado Fae, eu não teria perdido meu tempo. Incomoda-me que me faça perder meu tempo, Srta Lane.

Entrou em seu carro e arrancou.

Segui-lhe a maior parte do caminho de volta a Dublín. Perto dos subúrbios, pôs seus cavalos ao galope, não pude lhe seguir e o perdi na distância.

Capítulo 6

Seriam as quatro menos quarto da madrugada quando cheguei com o Viper ao beco traseiro da livraria. O intervalo entre as duas e quatro é o mais difícil para mim; nas últimas semanas, estive despertando cada noite às 2:17 AM em ponto, como se fora um intervalo oficialmente pré-programado de tempo no que tinha um ataque de ansiedade, e o mundo se derrubava, inclusive algo mais de que já o estava, se não convertia minha habitação em uma caixa forte.

A livraria é insuportavelmente tranqüila então, e não é difícil imaginar que sou a única pessoa viva no mundo. Na maioria das vezes não posso dirigir a confusão que eu chamo minha vida, mas na profundidade da noite, inclusive é um pouco deprimente. Normalmente, repasso meu fundo de armário, tão magro como é, ou passo distraída páginas de revistas de moda, tratando de não pensar. Ordenar meus trajes me apazigua. Os acessórios e complementos são um bálsamo para minha alma. Se não poder salvar o mundo, ao menos estarei Mona.

Mas ontem à noite, a Alta Costura, de quatro diferentes países, não puderam me distrair, e terminei agasalhada com uma manta, em um assento frente à janela, com um árido volume sobre a história da raça irlandesa, com vários compridos e pedante ensaios a respeito da cinco invasões



dos míticos Tuatha Dé Danaan, aberto em meu regaço, olhando da janela de meu dormitório por volta do mar de telhados da parte de atrás, olhando o ir e vir das Sombras com a extremidade do olho.

Então minha visão me jogou uma má passada: em todo o horizonte do Dublin não podia ver-se nenhuma só luz, absoluta escuridão.

Pisquei, tratando de dissipar a ilusão e, finalmente, pude ver as luzes de novo, mas a ilusão do blecaute tinha parecido tão real, que temi que fosse uma premonição do que ia vir.

Meti-me no Viper, estacionado na garagem em seu espaço atribuído, muito cansada e indiferente para apreciar o GT estacionado junto a ele. Quando o chão tremeu sob meu talão, pisei a fundo e lhe obriguei a calar-se.

Abri a porta para sair ao beco, estremeci-me e, de repente, fechei a porta de novo.

A garagem onde Barrons guarda sua fabulosa coleção de carros se encontra diretamente detrás da livraria, através de um beco de aproximadamente sete metros de largura. Múltiplos focos no exterior iluminam um caminho entre os dois lados, dando um passo seguro ante as Sombras, inclusive na mais escura noite. Infelizmente, ainda não encontramos um meio de ter luz perpétua. As lâmpadas se fundem e as pilhas se gastam.

Várias das luzes na fachada da garagem não tinham sobrevivido durante a noite: muitos para perceber o brilho dos faróis do Viper e a suave luz proveniente das janelas situadas na parte traseira da livraria, e as suficientes para ter criado uma fatia de oportunidades para uma Sombra empreendedora, e, por desgracia, tinha uma dessas Sombras em minha soleira.

Estava cansada e me tinha descuidado; deveria ter estudado e comprovado os focos do edifício no momento em que tinha chegado. Graças às fundidas lâmpadas, uma linha magra de escuridão era agora o centro do beco, onde a luz emitida pelos edifícios adjacentes não chegava, e a enorme Sombra que estava tão obcecada comigo como eu o estava com ela, apropriou-se da fissura e assemelhava um muro de negra escuridão que se elevava até três andares de altura e se estendia ao longo de toda a livraria, esperando que cruzasse a rua.

Abri a porta para encontrar no alto, sobre mim, um avaro e escuro tsunami, à espera de vir a me apagar e me afogar em seu abraço letal. Apesar de que estava um 99,9 % segura de que não podia fazer isso (que estava apanhada em seu ameaçador muro em forma de luz a ambos os lados dela), que estava como petrificada, um 1 % semeava de dúvidas minha mente. Cada vez que tinha acreditado conhecer seus limites, tinha sido um engano. A maior parte das Sombras retrocediam ante a mera possibilidade do mais pálido e difuso resto de luz. Somente agitando uma de minhas lanternas em direção à Zona Escura, pelo geral fazia que elas se dispersassem

Mas não esta. Se a luz lhes produzia dor, esta enorme e agressiva Sombra estava mais endurecida cada vez, sua soleira de dor era cada vez maior. Como eu, estava evoluindo. Eu só desejava chegar a ser igualmente perigosa.

Rebusquei no interior de minha jaqueta, tirando uma lanterna em cada mão e saí em direção à porta, aberta de novo.



Uma de minhas lanternas não se acendeu, suas pilhas mortas. Bem, toda facilidades. Atirei-a e agarrei uma segunda de minha cintura. Dois mais saíram com ela, estrelando-se no chão, rodaram até a parte do beco que não estava iluminada.

Parecia que tinha duas mãos esquerdas. Isto era ridículo. Necessitava uma melhor maneira de manter segura minha total integridade física.

Voltei-me de novo e ordenei a mim mesma sair à calçada.

Meus pés não obedeciam.

Enfoquei uma de minhas lanternas diretamente a ela. O muro negro retrocedeu e explodiu no diâmetro exato da ranhura. Pude ver que era apenas de uma polegada de espessura.

Lancei um suspiro de alívio; ao menos, ainda não podia tolerar a luz direta.

Refleti. Eu não estava totalmente impossibilitada de chegar à livraria: poderia caminhar pela esquerda, em paralelo à torre até que chegasse ao final da construção, onde as luzes da quitanda do lado o impediriam expandir-se mais e, continuando, rodeando a porta, entrar.

O problema é que não estava segura de ter o valor suficiente e, além disso, nem sequer estava segura de que fora inteligente tentá-lo.

O que aconteceria, quando estivesse quase ao final do corredor da Sombra, a luz da loja de comestíveis se fundisse? Normalmente, relegaria as probabilidades de que isso acontecesse ao reino do absurdo, mas se houver uma coisa que tinha aprendido nos últimos meses, é que "realmente absurdo" queria dizer: "o mais provável é que ocorra a MacKayla Lane". E não estava por correr o risco. Tinha minhas lanternas, mas não podia iluminar todas e cada uma das partes de meu corpo de uma vez, e, certamente queria me iluminar de tudo.

Poderia chamar v'lane. Ele me tinha ajudado a me desfazer uma vez antes das Sombras. É óbvio, com V'lane tudo tinha um preço, e eu teria que deixar que incrustasse seu nome em minha língua de novo.

Considereei meu telefone celular: tinha três números programados nele: Barrons, IYCGM e IYD.

IYCGM, uma sutil taquigrafia do Barrons "Se você não pode me encontrar" ⁵, seria respondida pelo misterioso Ryodan, que embora Barrons sustentasse que falava muito, havia-me dito algumas coisas interessantes em nossa recente e breve conversação Telefônica. Não tinha desejo de atrair a ninguém muito agressivo perto do Sinsar Dubh. Queria, durante uns dias, uma pausa de mortes sobre minha consciência.

IYD: "Se se está morrendo" ⁶, e eu, certamente não o estava.

Punha-me doente depender de outros para me salvar. Queria cuidar de mim mesma. Só seriam umas poucas horas até o amanhecer. A Sombra, por mim, poderia permanecer ali toda a noite.

⁵ (If You Cant Get Me)

⁶ (If You're Dying)



Voltei atrás, à garagem, fechei e bloqueei a porta, troquei as luzes, as fazendo mais brilhantes, considerei a coleção de carros por um momento e logo me meti no Maybach para dormir.

Ocorreu-me, que coisas, que meus sentimentos sobre o carro tinham trocado, sem dúvida. Já não me importava que antes pertencesse ao irlandês mafioso Rocky O'Bannion, ao que tinha roubado minha Lança e de quem, indiretamente, fui responsável por sua matança, da sua e da de quinze de seus comparsas, no beco onde a monstruosa Sombra vadiava agora. Agora, estava agradecida de que fosse cômodo para dormir.

Esperamos que o Mal anunciasse a si mesmo.

O Mal, supõe-se, adere-se a certas convenções: supõe-se que causa um calafrio de apreensão no destinatário de sua visita, também que deveria ser reconhecível imediatamente, e, que é horrível. O Mal deve deslizar-se, na noite, em um carro fúnebre negro, a névoa abraçando seus flancos escuros ou desmontar de uma Harley como um esqueleto, vestido de couro, levando um colar de crânios presos de seu couro cabeludo e cruzados sobre o peito.

—Barrons Livros e Adornos. -disse animadamente por telefone - O que queira, temô-lo, e se não o temos, o encontramos

Tomo meu trabalho muito a sério. atrás de seis horas roubadas de sono na garagem, atravessei o beco da livraria, tomei banho e abri a loja, como de costume.

—Estou seguro disso. Você pode encontrá-lo ou eu não a teria telefonado.

Fiquei congelada com o receptor na mão. Era uma brincadeira? Ele me telefonava? De todos os possíveis enfrentamentos mal que tinha imaginado este, precisamente, não era um deles.

—Quem é? - exigi incapaz de acreditá-lo.

—Você sabe quem sou. Sabe.

Embora só houvesse escutado sua voz duas vezes antes, a tarde na Zona Escura quando quase tinha morrido, e mais recentemente na guarida do Mallucé, nunca a esqueceria. Contrariamente ao malvada que se supunha devia ser, era uma sedutora e formosa voz, reflexo da beleza física de seu proprietário.

Era a voz do amante e assassino de minha irmã.

Eu sabia seu nome e preferiria morrer antes de lhe chamar Lorde Master.

—Desgraçado!

Teclei furiosamente no celular, até que Barrons respondeu. Soou alarmado. Ora, tinha direito a chamar para perguntar

—Pode o feitiço “da Voz Druida” usar-se através do telefone?

—Não. O feitiço não tem a potência necessária para poder...

—Obrigado, tenho-me que ir.

Como me esperava, o telefone da loja já estava soando de novo. Guardei o celular, deixando ao Barrons com a palavra na boca. Precisava estar segura de que não podia ser coagida através da linha Telefônica, e precisava sabê-lo rápido, antes que o Lorde Master tivesse sido capaz de utilizá-lo sobre mim.

Só se por acaso a chamada era de um cliente, disse



—Livros Barrons.

—Se você me tivesse pedido isso - disse a sedutora e rica voz. -eu lhe haveria dito que a Voz se dilui com a tecnologia. Ambas as partes devem estar em proximidade física entre si... e, no momento, estou muito longe.

Eu não ia lhe dar a satisfação de saber que era aquilo do que tinha tido

—Caiu o telefone.

—Não finja MacKayla.

—Não se atreva a usar meu nome - gritei.

—Como quer que a chame?

—De maneira nenhuma

—Você não tem nenhuma curiosidade a respeito de mim?

Minha mão tremia. Eu estava falando com o assassino de minha irmã, o monstro que trazia para todos os Unseelie através de seus místicos dólmenes e convertia nosso mundo no pesadelo que era.

—Claro que sim! Qual é a maneira mais rápida e fácil de lhe matar?

Ele riu.

—Você tem mais fogo que Alina, mas ela era muito inteligente e a subestimei. Ela me ocultou sua existência, nunca me falou de você. Não tinha nem idéia de que havia dois com um talento como o seu.

Pois estávamos igualados em nossa ignorância. Ela me tinha oculto sua existência, também.

—Como se inteirou a respeito de mim?

—Eu tinha escutado rumores de outra sidhe-seer, nova à cidade, com... incomuns habilidades. Planejava segui-la, durante um tempo, mas o dia que veio ao armazém, cheirei-o: não há nenhuma dúvida de seu sangue. Pode sentir o Sinsar Dubh da mesma maneira que podia fazê-lo Alina.

—Não, não posso - menti.

—Chama-a. Sente-o, cada vez mais forte. Você, entretanto, não obterá mais força dele. Você se debilitará, MacKayla. Você não pode dirigir o Livro, nem sequer pensar em tentá-lo. Não pode nem começar a imaginar o que lhe faria.

Tinha uma idéia bastante aproximada.

—Por isso me chamou? Para me advertir que me vá? Estou tremendo.

Esta conversação me tirava de gonzo; estava em contato telef nico com o monstro que tinha matado a minha irmã, o infame Lorde Master, e ele não cacarejava como um louco nem me ameaçava como um vilão. Ele não tinha vindo det rs de mim com um exército Fae Escuro, nem com o respaldo de seu guarda pessoal vestido de negro e carmesim. Tinha-me chamado e estava falando com uma voz formosa, de cultos tons, brandamente, sem hostilidade. Era este o verdadeiro rosto do Mal? que não conquista, mas sim seduz? Ele me permite ser a mulher que sempre quis ser, tinha escrito Alina em seu diário. Pedir-me-ia que jantasse com ele? Se o fazia, ia eu a aceitar para ter uma oportunidade de matá-lo?

—O que é o que mais quer no mundo, MacKayla?



—Lhe ver morto.

Meu telefone celular soou. Barrons. Pulsei IGNORAR.

—Isso não é o que quer realmente mais. Quer que o diga? Você quer a sua irmã de volta. -Eu não gostava do caminho que tomava a conversa. -Chamei-a para lhe oferecer um trato.

Os entendimentos com o diabo, recentemente me recordou Barrons, nunca saíram bem. Entretanto, não pude deixar de dizer

—Qual?

—Me consiga o Livro e eu devolvarei a sua irmã.

Meu coração se saltou um batimento do coração. Afastei o auricular longe de meu ouvido e olhei o receptor, como se procurasse algum tipo de inspiração, ou resposta O... o valor para pendurar o aparelho.

"Devolverei sua irmã".

As palavras penduravam no ar.

O que estava procurando, não apareceu; devolvi o auricular a meu ouvido.

—O Livro poderia trazer a Alina de volta entre os mortos?

Eu estava em estado de shock, cheia de superstições inspirado em fábulas da infância: ressuscitar aos mortos esteve sempre acompanhado de horríveis advertências, e ainda mais horríveis resultados. Certamente uma coisa tão mau não podia restabelecer algo tão bom.

—Sim.

Não ia perguntar. Não ia fazer o.

—Sendo a mesma que era antes? Não um zumbi? -perguntei-lhe.

—Sim.

—Por que ia fazer o se você foi quem a matou?

—Eu não a matei

—Talvez não o fizesse você, diretamente, mas se foi você quem enviou a seu assassino atrás dela

—Não fiz isso. -havia certa vacilação em sua voz -eu não tinha planos para matá-la quando aconteceu.

—Já. Descobriu-lhe; seguiu-lhe à Zona Escura um dia, não? negou-se a lhe ajudar. E você a matou por isso!

Estava segura disto. Pensei-o, todas as noites, antes de ir a dormir, durante meses. Era a única conclusão que tinha sentido ante a mensagem de voz que me tinha deixado, um par de horas antes de morrer. "Ele vem", havia dito ela, "não acredito que me deixe sair do país".

—Você há sentido a potência da coação de minha Voz; poderia lhe haver feito perder sua vontade, mas nunca o necessitei -gotejou com imperiosa arrogância sua voz, me recordando a facilidade com que me tinha controlado.

Não, não se necessitaram sua cooperação. Com essa terrível, Voz, poderia lhe haver feito fazer o que quisesse ou nada absolutamente.

Meu telefone celular soou de novo.

—Responde. Barrons odeia esperar. Pensa em minha oferta.



—Como sabe que é Barrons? -exigi

A linha ficou morta.

—Está bem? -grunhiu Barrons quando respondi

—Bem.

—Era ele?

—O grande LM? -disse zombadora

—Sim.

—O que te ofereceu?

—Me devolver a minha irmã.

Barrons não disse nada durante um comprido momento.

—E?

Eu esperava tranquilamente, inclusive um momento mais largo.

—Disse-lhe que tinha que pensá-lo.

O silêncio caiu entre nós e se alargou. Estranhamente, nenhum de nós pendurou. Perguntava-me onde estava e o que estava fazendo. Escutei mais intensamente, mas meus ouvidos não puderam ouvir nenhum ruído de fundo. Ou seu telefone celular tinha uma grande capacidade de redução de ruído ou estava em algum lugar muito tranquilo. Uma imagem de flash através de minha mente: Barrons, grande e escuro, nu entre lençóis de seda branca, os braços cruzados detrás de sua cabeça, sujeitando o telefone contra sua orelha, suas tatuagens carmesim e negro descendo por seu peito até o abdômen... Uma perna enredada com a de alguma mulher...

Nah. Ele nunca deixaria que uma mulher passasse com ele a noite, não importa quão bom fosse o sexo.

—Barrons -disse.

—Srta Lane.

—Necessito que me ensine a resistir a Voz. -já o tinha pedido antes, mas ele só me tinha dado uma de suas evasivas respostas.

Não foi outro desses largos silêncios.

—De acordo. Com o fim de que o intento, e lhe asseguro que não será mais que um intento, resolva uma de seus grandes duvida, terei que usar minha própria Voz com você. Está você preparada para isso?

Tremi.

—vamos estabelecer algumas normas básicas.

—Você gosta de muito, não? Lástima. Está em meu mundo agora e nele não há normas básicas. Aprenderá como eu queira te ensinar ou nada absolutamente.

—É um idiota.

Ele riu e eu tremi de novo.

—Podemos começar esta noite?

Tinha estado a salvo o dia de hoje, com o Lorde Master ao telefone, mas, se em lugar de chamar, situou-se detrás de mim na rua e me tivesse mandado guardar silêncio, eu não teria sido capaz de abrir a boca o tempo suficiente para liberar o nome de V'lane.



Franzi o cenho.

Por que não o tinha feito? por que não enviou seu exército detrás de mim? Agora que pensei nisso, as duas únicas vezes que tinha tratado de me capturar tinha sido quando, virtualmente, tinha-me entregue eu mesma a ele e ele, a sua vez, tinha acreditado que estava sozinho, quase como se tivesse sido uma oportunidade muito conveniente. Tinha o Lorde Master medo de aproximar-se de mim? Temia a minha Lança atrás de ver o que tinha feito ao Mallucé? Tivesse-me temido, muito, quando comi carne Unseelie, não teria querido estar em nenhum lugar perto de mim. Entretanto, com a Voz podia, facilmente, me manter longe. Tinha querido que Alina participasse tão voluntariamente como agora parecia que queria que eu o fizesse? Por quê? devia-se a que era mais fácil se eu estava disposta ou era mais complicado que isso? Sua Voz poderia facilitar o trabalho só em certa medida, e havia algo que ele necessitava de mim que não seria capaz de me obrigar a fazê-lo? Ou talvez, uma espetada de apreensão acompanhava este pensamento, eu era só uma pequena parte de uns planos muito maiores, e ele já tinha feito outros acertos para mim, e simplesmente não era o momento adequado ainda. Possivelmente, inclusive agora, estava construindo uma jaula a meu redor que não podia ver. Despertaria uma manhã e caminharia diretamente para ela? Fui enganada pelo Mallucé: considere-ihe um produto de minha imaginação até o final.

Expulsei meus temerosos pensamentos fora antes que pudessem multiplicar-se. Certamente, queria me aproximar dele. ia matá-lo. E seu desagradável truque da Voz era uma barreira que ia ter que ser capaz de vencer.

—Bom -cedi -Quando podemos começar?

Não confiava no Barrons, mas ele tinha tido muitas oportunidades para usar a Voz sobre mim no passado e não o tinha feito. Não queria acreditar que a usaria agora para me fazer danifico, ou, ao menos, não muito. O potencial do possível benefício que eu obteria fazia que o risco merecesse a pena.

—Estarei ali as dez -e pendurou.

As nove e quinze terminei minha invenção, quarenta e cinco minutos antes que Barrons chegasse.

Conectei-o, joguei-me atrás, esquadrinhei-o uns momentos, logo assenti.

Via-se bem.

Bom, não realmente bem. Era... estranho, como uma coisa saído de um filme de ficção científica, mas funcionava e isso era tudo o que importava para mim. Eu estava farta de não me sentir segura na escuridão, estava farta de ver minhas lanternas cair girando longe de mim. Com isto não poderiam cair longe. E se eu tinha razão quanto a suas capacidades, seria capaz de andar diretamente através de um muro de Sombras.

Havia uma prova final que precisava levar a cabo.

Era um grande invento e estava orgulhosa dele. A idéia me tinha chegado esta tarde, como um lento feitiço. Pensava incansavelmente na enorme Sombra de fora da livraria, quando de repente uma luz tinha estalado em minha cabeça, ou mas bem, várias dúzias de luzes.



Troquei o pôster e fechei as sete em ponto; corri pela rua à loja de artigos de esportes da esquina, e comprei tudo o que necessitava: o casco de ciclista, baterias, suporte para as luzes de espeleologia, tubos de cola super-rápido e bandas de velcro como uma precaução acrescentada.

Então voltei para a livraria, programei meu iPod com a última lista de reprodução, subi o volume até que foi enlouquecedor e me pus a trabalhar.

Comoveu-me minha invenção. Atirei-o. O dar patadas e todas suas partes ainda permaneciam intactas. Super: atrás da cinta adesiva, era o melhor amigo das meninas.

Fiquei satisfeita. Com três quartos de hora até minha experiência com a Voz, tinha tempo de pôr a prova o dispositivo, e ainda me sobraria para subir a meu quarto e me refrescar um pouco, não porque me preocupasse do aspecto que apresentaria quando me olhasse Barrons. É só que, no Profundo Sul, as mulheres aprendem a uma idade muito temprana que quando o mundo se está caíndo a pedaços a seu redor, é o momento ideal para desprender as cortinas e te fazer com elas um novo vestido.

Cada invenção realmente inspirada, necessita um nome pegajoso e eu tinha o direito de lhe pôr um ao meu Quem necessita o bracelete de Cruzamento para caminhar entre as Sombras?

Deslizei o casco de ciclista em minha cabeça e o ateí de forma segura debaixo de meu queixo. Encaixava comodamente, por isso não podia cair no ardor da batalha; poderia lhe fazer uma viseira (se soubesse fazer viseiras) e a coisa ficaria verdadeiramente pega a minha cabeça. Havia super-pegado dezenas de luzes sobre a superfície do casco, suporte a ambos os lados e na parte traseira, apontando para baixo.

Abri os braços e fiz uma reverência: apresento-lhes o MacHalo!

Com todas as luzes acesas, o casco criava um halo perfeito de luz ao redor de meu corpo, inteiro, da cabeça aos pés. eu adorei. Se não tivesse sido tão volumoso, poderia ter tentado dormir com ele. Como precaução adicional, tinha confeccionado bolsas, atadas com velcro a meus pulsos, que continham lâmpadas de reserva. Tudo o que tinha que fazer era manter pulsos e tornozelos juntos e acender as luzes.

Estava preparada.

Mas em primeiro lugar, queria uma prova de funcionamento no interior da loja antes de ter que prová-la fora.

Acendi-me, da cabeça aos pés, dava voltas sobre mim mesma e comecei a apagar a luzes da parte dianteira da livraria. Não as exteriores, só as do interior. Embora soubesse que o edifício estava rodeado ainda pela luz exterior, era-me difícil fazê-lo eu mesma. Meu medo à escuridão tinha crescido além da racionalidade. Isso está acostumado a ocorrer quando você sabe que uma Sombra pode comer-lhe viva se te tocar.

Minha mão vacilou na última fila de interruptores por um comprido e difícil momento.

Mas tinha meu MacHalo e sabia que teria trabalho. Se lhe dava a medo um cabo, este me estrangularia. Tinha aprendido essa lição do Barrons e o tinha experiente na casa do Mallucé: A Esperança fortalece. O Medo mata.

Apaguei a última fila, sumindo a livraria em uma completa escuridão.

Era tão brilhante como um pequeno sol no centro da habitação!



Ri-me. Deveria havê-lo pensado antes. Não havia um centímetro de mim, nenhum sozinho, que não estivesse iluminado. Meu halo radiava para o exterior uns bons 3 metros em todas as direções. E eu tinha razão: se tinha a coragem, poderia caminhar diretor através de um muro de Sombras. Nenhuma dessa vampírica horda de chupadoras de vida poderia aproximar-se de mim deste modo!

Meu iPod começou a tocar "Bad Lua Rising" do Creedence Clearwater Revival, e dancei um pouco, enjoada pelo êxito. Tinha uma arma mais em meu arsenal para me manter segura e começava a ter melhor opinião de mim mesma.

Dancei em torno da livraria, imitando a épica do combate, armada com meu MacHalo inteligente; já não tinha medo dos becos escuros de noite. saltei por cima das cadeiras e das estantes, dos sofás, da turca... apunhalando inimigos imaginários, imune às Sombras pelo brilho de minha própria invenção. Não há muito espaço em minha vida para o bem; a diversão era estúpida, mas não tinha havido muito que celebrar ultimamente. Aproveitaria-o, em todo momento em que pudesse.

—Espera a que te pilhe -cantava, apunhalando um travesseiro com minha Lança. As plumas voavam pelo ar -Espero que esteja disposto a morrer! -girando como um deslumbrante torvelinho de luzes, caí sobre um assassino fantasma de Sombra.

—Parece que faz um dia realmente desagradável!..

...E fiquei congelada.

Barrons estava na porta dianteira, destilando essa fresca elegância do velho mundo.

Não lhe tinha ouvido entrar pela música. Estava apoiado, seu ombro contra a parede, seus braços cruzados, me vendo.

—Olho por olho... -disse enquanto lhe iluminava de frente.

Não necessitava um espelho para saber como parecia de estúpida. Olhei-lhe acidamente por um momento, logo me girei procurando a origem de um som estrangulado. Quando ouvi um som afogado detrás de mim, disparei-lhe um olhar francamente hostil. Ele mostrava sua habitual expressão de arrogância e aborrecimento. Segui indagando a origem do som e o escutei de novo. Esta vez, quando me volvei, as esquinas de sua boca se moviam em espasmos. Olhei-lhe fixamente até que se deteve.

Chegou-me o som estrangulado, apagado, contido e ... explodiu.

Girei-me

—Eu não lhe vejo a graça -disse.

Sacudiu seus ombros.

—OH, vamos! Basta!

Esclareceu-se garganta e deixou de rir. Logo seu olhar se elevou, notando-se em meu brilhante MacHalo e se perdeu de novo em suas gargalhadas. Não sei, possivelmente fossem as dobras que se sobressaíam pelos lados... Ou possivelmente se devia a que deveria ter comprado um casco de moto negro e não um rosa aceso.

Desatei-o e me tirei isso da cabeça. Fui para a porta e acendi as luzes interiores de novo, golpeei-lhe no peito com minha brilhante invenção e corri acima.



—Mais vale que tenha deixado de rir quando baixar -gritei sobre meu ombro.

Eu não estava segura de que nem sequer me tivesse escutado de tão alto como ria.

—Pode fazer a Voz que faça algo que alguém encontra profunda e moralmente censurável? Pode invalidar tudo o que alguém crê? -perguntei ao Barrons, quinze minutos mais tarde quando retornei abaixo.

Tinha-lhe feito esperar, em parte porque ainda sentia a ardência de sua risada, e, em parte, porque me incomodou que chegasse antes de tempo. Eu gosto quando um homem é pontual: nem antes de tempo, nem tarde. Pontual. É um desses perdidos valores da cortesia, embora Barrons e eu não estivéssemos nos citando nem nada disso, mas acredito que a cortesia deve ser praticada em todos os encontros civilizados. Era um desses dias em que brotavam minhas boas e antiquados maneiras.

Não fiz menção de sua risada, nem do MacHalo nem de minha absurda dança. Barrons e eu somos todo uns profissionais em fazer caso omissos de algo, de fato, de tudo o que acontece conosco, que possa cheirar a emoção de qualquer tipo, inclusive uma tão simples como um sentimento de vergonha. Às vezes não posso acreditar que alguma vez estivesse sob seu grande, duro corpo, lhe beijando, compartilhando visões de sua vida. O deserto. O moço solitário. O homem solitário. Não pensem que não me ocorreu que o feito de ter relações sexuais com o Barrons somente poderia responder a algumas de minhas perguntas sobre quem e o que era ele. Tive-as. Apressei-me a encerrar essa idéia em minha caixa-cerrada-a- chave-e-canto, tinha um trilhão de razões para não me espriar nela.

—Depende da habilidade da pessoa que emprega a Voz e a força das convicções de sua vítima.

Típica resposta do Barrons

—Esclareça-me ⁷ isso - disse zombadora.

Estive aprendendo novas palavras. Estive lendo muito ultimamente.

Como não parava de me mover pela habitação, seu olhar caiu a meus pés e ascendeu de novo até chegar a meu rosto. Eu levava uns descoloridos jeans, botas e uma cômoda camiseta de cor rosa do Juicy que tinha comprado no TJ Maxx o verão passado, que dizia claramente "sou uma garota Juicy"⁸.

—Arrumado a que o é -murmurou ele -Te tire a camiseta! -disse, mas esta vez sua voz ressonou como uma legião de vozes.

Retumbou, me atravessando, enchendo a habitação, enchendo cada esquina, lotada de vozes que me ameaçavam a obedecer, pressionando em cada célula de meu corpo para que o fizesse. Queria me tirar a camiseta. Não da mesma maneira em que queria quando estava perto de V'lane, levada por uma compulsão sexual, a não ser simplesmente porque me... Bom, não sabia por que. Mas eu queria tirar isso agora mesmo, neste mesmo instante.

⁷ (NdT: MAC usa a palavra te Elucide)

⁸ (NdT: marca de desenho, portanto, "sou uma garota de desenho")



Comecei a levantar a prega quando pensei: Espera um minuto, não vais mostrar seu sutiã ao Barrons, e atirei dela para baixo.

Sorri-me, fracamente ao princípio, logo mais abertamente, satisfeita comigo mesma. Coloquei minhas mãos nos bolsos traseiros de meu jeans e lhe lancei um olhar de desafio

—Acredito que vou ser muito boa nisto.

—Tire a camiseta!

A ordem me golpeou como um muro de tijolo e destruiu minha mente. Inalei com violência, ofegando e a rasguei do decote à prega.

—Pare, Srta Lane!

A Voz de novo, mas não a parede de tijolo: em lugar de uma ordem que me golpeava, era uma liberação. Derrubei-me no chão, juntei as metades de minha rasgada camiseta e baixei minha cabeça até meu regaço, descansando a frente contra os joelhos. Respirei profundamente durante vários segundos e, continuando, levantei a cabeça e esperei. Poderia me haver coagido durante o tempo que tivesse querido, eu era sua escrava. Ao igual ao Lorde Master, que podia me haver obrigado a fazer seus desejos cada vez que tivesse querido. Mas ele não o tinha feito. A próxima vez que descobrisse algo horrível sobre ele, o diria, sim, mas ele alguma vez me tinha coagido com a Voz? Poderia ser a desculpa que procurava para ele então?

—O que é você? -exclamei antes de poder evitá-lo; sabia que era fôlego perdido. -por que não me diz isso e acabamos com isto? -disse irritada.

—Um dia deixará de me perguntar. Acredito que eu gostarei de conhecê-la então.

—Podemos deixar minha roupa fora da próxima lição? -grunhi -Só empacotei a suficiente para um par de semanas.

—Você queria algo moralmente censurável.

—Justo

Não tinha muito claro se sua prova tinha servido para comprová-lo. Não estava segura de que me tirar a camiseta diante dele o fora.

—Há graus, Srta Lane. Acredito que o Lorde Master alcançou o último nível de suficiência.

—Estupendo. Bom, no futuro levarei Top de reposto. Só tenho três. Um o lavei à mão e os outros dois estão sujos.

BB & B não tinha nem máquina de lavar roupa nem secadora, e até agora não tinha levado minhas coisas à lavanderia, a umas poucas quadras, mas logo ia ter que ir, porque os jeans não se podiam lavar à mão.

—Encarregue o que necessite, Srta Lane. Carregue-o na conta da loja.

—Sério? Posso comprar uma máquina de lavar roupa e uma secadora?

—Pode, assim como agarrar as chaves do Viper, também. Sei que necessita um carro.

Eu lhe olhei, suspeitando. Havia tornado a perder uns meses no Reino Fae e agora era Natal? Ele descobriu seus dentes em um de seus depredadores sorrisos.

—Não cria que é porque eu gosto de você. Um empregado feliz é um empregado produtivo e se usar menos tempo para ir à lavanderia... ou a fazer recados... ou o que seja que alguém como você faz... é mais tempo que você pode usar para meus próprios fins.



Isso tinha sentido. Entretanto, se por acaso era Natal, tinha um par de coisinhas em minha lista de desejos.

—Quero um gerador elétrico de emergência e um sistema de segurança. E acredito que deveria ter uma arma de fogo, também.

—Se levante!.

Eu não tinha vontade. Minhas pernas obedeceram.

—Se troque!.

Retornei levando um Top com uma mancha de café no peito direito.

—Ponha sobre uma perna e salta!.

—Nojento.-vaiei, enquanto saltava.

—A chave para resistir a Voz -instruiu-me Barrons -reside em encontrar dentro da gente mesmo esse lugar que ninguém mais pode tocar.

—Refere-te ao lugar sidhe-seer? -disse enquanto saltava como um frango.

—Não, é um lugar diferente. Todas as pessoas o têm. Não só as sidhe-seer. Todos nascemos e morremos com ele. Esse lugar.

—Não o entendo.

—Já sei. Essa é a razão pela que está saltando.

Saltei durante horas. Queria descansar, mas não me deixou. Barrons poderia ter utilizado a Voz toda a noite, e nunca haver-se desgastado.

Ele poderia me haver mantido saltando até o amanhecer, mas à uma e quatro da manhã, meu telefone celular soou. Pensei instantaneamente em meus pais, e devia mostrá-lo em meu rosto, porque ele me liberou de sua escravidão.

Tinha saltado durante tanto tempo que realmente avancei dando saltos para minha bolsa, que tinha deixado no balcão perto da caixa registradora.

Estava a ponto de saltar a secretaria de voz, coisa que odiei desde que perdi a chamada da Alina, por isso revolvi dentro de minha bolsa, aferrei-o e o ancorei a minha orelha.

—A Quarta com o Langley -gritou o Inspetor Jayne.

Estiquei-me; estava esperando a voz de meu pai, pensando que só tinha esquecido a diferença horária; estávamos chamando alternativamente a cada dois dias, embora só fosse uns minutos e eu me tinha se esquecido de fazê-lo esta noite.

—É mau. Sete mortos e o atirador segue no pub, ameaçando matando a mais reféns e a ele mesmo. Soa-lhe ao tipo de delito que queria que eu lhe contasse?

—Sim. -exatamente como Jayne havia dito.

O atirador era um homem, o que significava que a mulher que eu tinha visto tinha cometido algum delito e o Livro já tinha passado a outra vítima. Perguntei-me quantas vezes teria trocado de mãos após. Quero procurar pistas nos números atrasados dos jornais. Necessitava toda a informação que pudesse conseguir, para tratar de entender a escuridão do Livro, com a esperança de antecipar seus futuros movimentos.

A linha ficou morta. Fazia o que tinha prometido e nada mais. Olhei fixamente meu celular, tratando de averiguar como me desfazer do Barrons.



—por que Jayne a chamou a esta hora? -disse brandamente. -foi admitido como membro honorário da Polícia, já que seu último detido foi você?

Olhei-lhe sobre meu ombro com incredulidade. Ele estava de pé no extremo oposto da sala, e o volume em meu telefone era baixo. Talvez tivesse recolhido os tons da voz do Inspetor desde essa distância, mas não havia forma de que tivesse escutado nenhum dos detalhes.

—Gracioso -disse.

—Que não me está dizendo, Srta Lane?

—Ele disse que acredita que poderia ter uma pista sobre o assassinato de minha irmã -era uma mentira débil, mas foi o primeiro que me veio à mente. -Tenho-me que ir.

Ceguei atrás do balcão, agarrei minha mochila, agarrei meu MacHalo, atando em meu ombro sua capa, transferi minha Lança na capa situada sob meu braço, pus-me uma jaqueta e me dirigi à porta de atrás.

Queria agarrar o Viper e chegar à Quarta com o Langley tão rápido como pudesse. Se o atirador se encontrava ainda em cena, o Sinsar Dubh também o estaria. Se o atirador já estava morto quando chegasse, poderia conduzir acima e abaixo pelas ruas e becos das imediações, olhando para o exterior, seguindo um estrito padrão, à espera do formigamento.

—E um Caralho o fez!. Disse a Quarta com o Langley. Sete mortos. por que te importa?

Que classe de monstro era que tinha ouvido isso? é que eu tinha um volume para surdos sem sabê-lo? Franzindo o cenho, segui para a porta.

—Você se deterá aí e me dirá aonde vai.

Meus pés se detiveram, alheios a minha vontade.

O bode tinha utilizado a Voz.

—Não me faça isto -gritei, rompendo a suar.

Eu lutava contra ele com tudo o que tinha e me estava debilitando rapidamente. Queria lhe dizer que aonde eu ia era quase tão mau como quando quis matar ao Lorde Master.

—Não me faça isso -disse em uma voz normal. —Pensei que estávamos trabalhando juntos, Srta Lane. Pensei que éramos aliados em uma causa comum. Essa chamada que fez o Inspetor tem algo que ver com o Sinsar Dubh? Você não me está ocultando nada, verdade?

—Não.

—Fim das advertências. Se não me responder, o arrancarei de sua garganta. E enquanto estou nisso, vou perguntar sobre algumas coisas mais que estou desejando saber.

—Isso não é justo! Não posso utilizar a Voz sobre você! -chorei. -Só me ensina a resistir a ela!

—Você nunca poderia utilizá-lo sobre mim. Não se eu não a ensino. Professor e aluno desenvolvem uma imunidade um sobre o outro. É um incentivo bastante para você, né, Srta Lane? Agora fale. Ou vou ter toda a informação que deseje e, se luta, doer-lhe-á.

Era um tubarão que tinha cheirado sangue e que não ia parar de nadar em círculos até que me tivesse devorado. Eu não tinha nenhuma dúvida de que faria o que dizia e se ele começava a me obrigar a responder, tinha medo do que poderia me pedir que respondesse.

Tinha escutado a direção. Com ou sem mim, ia ali. Seria melhor se ia eu também. Poderia pensar em um plano com o passar do caminho.



—Entre no carro. O contarei enquanto conduz.

—Minha moto está em frente. Se o tráfico for mau, será mais rápido. Se me ocultou algo, está a sérios problemas, Srta Lane.

Disso não me cabia a menor duvida. Pelo que não estava segura era de quem ia estar mais aborrecido comigo antes que a noite acabasse: Barrons porque não o havia dito antes ou V'lane porque tinha quebrado minha promessa e o tinha contado tudo ao Barrons. A estranha coisa que se enroscava em minha língua se sentia intrusiva e perigosa em minha boca.

Dublín era um escuro e estranho circo pelo que eu estava caminhando, sobre um muito alto cabo e se existia uma rede de segurança em algum lugar debaixo de mim, estava segura de que não podia vê-la.

Capítulo 7

Ao igual às caminhonetes pickup do Sul, as Harley são uma ode a testosterona: quanto maior e mais forte, melhor.

No Sul, caminhões e motos rugem dizendo me Olhe! Estou quente, sou grande, ruidoso e selvagem e, yeehaw, você não gostaria de ter um pedaço de mim?

A Harley do Barrons não ruge. Nem sequer ronrona. É um depredador de cromo e ébano, que se desliza silencioso na noite, sussurrando "sou grande, silenciosa e mortal, e mais te vale que não tenha um pedaço de você".

Podia sentir a fúria em seus ombros, debaixo de minhas mãos enquanto avançávamos através de becos estreitos, ziguezagueando pelas esquinas, pelas que a moto ia tão baixa que tive que colocar meus pés e manter minhas pernas esmagadas aos lados, por temor a me raspar umas poucos capas da pele, mas como com todo o resto, Barrons era um professor da precisão. A moto fez coisas para ele que não estava segura de uma moto pudesse fazer. Várias vezes quase envolvi meus braços e pernas a seu redor e aferrei a suas costas, por medo a cair.

Seu corpo se esticava com ira. O feito de que eu soubesse algo sobre o Livro que não lhe havia dito, era o mais profundo que uma transgressão de transgressões podia ir, na medida do que lhe preocupava.

Tinha aprendido a última vez que tinha tido um encontro com o Sinsar Dubh que era seu "objetivo supremo", pela razão que fosse. Apesar da desconcertante energia escura que emanava de seu corpo, finalmente abracei a ele com todas minhas forças para permanecer sobre a moto. Foi como abraçar uma corrente elétrica de sob nível. Às vezes me pergunto se Barrons tiver uma consciência real do risco de lesar-se que corre. Ele vive como se não a tivesse.

—É que você não me guarda segredos ? -finalmente gritei contra sua orelha.

—Eu não obtenho de você mais que aquilo que implica ao fodido Livro! -burlou-se sobre seu ombro. -Esse era nosso trato, não? Se não houver nada mais, ao menos sejamos honestos um com o outro sobre o Livro.



—Eu não confio em você!

—E você crê que eu confio em você? Você não viveu fora de suas fodidos fraldas o tempo suficiente para ser de confiança, Srta Lane! Não estou seguro de que deva lhe permitir dirigir objetos afiados, ainda!

Eu lhe golpeei na cara.

—Isso não é certo. Quem comeu ao Unseelie? Quem sobreviveu sem importar o custo? Quem consegue sobreviver enfrentando-se a todo tipo de monstros retorcidos e ainda consegue encontrar algo para sorrir, enquanto o faz? Nisso consiste a verdadeira força. Isso é mais do que você pode fazer. É mal-humorado, resmungão, triste e reservado todo o tempo. Você não é, precisamente, uma fonte de alegria com a que viver! Eu posso assegurar!

—Às vezes sorrio. Inclusive ri com seu... chapéu.

—MacHalo -corrige hermeticamente. -É uma brilhante invenção e significa que não lhe necessito nem a você nem a V'lane para me manter a salvo das Sombras, mas como, Jericó Barrons, vale seu peso em ouro: não lhe necessitar a você para algo!

—Quem veio a lhe ensinar como resistir à Voz esta noite? Crie que poderia encontrar outro professor? Aqueles que podem utilizar esse poder não o compartilham. Você goste ou não, necessita-me e me necessitaste desde dia em que pôs os pés neste país. Recorda-o e deixa de mijar fora.

—Você me necessita também, muito -grunhi

—Essa é a razão pela que a estou ensinando. Essa é a razão pela que lhe dava um lugar seguro para viver. Essa é a razão pela que procuro mantê-la com vida e trato de lhe dar as coisas que quer.

—OH, as CO... as CO... que qui... -gaguejei, porque estava tão enlouquecida que tentava cuspir todas as palavras de uma vez. -E as respostas? Trate de me dar isso!

Ele riu, e o som reverberou nas paredes de tijolo do estreito beco pelas que corríamos, por isso o som assemelhou até montão de homens rindo-se a meu redor e era arrepiante.

—O dia que o de repostas será o dia que mais as necessite.

—O dia que não as necessite -disse gélida -será o dia que esteja morta.

No momento em que chegamos à cena do crime, o atirador se voou a cabeça e os reféns que tinham sobrevivido estavam sendo tratados e a sombria tarefa de contar e recolher corpos tinha começado.

A rua se fechou de um extremo do bloco ao outro, repleta de carros de polícia e ambulâncias, com o registro da Polícia. estacionamos e desmontou a uma maçã da cena.

—Estou assumindo que o Livro está aqui. Você Crê?

Sacudi minha cabeça.

—Já se foi. por ali -disse assinalando para o oeste.

Um gelado ar neste canal através da noite. Levar-lhe-ia na direção oposta, e, eventualmente, diria que tinha perdido seu "sinal." Senti-me mal do estômago, e não por todos aqueles corpos e sangue. O Sinsar Dubh era o causador das náuseas. Saquei um antiácido do bolso. Tinha o princípio de uma brutal enxaqueca e esperava que não progredisse.



—Logo vais dizer-me tudo o que sabe. De algum jeito tem descoberto como se desagradou ao redor da cidade, e está vinculado com os crimes, não? -Era bom. Quando assenti cautelosamente, tentando não sacudir meu crânio, disse -E de algum modo conseguiu coagir ao Jayne para que te desse informação. Como o obteve? Você, francamente, confunde-me.

—Beeem, talvez não seja tão inepta como você acredita que sou. -mastiguei outro antiácido e tomei nota mental de levar também aspirinas.

Atrás de uma pausa, disse firmemente

—Talvez você não o seja -o que estava muito perto de ser uma desculpa no Barrons.

—Alimentei-lhe com carne Unseelie.

—Está foddidamente louca? -explorou Barrons.

—Funcionou.

Seus olhos se reduziram.

—A gente poderia pensar que está desenvolvendo uma espécie de... ética situacional.

—Crê que não sei como se chama?. Meu pai é advogado. Sei o que é.

Um tênue sorriso curvou seus lábios.

—Volta para a moto e me diga aonde ir.

—Me diga aonde ir -murmurei resmungona e ele riu.

À medida que corria pela rua, longe da escuridão do Livro, minha cabeça começou a aliviar-se. Eu estava tão excitada, de repente, que estava no perigoso ponto de roçar meus doloridos mamilos contra as costas do Barrons. Afastei-me imediatamente e olhei sobre meu ombro. Meu coração se afundou. Quis agarrar minha Lança. Tinha desaparecido.

Barrons devia haver sentido a tensão de meu corpo, porque olhou sobre seu ombro, por cima de mim e vi o que tinha visto: ao Príncipe Fae, vindo pela rua detrás de nós, um momento, logo desapareceu e a seguinte vez estava uma dúzia de pés mais perto.

—Já é bastante mau que você não me dissesse o do Livro, Srta Lane, mas me diga que não o disse a ele.

—Tive que fazê-lo. Necessitava que fizesse algo por mim e é tudo o que tinha para lhe oferecer, ao menos, pelo que estava disposta a me desprender. Mas não lhe disse tudo.

De fato, deliberadamente lhes levava por mau caminho, assim... como me tinha encontrado esta noite? Pura sorte? Ele não podia controlar cada delito na cidade!

A irritação ressurgiu no corpo do Barrons, ainda pior que antes. Deixou abruptamente que me caísse da moto; golpeei-me as costas e fiquei caída. Ao momento me levantei e comecei a me sacudir o pó da roupa; Barrons desceu da moto; V'lane, também tinha parado e estava de pé na rua a uns 23 metros de distância.

—Venha aqui, Srta Lane. Agora.

Eu não me movi. Estava tão zangada que eu gostaria de lhe haver estampado algum objeto e se lhe dava em sua cabeça, ainda melhor. Além disso, um Barrons furioso não é algo do que desejasse permanecer mais perto que de uma cobra bêbada.

—A menos que queira peneirar-se com ele, aproxime-se de mim. Agora. Ou quer ir com ele?



Olhei a V'lane e fui ao lado do Barrons, porque V'lane estava tão glacial pelo desagrado que uma pequena tempestade de neve de gelo se formou ao final da rua e eu não estava vestida para esse clima. Bom, por isso e, talvez, porque V'lane me assustava um pouco mais do que o fazia Barrons. V'lane utiliza sua sexualidade contra de mim e sou suscetível a ela. Barrons não. Inclusive agora, minha mão se deslizou para meu suéter, vadiando sobre meu zíper e eu quase gemia. tentei me esfriar com o estranho lugar que existe em minha cabeça. Sou forte, disse-me, sou uma sidhe-seer. Não vou ceder.

Barrons pôs um braço sobre meu ombro e me acolheu baixo ele. A coisa de minha língua queimava. Minha fodida marca. Nesse momento, desprezava a ambos.

—Mantenha-se afastado dela -grunhiu Barrons.

—Ela vem para mim por própria vontade. Ela me chama, escolhe-me -V'lane usava seu encanto, ouro e bronze, iridiscência e gelo. Ele me rastelava com um olhar imperioso. -vou falar com você mais tarde. Você rompeu nosso acordo. Há um preço por isso. -sorriu, ao estilo Fae, mas em realidade isso não era um sorriso. Era uma expressão humanizada que dava calafrios, já que parecia antinatural em seus rostos não humano perfeito. -Não tenha medo, MacKayla, eu... Como se diz? beijá-la-ei e o farei melhor.

Tirei minha mão de minha camiseta.

—Eu não rompi nosso pacto intencionalmente, V'lane. Barrons escutou algo que não deveria ter escutado.

—Por omissão ou comissão, que diferença há?

—Há uma. Inclusive os tribunais de justiça permitem tal distinção.

—Direito Humano. A lei Fae não reconhece tal coisa. Não são os resultados, a não ser os meios pelos que se obtiveram o que importa. Você disse que não sabia como seguir ao Livro.

—Não sei. Acabo de seguir uma intuição esta noite. Tive sorte. E você?

—Insolência e mentiras, MacKayla. Não o aceitarei.

—Você não vai danificar nem um fio de sua cabeça ou vou matar lhe -disse Barrons.

Sério? Com o que?, queria lhe perguntar.

V'lane era um Fae. Minha Lança tinha desaparecido e Rowena tinha a Espada.

A frieza que acompanhava ao livro estava diminuindo rapidamente. deslocava-se com rapidez. Sua próxima vítima se encontrava em um carro e um muito rápido.

Tive um malvado pensamento: não mais rápido que o meu. Tinha um Viper. Suas chaves estavam em meu bolso.

A incredulidade desvaneceu o pensamento. ofendeu-se cada onça de meu ser porque o livro escapava, a fim de destruir mais vidas. Mas não importa quanto insistissem meus sentidos sidhe-seer, me gritando que o seguisse, não me atrevia. Não com o Barrons e V'lane aqui. Precisava saber mais sobre o Livro. Precisava saber como pôr minhas mãos nele e fazer o correto com ele. Estava brincando? Eu precisava saber o que era correto. Caso que finalmente o tivesse, em quem poderia confiar? Em V'lane? No Barrons? Deus não o queira, Rowena? A mesma rainha Seelie? De algum jeito, também duvidava dela. Nada em minha vida era fácil.

—Você não tem direito sobre ela -V'lane dizia Barrons.



—Poderia dizer o mesmo. Qual é seu motivo? -Barrons disse.

—Você nunca poderia compreender meu motivo.

—Melhor do que crê, Fae.

—Não há nada que você pudesse fazer com ele, inclusive se conseguisse pega-lo. Você não fala o idioma no que se descrito e nunca esperamos que o decifrasse.

—Talvez tenha as pedras.

—Não todos elas -disse V'lane friamente, e eu sabia pelo desprezo em sua voz que havia ao menos uma, se não mais pedras de tradução, que não tínhamos conseguido.

Todas, as quatro místicas e translúcidas pedras azul e negro, eram necessárias para "revelar a verdadeira natureza" do Sinsar Dubh. Barrons já tinha uma quando me reuni com ele. Recentemente, tínhamos roubado a segunda do Mallucé, o evento que tinha precipitado as hostilidades entre nós.

Barrons sorriu. Homem inteligente. Até esse momento, ele o tinha suspeitado, mas não o tinha comprovado

—Talvez aprendesse o suficiente de sua princesa que não necessito as quatro -burlou Barrons e houve um mundo de insinuações em suas palavras.

Inclusive eu, que não tinha nem idéia do que estava insinuando, escutei o insulto nelas e sabia que tinham cortado profundo. Havia uma história entre V'lane e Barrons. Não se desprezavam só por mim. Havia muito mais aqui.

Gotejou gelo da iridescente túnica de V'lane; fluía pela rua pavimentada, abrangendo o pavimento de sarjeta a sarjeta, com uma magra folha, que se tingia de negro pelo mais quente revestimento de pedra.

Bom, que luta!. Que o livro desaparecesse e se levasse meus problemas com ele. Para acrescentar lenha ao fogo, disse

—Por que os dois se odeiam tanto?

—Você não o agarrou ainda?

V'lane me ignorou completamente.

—Estou-o tentando.

Tradução: seus esforços de distração fracassaram.

—Não, não -disse. -Ele não o agarrou. PARA SUA INFORMAÇÃO⁹ meninos uso este término vagamente, há algo mais para mim que o sexo.

—Qual é a razão pela que está ainda viva, Srta Lane?Segue cultivando essas partes?.

Desde que tive aos dois juntos, como em uma má novela, tive uma intuição que queria comprovar.

—O que é Barrons? -perguntei a V'lane. -Humano ou algo mais?

O Príncipe Fae olhou ao Barrons, e não disse nada. Barrons me disparou um forte olhar.

—Bom, Barrons -disse docemente -Me conte de V'lane. É um bom tipo ou um tipo mau?

Barrons tampouco disse nada.

⁹ (NdT: PARA SUA INFORMAÇÃO acrónimo de "para sua informação")



Sacudi minha cabeça, enojada. Era como eu suspeitava. Homens. São o mesmo em todas as espécies, já sejam humano ou não?

—Vocês dois têm algo com o outro e vocês, ratos ao fim e ao cabo, escondem-se mutuamente com o fim de manter seus próprios segredos seguros. Incrível. Vocês se odeiam e ainda se protegem. Bom, adivinhem o que? Ao diabo. terminei com os dois.

—Grandes palavras para uma pequena humana -disse V'lane.

—Você nos necessita.

—Com o da direita. Trate com ele, Srta Lane.

Magnífico. Agora uniam forças contra mim. Tivesse preferido que V'lane desaparecesse quando apareceu Barrons. Isso significava que V'lane não tinha medo do Barrons depois de tudo?

Vigiei o espaço entre eles. Se Barrons dava passo adiante, daria V'lane um passo atrás?

Difícilmente poderia conseguir comprová-lo. Depois de um momento de exame, saí de debaixo do braço Barrons e me coloquei detrás dele. Senti-lhe relaxar-se um pouco. Acredito que ele pensou que eu estava procurando o refúgio de seu corpo, utilizando esse movimento para mostrar que tinha optado por um lado. Imaginava que devia parecer bastante satisfeito agora.

Empurrei-lhe para frente tão forte como pude.

V'lane saltou imediatamente para trás.

Barrons lançou de repente um furioso olhar sobre seu ombro, para mim. Sorriu-me. Não acredito que muitas mulheres se atrevessem a empurrar ao Barrons.

—A que está jogando, sidhe-seer? -vaiou V'lane.

O Fae temia ao Barrons. Tentei processar esse pensamento, mas não estou muito segura do êxito.

—É possível sentir ainda o Livro? -perguntou Barrons, saltando um músculo em sua mandíbula.

—Sim, por onde foi? -exigiu V'lane.

—Por onde? Vocês perderam muito tempo discutindo -menti. Ainda tinha um ligeiro formigamento. parou-se em alguma parte. —Passou além de meu radar faz uns minutos.

Não estava segura de que nenhum deles me acreditasse, mas, o que podia fazer? Em realidade, me ocorreu, que tão desagradável podia ser para mim que Barrons utilizasse a Voz: obrigando-me a lhe dizer a verdade e a caçar com ele, como ser uma escrava de um Fae-morte-por-sexo: V'lane poderia amplificar o sexo e me dirigir como uma varinha de cordão. Então, por que não o faziam? devido a que realmente eram meninos decentes com motivos decentes, embora com fodidas personalidades? Ou porque não se queriam ao redor um do outro quando me utilizassem para realizar o seguimento, e não podiam pensar em uma forma de desfazer do outro neste momento?

Deixávamos escapar ao livro para que pudessem impedir o um ao outro consegui-lo? Exato. Estava acostumado a ter um trabalho muito duro com a geometria do instituto. A vida era um caminho muito mais complicado que as matemática

—Mova-se -disse Barrons. -Suba à moto.

Eu não gostei de seu tom.



—Aonde vai Srta. Lane se não for comigo ou com ele? Voltará para casa, a Ashford? Empreenderá o caminho você sozinha? Conseguirá um apartamento? Terá que vir seu pai a recolher suas coisas atrás, como você fez atrás do de sua irmã? -dava-me a volta e comecei a andar. Ele me seguiu, o bastante perto para sentir seu fôlego no dorso de meu pescoço. -Ele a peneirá, -disse em um grunhido baixo -se você lhe der a mais mínima possibilidade.

—Não acredito que ele se arrisque a ficar a menos de 4 metros de você -disse com serenidade -E você não tem que me recordar que minha irmã está morta. Esse foi um golpe baixo.

Subi a Harley.

Ir com V'lane e ser castigada por violar nosso pacto?

Preferia provar minhas possibilidades com o Barrons. por agora.

Capítulo 8

—Tem algumas de suas mensagens perdidas na secretaria -disse Dani, enquanto empurrava a porta dianteira do Barrons Livros e Adornos, com as rodas de sua bicicleta aparecendo.

Levantei o olhar do livro que estava lendo (de novo as Invasões da Irlanda, possivelmente o livro mais entediante de investigação que se feito, à exceção de algum artigo sobre o Fir Bolg e Fomorians) e, atrás de olhar detrás para me assegurar de que Só estava ela, sorri.

Seu cabelo encaracolado castanho avermelhado ondeava ao vento, suas bochechas vermelhas pelo frio, o pulôver verde a raias de Correios Urgentes, Inc e um gorrinho da empresa colocado com desenvoltura, enquanto em seu rosto luzia sua eterna expressão de "estou aborrecida" e sacanagem, tão típica nela.

Eu gosto de Dani. Ela é diferente das demais sidhe-seer. quis-la desde o dia que a conheci. Há algo em nós que nos une, além disso do feito de que ambas executamos missões de vingança: ela por sua mãe, e eu por minha irmã.

—Rowena te matará por vir aqui, sabe -uma suspeita me ocorreu. -Ou te enviou ela?

—Não. Tomei precauções, não acredito que ninguém me seguisse. Ocupa o posto de honra em sua lista de merda, Mac. Se ela me tivesse enviado, tivesse-o feito com a Espada.

Agarrei fôlego. Nunca quis lutar contra Dani. Não porque me desse medo de não poder ganhar, embora com sua velocidade sobre-humana supusesse que era uma possibilidade, mas sim porque nunca queria ver a exuberante faísca da moça extinta, nem por mim nem por qualquer outro.

—Sério?

Ela pôs seu malicioso sorriso.

—Não. Não acredito que ela te queira morta. Ela só quer que lhe fudas e obedeça cada uma de suas palavras; está esperando o mesmo de mim, mas não consegue fodernos porque não somos como o resto dos soldadinhos de chumbo com a cabeça cheia de seva de seu exército. Se tiver um cérebro próprio, chama-te menina e se não o tiver te chama ovelha. Beeeee -disse,



pondo expressão de balir em sua cara -A Abadia está tão cheia de cérebros vazios que fede mais a merda de ovelha que um dia do verão.

Traguei-me a risada, não devia fomentar isto nela

—Pare. Não use palavras feias -disse. E antes que pudesse protestar, acrescentei —Porque as garotas bonitas não têm uma boca feia, de acordo? Eu discuto às vezes, muito, mas o faço com moderação.

—A quem lhe importa se for ou não bonita? -grunhiu, mas vi que gostou.

A primeira vez que a tinha visto, estava maquiada e com uma roupa de rua que a fazia parecer maior. Com seu uniforme e sem todo esse rímel negro, pude ver que tinha treze, quatorze no máximo e estava apanhada nessa etapa difícil que todos nós sofremos por um breve tempo.

Eu tinha sido torpe e desajeitada nesse período, plenamente convencida de que os genes dos Lane me tinham traído e, a diferença da Alina, ia crescer feia e passar o resto de minha vida eclipsada por minha irmã maior, enquanto os amigos diziam tristemente, e nunca em suficiente voz baixa: "Pobre MacKayla, Alina tem o cérebro e a beleza".

Dani estava apanhada no limbo dos adolescentes. Seu torso ainda não se adaptou a pernas e braços, e embora seus hormônios estivessem causando estragos em sua pele, ainda não tinham dado forma a seu busto e quadris. Apanhada entre a menina e a mulher, vivia em um duro lugar para estar, e ela além disso tinha que lutar contra os monstros.

—Um dia será muito formosa, Dani -disse-lhe -mas deverá polir sua linguagem se quer sair comigo.

Ela rodou seus olhos, inclinou sua bicicleta contra o balcão, arrojou um volumoso taco de correio sobre ele e se dirigiu decidida para a prateleira das revistas, não antes que percebesse a assustada e reflexivo olhar de seus olhos. Recordaria o que lhe havia dito, aferrar-se-ia a isso em seus piores momentos e lhe ajudaria a sair adiante, da mesma maneira que minha tia Eileen me tinha prometido que um dia seria igualmente formosa.

—Encontrei-o na calçada -disse sobre seu ombro -Carteiros de merda que nem sequer podem colocar as cartas no correio.

Falou de tal forma enquanto me desafiava a corrigir sua linguagem, e eu o tivesse feito, mas me distraí ao vê-la equilibrar-se sobre a revista Hot Rod. Boa eleição; eu teria escolhido a mesma a sua idade.

—Sabe que está sentada ao bordo de todo um bairro de Unseelie?

—Refere às Sombras? -disse ausente enquanto folheava o correio -Sim. Eu o chamo uma Zona Escura. encontrei três delas na cidade.

—Sempre lhes põe os melhores nomes. Não te tira de gonzo que estejam tão perto?

—Tira-me de gonzo o feito de sua própria existência. Viu o que deixam atrás?

Ela se estremeceu.

—Sim. Rowena me enviou com uma equipe em busca de algumas de nós que não retornaram uma noite a casa.

Sacudi minha cabeça. Ela era muito jovem para ver tanta morte; deveria ler revistas de moda e ficar com moços bonitos.



Tinha revisado folhetos e recibos quando minha vista recaiu em um envelope; já tinha visto esse tipo de envelope antes: pesado, liso e de branca vitela.

Não tinha remetente.

Seu carimbo era de Dublin, selado faz dois dias.

MacKayla Lane c / ou Barrons Livros e Adornos

Abri-o com as mãos tremendo.

"Falei com Mac esta noite".

Fechei os olhos, me animando a mim mesma e, continuando, abri-os de novo.

"Foi muito bom ouvir sua voz! Podia ver sua imagem, estendida em sua cama, com sua colcha arco íris, de borde desfiados por umas centenas de lavagens, mas que se nega a atirar. Poderia fechar os olhos e cheirar o bolo de maçã e caramelo que mamãe assa; podia escutar a papai no fundo, vendo o beisebol com o velho Marley, gritando aos Braves como se a capacidade do rebatedor de golpear a bola dependesse da intensidade de seus gritos. Sinto-a como se estivessem a um milhão de milhas de distância, não a quatro mil e um simples vôo de oito horas para vê-la."

"É uma brincadeira? A quem quero enganar? Estou a um milhão de vidas de distância. Quero lhe dizer que estou mau. Quero dizer: Mac, vêm aqui! É uma sidhe-seer! Somos adotadas. Há uma guerra em curso e estou tratando de detê-la, mas se não poder, vou ter que te trazer aqui de todos os modos, para que nos ajude a lutar. Quero lhe dizer: você estranho mais que nada no mundo!, e Te quero tanto! Mas se o faço, saberá que algo está mau. foi tão difícil ocultar-lhe a ela, porque ela me conhece muito bem. Quero me colocar através da linha do telefone e abraçar a minha irmãzinha. Às vezes, tenho medo de não poder fazê-lo de novo. Acredito que vou morrer aqui e lá ficarão um milhão de coisas que não disse e que não posso desfazer. Mas não posso deixar de acreditar dessa maneira por que..."

Minha mão se contraiu, enrugando a página em meu punho

—vou olhar o contador, Dani -gritei e corri ao quarto de banho.

Fechei a porta, bloqueei-a e me sentei na taça do banho, com minha cabeça pendurando entre as pernas. atrás de um momento, sequei meu nariz e meus olhos. Sua letra, suas palavras, seu amor por mim, tinham parecido uma inesperada faca, direto a de meu coração.

Quem me enviava estas estúpidas e dolorosas páginas, e por quê?

Alisei a página, apoiei-a em minhas pernas e continuei lendo por onde o tinha deixado.

"...se for perder a esperança, a esperança é tudo o que fica. Aprendi algo importante esta noite: pensei que ia caçar ao Livro e que isso seria o final da mesma, mas agora sei que tenho que voltar a criar o que uma vez foi. Temos que encontrar aos Cinco anunciados pela Profecia do Haven. O Sinsar Dubh por si só não é suficiente. Temos que ter as Pedras, o Livro e os Cinco." ¹⁰

Esse era o final da página. Não havia nada no outro lado.

Olhei-a fixamente até que se tornou imprecisa ante meus olhos. Quando se terminaria minha pena? Acabaria alguma vez? Ou somente se intumesceria a base de me doer tantas vezes?

¹⁰ (NdT: as palavras sublinhadas aparecem assim no original)



Crescer-me-ia uma malha uma cicatriz emocional? Esperava-o, e, ao mesmo tempo, não acreditava. Como poderia trair meu amor por minha irmã pelo sofrimento que sentia cada vez que pensava nela? Deixava-se de me fazer danifico, queria isso dizer que tinha deixado de querê-la um pouco?

O que sabia Alina sobre o Haven? Só recentemente tinha sabido eu de sua existência e o que era: o Conselho Superior de sidhe-seer. Rowena alegou que ela nunca tinha conhecido a minha irmã, entretanto, Alina tinha escrito em seu diário sobre o Conselho da própria organização que dirigia Rowena, e ela tinha sabido, de algum jeito, de uma profecia anunciada por eles.

Quais eram os Cinco? Qual era a Profecia do Haven?

Massageei meu couro cabeludo.

Livros diabólicos, misteriosos jogadores e complôs dentro de complôs, e, agora Profecias também? Antes necessitava cinco coisas: quatro Pedras e um Livro. Agora necessitava dez? Isto não era simplesmente absurdo, era injusto.

Coloquei a página no bolso dianteiro de minhas calças jeans, pus-me de pé, refresquei meu rosto, tomei um profundo fôlego e saí para aliviar ao Dani de suas funções.

Se meus olhos estavam muito brilhantes quando dava um passo atrás do balcão, ela não o notou, ou, entendendo uma coisa ou duas sobre as penas, deixou-me sozinha.

—Algumas das garotas querem reunir-se contigo, Mac. Essa é a razão pela que vim o dia de hoje. Pediu-me que te perguntasse por que lhe deixou entrar e estão desenquadradas perguntando-se como pôde conhecer um Príncipe. -Seus olhos felinos se reduziram -Como é ele? - Sua voz jovem era uma perigosa mescla de fascinação e despertar de hormônios.

V'lane era para as sidhe-seer o equivalente de Lúcifer, e embora seus motivos fossem sozinho um simples reflexo dos nossos, ia ser temido, rechaçado, e, uma profunda parte de mim insistia, destruído. Seelie e Unseelie, todos os Fae eram nossos inimigos. Sempre tinha sido assim e sempre o seria. por que, OH por que, encontramos que os mais perigosos e proibidos homens são os mais irresistíveis?

—Os príncipes Fae matam sidhe-seer Dani.

—Ele não matou a você -Ela me disparou um olhar de admiração. —Parecia comer de sua mão.

—Nenhuma mulher poderia fazer a um Fae comer de sua mão -disse bruscamente -nem sequer sonhar com isso.

Baixou a cabeça com culpabilidade e suspirei, recordando o que era ter treze anos. V'lane teria sido o objeto de todas e cada uma de minhas fantasias adolescentes. Nenhuma estrela de rock ou ator, poderia ter competido com o dourado, imortal e desumano príncipe erótico. Em meu fantasia lhe teria aniquilado com minha inteligência, lhe teria seduzido com minha incipiente feminilidade, conseguiria ganhar um coração que nenhuma outra mulher teria podido obter, porque, é obvio, em minha fantasia, lhe teria dotado de um coração que ele não tinha na realidade.

—É tão formoso -admirou -É como um anjo.

—Sim -acordei confusa e Como um anjo caído.



Minhas palavras não lhe fizeram trocar a expressão em seu rosto. Eu só podia esperar que nunca o visse de novo, mas não podia lhe dar nenhuma razão. Em algum momento, em um futuro próximo, ela e eu íamos ter um largo bate-papo sobre a vida. Ela estava um pouquinho “infantilizada” nesse aspecto. Quase me ri. Eu também tinha sido assim, mas então, tinha vindo a Dublin.

—me diga mais a respeito desta reunião que querem, Dani.

O que queriam elas depois?

—Depois de que foi essa noite, todo mundo se mergulhou em uma enorme luta. Rowena enviou a todas de volta à cama, mas uma vez que desapareceu, começaram de novo. Algumas das garotas queria caçar contigo, e, inclusive, te seguir. Kat (a que estava com há Moira esse dia) disse que não deviam fazê-lo, que seria um engano e um montão de garotas a escutaram. Algumas delas não estão contentes com Rowena. Elas pensam que mantém uma rédea muito firme sobre nós, pensam que deveríamos estar fora nas ruas, fazendo o que possamos para deter o que está passando, em lugar de andar em bicicleta, todos os dias, observando. Ela quase nunca nos permite sair a matar.

—Com apenas uma arma, posso ver por que -odiava de acordo com a velha, mas o estava nesse aspecto.

—Ela tem a Espada, não gosta de estar sem ela. Acredito que tem medo.

Podia entendê-la, muito bem. Ontem à noite, depois de que chegar à moto e sair despedida, tinha procurado minha Lança. Apesar de seu evidente desgosto comigo, V'lane havia mantido sua palavra e partiu.

Tinha-me tomado banho com a Lança atada a minha coxa.

Dormi com ela em minha mão.

—Podemos lutar, Mac. Talvez não possamos matar sem a Espada, mas estamos seguras de que poderíamos lhes chutar seus fódidos traseiros, e, assim, talvez, o pensassem duas vezes antes de acampar em nossa cidade. Poderíamos salvar dezenas de pessoas cada dia, se só nos permitisse. Posso vê-los andando pela rua, tirados da mão com um ser humano -estremeceu-se com o pensamento -e sei que essa pessoa vai morrer. Eu lhes poderia salvar!

—Mas o Unseelie que não se mata, só para até encontrar a outra vítima, se não se acabar com ele, Dani. Você gostaria de salvar a uma pessoa para condenar a outra distinta? -tinha pensado o mesmo, sentia o mesmo, mas estávamos em inferioridade de condições com apenas duas armas mortais.

Sua boca se retorceu.

—Isso é o que diz Rowena também.

Ugh. Eu não sou como Rowena.

—Neste caso, tem razão. entretê-los não é suficiente. Precisamos mais armas, mais forma de lhes matar e eu não posso renunciar a minha Lança, de modo que se lhe estão utilizando como ceva para algum tipo de armadilha... -adverti. -Eu não matei a Moira, foi um acidente, mas não deixarei que ninguém me tire minha Lança.



—Elas não estão tratando de te apanhar, Mac. Juro-lhe isso. Só querem falar contigo; pensam que há coisas que estão acontecendo que você não sabe e acreditam que pode conhecer algumas coisas que elas não sabem. Querem intercambiar informação.

—O que é o que sabem que eu não sei? -exigi.

Existia alguma ameaça da que não tinha conhecimento? Um novo e pior inimigo aí fora, fazendo alvo comigo?

—Se te disser algo, todas se zangarão comigo e a metade da abadia, normalmente, já está zangada comigo. Eu não posso mijar a uma metade para agradar à outra. Disseram que poderiam lhes reunir em terreno neutro e que você poderia escolher onde. vais fazer ?

Fiz ver que o estava considerando, mas minha mente já tinha tomado uma decisão. Queria saber o que elas sabiam, e queria, desesperadamente, acessar a seus arquivos. Rowena me tinha deixado jogar uma olhada a um de seus muitos livros a respeito dos Fae, o dia em que Dani me tinha conduzido à sede de sua empresa fantasma. Ela me tinha mostrado as primeiras frases de uma entrada sobre V'lane, e me picavam as mãos pelo desejo de lhe jogar a garra em cima após, e assim, terminar de ler o resto. Se a informação sobre o Sinsar Dubh existia, apostava a que as sidhe-seer a tinham, em alguma parte... Por não falar da esperança de que em algum lugar da Abadia encontrasse resposta às perguntas a respeito de minha mãe e seu patrimônio.

—Sim. Mas terá que me dar uma prova de boa fé.

—O que quer?

—Rowena tem um livro em seu escritório...

Dani ficou rígida imediatamente.

—Não me fodas! Elas desejam saber! Não vão a roubá-lo!

—Não te estou pedindo que o roube. Tem uma câmara digital?

—Não. Perdoa, não vou poder fazê-lo -disse, pregando seus braços.

—Emprestar-te-ei a minha. Fotografe as páginas sobre V'lane e me traz isso .

Meu plano servia a um duplo motivo: um, obter mas informação, e outro, demonstrar que ela estava disposta a desafiar a Rowena por mim. Também leria sobre o objeto de suas fantasias juvenis e era de esperar que se curasse delas.

Olhou-me fixamente

—Se ela me pegar, estou morta.

—Não deixe que te capture então -disse, e logo, mais brandamente -Crê que pode fazê-lo, Dani? Se for realmente muito perigoso para você... -tinha só treze anos e eu a estava enviando contra uma mulher com anos de sabedoria e experiência, desumanas intenções e uma vontade de aço.

Seus olhos ondularam

—Sou super-veloz, recorda? Quê-lo e o entendo. -olhou em torno da livraria. -Mas se as coisas ficam muito mal, venho viver contigo.

—OH não, não o fará -disse, tratando de não sorrir. Ela era uma adolescente.

—por que não? Vir-me-ia muito bem. Nenhuma classe de normas, não?.



—Afogar-te-ia em normas. Todos tipo de normas. Nem televisão, nem música a todo volume, nem meninos, nem revistas, nem aperitivos ou refrescos, tudo sem açúcar...

—Entendo-o, entendo-o -disse zombadora. Então ela se iluminou. -portanto, posso lhes dizer que virá?"

Assenti.

Dani vigiou o balcão enquanto eu subia correndo a minha habitação para pegar minha Kodak. troquei a configuração para que as fotos tenham a máxima resolução possível e lhe advirto que tem que assegurar-se de que em cada foto esteja a página completa; atrás, poderia descarregá-la em meu computador, fazer um zoom das imagens e ler. Disse-lhe que me chamasse logo que as tivesse; tínhamos que estabelecer um lugar e uma hora para nos reunir.

—Tome cuidado, Dani -disse-lhe quando tirava sua bicicleta pela porta.

Havia tormenta nas ruas de Dublin, e não me referia sozinho a essas densas nuvens negras sobre os telhados. Podia senti-lo. Ao igual a uma malvada lua em aumento, e um problema pior ainda que estivesse em caminho. Desde que apareceu enquanto eu dançava essa canção a outra noite, não tinha sido capaz de sacudir-me a de minha cabeça. A feliz e faiscante música ia acompanhada de sombrias predições.

Ela olhou atrás, sobre seu ombro, para mim.

—Somos um pouco como irmãs, não é assim, Mac?

Uma faca retorceu meu intestino. Era algo mais que uma esperança o que brilhava em seu olhar.

—Sim, suponho que o somos. -eu não queria outra irmã. Nunca. Não queria ter que preocupar-se com ninguém mais que por mim mesma.

Entretanto, fiz o mais parecido a uma oração que sabia fazer, sussurrando uma invocação silenciosa ao universo para poder protegê-la, enquanto fechava a porta.

As nuvens escuras que se arrastavam sobre a cidade exploraram, trovões e relâmpagos, as gotas de chuva mordiam com sanha, alagando o pavimento, brotando como cataratas do canelone, transbordando as bocas-de-lobo e varrendo a todos meus clientes.

Cataloguei livros até que minha visão se voltou imprecisa. Fiz-me uma taça de chá, acendi a estufa de gás, me aconcheguei perto do fogo e passei as páginas de um livro sobre "Contos de fadas irlandesas: a caça da verdade dentro do mito", enquanto que tomava um almoço que no Reino Unido equivale aos macarrão Ramen. Não tinha tido muito apetite desde que comi carne Unseelie. Ao menos, não de mantimentos.

Ontem à noite, Barrons e eu não nos havíamos dito uma palavra um ao outro em todo o caminho de volta à livraria. Ele me tinha deixado na frente e me tinha olhado, me lançando esse sorriso em que me mostrava todos seus dentes, essa de mau, e conduzido diretamente à Zona Escura, enquanto parecia me dizer "Foda-se, Srta Lane", sem sequer incomodar-se em abrir a boca. Ele sabe quanto me irrita sua negativa a me dizer por que as Sombras não o comem.

Quero ser igual de valente. Quero ser tão má e difícil que todos os monstros me deixem em paz.



Tirei a página do Diário da Alina de meu bolso e me dispus a lê-lo de novo, mais lentamente esta vez.

Seu pior temor se fez certo, eu estava aqui, com um milhão de coisas não sortas e que com outro de coisas que não se podiam desfazer. Nunca tinha conseguido seu abraço. Sabia que precisava empurrar ao passado o murro emocional e me centrar na Profecia do Haven, nos Cinco e nas novas perguntas que suas notas me expõe, mas estava sobressaturada pelas lembranças. Tinham sido tantas noites nas que me esparramava em minha cama, falando com a Alina ao telefone... Mamãe sempre fazia coisas boas, enchendo a casa com o aroma da levedura, os molhos de nata de caramelo e especiarias... Papai sempre gritava aos Braves com o velho Marley durante a temporada de beisebol... Eu tinha conversado sem rumo sobre moços e escola e minhas queixa idiotas sobre tudo o que estava acostumado a me queixar, acreditando todo o tempo que ela e eu éramos imortais.

Que shock quando a vida termina às vinte e quatro!. Ninguém está preparado para isso. Perdi minha colcha arco íris, perdi a minha mãe. Deus, perdi...

Parei, devolvendo a página ao interior de meu bolso, cortando meus pensamentos escuros na etapa de mudas antes que pudessem brotar plenamente. A depressão pode não te fazer nada, mas enredada em um jardim que cresceu em excesso pode asfixiar sua vida.

Transladei-me à janela e contemplei a chuva. Rua cinza. Cinza dia. Chuva cinza, salpicos cinza sobre um pavimento cinza. O que dizia a canção dos Jars of Clay de meu iPod? "Meu mundo é uma inundação. Pouco a pouco me converterei em um com o barro".

Enquanto olhava toda essa "grisedad", um eixo de brilhante luz do sol fragmentou a chuva, diretamente diante de mim.

Olhei, procurando sua fonte. O raio atravessou a escuridão das nuvens, um radiante Lança procedente do céu, formando um perfeito círculo de ouro sobre a tristeza empapada da calçada, em cujo interior não havia chuva, nem tormenta, só a luz do sol e o calor. Tirei um Tums ¹¹ de meu bolso. Meu chá e meus macarrão fizeram, abruptamente, um desagradável guisado em meu estômago.

Falando do equivalente a Lúcifer das sidhe-seer...

—Fantástico -disse.

Mas eu não estava rindo. As náuseas induzidas pelo Fae junto com uma impossível ilusão, só podiam significar uma coisa: Vlane. O único que me faltava era um frenesi de luxúria Fae e me preparei para rechaçar a ilusão. Seu nome, enroscado em minha língua, de repente sabia doce como o mel, um tercípelo flexível, suave e sexy em minha boca.

—Vai -disse-lhe ao ilusório eixo de sol, centrada em minha zona sidhe-seer. Não se evaporou.

Logo V'lane estava de pé nele, mas não era Fae, nem o motorista que conhecia, era uma versão de si mesmo que não tinha visto nunca antes: via-se humano e estava definitivamente "apagado". Entretanto, seguia sendo não humano formoso. Levava um suéter branco que

¹¹ (NdT: marca de pastilha antiácido)



contrastava perfeitamente com sua pele dourada e rodeava seu impecável corpo. Seu cabelo se deslizava como seda sobre seus ombros ao descoberto. Seus olhos eram de âmbar, com um cálido convite em seu olhar.

Havia vindo a me castigar. Sabia. E ainda queria saísse, através da chuva, a me reunir com ele em seu oásis ensolarado. Tendia-me sua mão. Fugir por um tempo, ao Reino, onde poderia jogar voleibol e beber cervejas com uma perfeita ilusão da Alina. Mais vale que colocasse isso em meu baú mental e comprovasse as cadeias: não pareciam muito fortes o dia de hoje.

“irei ver a mais tarde” me disse, “Você rompeu nosso acordo e isso tem um preço”.

—Me deixe em paz, V'lane -disse-lhe através da janela.

O cristal me devolveu o eco e não estava muito segura de que me tivesse escutado. Talvez pudesse ler os lábios. De repente, o cristal que nos separava, desapareceu. A chuva empapou meu rosto e minhas mãos.

—Perdoei-a, MacKayla. Após de refletir, dava-me conta de que não era culpa dela. Você não é responsável pela “ingerência” do Barrons. Não espero que seja capaz de lhe controlar. Para demonstrar minha compreensão, vim, não para castigá-la, a não ser para lhe dar um presente.

Seus "presentes" levavam implícitos todo tipo de cadeias com eles e assim o disse, com umas palavras que tinham sabor de néctar.

—Não este não é um desses. Isto é para você e só para você. Não vou ganhar nada com ele.

—Não te acredito.

—Eu poderia te haver prejudicado faz tempo se assim o tivesse desejado.

—E? Talvez só o estivesse postergando, me dando adulação até o grande momento final -a chuva caía a jorro por meu rosto, jogando meu cabelo para trás, frisando-o e revolvendo-o em um caos incontrolável. -Você pode devolver a janela a seu lugar em qualquer momento que o deseje.

—Tomou a mão e a acompanhei às salas de meus inimigos, confiando em que não me anulasse. Devolva-me a honra, sidhe-seer. -A temperatura foi diminuindo. -Dava-lhe meu nome, os meios para me convocar a sua vontade. -A chuva converteu a água e neve.

—Não inspira minha confiança com sua pequena exibição de temperamento. -Uma forte rajada de vento lançou um repentino cubo de chuva sobre mim. -OH! Fê-lo a propósito!

Esfreguei-me a cara com a manga. Não foi nenhuma ajuda. Meu suéter se empapou.

Ele não o negou. Só jogou sua cabeça atrás, me estudando

—Contar-lhe-ei coisas sobre o de que chama Lorde Master.

—Eu não lhe chamei nem Senhor nem Professor, nunca -disse iracunda.

Lutei contra o impulso de saltar pela janela, lhe agarrar e demandar o que sabia.

—Gostaria de saber quem é?

—Você disse que nunca tinha ouvido falar dele quando lhe perguntei por ele -disse estudando minhas unhas, sabendo de que se sabia que queria a informação, faria mais difícil o que pudesse obtê-la. Provavelmente trataria de negociar com o sexo.

—aprendi muito após.

—Assim, Quem é? -disse em tom aborrecido.

—Aceita meu presente.



—me diga o que é seu “presente” em primeiro lugar.

—Você não tem planos para esta tarde. -disse olhando a rua alagada além de seu quente e ensolarado oásis. -Não terá clientes. vai sentar se em sua cadeira e chorar pelo que perdeu?

—Está mijando fora, V'lane.

—Alguma vez viu o Caribe? Há matizes nas ondas que quase competem com os do Reino.

Suspirei. Não me imaginava. estender-me na borda era uma de minhas coisas preferidas no mundo, já se trate de águas de cor azul ou de tons tropicais. Durante o inverno em Ashford, estava acostumado a ir à agência de viagens local, com escritório na cidade e o sonhar com os folhetos de todos os lugares exóticos e ensolarados, aonde iria com o marido que ainda não tinha conseguido conhecer. Parte da razão pela que estava tão deprimida em Dublin, era a simples falta de sol. O tempo passado nas covas subterrâneas de Burren me tinha minado. Não é só que eu gostasse de muito sol, é que o necessitava. Acredito que se eu tivesse crescido no frio, gélido Norte, teria sido uma pessoa completamente diferente. Claro que o sol sai aqui, mas não tão freqüentemente como o faz na Georgia, e não da mesma maneira. Dublin não recebe os meses de comprimento e felizmente ensolarado verão, coroado por um céu tão azul que dói olhar e um sufocante calor que te esquenta o núcleo. Meus ossos estão frios aqui. Quão mesmo meu coração.

Umás poucas horas nos trópicos, além de informação sobre o Senhor Master?

A chuva que entrava através do buraco de minha janela cravava minha pele com espinhos de gelo, como uma dúzia de porcos espinhos.

Estaria realmente renunciando a sua vingança por romper nosso acordo? Eu não estava em condições de tirar o Príncipe Seelie de minha vida. Confiasse nele ou não, precisava estar em bons termos com ele, e se, realmente, estava-me oferecendo um cartão de “te libere-deste-cárcere”, estaria louca por não tomá-la. Não podia me esconder na livraria cada vez que ele aparecesse, ia ter que me enfrentar com ele em terreno não protegido em algum momento.

—Devolva o cristal a seu lugar -não ia pagar as culpas de outro frente à Barrons por um cristal de janela desaparecido ou correr o risco de que alguma das Sombras voltasse a obter uma fresta para entrar.

—Aceita meu presente?

Assenti.

Quando o painel esteve de volta, fui dentro, troquei minha jaqueta empapada por uma jaqueta seca, pondo-me isso sobre minha camisa úmida e me inclinei para colocar minha Lança sob o braço. Tinha desaparecido.

Ao parecer, a livraria só podia me guardar dele, mas não de sua magia. Fiz uma nota mental para discutir este problema com o intratável proprietário e possuidor do recinto. Sem dúvida, com todos seus segredos e habilidades inexplicáveis, Barrons poderia fazer algo melhor que isso.

Saí, pus o pôster de FECHADO, joguei a chave e atravessei os atoleiros, para o oásis de sol e, quando V'lane me ofereceu sua mão, eliminei minha intenção de lhe anular e enlacei meus dedos com os seus.

Estava em Cancún, México, sentada em uma cadeira, ao bordo de uma piscina, totalmente submerso na água, vendo as palmeiras fluir sob uma brisa sufocante contra o inconfundível



esplendor do Mar do Caribe; uma mistura de coco, lima e tequila, com uma rodela abacaxi, com meu spray bronzeador e o sol beijando minha pele.

Tradução: tinha morrido e estava no céu.

Dublín, a chuva, meus problemas, minha depressão... Tudo tinha desaparecido com a piscada de uma premiação com um Príncipe Fae.

Meu biquíni o dia de hoje, cortesia de V'lane, era de pele de leopardo, três triângulos vergonhosamente pequenos. Uma corrente de ouro no ventre, aros de cor âmbar cobriam meus quadris. Não dei importância a minha quase nudez. O dia era maravilhosamente brilhante e formoso. O sol era quente e acariciava meus ombros. O dobro de tequila Corvo de Ouro de minha bebida não me feria, tampouco. Sentia-me dourada, por dentro e por fora.

—E? Quem é? Você há dito que me falaria sobre o Lorde Master -pedi.

Suas mãos estiveram sobre mim então, roçando o óleo bronzeador de minha pele que cheirava a coco e amêndoa e por um curto período de tempo me esqueceu que tinha uma língua capaz de fazer perguntas.

Inclusive quando está completamente “apagado”, há magia nas mãos de um Fae-morte-por-sexo; fazem-lhe sentir como se estivesse sendo tocada pelo único homem que poderia saber tudo sobre você, te entender, te dar tudo o que necessite. Ilusão, engano, mentira... possivelmente, mas ainda assim parecia real. A mente pode saber a diferença, mas o corpo não: o corpo é um traidor.

Inclinei-me ante o toque de V'lane, ante seus golpes fortes, seguros, ronronando por dentro enquanto me mimava. Seus olhos iridescentes queimavam com uma sombra brilhante de âmbar, como as gemas da corrente de meu ventre, sonolentos, acalorados, me prometendo esse sexo que derreteria minha mente.

—Tenho uma suíte, MacKayla -disse brandamente. -Vamos
Tomou minha mão.

—Arrumado a que lhe diz o mesmo a todas as garotas -murmurei me afastando dele
Sacudi a cabeça, tratando de me limpar.

—Aborreço as garotas, prefiro às mulheres. Elas são imensamente mais... interessantes. As garotas se rompem. As mulheres podem te surpreender.

“As garotas se rompem”.

Não tinha nenhuma dúvida de que tinha quebrado mais de umas poucas em seu momento. Não esqueci que o livro do estúdio da Rowena lhe credita como o Fae fundador dos Caçadores...

Este pensamento me fez voltar para a realidade.

—Quem é ele? -perguntei-lhe uma vez mais, me sentando no bordo mais longínquo de minha cadeira —Pare de me tocar. Honre sua promessa.

Ele suspirou.

—O que é o que dizem os seres humanos? Todo trabalho e nada de diversão?

—Talvez só me mantenha viva -burlei.

—Eu te manteria viva.

—Barrons diz o mesmo. Prefiro ser capaz de fazê-lo por mim mesma.



—Você é uma simples humana, uma mulher.

Senti encaixar-se minha mandíbula.

—Como você há dito: as mulheres podem te surpreender. Responde a minha pergunta. Quem é? -pedi um pouco de suco de abacaxi fria para rebaixar o tequila e esperei.

—Um de nós.

—Huh? -saltei -O Lorde Master é um Fae?

V'lane assentiu.

Embora tivesse sentido ao Lorde Master como “algo Fae”, também tinha obtido uma leitura humana, similar a que percebi no Mallucé e Derek O'Bannion. Eu pensava que a parte Fae se devia a que o Lorde Master tinha comido carne Fae, não a que fosse.

—Mas eu não lhe hei sentido como plenamente Fae. Qual é o problema?

—Ele já não o é. que se chama a si mesmo Lorde Master foi um Seelie anteriormente conhecido como Darroc, um membro de confiança do Conselho Superior da Rainha.

Pisquei. Era Seelie? Então, como se fez líder dos Unseelie?

—O que aconteceu?

—Ele traiu a nossa Rainha. Ela descobriu que estava trabalhando em segredo com os Caçadores Reais para sua derrocada, para voltar para as velhas maneiras e aos velhos dias em que os Fae não teriam cedido ante um pacto ou dado outro uso aos seres humanos que sua mera diversão.

—seus estranhos olhos me estudaram um momento — Darroc, especialmente, era perito em jogar com os humanos, sobre tudo, com as mulheres humanas, durante um comprido e cruel tempo, antes das destruir.

Uma imagem do corpo da Alina, que tinha examinado na mesa do necrotério, elevou-se em minha mente.

—Hei dito já quanto lhe odeio? — vaiei —Por um momento não pude dizer nada mais, nem sequer pude pensar nele machucando a minha irmã e deixando-a a morrer. Respirei fundo e lento e disse -Então, como acabou em nosso mundo quando lhe expulsaram do Reino?.

—Quando a Rainha descobriu sua traição, despojou-lhe de seu poder e da imortalidade; desterraram a seu mundo, condenando a sofrer a brevidade e a humilhação de uma vida mortal e morrer, a mais cruel condenação para um Fae, inclusive mais cruel que deixar de existir por ação de uma arma imortal ou ...simplesmente desaparecer da forma em que alguns de nós fazemos. Para ele, a morte acrescentou o insulto à injúria. Ser mortal é a maior indignidade de todas.

Era tão arrogante.

—Era um príncipe?

Um Fae-morte-por-sexo como V'lane? Assim era como ele tinha seduzido a minha irmã?

—Não, mas era um dos antigos entre os nossos. Muito poderoso.

—Como pode saber isto se tiver bebido do Caldeirão?

Assinalava-lhe algo obviamente ilógico. Um efeito colateral possível da extrema longevidade, havia-me dito V'lane, era a loucura. Para evitá-lo, os Seelie bebiam da Relíquia, o Caldeirão; a



bebida sagrada apagava suas lembranças, limpando-os e lhes deixando começar de novo com uma nova vida Fae, sem lembranças do que uma vez tinham sido.

—O Caldeirão não está isento de defeitos, MacKayla. A memória é... como disse um de seus artistas? ...persistente. Ajuda a aliviar a carga da eternidade, mas não nos deixa em branco. Quando bebemos dele, emergimos falando a primeira língua de nossa raça e Darroc já estava ali: é um antigo, um dos primeiros, existe dos começos de nossa raça. Desta maneira, permanecem as coisas que sabemos uns dos outros, apesar da perda de certas lembranças. Tentamos obter informação a respeito de outros antes de nossa próxima reencarnação. A Corte Fae é um desagradável lugar para estar se lhe despojaram da capacidade de distinguir amigos de inimigos. Por isso, tratamos de prolongar, o beber, tanto tempo como é possível. Farrapos de épocas anteriores seguem persistindo às vezes. Alguns devem beber duas ou três vezes para ser limpos.

—Como posso encontrar ao Darroc? -perguntei-lhe.

Agora já sabia seu nome, e embora desejasse que nunca tivesse que lhe chamar nada, menos ainda sairia de minha boca um "SM".

—Não pode. Ele se esconde, inclusive nos resulta impossível lhe seguir. desliza-se dentro e fora dos mundos através de portais Unseelie desconhecido para nós. Nós devemos lhe caçar, os outros Príncipes Seelie e eu.

—Como pode um simples humano que escapa, e entrar e sair do Reino? – grunhi-

Estava zangada. Eles tinham causado esta confusão. Darroc estava em nosso campo porque tinha tido problemas e era meu mundo o que estava sofrendo e meu irmana a que tinha sido assassinada por causa disso. Quão mínimo podiam fazer era limpar atrás deles, e, rápido.

—Minha Rainha não lhe vigiou, uma falta de supervisão que agora lamenta. Acreditou que morreria rapidamente. Essa a razão pela que não suspeitássemos que ele fora um dos que estavam detrás dos problemas de seu mundo. Sendo humano, Darroc não tinha imunidade contra muitas das enfermidades que afetam a sua espécie e os que vivem como deuses tendem a subestimar a brutalidade do vulgo quando eles estão por cima.

—Ele não é o único que subestima algo – disse friamente.

“O vulgo”, meu traseiro. Com tão sobre-humano poder a seu alcance, não cabia a menor duvida de que tinham sido humanamente falíveis e os seres humanos eram os que mais estavam pagando por isso.

V'lane fez caso omissso da brincadeira.

—Torçamos que se não contraía uma enfermidade mortal, um ser humano com sua arrogância, engrossaria uma de suas estatísticas de delinquência violenta. Contrariamente a nossas expectativas, Darroc, ainda sendo mortal, adquiriu um imenso poder. Ele sabia onde buscá-lo e como consegui-lo, e ele sempre teve aliados entre os Caçadores Reais; prometeu-lhes lhes liberar do cárcere Unseelie onde estão retidos; uma promessa que nenhum outro Fae faria. Nos Caçadores não se pode confiar.

—E se pode em outros Fae? – disse acidamente.

—Os Caçadores vão além de todos os limites -aqui, V'lane momentaneamente se desvaneceu, como se lutasse por conservar a forma -Eles ensinaram ao Darroc a comer carne Fae



para poder roubar seu poder! – fez uma pausa, e por um fugaz momento, a temperatura bruscamente descendeu até tornar-se gelada. Abruptamente, tudo voltou a ser normal de novo. - Ele vai morrer muito, muito lentamente quando lhe encontrarmos. A rainha pode lhe fazer sofrer eternamente por isso. Nós não somos tão selvagens como eles.

Olhei fora apressadamente e fitando a cabo no mar, que possuir o mesmo pecado, sentimento que pisca em incriminatórias letras de néon em minha frente: FAE Comedor. Darroc tinha ensinado Mallucé, Mallucé me tinha ensinado, e ensinei Jayne. Não tinha desejo de sofrer imortalidade, ou de outro tipo.

—O que posso fazer para ajudar?

—Nos deixar encontrar ao Darroc -disse V'lane. -Você deve fazer o que a rainha te carregou e encontrar o Livro. Os muros entre nossos reino são perigosamente magros. Se Darroc tiver êxito em sua empreitada, os Unseelie escaparão de sua prisão. Sem o Sinsar Dubh, nós estamos tão impotentes como você para voltar a encadear a nossos irmãos escuros em sua prisão. Uma vez soltos, consumirão seu mundo e destruirão sua raça... -fez uma pausa antes de acrescentar tristemente ...e, muito possivelmente, a minha.

Capítulo 9

Eram às dez horas e esperava ao Barrons para começar minhas classes sobre a Voz. Tínhamos estabelecido um compromisso e embora eu soubesse que ele estava, provavelmente, ainda muito zangado comigo, esperava que me ensinasse.

Não me importa saltar. Ele me poderia fazer cacarejar como um frango que me trazia sem cuidado, embora me fizesse sentir estúpida, queria averiguar como resisti-la.

Christian tinha tido razão. Se os muros se vinham abaixo, todos os Unseelie seriam liberados. E eu a tinha também: os Seelie não podia voltar a encerrá-los sem o Sinsar Dubh. Apesar do severo de nossa situação, eu era, uma vez mais, centrada e determinada Mac. Tinha roubado alguns raios de sol, do sol humano (não uma ilusão Fae como a última vez com V'lane) e tinha escondido essa energia solar bem profundo em minhas células. Uma dependente de drogas, isso era o meu com o sol.

Tinha aparecido meu nariz, beliscando o frio tempo de fora, no que não tinha intenção de me aventurar; levava minha saia curta favorita de cor branca, bonitas sandálias e uma camiseta sem mangas de cor ouro, que dava a meus olhos verdes uma cor mais escura, mais intenso. Minha pele parecia polida de ouro por minhas horas de sol. Olhei-me e me senti muito bem. atrás da ducha, a maquiagem e o penteado de meu cabelo, tinha falado um momento com meu pai. Em Ashford, era hora de jantar e hoje tinha havido uma temperatura de 31°C. Em Dublin pouco mais de quatro ° C, mas a “peneiração” a Cancún o fazia um feito muito mais fácil de dirigir.

Com estado de ânimo renovado, tinha decidido compartilhar certa informação com o Barrons. Trataria de pescar com ceva em lugar de exigir respostas, faria as coisas a sua maneira. ia



mostrar-lhe a página do diário de minha irmã que tinha recebido hoje. V'lane tinha picado, e, sem dúvida, possivelmente Barrons também o faria alguma vez. Talvez seu rosto fizesse algo que lhe traísse, talvez ele soubesse quem era os Cinco, ou, talvez tivesse alguma idéia de quem podia me enviar as páginas do Diário. Não acreditava que fosse ele, não podia ver nenhuma razão que lhe fizesse escolher aquelas páginas para me enviar isso. Por outra parte, tampouco podia imaginar nenhuma razão para que as escolhesse ninguém, mas estava claro que alguém o fazia.

Compartilhava-se algo com ele, talvez gostasse de me devolver o favor. Talvez acreditasse que as respostas eram o suficientemente inocas como para que não lhe me importasse dar isso. Ensolarada Mac considerou que valia a pena tentá-lo.

A campainha de cima da porta tilintou.

Barrons entrou. Varreu com um olhar desde minha cabeça até meus pés, lentamente. Seu rosto se endureceu e logo iniciou seu caminho de volta, pouco a pouco. Suponho que não gostava de minha roupa. A ele estranha vez gostava. Muito centrada em meus propósitos, sou muito feliz para satisfazer seus gostos. A Srta. Arco-íris e o Sr. Noturno, isso é o que parecemos quando vamos juntos.

Para desativar qualquer tensão remanescente da última noite, ofereci-lhe um sorriso e um amistoso, "Hey", lhe deixando saber que desejava começar esta noite com bom pé e que esperava que ele também.

Senti sua violência uma fração de segundo antes que me atacasse e, continuando, já era muito tarde. O golpeou a porta detrás dele tão forte que os vidros quase caíram de seu lugar.

—me diga todos os detalhes da última vez que viu o Sinsar Dubh.

A Voz impactou sobre meu corpo, da cabeça aos pés. Visei e apertou brutalmente.

Merda, merda, merda.

Expulsei todo meu fôlego de repente. Uma legião de vozes percorriam a habitação, ricocheteavam nos muros, intensificando-se a esquerda e direita, acima e abaixo e, continuando, através de mim, escavando em minha pele, reordenando coisas em minha cabeça, fazendo minha mente dele. Dominar. Seduzir. vender-me a mentira que dizia que sua vontade era a minha e que eu vivia para obedecê-la.

Pérolas de suor corriam por minha frente e lábio superior e enchiam as Palmas de minhas mãos. Ainda mais difícil que tentar lutar contra a coação, era inflar meus pulmões ou mover qualquer parte de meu corpo. Era como uma boneca de papel, pendurando, enrugada... E, ao igual a uma boneca de papel, o poderia me rasgar pela metade se quisesse.

—Detenha a luta contra mim, Srta Lane e será mais fácil. A menos que desfrute com a dor.

Em minha mente eu cuspi um gêiser de maldições, mas nenhuma palavra saiu de minha boca, não tinha fôlego nem para alimentar a mim mesma. Tinha superado o nível que tinha utilizado comigo ontem à noite (o nível de competência que havia dito que o Lorde Master tinha obtido) e ele o tinha feito com uma voz de seda. Ao igual à diferença entre as motos de outros homens e a sua, Barrons avançava brandamente, mas leva o pau maior que tinha visto nunca.

—Que bronzeado tão formoso, Srta Lane!. Como está V'lane? você teve um bom tempo hoje? Eu a levo a cemitérios, mas ele é quem a leva a praia é esse nosso problema? Nossos



pequenos encontros não são o suficientemente boas para você? Está você apaixonada? Alimenta você a essa bonita mentira da que está tão faminta? Estive-a descuidando ultimamente. Vou remediar. Senta-se. Aí. -e assinalou uma cadeira perto do fogo.

Caí de golpe no assento indicado, não porque gostasse, mas sim porque isso é o que passa quando tenta fechar os músculos de suas pernas para evitar que seus pés andem, mas seu corpo se move de todos os modos. Depois de tentar resistir ao passo seguinte, precipitem-me ao assento, me afundando nele como uma boneca de trapo. Minha garganta se convulsionou, tentando tirar a força umas palavras.

—Eu não... Não...

—Você não vai falar com menos que seja em resposta direta a uma de minhas perguntas.

Meus lábios ficaram selados. Não podia acreditar que estava fazendo isto.

Que ironia! V'lane me tinha pedido que confiasse nele hoje, fi-lo e não me tinha traído. Tinha disposto me abrir um pouco esta noite ao Barrons, lhe dizer umas quantas coisas e ele me tinha traído. V'lane tinha silenciado sua sexualidade a fim de preservar minha vontade. Barrons me tinha despojado dela com um só comando, não muito diferente do Lorde Master.

—me diga o que viu a noite que se encontrou com o Sinsar Dubh -repetiu.

Retorcendo-me, quase me asfixiando pelos intentos de resistir, derramei cada detalhe, até o último pensamento, cada percepção. Da humilhação de vomitar nesse vil atoleiro, sobre minha roupa, às diversas formas que o Livro tinha tomado, ao olhar que me tinham Arrojado, a minha decisão a respeito de como segui-lo. Logo, para piorar as coisas, detalhei-lhe minha "intervenção" com o Inspetor Jayne.

—Não se mova -disse, e me sentei reta-como-un-pau em minha cadeira, não podia nem me arranhar o nariz enquanto ele refletia.

Havia violência na habitação, entre nós, uma violência mortal. Não o entendia. O que tinha feito eu para que o estivesse tão fora de sua casinha? Ele não se zangou nem a metade esta última noite, e tinha tido todas as oportunidades para me assar a churrasqueira então. Não o tinha feito. foi-se.

—Onde foi hoje?

O suor gotejava por meu rosto, e o disse também. Eu queria falar por minha própria e livre vontade, lhe contar o que sabia do livro, lhe dizer que estávamos juntos nisto, ele e eu, e que eu era a que merecia as respostas e não ele. Mas ele tinha selado meus lábios com um mandato e eu só podia responder ao que ele pedisse.

—Queria V'lane lhe dizer algo?

—Sim -disse rotundamente, mordi-me para não dizer mais; tinha obedecido ao pé da letra a Voz, mas não tinha porque oferecer mais.

—O que te disse?

—Que o Lorde Master foi uma vez um Fae, cujo nome é Darroc.

Ele sorriu.

—Velhas notícias. Ele te disse algo a respeito de mim?



Velhas notícias? Tinha tido uma informação sobre o Lorde Master que não tinha compartilhado comigo? E ele se sentia zangado comigo por não lhe dizer tudo o que sabia? Se não me matava quando acabasse isto, era ele quem ia estar morto. Ele era uma enciclopédia ambulante com uma tampa que não eu podia abrir. Inútil. Perigoso.

—Não.

—Fodeu com ele?

—Não -gritei

—Alguma vez há fodido com ele?

—Não -cuspi.

Eu nunca tinha visto dois homens mais obcecados com o que acontecia na minha vida sexual, ou mas bem, no que não passava.

Parte da violência que gotejava no ambiente, desapareceu.

Meus olhos se reduziram. O que era isto? A fonte de sua ira? Barrons estava ciumento? Não porque lhe preocupasse, mas sim porque ele pensava em mim como uma posse, sua pessoal e privada sidhe-seer, e não queria que as ereções de outros homens interferissem com seu detector OOP?

Ele me lançou um olhar frio.

—Precisava saber se era uma Pri-já. Por isso o perguntei.

—Pareço Pri-já? -quebrei-me.

Não tinha nem idéia do que uma viciada nos Fae parecia, mas de algum jeito tinha minhas dúvidas de que eu fora um protótipo disso. Pensei que fazia falta algo mais, como essas garotas góticas que tinha visto sair da guarida do vampiro Mallucé : piercing, tatuagens, vestidas com roupa de época, em sua maioria de cor negra...

Olhou-me fixamente, mediu-me e logo riu.

—Bem por você, Srta Lane! Está aprendendo.

Boquiei, nem eu mesma me tinha dado conta do que tinha feito. Havia dito algo que não era uma resposta a uma pergunta direta! Tratei de fazê-lo de novo, formando mentalmente as palavras, mas não pude levá-lo a cabo. Não sabia como o tinha feito antes.

—A quem ia ver a noite que se encontrou com o Sinsar Dubh?

OH, não. Isto não era justo. Ele não tinha que sabê-lo tudo.

—A um tipo que conhecia a Alina -disse com os dentes apertados.

—me diga seu nome.

Não, não, não.

—Christian MacKeltar.

—É uma fodida brincadeira? -explodiu de sua cadeira e se atirou para mim.

Como tinha utilizado a Voz, eu estava obrigada a responder, embora sabia que tinha sido uma pergunta retórica

—Não.

A violência assassina apareceu de novo, pela menção de um simples nome. Por quê? O que significado o nome do Crhistian para ele? sabe-se dele? Fechei os olhos e procure o lugar sidhe-



seer de minha mente. Não serve de ajuda. Ainda não podia falar. Como podia sentir tanto poder nessa ardente e estranha parte de minha mente, e, entretanto, não encontrar ali nada de utilidade para mim nesta situação?

—Como conheceu o Christian MacKeltar?

—Ele trabalha na ALD, no Trinity. Conheci-o quando me enviou a recolher o convite ao leilão. Sua chefe não estava ali.

Seu nariz jogava fumaça.

—Ele deve ser uma aquisição recente. Eles estiveram me espiando.

Ele não tinha utilizado a Voz, nem me tinha feito uma pergunta, por isso não disse nada.

—estive me espiando o MacKeltar?

Apertando meus olhos fechados, disse

—Sim.

—estive me espiando, Srta Lane?

—Tudo o que pude.

—O que aprendeu a respeito de mim?

Tentei me esconder em minha cabeça de novo, mas seja qual seja o lugar que se supunha que tinha que descobrir seguia sendo um mistério para mim. Consciente de que estava cavando minha própria tumba, uma avalanche de informação saiu de meus lábios: que sabia que não era humano, que tinha uma idade impossível, que lhe tinha visto sair do Espelho Prateado que tinha em seu estudo, com o cadáver brutalmente assassinado de uma mulher, que, ao igual às Sombras, os demônios dali tinham fugido de seu caminho...

Ele riu, como se tratasse de algum tipo de brincadeira que eu soubesse todos seus segredos escuros. Ele não tentou explicar ou justificar nenhum só deles.

—E eu que pensei que você nunca poderia manter um segredo. Você sabia todas estas coisas e nunca disse uma palavra. É cada vez mais interessante. Está você trabalhando com o MacKeltar contra mim?

—Não

—Está você trabalhando com V'lane contra mim?

—Não

—Está você trabalhando com as sidhe-seer contra mim?

—Não

—Está você trabalhando com alguém contra mim?

—Não

—Onde estão suas lealdades, Srta Lane?

—Comigo -gritei -Com minha irmã! Com minha família e em torno de você!

A violência na habitação diminuiu. Depois de um momento, Barrons retomou a seu assento na cadeira em frente de mim, absorvendo minha dolorosamente dura postura e sorriu sem humor.

—Muito bem, Mac. Relaxe.

Mac? Ele me tinha chamado Mac? Lutei para respirar.



—Estou a ponto de morrer? -balbuciei -vais matar-me?

Ele me olhou assustado. Tinha-o feito outra vez. Tinha falado por minha própria vontade. Ele tinha liberado meu corpo, mas não seu agarre sobre minha mente nem minha boca. Ainda poderia senti-lo, me obrigando, me fazendo danifico... Logo, soprou.

—Eu lhe digo que se relaxe e pensa que vou matá-la? É você uma mulher absolutamente ilógica -e adicionou como trocando de parecer —Pode agora falar livremente.

O estrangulamento em minha garganta se foi, e por uns momentos gozei, simplesmente, com a sensação do ar deslocando-se dentro e fora de meus pulmões, sabendo de que minha língua era, uma vez mais, minha. Podia sentir o nome de V'lane, enroscando-se em minha língua e me dava conta de que do momento em que Barrons tinha utilizado a Voz, desvaneceu-se de algum jeito, diminuindo e situando-se além de meu alcance.

—Não o sou. As duas únicas vezes que me chamou Mac foi quando estava perto da morte. Dado que não há outra ameaça neste momento, deve estar a ponto de me matar. É perfeitamente lógico.

—Não a chamei Mac.

—Sim, fê-lo.

—Chamei-a Srta Lane.

—Não, não o fez.

—Sim, se o fez.

Apertei a mandíbula. Às vezes, apesar da sofisticação eterna, tradicional e muito do velho mundo do Barrons e de minha fresca beleza e sacanagem, mantínhamos brigas do mais infantis. Francamente, importava-me o que a traseiro de um rato o que ele me tivesse chamado, e, não estava disposta a me sentar aqui a discuti-lo. Estava livre e furiosa. Explodi de minha cadeira, lancei-me contra ele e golpeei com ambas as Palmas de minhas mãos em seu peito. Pus cada onça de poder Null em minhas mãos, enquanto o lugar sidhe-seer de minha cabeça se transformava em um pequeno e ardente sol. Era ou não era ele um Unseelie?

Golpeei-o com tanta força que sua cadeira caiu para trás e fomos rodando através do andar para a chaminé, parando a escassas polegadas do ralo. Se ele se congelou, o momento tinha sido tão ínfimo que não pude concluir se realmente lhe tinha “anulado” ou, simplesmente, tinha-lhe assustado tanto que esse breve segundo de imobilidade era fruto da perplexidade.

Devia supô-lo. Nunca obtinha respostas lá onde Barrons estivesse comprometido.

Convexo de costas, subi-me escarranchado em cima dele e lhe golpeei na mandíbula tão forte como pude. Começou a falar e lhe golpeei outra vez. Queria comer carne Unseelie: ia comer a dez deles esta noite e logo voltaria aqui e terminaria lhe tirando um inferno de malditas respostas.

—Como se atreve você a vir aqui e me obrigar a dar respostas quando você alguma vez deu nenhuma sozinha? -vaiei

Golpeei-lhe no estômago, duro. Nem se alterou. Golpeei-lhe de novo. Nada.

—Você está aqui toda bronzeada e brilhante e ainda se assombra de que use a Voz? -rugiu -De onde diabos sai você? Você se foi com V'lane de novo? Quantas bofetadas na cara acredita



que sou capaz de suportar, Srta Lane? -ele agarrou meu punho e o sustentou quando tentei lhe golpear de novo. Segurou-me também a outra, quando tentei usá-la também -Adverti-lhe que não jogasse a nos enfrentar um com o outro.

—Não estou jogando com você! Estou tratando de sobreviver. E eu não lhe esbofeteio quando vou com V'lane! -tratei de liberar meus punhos com um puxão de suas mãos. -Não tem nada que ver com você. Estou tratando de obter respostas e já que você não me dá nenhuma, não pode me culpar por ir as buscar a outro lugar.

—Então, tem direito a sair e enganar ao homem que está em casa?

—Huh?

—Que palavra não entende? -grunhiu.

—Você é o fodido ilógico. Esta não é minha casa, nunca o será e não há ninguém esperando nela! -virtualmente gritei.

—Acredita que não sei?

Ele trocou seu corpo debaixo de mim, me fazendo dolorosamente consciente de algo. Dois “alguns”, de fato, um deles era até que ponto era curta minha saia, e o outro “algo” não era meu problema. Meneei-me, tentando baixar a prega da saia, mas seu olhar fez morrer o pensamento. Quando Barrons me olhe assim, algo se agita dentro de mim. A luxúria, naqueles antigos olhos de obsidiana, não oferece nenhum rastro de humanidade. Nem sequer me incomodei em tentá-lo.

A Mac Selvagem quer lhe convidar a sair e jogar. Acredito que está louca. Totalmente louca, digo-lhe isso eu.

—Me solte às mãos.

—Me obrigue -mediu -Use a Voz comigo, Srta Lane. Vamos, menina, me mostre algo de seu poder.

Menina, meu traseiro.

—Sabe que não posso, e, isso faz o que me fez esta noite ainda mais imperdoável. Sinto-me como se me tivesse violado. De fato, isso é exatamente o que fez!

Ele se revolveu, duro e rápido, e eu estava de costas debaixo dele, com minhas mãos postas em cima de minha cabeça, o peso de seu corpo me esmagando contra o chão, seu rosto a polegadas do meu. Ele respirava muito mais agitadamente do que o esforço merecia.

—Não incorra em nenhum equívoco, Srta Lane, eu não a violei. Você pode estar aqui, sentada sobre seu pequeno traseiro politicamente correto, apresentando reivindicações idealistas politicamente corretas, argumentando que qualquer violação de sua vontade é uma violação e que sou um bastardo mal nascido, mas vou dizer-te que está cheia de merda, e que, evidentemente, nunca foi violada. A violação é muito, muito pior. A violação não é algo que alguém se nega a confrontar.

Estava frente a mim, de pé e saiu pela porta antes que eu nem sequer tivesse conseguido tomar o suficiente fôlego para responder.



Segunda parte

A hora mais escura Anoitecer

"Que estranha palavra. 'A Noite'; entretanto, 'a queda' é uma palavra suave. Caem as folhas, com redemoinhos de graça lânguida para formar um tapete na terra que as chama para morrer. Lágrimas de outono, como diamantes de brilhante líquido que caem brandamente, antes de derreter-se. Aqui não cai a noite, fecha-se de repente sobre nós."
—Diário de Mac -

Capítulo 10

Eu dormia inquieta e sonhava com a triste mulher de novo.

Ela estava tratando de me dizer algo, mas um vento gélido roubava suas palavras cada vez que abria sua boca. Risadas voavam sobre a gélida brisa e lembrava ter pensado que as reconhecia mas não pude tirar seu nome de minha mente. quanto mais o tentava, mais assustada e confundida me sentia. Logo, vinha V'lane e também Barrons, com homens que nunca antes tinha visto, e de repente apareceu Christian, Barrons se moveu para ele, com raiva assassina em seus olhos.

Despertei, gelada até os ossos e em estado de alarme.

Meu subconsciente tinha assumido o que não tinha penetrado em minha mente consciente: hoje era quinta-feira, Christian retornava de Escócia, e Barrons se iria com ele, por minha causa.

Não tinha nem idéia do que Barrons poderia fazer, e, realmente, não queria sabê-lo. O descobridor de mentiras keltar não era oponente, absolutamente para... aquilo que meu empregador fosse.



Com os dentes tocando castanholas, agarrei meu celular da mesinha de noite e chamei o ALD. O menino dos olhos de sonho respondeu e me disse Christian não viria até a tarde. Pedi-lhe o número de seu apartamento ou o de seu celular, mas me respondeu os arquivos de pessoal estavam fechados sob chave no departamento de sua chefe, que tinha tomado um longo fim de semana de férias, e que não voltaria até na segunda-feira.

Deixei-lhe uma mensagem urgente para o Christian, devia me chamar assim que o recebesse.

Estava a ponto de voltar para minha cama e me envolver qual bicho-da-seda em suas mantas para me tirar o frio, quando meu telefone soou.

Era Dani.

—Ela quase me capturou, Mac! -disse sem fôlego -Ela não deixou a sede em tudo o de ontem. Dormiu em seu escritório, e eu estive pendente toda a fodida noite, à espera de uma oportunidade de entrar. Logo, faz uns minutos, finalmente foi abaixo, para o café da manhã, pensei, e me introduzi em seu escritório mas não pude encontrar o livro que queria. Havia outro em seu escritório, assim tomei fotos dele, não muitas, porque retornou rápido e tive que sair cagando leites pela janela; rasguei-me meu uniforme e me golpeei forte. Não pude conseguir o que me pediu, mas o tentei, e tenho algo. Isso conta, não? vais reunir-te ainda conosco?

—Está bem?

Ela grunhiu zombadora

—Eu mato monstros, Mac. Caí-me de uma estúpida janela

Sorri

—Onde está? -podia ouvir buzina de fundo, o som da cidade despertando.

—Não muito longe de você. -disse-me.

Sabia que estava no cruzamento, eu tinha olhado pela janela enquanto falava; ainda estava muito escuro. Odiava que estivesse aí fora, na escuridão, independentemente de sua super-velocidade e não sabia se com sua Espada

—Há uma igreja na rua. – estava brilhantemente iluminada – Me reunirei contigo ali em frente em dez minutos.

—Mas se as outras não estão aqui!

—Só quero a câmara. Pode ficar com as garotas esta tarde?

—Não lhe posso assegurar isso Kat diz que tem que escolher um lugar no que as outras... messageiras, não nos vejam.

Pensei em vários cafés, todos os quais foram desprezados por ser muito arriscado. Por último, me ocorreu um, situado em um pub subterrâneo, acertadamente chamado O Metro, que oferecia dardos e mesas de bilhar, mas não tinha janelas.

Levantei-me, escovei-me os dentes, lavei-me a cara, embuti-me os jeans e me pus à jaqueta de lã a raias sobre meu Top PJ e logo uma boina sobre minha cabeça. Minhas loiras raízes começavam a ver-se e fiz uma nota mental para me deter em uma farmácia no caminho de volta e comprar um par de caixas de tintura. Já era bastante deprimente estar obrigada a levar o cabelo escuro, mas não o ia fazer com uma mau tintura, em cima.



Eram as 7:20 quando saí à rua. O sol não saía até 7:52 A.M e se escondia às 6:26; tornei-me um pouco obsessiva com o momento preciso em que brilha a luz natural, e tenho um quadrante de horários pendurado em minha parede, ao lado do mapa onde aponto as zonas de atividade ou os pontos críticos dominados pelos Unseelie. Fico no centro das luzes tanto como posso, passando da luz de uma luz a seguinte, com uma lanterna em cada mão e minha Lança pesada e reconfortante em sua capa sob meu braço. Meu MacHalo tinha sido desenhado sozinho para o serão. Se a gente com a que me cruzei pensou que era estranho que levasse lanternas acesas para iluminar o caminho, me trazia sem cuidado. Isso me mantinha viva e por mim podiam burlá-lo que lhes viesse em vontade. Alguns deles assim o fez.

Enquanto avançava rapidamente pela rua, imaginei a mim mesma faz três meses, me comparando com agora e ri. O homem de negócios que caminhava a meu lado, olhou-me, devolvei-lhe o olhar e acelerei o passo, lhe deixando atrás.

Tinha chovido durante a noite, e as ruas empedradas estavam brilhantes sob as luzes das luzes. A cidade encarapitada sobre o bordo, espectador do dia que estava a ponto de começar: a buzina dos ônibus, os táxis que competem, a gente controlando seus relógios e apressando-se a seus postos de trabalho, a outras pessoas... ou coisas ...já a estavam fazendo dela, como os Rhino-boys que varriam as ruas e recolhiam o lixo.

Vi-lhes superficialmente, surpreso pela raridade da mesma. A gente não *sidhe-seer* só pode ver o glamour humano que projetam, como esse ainda meio dormido empregado da cidade, mas eu via seus membros inchados, seus olhos saltados, suas mandíbulas lisas como a pele de minhas mãos; eu sabia que eles sozinho eram os cães guardiães da classe alta Fae. Não sei por que razão estavam fazendo o trabalho sujo humano, não podia imaginar por que nenhum Fae, nem da Luz nem da Escuridão, quereria fazê-lo. Os muitos Unseelie de sob nível que havia roçavam meus sentidos *sidhe-seer*. Pelo geral, os Rhino-boys não me incomodam muito, mas em massa, fazem-me sentir como se tivesse uma úlcera. Empurrei-os para as profundidades de minha cabeça, me perguntando se poderia silenciá-los de algum jeito.

Isso estava melhor! Poderia baixar o volume. Muito bem!

Dani estava recostada no poste de uma luz diante da igreja, sujeitando sua bicicleta contra seu quadril. Tinha um galo de aspecto bastante doloroso em sua frente, raspaduras sujas sob seus antebraços e cotovelos e buracos nos joelhos de suas calças, como se ela se foi deslizando a quatro patas sobre o teto, que, disse-me orgulhosa, assim era como o tinha conseguido. Eu queria levá-la de retorno à livraria, limpá-la e lhe curar suas feridas. Disse a meu coração que deixasse de sangrar por ela: se alguma vez tínhamos que lutar juntas, teria que confiar o suficiente para tratar com todas as feridas, inclusive com as críticas.

Dani, sujeitando-a câmara em sua mão com um sorriso chulo, disse:

—Adiante, me diga o que opina do grande trabalho que fiz.

Suspeitava que não estava muito acostumada a que elogiassem seu trabalho. Rowena não parece do tipo que gasta um fôlego supérfluo em elogiar um trabalho bem feito, quando pode economizá-lo para criticar um mal feito. Também tinha minhas dúvidas sobre o avaliação que podiam sentir as outras *sidhe-seer* pela Dani: seu enorme boca defensiva fazia difícil aproximar-se



dela e suas irmãs-em-armas tinham suas próprias preocupações. Agarrei a câmara e olhei as sete páginas que tinha fotografado, do livro incorreto, e disse

—Grande trabalho, Dani!

Inchou-se de orgulho e logo, saltando sobre sua bicicleta, pedalou com energia com suas fracas pernas. Perguntava-me se ela utilizava sua super-velocidade enquanto pedalava; se o fazia, o único que se poderia ver seria uma exalação verde, como uma Rã Gustavo cheia de esteróides.

—Até mais tarde, Mac -disse sobre seu ombro. -Chamar-te-ei logo.

Parei na farmácia de caminho à Livraria, tinha luz suficiente e apaguei as lanternas. Comprei, desejando chegar a minha habitação, para olhar atentamente o conteúdo de minha câmara, ampliando o zoom e assim averiguar que era o que Dani tinha captado.

Eu sabia que o melhor era caminhar com a cabeça para baixo (nem sequer me atrevo a levar um guarda-chuva na chuva por medo do que poderia me encontrar); ao observar por cima de meu ombro, vi um homem de pé perto de um escuro e caro automóvel estacionado na calçada.

Exclamei

—OH, sinto muito! -e prossegui meu curso, benzendo a sorte de que tinha sido um ser humano com o que me tinha tropeçado e não com um Fae, quando me dei conta de que tinha meu "volume" baixo e não tinha sido um ser humano.

Girei-me, tirando a Lança de minha jaqueta, enquanto a maioria da gente passava com seus narizes enterrados em um jornal ou em seus telefones celulares, sem olhar, como se eu usasse um pouco de meu "glamour" próprio, me fundindo nas sombras com o resto dos monstros.

—Cadela! -cuspiu Derek O'Bannion, seu moreno rosto contorsionado pelo ódio.

Entretanto, sua fria e reptiliano olhar reconheceu minha arma e não avançou para mim. Ironicamente, essa arma era a Lança que lhe tinha roubado de seu irmão Rocky, pouco antes que Barrons lhe conduzisse, a ele e a seus comparsas, a sua morte pela Sombra de detrás da livraria. Aproveitando a fome de vingança do Derek, o SM o usou como substituição do Mallucé, ensinou-lhe a comer carne Unseelie, e lhe enviou detrás de mim para conseguir a Lança. Convenci ao mais jovem dos irmãos O'Bannion de que eu gostaria de matá-lo se tentava me fazer danifico e lhe descrevi quão terrível seria sua morte. A Lança mata todo o Fae, quando uma pessoa come Unseelie, algumas parte de sua pessoa se voltam Fae; quando essas partes morrem, apodrecem, de dentro para fora, envenenando ao humano e, por último lhe causando a morte. Quando eu comi carne fae, tinha estado aterrorizada de minha própria Lança. Tinha visto o acontecido com o Mallucé muito de perto, em pessoa: tornou-se marmóreo pela decadência, a metade de sua boca se havia apodrecido, assim como parte de suas mãos, pernas, estômago e tinha sido um guisado em decomposição, e suas genitais... ugh!. tratava-se de uma horrível maneira de morrer.

O'Bannion abriu a porta, murmurou algo ao condutor e logo, voltou-a a fechar de repente. O motor de doze cilindros ronronou.

Sorri-lhe: eu adoro minha Lança. Entendo por que os homens põem nome a suas armas na guerra. Ele a teme, os Caçadores Reais a temem, com exceção das Sombras, que não têm substância para apunhalar, matará algo Fae, parece que inclusive ao Rei e à Rainha.



Alguém que não pude ver empurrava a porta traseira aberta, do interior. A mão de O'Bannion na parte superior da janela. Era muito mais Fae agora que do que tinha sido uma semana e meia atrás. Podia senti-lo.

—um pouco aditivo, não? -disse docemente.

Baixei minha Lança, apoiando-a em minha coxa para dissuadir aos potenciais intrusos de chamar à polícia, mas não estava disposta a embainhá-la. Sabia o rápido e forte que era. Eu o tinha experiente uma vez e tinha sido incrível.

—Você deve sabê-lo.

—Eu só comi uma vez.

Provavelmente não era muito sábio admitir que só a tinha comido então, mas eu estava orgulhosa de ser a ganhadora da batalha contra a dicção.

—Mentira! Ninguém que tenha provado o poder que dá poderia renunciar.

—Você e eu não somos iguais, você quer o poder escuro, eu não.

No fundo, o que eu mais desejava era voltar a ser a garota que estava acostumado a ser, queria que minha intrusão nos territórios mais escuros só acontecesse se minha sobrevivência dependia disso, enquanto que O'Bannion considerava que abranger a escuridão era dar um passo adiante.

Insinuei um golpe para ele, fazendo uma finta com a Lança, ele retrocedeu e sua boca se comprimiu em uma magra linha branca.

Perguntei-me que ocorreria se ele deixava de comer agora, voltar-se-ia plenamente humano? ou se, a partir de um certo ponto, era muito tarde e a transformação não se podia desfazer?

Como lamentava não lhe haver deixado andar na Zona Escura esse dia! Eu não podia lutar com ele, aqui e agora, em plena à hora ponta do dia.

—Saia daqui -olhei uma vez mais -e se me vê na rua, corra tão rápido e tão longe como possa.

Ele riu.

—Pequena puta estúpida! Não tem nem idéia do que se mora. Espera a ver o que o Lorde Master tem guardado para você – se meteu no carro, me olhando, com um sorriso de má fé e de... doentia antecipação. – Truque ou trato, cadela -disse e, continuando, riu de novo.

Eu lhe podia ouvir rir, inclusive atrás de que tivesse fechado a porta.

Escondi a Lança em meu arnês e fiquei plantada na calçada, ensimesmada, atrás de que ele se fora. Não pelo que havia dito, mas sim pelo que eu tinha visto, e não me referia à tapeçaria de pele flexível de cor camelo dos assentos de couro... Ou, mas bem, a quem tinha visto.

Uma mulher, formosa e voluptuosa, similar a essas estrelas de cinema antigas, quando às atrizes as dignificava com o título de "Diva".

Meu "volume" estava alto: ela estava comendo Fae também.

Bom, agora eu sabia: Barrons poderia ter matado a mulher que havia trazido através do espelho, mas não tinha matado a Fiona.



Abri Barrons Livros e Adornos as onze em ponto. Tingi-me dois tons mais claro que o “Mil e uma noites” anterior, esperando que fosse mais de acordo a minha idade (o cabelo negro me faz parecer mais velha, sobre tudo, combinado com lápis labial vermelho), continuando, baixei a rua para um rápido corte, e agora, umas muito largas unhas emolduravam meu rosto. O resultado era feminino e suave, totalmente contrário a como me sentia por dentro. Recolhi-me o cabelo com uma fita. O resultado era coquete, de uma elegância casual.

Cortei-me as unhas um pouco, limei-as e completei o trabalho com uma capa de Rosa Perfeito, que é obvio, combinava com o lápis de lábios. Apesar destas concessões a minha paixão pela moda, senti-me monótona com meu uniforme padrão: calças jeans, botas, um Top negro sob uma jaqueta brilhante, a Lança embainhada sob o braço, lanternas escondidas nos bolsos. Omiti o me vestir lembre ao resto.

Sentei-me de novo na cadeira detrás da caixa registradora, contemplando os frascos com as diminutas partes de carne Unseelie alinhados ali.

Tinha aproveitado muito a manhã. atrás da farmácia, tinha ido ao supermercado, comprado alimento para bebês, tingido meu cabelo, tomado banho, esvaziado o conteúdo e lavado os frascos. Logo tinha saído uma vez mais, atacado a um Rhino-Boy, tinha-lhe talhado parte de seu braço, para logo apunhalá-lo e pôr fim assim a suas misérias e, de passagem, me assegurar de que não vivia para ir a ninguém com o conto de que uma garota humana roubava poder Fae. Então, cortei em quadrinhos a parte de carne e os meti nos frascos.

Só queria ter à mão algumas partes, como quando tinha “tido” que convencer ao Jayne; se os tivesse tido, Moira talvez não teria morrido. Se algo inesperado e terrível ocorria enquanto eu estava na livraria, não ia pilhar me desprotegida esta vez: queria uma dose de superpotência ao alcance da mão. Não foram se danificar: era único petisco que não tinha prazo de validade.

Nem minha caça nem a expedição de coleta tinham nada que ver com O'Bannion ou com a Fiona, ou o aviso de como era eu de fraco comparada com eles. Era, sozinho, justo, puro e simples sentido comum. Escondi uns quantos frascos na parte de trás da geladeira. O resto do contrabando o esconderia mais tarde em minha habitação.

Depois de me pilhar a mim mesma olhando fixamente os frascos durante vários minutos, sem piscar, coloquei alguns em minha bolsa, fora da vista, fora da mente.

Abri meu portátil, conectei minha câmara, e comecei a carregar as páginas. Enquanto esperava, chamei de novo a ALD, para me assegurar de que o menino dos olhos de sonho realmente entendia a urgência da mensagem que lhe tinha pedido que transmitisse. Ele me assegurou que o faria.

Atendi a meus clientes nas seguintes horas; estive muito ocupada pela manhã e as vendas foram muito bem.

Não foi até primeiras horas da tarde, quando tive tempo para me sentar e jogar uma olhada às páginas que Dani tinha fotografado.

Decepcionou-me a maneira em que estavam as pequenas páginas, apenas do tamanho de cartões de visita. O escrito tinha as linhas amontoadas, estreitamente juntas, e quando finalmente consegui começar a decifrar o pequeno e inclinado guia, dava-me conta de que o que tinha era um



bloco de papel de notas de bolso, com observações e pensamentos encerrados em uma mal massacrada versão do idioma Inglês. A ortografia me fez suspeitar que o autor se cruzou pouco no caminho da educação formal, e que tinha vivido fazia muitos séculos.

Depois de estudá-lo durante certo tempo, abri minha própria caderneta e comecei a escrever o que acreditava era sua tradução.

A primeira página recolhia o centro de uma larga diatribe sobre O Lyte e O Darke, dava-me conta rapidamente que eram Seelie e Unseelie, e de como de ruins e Diabólicos eram ambos. Isso já sabia eu.

Logo, em metade da página, encontrei isto:

Bom, soava algo assim como que os Seelie odiavam aos Unseelie e vice versa. Mas não de tudo. Havia algo mais aqui. Sentia saudades mais cada momento Significava isto que os Seelie realmente não podiam tocar aos Unseelie e vice versa? Segui lendo.

A espada matava tanto Unseelie como Seelie, até das mais altas filas. Já sabia, muito bem. Tinha a Lança.

“portanto, deve saber que”, escrevi em minha tradução. “A Luz (Seelie) não pode tocar à Besta (o Livro?) e a Escuridão (Unseelie) não pode tocar a Espada.”

—Já entendo -exclamei.

Isto era material importante!

“Os Seelie não podem tocar o Amuleto”, escrevi, “e os Unseelie não podem tocar a Lança.”

O que estava dizendo era que os Seelie não podiam tocar as Relíquias Unseelie e que, a sua vez, os Unseelie não podiam tocar as Relíquias Seelie, e isso era como dizer que lhes repelia!

Acabava de encontrar a maneira perfeita de pôr fim a minhas dúvidas de se Barrons era, ou não, um Gripper! Se o era, não poderia tocar a Lança.

Deixei a um lado minha caneta, rememorando alguma vez lhe tinha visto tocá-la? Sim! A noite que tinha apunhalado ao Homem Cinza, enquanto eu pendurava, suspensa por meu cabelo.

Reduzi os olhos. Em realidade, não tinha visto que a tocasse essa noite. Quando ele me havia devolvido isso, o punho seguia entupida em minha bolsa, com a Lança se sobressaindo dele. Tinha-a dirigido através do tecido. E, embora havia dito que ia levar a durante o leilão, atada a sua coxa, nunca subi as pernas das suas calças para comprová-lo. Por isso sabia, bem podia havê-la deixado sobre a mesinha, onde eu a tinha deixado para que a escondesse e onde logo eu a tinha recuperado atrás do leilão.

Bom, mas a noite que roubamos a Lança, certamente a haveria tocado em algum momento, não? Fechei os olhos, repetindo a noite em minha memória. Nos penetramos clandestinamente na câmara de segurança do mafioso. Barrons me tinha feito arrancar a da parede e levá-la no carro. Ele me mostrou como romper o haste da Lança, ficando só com a ponta. Vim trazendo-a eu, após.

Abri meus olhos.

Inteligente, inteligente homem.

Tinha que pô-lo em uma posição onde não tivesse mais remédio que agarrar a Lança, tê-la, tocá-la. Esta vez, não me conformaria com menos que sua pele diretamente sobre o aço. Se fosse



um Gripper ou algum tipo do Unseelie, simplesmente não seria capaz de fazê-lo. Era assim de simples. Então, o que ia fazer para consegui-lo?

Estas páginas davam ainda mais valor aos esforços da Dani para obter este aprimoramento. Alegrei-me de que o livro de V'lane não estivesse, e que este tivesse estado em seu lugar.

Reatei a leitura. Era muito lenta mas fascinante.

O autor da caderneta não era sidhe-seer; era um homem, ou mais bem, um moço, que tinha sido tão formoso que era o objeto das brincadeiras dos guerreiros de seu tempo, embora, tinha sido amado pelas moças que lhe tinham ensinado suas cartas.

Aos treze, ele tinha tido a desgraça de captar a atenção de uma princesa Fae, ao tomar um atalho por um escuro e emaranhado bosque. Lhe tinha seduzido e encantado, lhe levando a Reino, onde se tinha transformado em um ser frio e cheio de medo. Ela o tinha mantido encerrado em uma jaula de ouro na corte, onde tinha sido obrigado a ver os Fae jogar com seus “mascotes humanos”. Entre seus jogos, seu favorito era converter aos mortais no Pri-já: em criaturas que suplicavam por um toque Fae, de qualquer FAE, de fato, pelo toque de qualquer, por “que lhes fizessem as mais vis coisa se e para fazê-las mais vis coisas entre eles”, segundo o jovem tabelião. Estas criaturas não têm vontade, nem cérebro, nem consciência de nada que não seja sua necessidade sexual. Eles não sabiam nem da moral nem a misericórdia e se atacavam um ao outro como animais raivosos. O moço os tinha encontrado aterradores e temia ser dado ao que tinha passado a seus companheiros humanos. Ele não tinha forma de seguir o tempo, mas que viu centenas ir e vir, e começou a lhe crescer um cabelo varonil, que foi quando a princesa começou uma vez mais para lhe buscar em seu caminho.

Quando os Fae já não se divertem com seus “mascotes” os jogam do Reino para morrer. Desta maneira, a letra do Pacto não é violada. Eles não matam em realidade aos seres humanos capturados, mas sim, simplesmente não os protegem. Perguntava-me quantos teriam morrido em prostíbulos, ou tinham sido utilizados para, exatamente, aquilo que queriam, e, portanto, assassinados por sua própria natureza.

O menino escutava tudo o que se dizia, gravando tudo o que escutou, porque quando a morte chegasse, suas posses se iriam com eles, e, embora tinha perdido a esperança para si mesmo, esperava poder advertir a seu povo. (O menino não sabe quantas centenas de anos passaram do momento em que foi levado a Reino) Expressou as esperanças de algo que pudesse salvá-los, registrou cada uma delas, possivelmente fossem a chave para a destruição de seus aterradores e implacáveis seqüestradores, algum dia.

Um calafrio desceu por minha nuca. O plano não tinha trabalhado o menino morto era muito, muito antigo. E como ele tinha esperado, seu bloco de papel de notas tinha encontrado seu caminho de volta ao mundo do Homem, e, finalmente, às mãos de uma sidhe-seer, transmitindo-se através dos séculos e acabando na mesa da Rowena.

Por que estava em seu escritório? Só era um pouco de leitura à hora do almoço ou, realmente, ela procurava algo nele?



Olhei o relógio. Às duas e meia da tarde. Agarrei de novo o celular e chamei o ALD. Não houve resposta. Onde tinha ido o menino dos olhos de sonho? Onde estava Christian? Fechei meu portátil e estava pensando em ir quando soou meu celular.

Era Dani: as garotas já estavam no bar me esperando, poderia me dar pressa? Quando desci as escadas em sombra do pub subterrâneo, encontrei a sete mulheres, de entre vinte e trinta anos, excetuando ao Dani. Duas tinham estado presente o dia que Moira tinha morrido: a alta morena de olhos cinza, com o olhar permanentemente escrutinando o interior do bar (e duvidava muito que deixasse de fazê-lo) e a magra garota de cabelo platino e delineados olhos escuros, que tamborilava suas unhas perfeitamente esmaltadas de negro, sobre a mesa ao ritmo da música que escutava pelos auriculares de seu iPod. A única saída era a entrada pela que eu tinha chegado e, sem janelas, o lugar podia considerar-se escuro e claustrofóbico, ao menos, para mim. Quando tomei assento, pude ver que elas sentiam, exatamente, quão mesmo eu respeito a nosso estreito e fracamente iluminado entorno: cinco telefones celulares estavam depositados na mesa, emitindo o brilho pálido de suas telas e dois Notebooks abertas mostrando as telas de cor branca brilhante graças a suas baterias. Tudo o que eu pude fazer, foi tirar minhas lanternas, as pôr de barriga para baixo e acrescentar minha parte ao lote de medidas.

Cabeceamos rigidamente as umas às outras e perguntei a

—Vocês têm acesso à livre da biblioteca da que me falou Rowena? -perguntei ao grupo de mulheres.

Queria saber quão útil poderia chegar a ser uma aliança entre nós.

A morena respondeu.

—Depende do lugar que se ocupe na organização. Há sete círculos de hierarquia, ascendentes. Nós estamos no terceiro, por isso podemos acessar a quatro das vinte e uma que existem.

Vinte e uma?

—Como pode haver tantos livros?-disse irritada. Seguro que não os compraram por catálogo.

Ela se encolheu de ombros.

—estivemos recolhendo-os durante milênios.

—Quem está no sétimo círculo? Rowena?

—O sétimo é o próprio Haven, o Conselho Superior de... você sabe.

Seus olhos cinza varreram o pub. Eu olhei ao redor também. Havia cinco clientes no lugar. Dois jogavam ao alvo e os outros três, tomavam suas cervejas. Nenhum deles nos emprestava nenhuma atenção e não havia nenhum Fae à vista.

—Se vocês não se sentem cômodas falando em um lugar público, por que me pediram que escolhesse um?

—Não cremos que queria reunir-se em privado depois do acontecido. Sou Kat, por certo -disse a morena. — Estas são Sorch, Clara, Maria, e Mo – disse enquanto assinalava a cada uma ao as nomear.

A magra gótica era Josie e a moreninha, Shauna.



— Este é nosso grupo -disse Kat -embora se resultar útil e à lealdade é sua verdade, pode unir-se a nós. -OH, sou útil -disse serenamente -A Pergunta é, O que é realmente a verdade? E assim que a lealdades, se as suas estiverem com a anciã, sugiro-lhes que se as repensem.

Seu olhar esfriou para que coincida com a minha.

—Moirá era minha amiga. Mas vi o que vi, e isso não significa que você a assassinasse; não significa que tenha que me gostar de nem que tenha que ser como você; significa que estou fazendo tudo o que posso para evitar que os muros caiam e se isso significar que tenho que unir forças com a única pessoa que pode sentir o Sem... isto, o Livro, aqui estou. Mas voltemos para as lealdades, onde estão as tuas?

—No mesmo lugar no que deveriam estar as de qualquer outra sidhe-seer. Com os humanos aos que se supõe que devemos proteger. -não disse mais, porque o que estava pensando exatamente, era, nesta ordem: minha família, minha vingança, o resto do mundo

Ela assentiu.

—Muito bem. O líder de uma causa nunca é a causa mesma. Mas não nos confundamos, nós escutamos a Rowena. Ela foi à responsável pela formação desde que nascemos, e de juntar e ensinar às que não nasceram sabendo-o.

—Então, por que me buscam ?

As oito, entre elas Dani, removeram-se incômodas, agarrando a taça, o celular, um guardanapo...

Foi Dani quem finalmente rompeu o silêncio.

—fomos às guardiãs do Livro, Mac. Tínhamos que protegê-lo e o perdemos.

—O que? -exclamei -O perdeste?

Tinha culpado aos fae pela confusão no que estávamos, por fazer ao Darroc humano, mas as sidhe-seer tinham sido cúmplices também?

—Como se perdeu?

Sabendo do que eu sabia do Livro como tinham conseguido contê-lo? Como tinha podido alguma shide-seer aproximar-se dele?Acaso não as decompunha como acontecia comigo?

—Não sabemos -disse Kat. -Aconteceu vinte anos atrás, antes que nenhuma de nós chegasse à Abadia. Aquelas que viveram aqueles escuros dias compartilham poucos detalhes sobre isso. Um dia estava ali, oculto debaixo da Abadia, e logo desapareceu.

Essa era a razão pela que a Abadia de Arlington tinha sido continuamente reconstruída e fortificada, fazendo-a cada vez mais forte: porque debaixo dela tentavam conter a maior ameaça conhecida para o homem! Quanto tempo tinha estado ali, escondido na terra, vigiado pelo que se considerava sagrado em cada era? Antes tinha sido um Shian... e antes disto?

—Por isso escutamos -continuou -só Haven sabia que estava ali desde o começo. A noite que desapareceu, dizem que passaram coisas terríveis. Sidhe-seer morreram, outras desapareceram e os rumores voaram, até que toda a Abadia soube o que tinha estado escondido debaixo de seus pés. Foi quando Rowena formo o PHI e abriu sucursais em todo mundo, com mensageiras nas ruas para escutar até o mais mínimo rumor sobre isso. Ela esteve tratando de encontrar alguma pista após. Durante muitos anos, não se soube dele, mas recentemente apareceu, perto daqui, em



Dublín. Muitas de nós acreditam a falha de nossas predecessoras em sua contenção foi à causa que desencadeou os problemas que temos agora e só teremos uma possibilidade se formos capazes de reencontrá-lo de novo. Se você for quão única pode sentir o Livro, Mac, realmente é nossa única esperança... -tragou saliva, como se fosse relutante a dizer as seguintes palavras.

Olhou fixamente seu café, mas pude ver o que tentava ocultar em seu olhar: pura e brutal fascinação. Ao igual à Dani, apaixonou-se. Esclareceu sua garganta. ...como disse a outra noite esse Fae... -umedeceu-se os lábios ...V'lane. -Rowena diz que é perigoso -disse Josie acaloradamente, rastelando com suas unhas um arranhão da superfície da mesa. -Nós lhe dissemos que podia senti-lo, mas ela não quer que vá atrás. Diz que se o encontrar, não fará o que é correto, que só deseja vingança. Ela diz que lhe disse que sua irmã foi assassinada em Dublín, por isso ela fez algumas averiguações e sua irmã foi uma traidora. Ela estava trabalhando com ele, com o que esteve trazendo para os Unseelie a nosso mundo.

—Alina não era uma traidora! -chorei.

Cada ocupante do lugar ficou olhando, inclusive o dono de cantina arrastou sua atenção do pequeno televisor atrás da barra. Fechei os olhos e tomei um profundo fôlego.

—Alina não sabia quem era Ele -disse, modulando cuidadosamente minha voz -Ele a enganou. Ele é muito poderoso.

Rowena... Como tinha encontrado informação a respeito da aliança da Alina com o SM?

—Isso é o que você crie -disse Kat brandamente.

Eram palavras muito ofensivas. Levantei-me da mesa com as mãos estendidas e ela se levantou também.

—Por favor, Mac, me escute; não te estou acusando, nem a você nem a sua irmã. Se eu realmente acreditasse que são traidoras a nossa causa, não estaria aqui. Vi o olhar em sua cara quando Moira... -ela se rompeu e vi a profunda e tácita dor em seus olhos. Tinha sido uma estreita amizade. Entretanto, estava aqui, tentando conectar comigo, porque ela acreditava que era o melhor para nossa causa. -Não estamos aqui para falar dos mortos, a não ser para planejar a vida -continuou atrás de um momento. -Sei que as coisas não sempre são o que parecem. Temos que aprendê-lo do nascimento. Entretanto, pode ver nossa necessidade. Precisamos-lhe, mas não lhe conhecemos. Rowena está contra você e, embora, normalmente, apoiamo-la em todas as coisas, seus intentos de recuperar o livro fracassaram. Ela o tentou muitas vezes. Precisamos resultados e o tempo está essencial. Pedi a Dani um ato de fé e ela lhe deu isso. Agora lhe estamos pedindo que nos devolva o favor.

Senti um instintivo rechaço.

—O que quer?

Jurei a mim mesma que nunca mais ia voltar a me apresentar ante a velha, mas estas mulheres não eram Rowena. Queria ser convidada à Abadia de novo. Eram as únicas pessoas que conhecia que eram como eu. Tinham-me proibido o acesso ao único clube no que alguma vez tinha querido participar. Com o nome de V'lane em minha língua, eu não estaria a sua mercê em sua fortaleza isolada e se as coisas se tornavam ameaçadores em algum momento, ele estaria ali para me resgatar no momento que abrisse minha boca.



—Pode sentir todos os objetos Fae?

Encolhi-me de ombros.

—Acredito que sim.

—Ouviste falar do Círculo do Jai?

Quando assenti, inclinou-se para frente e disse com urgência

—Sabe onde está?

Encolhi-me de ombros outra vez. tinha-o tido em minhas mãos recentemente mais de duas semanas, mas eu não tinha nem idéia de onde estava agora mesmo, só que Barrons o tinha

—Por quê?

—É importante, Mac. Necessitamo-lo.

—Por quê? O que é isso?

—Uma Relíquia de uma das Casas Reais Seelie que contém algum tipo de energia Fae. Rowena acredita que pode ser utilizado para reforçar os muros. Necessitamo-lo rapidamente, antes do Samhaim.

—Sowen? Que é Sowen?

—Se pode conseguir o Círculo e levá-lo até nós, diremos-lhe tudo o que sabemos, Mac. Inclusive Rowena terá que acreditar em você então.

Capítulo 11

Voltei depressa para a livraria, pensando seriamente. Entretanto, não ia com minha cabeça para baixo, não ia cometer esse engano de novo o dia de hoje. Ganhei a luta para não franzir o cenho a dois Rhino-boys que reparavam uma luz. Qual era seu problema? Não deveriam estar apoiando a seus irmãos escuros, as Sombras e acabar com as luzes, em lugar das reparar?

Não podia acreditar que as sidhe-seer tivessem sido as guardiãs do Livro para logo perdê-lo. Como se tinha perdido? O que tinha acontecido essa noite faz vinte anos? Minha reunião com as sidhe-seer tinha respondido a algumas pergunta, mas me tinha exposto mais.

Que era Sowen? Como o Círculo do Jai cabia nisso? Como tinha sabido Barrons dele? O que planejava fazer com ele? Vendê-lo ao melhor posto? Poderia roubar-lhe Queria queimar essa ponte? Ficava alguma ponte entre nós?

Se o Círculo era meu passaporte à Central das Sidhe-seer, estava decidida a consegui-lo, por meios justos ou injustos. Manipulava Rowena seus esforços para me atrair? Tinha-a permitido a Dani fotografar as páginas para me dar isso em um ardiloso plano?

Meu breve tempo em Dublin me tinha ensinado a procurar jogos dentro do jogo em todo mundo. Eu gostaria de ter ao Christian e seu detector-de-mentiras na mesma habitação que algumas pessoas e empregar sua habilidade enquanto eu perguntava.



Falando do escocês, tentei lhe chamar de novo. Não houve resposta, outra vez. Grrr. Perguntei-me o que era, exatamente, o que significava "tarde" para o menino dos olhos de sonho; meti-me na loja, abri meu portátil e me conectei a rede.

"Minha busca do Sowen" não arrojou resultados. Tentei uma meia dúzia de diferentes ortografias e estava a ponto de renunciar quando um resultado de busca no Google captou minha atenção. trata-se do "truque ou trato" ao que se referiu antes O'Bannion. Olhei Halloween e bingo, aí estava: Sowen... isto... poderia escrever-se S-A-M-H-A-I-M?

Samhain tinha suas origens, ao igual a muitas modernas férias ou celebrações, em tempos pagãos. Como as sidhe-seer se inclinaram a levantar Igrejas e abadias em seus lugares sagrados, o Vaticano tinha por costume "cristianizar" as antigas festas pagãs em uma espécie de "se-você-não podem-vencê-lo-una-se-a-ele-mudando-seu-nome-e-diga-que-foi-sempre-assim". Passando sobre os diversos nomes, etimologias e fotos de abajures de cabaça e bruxas, tenho lido:

"Samhain: palavra para o mês de novembro no idioma gaélico que marca o começo da metade escura do ano galo, com o Beltane assinalando o advento da metade luminosa"

Estupendo. portanto, estes últimos meses não tinham sido os mais escuros?

"Tecnicamente, Samhain se refere a um de Novembro, batizado como Dia de Todos os Santos pelo Vaticano, mas a noite do Samhain-Oiche-Shamhna, em 31 de outubro, durante muito tempo foi o centro de rituais e superstições.

Os celtas acreditavam Todos os Santos era um liminar (em latim, significa soleira) tempo do ano, no que os espíritos do Outro Mundo podiam escapar pois era quando a magia é mais potente. Já que os celtas sustentaram que tanto os mortos como um aterrador e imortal Sidhe, residiam nos montículos debaixo da terra, essa noite poderiam elevar-se e caminhar livremente. "celebraram-se festivais e grandes fogueiras comunais que se acendiam para evitar estes maus espíritos".

Tenho lido o artigo atrás da entrada, surpreendida pela maneira em que muitos países e culturas similares, celebravam suas crenças. Eu nunca tinha dedicado nenhum pensamento as origens do Halloween; felizmente desfrutava com o recolhimento de doces, e em anos posteriores, com os trajes e os desfiles, se não estava trabalhando.

Os limites, que eram os muros entre nosso mundo e o "Outro Mundo", eram perigosamente magros no último dia do mês de Outubro; eram mais vulneráveis, precisamente na meia-noite, na greta entre a metade de um ano e o próximo, na soleira entre a luz e a escuridão, e se algo ia se tratar de conseguir, por exemplo, por parte de um malvado.ex-Fae, com questões de vingança de por meio, esse era o momento de tentá-lo.

"Algumas noites do ano, moça", havia-me dito Christian, "meus tios realizam rituais para reforçar nosso Pacto e manter sólidos os muros entre nossos reino. Nos últimos tempos, outro tipo de magia negra se interpôs e impediu que o dízimo se pagasse em sua totalidade. Meus tios acreditam que os muros estão incompletos por algum tipo de ritual".

Certas noites. Tinha sido a última outro ritual incompleto? Samhain era à noite em que os MacKeltars realizavam o ritual? Estávamos nós tão perto do desastre, apenas há duas semanas vista? Era esse o sentido da vil ameaça de O'Bannion?



Apertei ao botão de chamada e tentei conectar com a ALD. Uma vez mais, não houve resposta. A espera me esteve voltando louca durante todo o dia, e agora não só era necessário para lhe advertir, mas também, além disso, necessitava respostas. Onde estava?

Desliguei o portátil, fechei-o e me encaminhei a Trinity.

Surpreendentemente, fiquei dormida, apoiada contra a parede, fora dos escritórios fechados do ALD. Acredito que foi porque Mac 1.0 se sentia cômoda ali, no corredor brilhantemente iluminado, em um campus universitário, rodeada pelos felizes sons de jovens que não tinham nem idéia do que lhes esperava no mundo real.

Despertei quando alguém tocou meu rosto; meu interior si-dhe-seer explodiu.

Quão seguinte soube, era que Christian estava no chão debaixo de mim, com minha Lança em sua garganta. Meus músculos estavam rígidos: estava pronta para a batalha, carregada de adrenalina. Meus sonhos havia pirado no momento em que me senti tocada. Meu cérebro estava frio, claro e duro.

Tomei um profundo fôlego, e me ordenei mesma me relaxar.

Christian apartou a Lança de sua garganta.

—Tranqüila, Mac, só tratava de despertar. Parecia tão doce enquanto dormia... -seu sorriso foi fugaz. — Não vou cometer esse engano de novo.

Separamo-nos com estupidez. Christian era um homem e não terá que esquecer-lo; eu estava sentada escarranchado sobre ele, do mesmo modo que o tinha estado com o Barrons recentemente. Se minha Lança não lhe tivesse intimidado tanto, o poderia... bom... haver-se ultrapassado.

Falando de minha arma; seu olhar se fixou nela com fascinação. Emitia um suave brilho luminoso.

—É a Lança do Destino, não? — disse intimidado.

Escondi-a de novo sob meu braço e não disse nada.

—Por que não me disse que a tinha, Mac? Teríamos puxado por ela, tratando de comprá-la. Pensamos que estava por aí no mercado negro. Necessitamo-la agora mais que nunca. É uma das duas únicas armas que podem matar...

—Já sei. Mata Fae, por isso que a tenho. E eu não lhe disse isso porque é minha e não vou dar a...

—Eu não lhe estou pedindo isso. Não há nada que pudesse fazer com ela, de todos os modos, eu não posso vê-los.

—Justo. Por isso não deve tê-la.

—Estamos um pouco sensíveis, não?

Avermelhei. Estava-o.

—Alguém tratou de me roubar isso recentemente e acabou muito mal — expliquei -Onde estiveste, de todos os modos? estive te chamando todo o dia. Estava preocupada.

—Meu avião se atrasou. — Abriu a porta e a empurrou -Me alegro de que esteja aqui. ia chamar te logo que chegasse. Meus tios têm uma idéia que querem que comente contigo; eu acredito que é uma idéia terrível, mas eles insistem.



—Samhain é à noite em que seus tios têm que levar a cabo o próximo ritual, não? – disse-lhe -E se não o fazem bem, os muros entre nossos mundos se virão abaixo e estaremos bem fodidos -vaiei.

Soaram estranhas minhas palavras, como se acabasse de fazer algum tipo de profecia: “Os muros entre nossos mundos se virão abaixo e estaremos fodidos”.

Christian fechou a porta detrás de mim.

—Moça, como o soubeste? -assinalou uma cadeira em frente dele, mas estava muito ferida para tomá-la; escolhi outra.

—As sidhe-seer mencionaram Samhain. Elas querem... -olhei-lhe fixamente, procurando em seu olhar um ...não sei... possivelmente um pôster que dissesse “tranqüila, sou de confiança, não sou dos maus”. Suspirei. Às vezes é necessário fazer um ato de fé -Elas querem o Círculo do Jai para tratar de reforçar os muros. Isso é a que faz?

Esfregou-se a mandíbula, fazendo um som áspero. Não se tinha barbeado em vários dias e a sombra da barba parecia atrativa nele.

—Não sei. É possível. ouvi falar dele, mas não sei o que faz. Quais são essas sidhe-seer? encontrei mais como você?

—Está brincando, verdade?

Ele sabia muito sobre o Barrons e sobre o Livro e eu tinha assumido que também saberia da Rowena e suas mensageiras, e, provavelmente, de V'lane também.

Ele sacudiu a cabeça.

—Disse que tinha vigiado a Alina. Não viu outras mulheres por aí, que viam coisas que não estavam aí?

—Tive motivos para vigiar a sua irmã. Tinha uma fotocópia de uma página do Sinsar Dubh. Não os tinha para procurar a ninguém mais.

—Tinha a impressão de que seus tios sabiam tudo.

Christian sorriu.

—Lhes gostaria disso: pensam muito bem de si mesmos... Mas não, durante muito tempo cremos que todas as sidhe-seer tinham morrido. Faz uns anos, descobrimos que tinha sido um engano. Quantas encontrei?

—A umas quantas – disse vagamente.

Ele não necessitava essa informação, já era bastante mau que tanto V'lane como Barrons conhecessem a Abadia.

—Não é toda a verdade, mas o deixarei passar; pode guardar seu número exato para você. Só me diga isto: Há suficientes para dar batalha se fosse necessário?

Não podia adoçar a resposta.

—Não com apenas duas armas. Bom qual é esta idéia tão terrível de seus tios?

—faz um tempo, eles mantiveram uma... corrida, com o Barrons, e estiveram jogando com essa idéia após. Agora já não jogam. Meu tio Cian diz que o poder é o poder e precisamos todo aquele que sejamos capazes de conseguir.

Esgotei meus olhos.



—Que tipo de corrida? Onde?

—Em um castelo do Gales, faz um mês e meio. Tinham estado perseguindo as mesmas Relíquias durante algum tempo, mas em realidade nunca tinham tratado das roubar no mesmo lugar, na mesma noite.

—Esses eram seus tios? Tinha havido outros ladrões atrás do Amuleto a noite que Mallucé o levou?

A noite que V'lane me tinha seqüestrado, para depois “me peneirar” a uma praia do Reino!

—Sabe onde está o Amuleto? Quem é Mallucé? E não são ladrões. Algumas coisas não devem estar soltas pelo mundo.

—Mallucé está morto e já não importa. O Lorde Master o tem agora.

—Quem é o Lorde Master?

Surpreendi-me. O que sabia então? Nada útil?

—Ele é o que esteve trazendo Unseelie a nosso mundo, que está tratando que os muros caiam!

Ficou pálido.

—É o que esteve fazendo magia contra nós?

—Duh -disse.

—Não me venha com o Duh a mim, moça – disse, com as veias do pescoço inchadas.

—Como podem saber tantas coisas, mas nenhuma das mais importantes? São quem se supõe devem proteger os muros!

—Justamente. Os muros – disse – E o estivemos fazendo, o melhor que pudemos, com nosso próprio sangue. Não se pode fazer muito mais que isso, moça, a menos que queira que voltemos para as formas arcaicas e nos ofereçamos como sacrifício, uma idéia pela que fui casa a estudar, mas me vi obrigado a concluir que não funcionaria. O que tem que as sidhe-seer? Não se supõe que deviam fazer algo também? – disse me devolvendo a acusação.

—Sim. De fato, faziam-no. supõe-se que protegiam o Livro – me distanciei e calei.

Abriu a boca, fechou-a de novo e então explodiu

—Tinham o Sinsar Dubh? Sabíamos que alguém o guardava, mas não sabíamos quem. Och, pelo amor de Cristo, moça, o que fizeram com ele? Perder essa fodida coisa?

Esclareci-lhe questão dos pronomes

—“Elas” o perderam. Eu não formo parte delas.

—Certamente, a mim parece uma sidhe-seer.

—Não tente me culpar, escocês – respondi -Seus tios se supõe que deviam manter os muros; as sidhe-seer se supõe que deviam vigiar o Livro, os Fae se supõe que deviam apagar a memória do SM antes de deixá-lo sobre nosso mundo e, supõe-se, que eu estaria em minha casa, com minha irmã, jogando voleibol em uma praia de alguma parte. Não é minha culpa. Nada disto é minha culpa! Entretanto, alguns idiotas, por alguma razão, parecem acreditar que sou capaz de fazer algo a respeito. E estou tratando de saber “o que”, com o fim de me cobrir minhas próprias costas!.



Enfrentávamo-nos cara a cara, com a respiração rápida e superficial, a verdade com cada um de nós, dois jovens que viviam em um mundo que se estava rompendo pelas coisas, fazendo todo o possível para detê-lo, mas sabendo todo o tempo nossas poucas possibilidades. Tempos difíceis e duras palavras, suponho.

—Qual é essa idéia terrível? -disse, por último, em um esforço por conseguir que as coisas fossem por bom caminho.

Ele inalou e exalou lentamente.

—Meus tios querem que Barrons lhes ajude a manter os muros no Samhain. Dizem que é um Druida capacitado e que não tem medo do lado escuro.

Eu me ri. Não, certamente não tinha medo do lado escuro. Alguns dias, estava bastante segura de que ele era o lado escuro.

—Tem razão. É uma idéia terrível. Não só sabe que o espiava, Barrons é o mais puro dos mercenários. Lhe importa quão mesmo a traseiro de um rato o que aconteça a ninguém que não seja ele. por que lhe vai importas que os muros se venham abaixo? Todo mundo lhe tem medo. Ele não tem nada que perder.

—O que acaba de dizer?

—Em poucas palavras, não lhe importa.

—há dito que sabe que o espiávamos?Como?

Dava a mim mesma um golpe mental na frente. Tinha-me esquecido completamente da razão pela que tinha vindo aqui em primeiro lugar.

Apressadamente, relatei-lhe como Barrons tinha utilizado a Voz para me interrogar a respeito de minha recente visita ao Christian. Disse-lhe que tinha estado tratando de comunicar com ele todo o dia, para lhe advertir e quando não tinha conseguido me pôr em contato com ele, em quatro ocasiões, tinha vindo a lhe esperar. Quando terminei, Christian me olhava com cautela.

—Permitiu-lhe fazer isso contigo? Empurrou a isso?Forçou suas respostas? -seus olhos de tigre me percorreram de acima a abaixo, seu belo rosto contraído —Pensei que fosse... um tipo diferente de mulher.

—Sou um tipo diferente de mulher!

Ou pelo menos o era quando cheguei pela primeira vez a Dublin, embora não estava segura de que tipo de garota era agora. Mas eu odiava o olhar de seus olhos: distante, censura, decepção.

—Ele nunca o tinha feito antes. Temos uma complicada... associação.

—Não soa como uma associação para mim, soa a tirania.

Eu não estava por discutir a respeito das complexidades de minha vida com o Barrons, com ninguém, e, especialmente, não com um polígrafo andante

—Ele está tratando de me ensinar a resistir a Voz.

—Suponho que você não vai muito bem. Boa sorte. A Voz é uma habilidade que pode levar toda uma vida aprender.

—Olhe, vocês haviam planejando falar com ele de todos os modos. Sinto muito, de acordo?

Ele me mediu com o olhar

—Compensa-o, então. Fala com ele por nós. Lhe diga o que queremos.



—Não acredito que se possa confiar nele.

—Eu, tampouco, e, assim o disse a meus tios. Eles não o aceitaram. O problema é que não estamos seguros de poder manter os muros, nem com a "ajuda" do Barrons -deteve-se e acrescentou, tristemente -mas do que sim estamos seguros é, de que não poderemos fazê-lo sem ele. -Abriu uma caderneta e anotou algo nela -Aqui é onde pode me encontrar.

—Aonde vai?

—Crê que Barrons não virá detrás de mim? Pergunto-me por que está demorando tanto. Meus tios me disseram que se alguma vez chegava perto de mim, devia escapar, rápido. Além disso, disse-te o que tinha que te dizer e podem me necessitar em casa. -Foi para a porta, abriu-a e, continuando, parou, voltou-se para mim, mostrando dúvidas em seus olhos dourados -Tem relações sexuais com ele, Mac?

Boqueei.

—Com o Barrons?

Ele assentiu.

—Não!

Christian suspirou e dobrou os braços sobre seu peito.

—O que? -gritei -Nunca dormi com o Barrons e a não ser que seja um pequeno teste para comprovar seu detector de mentiras, não vejo a importância que isso possa ter.

—Meus tios querem saber exatamente onde está, Mac. Uma mulher que tenha relações sexuais com um homem é uma perigosa fonte de informação no melhor dos casos, no pior, é uma traidora. Essa é minha preocupação.

Pensei da Alina, e queria protestar dizendo que não era certo, mas teria sido ela uma traidora pensando que ela e seu amante estavam no mesmo lado?

—Não tenho relações sexuais com o Barrons -disse-lhe de novo -Satisfeito?

Seu olhar era remoto, avaliadora, como o de um tigre sobre sua presa.

—Responde uma pergunta mais Quer ter relações sexuais com o Barrons?

Lancei-lhe um duro olhar. Era uma pergunta estúpida e tão impropriedade que me neguei a dignificá-la com uma resposta.

A metade de caminho ao corredor, detive-me.

Papai me deu todo tipo de sábios conselhos ao longo dos anos. Não entendi muitos, mas os recordei, tudo fora porque Jack Lane não perdia o fôlego em balde, e imaginei que algum dia algumas coisas poderia ter sentido. "Não pode trocar uma realidade desagradável, por não reconhecê-la, Mac. Só se pode controlar aquilo que está disposto a enfrentar. A verdade dói, entretanto, não encontrá-la pode matar". Tínhamos estado discutindo sobre minhas capacidades. Eu lhe disse que não me importava se nunca me graduava. Não era verdade. A verdade é que acreditava que eu não era muito inteligente, e tive que trabalhar duas vezes mais duro que outros para poder tirar os cursos, por isso tinha passado a maior parte da escola secundária pretendendo que isso não me preocupava.

Voltei-me lentamente.



Estava apoiado na porta, seus braços cruzados, jovem e quente, tudo o que uma garota podia desejar. Uma fita escura rodeava sua frente. Era um tipo tão magnífico que devia ser ele em quem eu pensasse a respeito de ter relações sexuais?

—Não -disse claramente -Não quero ter sexo com o Jericó Barrons.

—Mentira -disse Christian.

Dirigi-me à livraria, com as lanternas, vendo tudo e a todos. Meu cérebro estava muito cheio de pensamentos para poder classificá-los. Caminhei, com a esperança de que minhas vísceras o juntassem tudo, dessem com um plano de ação e me notificassem isso.

Estava passando por diante do Pub Cervo, quando ocorreram duas coisas: o gelo negro de um Caçador caiu sobre mim e o Inspetor Jayne, parado em um Renault azul, com as portas abertas me gritou

—Suba !

Elevei o olhar. Um Caçador rondava batendo suas negras asas de gelo no ar da noite. Meu lugar especial sidhe-seer gritou aterrorizado, mas eu tinha visto e aprendido muito desde meu último encontro com um deles e já não seria a mesma nunca mais. antes que ele pudesse falar em minha mente, enviei-lhe uma mensagem própria: "Trespassar-lhe-ei em minha Lança, se fizer um só movimento para mim".

Riu. Com um whuf-whuf de couro, suas asas de meia-noite, levantaram-se sobre o crepúsculo e desapareceu.

Meti-me no carro.

—Agache-se -disse-me Jayne.

Franzi ambas as sobancelhas.

Conduziu até o iluminado estacionamento de uma igreja, podia ver a torre desde minha posição, freou, apagou as luzes e parou o motor. Endireitei-me. O estacionamento estava cheio, muito para uma quinta-feira de noite.

—É algum tipo de dia religioso hoje?

—Fique abaixo! -gritou-me -Não quero que me vejam com você!

Atirei-me ao chão de novo.

Olhou-me fixamente

—a igreja está repleta durante a semana. O crime se eleva, assustando as pessoas -calou durante um momento -Então, como é mau? É momento de ir com minha família?

—Eu o faria, se fosse minha família -disse com franqueza.

—Onde devo ir?

Eu não sabia como estaria o que o resto do mundo em termos de Unseelie, mas o Sinsar Dubh estava aqui, uma maldade centrífuga, destilando suas essências mais escuras nas pessoas.

—O mais longe de Dublin que possa.

Ele seguiu olhando para diante em silêncio, até que começou a tamborilar com impaciência. Eu tinha uma cãibra em minha perna. Havia outra coisa. Queria lhe colocar pressa e me inteirar antes que meu pé dormisse. Por último, disse



—Essa noite, que você... já sabe ... Retornei à delegacia de polícia e... vi às pessoas com a que trabalho.

—Você viu que alguns policiais são Unseelie -disse.

Ele assentiu.

—Agora não posso vê-los, mas sei quem são. E me digo que você me fez algo, de algum jeito, e que tudo foi uma alucinação... -esfregou-se a cara ...então vejo os informe e vejo o que fazem, ou, mas bem, o que não fazem, como, por exemplo, investigar qualquer fodida coisa e eu... -calou e esperei -Acredito que mataram a O'Duffy porque deixou de vê-los como humanos. Dois policiais mais foram assassinados; tinham começado a fazer um montão de perguntas e... -calou de novo.

O silêncio se alargou. Abruptamente, olhou-me diretamente. Seu rosto estava vermelho, seus olhos brilhantes e duros.

—Eu gostaria de tomar o chá com você, uma vez mais, Srta Lane.

Olhei-lhe fixamente. Isso era o último que me esperava. Tinha criado um viciado?

—por quê? -disse com cautela.

Sabia como o tinha feito? Poderia sentir os diminutos frascos de carne metidos em minha bolsa? Os que estavam depositados nos andares superiores da loja? Eu podia. Havia sentido o puxão escuro deles debaixo de meu braço toda a tarde.

—Jurei defender a paz nesta cidade. E o farei. Mas não posso desta maneira. Sou um pato sentado -disse amargamente. -Tinha razão, eu não sabia o que estava passando, mas agora sei; não durmo de noite e estou zangado todo o tempo; sou inútil, e não é sozinho porque meu trabalho é lutar contra isso, é por quem sou. É por quem era Patty, por isso morreu. Sua morte deveria significar algo.

—Poderia acabar morto -disse brandamente.

—Correrei o risco.

Ele ainda não sabia que meu "chá" lhe daria super-poderes. Ele somente queria ser capaz de vê-los outra vez. Custa-me culpá-lo. Eu tinha criado este problema por lhe alimentar a primeira vez. Como sentiria eu em seus sapatos? Conhecia a resposta a isso: atrás de um período inicial de negação, exatamente, o mesmo. Jayne não era a avestruz que eu tinha suposto, atrás de tudo.

—Se você se trair, eles lhe matarão -advertei-lhe.

—Podem me matar de todos os modos e nem sequer lhes verei vir.

—Alguns deles são bastante horríveis, podem-lhe assustar e se trairá você mesmo

Ele me dirigiu um sorriso tenso

—Senhora, você deveria ver as cenas do crime que vi nos últimos tempos.

—Tenho que pensar nisso.

Comer Unseelie tinha muitas repercussões. Não quero ser responsável por aquilo no que poderia converter o inspetor.

—Você me abriu os olhos, Srta Lane. Deve-me isso. Você terá um chefes de segurança mais em casa, mas atrás do próximo crime, não mais chá nem mais conselhos.

Ele deixou a poucas quadras da livraria.



Tinha deixado acesas as luzes interiores do Barrons Livros e Adornos quando tinha fechado, o qual era suficiente para manter longe às Sombras, mas pouco mais.

Entrei, apaguei minhas lanternas e me tirei à jaqueta. Havia uns documentos que não tinha estado ali antes. olhei-os. Eram os recibos de um gerador de emergência, um valioso sistema de segurança do mais recente e uma proposta para sua instalação. O preço do projeto era astronômico. O trabalho começaria a primeira semana de Novembro.

Não lhe ouvi detrás de mim. Senti-lhe. Elétrico. Selvagem. Uma besta do pântano saindo lentamente. E eu queria ter relações sexuais com aquilo, o que queira que fosse. Como podia ter este pensamento em minha cabeça? Enterrei-o, encerrei-o a cal e canto em minha caixa e comprovei as correntes. ia necessitar um montão delas adicionais.

Voltei-me e tivemos uma dessas conversações sem palavras que eram nossa especialidade.

— "Agradável maneira de desculpar-se" - não disse - "mas não é suficiente"

— "Não é uma desculpa. Não lhe devo nenhuma".

Nossas conversação sem palavras terminou aí. Somos cada vez piores nela. A desconfiança nubla meus olhos e não vejo através dela

— Você tem notícias para mim hoje, Srta Lane? -disse Barrons.

Coloquei-me as mãos nos bolsos

— Não contatei com o Livro

— Não chamou o Jayne?

Neguei. Poderia usar a Voz e eu ainda seria capaz de dizer que não. Fazia a pergunta equivocada. Tive um prazer perverso com isso.

— Qualquer contato com V'lane?

— Não uma pergunta infantil esta noite? Não vai tentar julgar minhas ações? -disse

— Atrás de seu bate-papo, decidi que é um sábio conselho.

— Congelou-se o inferno? -disse zombador.

— Muito divertido. Não vou fazer lhe perguntas esta noite, Barrons. vou pedir lhe três coisas. -parecia que finalmente minhas vísceras tinham dado com um plano; só esperava que meus instintos estivessem acertados.

Seu interesse se desenrolou como uma serpente escura em seus olhos.

— Continue

Coloquei a mão sob minha camisa, tire minha Lança de sua capa e a estendi

— Aqui. Agarre isto.

Aí estava, o momento da verdade, assim de simples: dizendo-lhe .

É olhos escuros se reduziram; a serpente se retorceu neles.

— Com quem esteve falando, Srta Lane? -disse brandamente.

— Com ninguém.

— Me diga o que busca ou não vou jogar seu jogo.

Não havia espaço para a negociação em sua voz. Encolhi-me de ombros; já tinha passado o tempo dos enfrentamentos.

— Ouvi que um Unseelie não pode tocar uma Relíquia Seelie.



—Então... agora já não os como? -disse, me recordando uma acusação que lhe tinha feito. - Agora, sou um deles. Tem bastante imaginação, Srta Lane.

—Agarre-a -disse irritada.

A incerteza me estava matando. Eu sabia que não o faria. Não poderia. Barrons era um Gripper. dedos largos, fortes e elegantes se fecharam ao redor do aço. Tomou a Lança. Atônita, dirigi meu olhar a seu rosto: seus rasgos deveriam contorsionar-se pela dor; nada, nem a piscada de uma chicotada, nem a menor mudança de um músculo. Nada. De haver algo, era um olhar de aborrecimento. Ofereceu-me isso de novo.

—Satisfeita?

Eu me neguei a tomá-la. Talvez, se mantinha seu agarre, algo aconteceria. Esperei e esperei. Ao momento, comecei a me sentir estúpida e tomei a Lança de suas mãos. Ele se meteu as mãos nos bolsos e me olhou friamente.

Estava desinflada: Barrons não era Unseelie. Até aquele momento, não tinha compreendido completamente por que o tinha condenado. Isto explicava tudo: sua longevidade, sua força, seu conhecimento dos Fae, por que as Sombras lhe deixavam em paz, por que V'lane lhe temia, por que o Lorde Master se afastou... tudo isto tinha sentido, se Barrons era um Unseelie... Mas ele não o era e eu acabava de demonstrá-lo. E agora tinha que voltar para tabuleiro e começar a calcular, outra vez, o que ele era.

—Trate de não me olhar tão decepcionada. A gente quase poderia pensar que queria que fosse Unseelie, Srta Lane. Qual é sua segunda petição?

Quis que ele fora algo. Quis ser capaz de fixá-lo e lhe pôr em algum lugar e partir sem me sentir partida pela metade, um momento acreditando-o meu anjo vingador e, o seguinte, acreditando que ele era o muito mesmo diabo. Eu não podia viver com isto: não sabendo em quem confiar. antes de danificá-lo, soltei

—Quero que você me dê o Círculo D'Jai.

—Por quê?

—Para dar-lhe às sidhe-seer.

—Você confia nelas?

—Neste sentido, sim -assenti -Eu acredito que o usarão para o bem.

—Aborreço essa frase, Srta Lane. Muitas atrocidades se cometeram em seu nome. Qual é o maior bem? A tirania do camaleão? Durante eras, foi trocando suas peles para saciar a sede de poder político e domínio espiritual dos governantes.

Havia certa verdade nisso. Mas neste caso, o maior bem, para mim, era todo meu mundo, tal como eu o conhecia e tal como eu queria que se mantivesse

Esclareci.

—Elas pensam que podem usá-lo para reforçar os muros no Halloween.

—Muito bem. O trarei para você manhã de noite.

Quase desmaio.

—Sério?



Duas surpresas: Barrons não era Unseelie, e ele só tinha acordado entregar a Relíquia, sem pedir nada em troca. por que era tão agradável? Era esta sua última desculpa pelo de ontem à noite?

—Qual é a terceira coisa que deseja, Srta Lane?

Esta ia ser um pouco complicada.

—O que sabe você dos muros que existem entre reino?

—Sei que são tão finos como um papel nestes momento. Sei que alguns dos menores e menos poderosos Fae se foram deslizando entre suas gretas, sem a ajuda do Lorde Master. A prisão segue contendo aos mais poderosos.

Surpreendeu

—Você sabe que isso não tem sentido. por que são os menos capitalistas os que são capazes de escapar? Parece-me que deveria ser ao reverso.

—Os muros se criaram graças a uma formidável magia -disse -que nenhum Fae pôde igualar após. Com grande custo para si mesmo, a rainha teceu capítulos da Canção da Criação para pô-los nas paredes da prisão, deixando atrás de repente a magia dos Unseelie; quanto mais forte seja o Unseelie, mais forte é o muro: ao tratar de liberar-se, realmente une sua magia a de sua prisão, fazendo-a ainda mais forte

—Um truque fanfarrão. assim, por que os muros são tão magros?

—Não é você, não está fazendo perguntas infantis esta noite.

Joguei-lhe uma olhada. Ele sorriu ligeiramente.

—Por que os muros são tão magros?

—Porque quando o Pacto foi golpeado, os humanos foram designados para ajudar a mantê-los. Entretanto, os responsáveis pelos rituais de manutenção (o mais importante dos quais é o que se celebra cada Halloween) foram atacados por magia negra cada vez que os realizaram ao longo dos últimos anos. esgotaram os limites de seus conhecimentos e de seu poder. Em caso de que volte há acontecer este ano, e há muitas razões para esperá-lo, os muros se virão abaixo por completo. Inclusive os muros da prisão. O que tem isto que ver comigo, Srta Lane?

—Se os muros se vierem abaixo por completo, todos os Unseelie sairão, Barrons.

—E o que?

—Você me disse uma vez que não queria que isso acontecesse.

—Não quer dizer que seja meu problema. -ele parecia de novo aborrecido.

—Esta é a terceira coisa que quero: quero que você o faça seu problema.

—De que maneira?

—Pensam que você pode ajudar. Pode?

Considerou-o

—Possivelmente.

Queria lhe estrangular

—Fá-lo-á?

—Me motive.



—Vejamos... isso me manterá segura. Uma detector do OOP segura, é uma detectora feliz. Se for feliz é mais produtiva.

—Você não detectou nada útil para mim há várias semanas.

—Você não me pediu isso -disse à defensiva.

—Há um OOP que você sabe que quero, entretanto, você me retém informação a respeito dele.

—Tem a informação agora. Qual é o problema?

Acabava eu de soar como V'lane?

—O problema é que ainda não tenho o OOP, Srta Lane.

—Estou trabalhando nisso. vou poder trabalhar mais rápido, se estiver mais segura. Se os muros se vier abaixo, cada Unseelie dali quererá me caçar. Você me disse uma vez que não queria mais deles em sua cidade. Era mentira?

—Um ponto a seu favor O que quer de mim?

—Quero que unam poderes no Halloween, quero que empreste sua ajuda no ritual. E quero uma promessa de não agressão.

Devido à sutil maneira que lhe tinha dado a nossa conversa, soava como se lhe pedisse ajuda para as sidhe-seer.

Ele me mediu um comprido momento, e logo disse

—Vou trocar ação por ação: me leve a uma distância do alcance da vista do Sinsar Dubh, e ajudarei a suas amizades.

—Ajude a minhas amizades -disse -e lhe levarei até essa distância do Sinsar Dubh.

—Tenho sua palavra?

—Confia em minha palavra?

—Sou um crente idealista. É obvio.

—Então, tem minha palavra.

Já resolveria o problema da promessa que acabava de fazer no futuro. Neste momento, necessitava-lhe para manter os muros e me assegurar de que a raça humana tinha algum futuro.

—Então, temos um trato. Entretanto, sua ação não dependerá do resultado da minha. Farei todo o possível por ajudar no ritual, mas não posso lhe assegurar o êxito. Não sei nada de suas capacidades e é magia que não tenho feito antes.

Assenti.

—Aceito sua condição. Você ajudará e não lhes prejudicará?

—Confia em minha palavra? -burlou-se ele.

—É obvio que não. É um cínico bastardo. Mas eles parecem estar dispostos a arriscar-se.

O tênue sorriso estava de volta.

—Vou ajudar e não lhes prejudicarei. Tome nota, Srta Lane: você se escava como negociadora quando permite a seu oponente ver suas emoções. Nunca se traia mostrando suas emoções a um inimigo.

—É isso o que você é?

—Assim é como me trata. Seja constante e investigue a traves dos mais finos matizes.



Afastou-se e se transladou para o fogo.

—A quem devo ajudar e proteger? A muito mesmo velha bruxa?

—Não às sidhe-seer

Ele se deteve e se afastou

—Então, a quem?

—Aos MacKeltar.

Foi um comprido momento de silêncio. Então ele começou a rir, brandamente.

—Bem jogado, Srta Lane.

—Tive um bom professor.

—O melhor. Salte sobre um pé, Srta Lane.

As lições de Voz tinham começado. Tive a sensação de que esta poderia ser uma noite brutal.

Capítulo 12

—"Então, inclusive Rowena terá que acreditar em você" Não é isso o que você disse, Kat? Fiz o que você me pediu. Tenho o Círculo. E agora você me diz que a anciã ainda não me deixa entrar em suas bibliotecas? -estava tão furiosa que quase deixei cair o telefone.

—Ela disse que será bem-vinda uma vez que o Círculo tenha completo seu propósito e os muros estejam de novo firmes.

Kat esteve desculpando-se vários minutos, mas não tem feito nada para acalmar meu temperamento.

—Isso é falso e você sabe! O que acontece se os muros caem de todos os modos? Não posso evitar que ela seja qual seja se planeja fazer não funciona! Eu fiz minha parte do trato.

No outro extremo da linha Telefônica, Kat suspirou.

—Rowena me disse que não tinha direito a falar por ela, no primeiro lugar. E eu sinto o que fiz, Mac. Eu não tinha a intenção de te induzir a engano, por favor, me acredite.

—Que mais disse? -perguntei-lhe hermeticamente.

Ela vacilou.

—Que ponhamos fim a todo contato contigo até depois do Samhain, porque, se não, já não teremos refúgio na Abadia. Que poderiam viver em Dublin contigo, disse também.

Tive um flash momentâneo do BB&B invadido por jovens sidhe-seer e o olhar intenso do proprietário. Um sorriso fugaz tocou meus lábios antes que a ira a apagasse.

—E o que disse?

—Disse que eu não acredito que acha que escolher ou excluir a uma irmã sidhe-seer quando há situações tão perigosas como estas e que não entendia por que te despreza tanto. Ela disse que pode ver a decadência moral tão claramente como pode ver os Fae e você está...

—Eu estou...?



Kat se esclareceu garganta.

—Podre até a medula.

Incrível! Tinha tanta decadência moral como cárie em meus dentes (não tenho uma só cavidade). Essa mulher me odiava. Ela o tinha feito desde a primeira vez e minha visita com V'lane não tinha feito mais que piorar as coisas.

Olhei o Círculo, que descansava no balcão em uma caixa acolchoada com papel de borbulhas. Alegrei-me de negar-lhe até que me garantissem um convite da Grande Professora mesma para voltar para a Abadia.

—Então ela não pode ter o Círculo -disse cortante.

—Ela disse que assim diria e que demonstraria suas intenções; disse que escolheria seu orgulho sobre a salvação de nosso mundo dos Fae -disse Kat.

Que inteligente e manipulador morcego velho! Ela tinha tido décadas para aperfeiçoar sua técnica política. Até faz uns meses, a única política que me preocupava são as duas garçonetes que sempre tinha pretendido que havia noites terríveis pelo que não teriam que me por a cabo, como se meu talento para a rápida e excepcional de tira da bebida havia desempenham nenhuma parte em seu êxito financeiro.

—Disse-lhe que estava equivocada. Que se preocupa por nós e pelo mundo. É injusto, Mac, sabemos. Mas estamos... assim, ainda necessitamos o Círculo. É possível que não possamos te introduzir no interior da Abadia, mas nós... uh... -sua voz se reduziu a quase um sussurro - ajudaremos-lhe na medida do possível. Dani diz que acredita que pode obter mais páginas do livro. E que poderíamos ser capazes de conseguir alguns mais, se você nos disser que o que está procurando.

Minha mão se crispou. Sentia a pesada Lança em seu arnês.

—Preciso saber tudo o que terá que saber sobre o Sinsar Dubh: como chegou a suas mãos, como lhe conteve e onde. Quero saber cada rumor, lenda ou mito que nunca se acha dito sobre ele.

—Esses livros estão proibidos na bibliotecas. Só tem acesso Haven!

—Então terá que averiguar a maneira de romper a proibição.

—Por que não o pergunta A... er... já sabe... que te peneirou? -disse Kat.

—Não quero envolver a V'lane neste sentido.

Já o tinha considerado e o mero pensamento dele na mesma habitação que todos os livros a respeito de sua vida me fez tiritar. Só por arrogância poderia chegar a destruí-los. "Os seres humanos não têm direito a conhecer nossos costumes", burlar-se-ia.

—Não confia nele?

Seu nome era agridoce, invasor em minha língua.

—Ele é um Fae, Kat!

Ele era o maior dos egoístas. É possível que tivesse o mesmo objetivo: manter os muros, mas, para ele, os seres humanos eram só um meio para conseguir um fim. Além disso, toda a Abadia saberia que estávamos ali e eu gostaria de procurar uma agulha em um palheiro, com



tempo suficiente e sem setecentas sidhe-seer de clausura detrás. Era uma má idéia, de todas formas

—Sabe quem são os membros do Haven e se alguma delas poderia ser persuadida para me emprestar ajuda?

—Duvido-o. Rowena as seleciona, por sua lealdade a ela. Não estava acostumado a ser dessa maneira. ouvi antes votávamos os membros do Conselho, mas depois de perder o Livro, as coisas trocaram.

Falando de tirania.

Realmente queria saber o que tinha ocorrido fazia vinte anos, a forma em que o Livro se perdeu, de quem tinha sido a culpa.

—Também preciso saber a respeito da Profecia do Haven e dos Cinco.

—Nunca ouvi nada disso. De nenhuma das duas coisas -disse Kat.

—Olhe a ver se pode desenterrar algo... E a respeito das quatro Pedras de tradução, também.

Tinha um montão de perguntas que necessitavam resposta, por não mencionar aquelas a respeito de quais eram minhas origens. Mas, por agora, essas iriam ter que esperar.

—Fá-lo-ei O que acontece o Círculo, Mac?

Refleti.

Se eu o retinha até o Halloween e me negava a permitir que Rowena o usasse, poderia fazê-la ceder e compartilhar a informação comigo? Duvidava-o, mas inclusive se o fazia, o que poderia obter? Do que serve a informação se chegar à uma hora tardia? Como havia dito a velha, o tempo estava essencial. A informação só necessária.

Se os muros caíam, o SM enviaria cada Unseelie que existisse à caça do Livro? As ruas de Dublin estariam tão cheias do Fae Escuros que nenhuma sidhe-seer se atreveria a entrar nelas?nem sequer eu?

Não podia deixar que as coisas fossem tão longe. As paredes tinham que estar íntegras.

Talvez, lhe dando o Círculo com antecipação, ajudaria a Rowena a que o ritual previsto fosse perfeito. Entre as sidhe-seer, Barrons e os MacKeltar, certamente poderiam fazer um ritual completo, uma vez mais e teria até o próximo Halloween, um ano inteiro, para conseguir meus objetivos. Tragar-me-ia meu orgulho. Outra vez. Estava começando a sentir certo ressentimento contra isso do bem maior.

Além disso, havia uma Abadia cheia de sidhe-seer tão preocupadas como eu. Queria que soubessem que me tinham firmemente a seu lado, não só a sua líder.

—Mandá-lo-ei por correio Urgente amanhã, Kat -disse finalmente. -Mas me devem uma. Uma muito grande. Várias muito grandes. E diga a Rowena que uma de nós é malditamente boa, e que já é o suficientemente maior de idade para saber, e fazer, o que é correto.

As sete em ponto da noite do sábado, estava sentada na primeira sala da livraria, cruzada de pernas, os pés chutando o ar com impaciência, à espera do Barrons.



"Seu problema, Srta Lane", disse uma vez passada a noite, depois de que me tivesse entregado o Círculo, *"é que está sendo passiva. Sentada ao lado do telefone, à espera de chamadas telefônicas de Jayne. Embora não é uma má idéia atrás de tudo..."*

"Jayne é uma brilhante idéia e você sabe"

"...o tempo não está de nosso lado. Você deve ser agressiva. Prometeu-me um avistamento. Quero-o"

"O que sugere?"

"Amanhã caçaremos. Durma até tarde. vou manter a ocupada toda a noite".

Encolheu-me uma emoção de estranha consciência sexual, não desejada, em suas palavras. Não me cabia a menor duvida de que Barrons poderia manter ocupada a uma mulher toda a noite.

"Por que de noite? por que o Livro não se caça durante o dia? Aonde vai? O que faz?"

"Seguiu a quebra de onda de crimes nos jornais. A noite é seu tempo. Jayne alguma vez chamou de dia, não?"

Era-o... e nunca o tinha feito.

"Sete em ponto, Srta Lane. Terá primeiro uma hora de Voz"

Levantei-me, me estirando, capturando uma vista de meu reflexo na janela e admirando a imagem. Meu novos jeans eram franceses e se ajustavam como um sonho, meu suéter era de uma cor rosa suave, minhas botas do Dolce & Gabbana, minha jaqueta era uma Andrew Marc do melhor couro negro que tinha visto nunca e levava um lenço de seda brilhante rosa, amarelo e arroxeadado, recolhendo meu cabelo; tinha-me tomado meu tempo com a maquiagem. Olhei-me e me senti muito bem.

Barrons ainda parecia pedir desculpas ou, possivelmente, simplesmente, tratava de tirar meu lado bom. Esta manhã, quando despertei, ali havia coisas de quatro lojas em duas grandes bolsas de objetos de vestir que penduravam fora da porta de meu dormitório, cheias de roupa nova. Estava claro que Barrons a tinha comprado para mim, sobre tudo, tendo em conta o que havia em algumas dessas bolsas. O homem tinha um gosto excepcional e um olho clínico para o detalhe. Tudo encaixava. A qualidade, também.

O sino da porta tilintou e Barrons entrou. Levava, esta noite, um traje do Armani, botas de ponteira chapeada, camisa negra e olhos escuros.

—Não se incomodou com o espelho hoje? -disse animadamente -Ou esqueceu que sei que pode caminhar nele?

—Ajoelhe-se diante de mim, Srta Lane.

Suas palavras me rodearam, infiltraram-se em mim, prostrei-me de joelhos, como um ser humano ante um Fae.

—Não lhe queima isto? -Ele me lançou um de seus alarmantes sorrisos. -Ajoelhar-se ante mim deve ofender cada onça de seu pouco alegre ser.

Eu me mostrava alegre. Encaixei minha mandíbula, tentando resistir. tentei me arranhar o nariz. Não podia nem sequer fazer isso. Estava tão bloqueada no lugar como uma pessoa com o corpo aprisionado por uma camisa de força



—por que sua ordem faz cair todo meu corpo? -pelo menos minhas cordas vocais estavam trabalhando.

—Não. Minha ordem só a tem de joelhos. O resto de você é livre de mover-se. Está você contratada, lutando tão duro que está bloqueando sua parte superior. Quando alguém usa a Voz sobre você, têm só o poder que lhe confere sua ordem. Recorde-o. Fecha seus olhos, Srta Lane.

Não foi uma ordem, mas o fiz de todos os modos. Consegui mover meus dedos e logo toda minha mão. Rebusquei dentro de minha cabeça. O lugar sidhe-seer queimava, mas todo o resto estava escuro. Esse lugar não tinha nada que ver com a resistência à Voz.

—Quem é você? -exigiu.

Que estranha pergunta. Não sabia tudo a respeito de mim? Eu gostaria de ser capaz de usar a Voz sobre um que eu me sabia

—Sou Mac. MacKayla Lane

O'Connor possivelmente fosse meu sangue, mas em meu coração era Lane.

—Esqueça do nome. Quem é você?

Me encolhi de ombros. Agora só meus joelhos estavam paralisados, o resto de mim se movia livremente. Fiz oscilar meus braços, para lhe fazer sabê-lo

—Uma garota, de vinte anos. Sidhe-seer. Irmã...

—Etiquetas -disse com impaciência. -Quem diabos é você, Srta Lane?

Abri meus olhos.

—Não entendo.

—Fecha seus olhos.

A Voz retumbou de parede a parede. Meus olhos se fecharam como se fossem deles.

—Você só existe dentro de você mesma -disse. -Ninguém a vê. Você não vê a ninguém. Você está sem censura, além de julgamentos. Não há direito. Nem bem nem mau. Como se sentiu quando viu o corpo de sua irmã?

Raiva. A raiva me enche. Raiva pelo que tinham feito com ela. Raiva com ele por me recordar isso O pensamento de que não havia juízes foi liberador. Aumentei minha dor e minha ira.

—Agora me diga quem é.

—Vingança -disse em uma fria voz.

—Melhor, Srta Lane. Mas volte a tentá-lo. E quando você me fale, incline a cabeça.

Eu estava sangrando antes que acabassem as lições daquela noite, por vários lugares. Auto infligia-me minhas feridas. Entendi por que o tinha feito. Isto era resistir, porque não gostam, mas as lições que dá a vida também lhe fazem resistente. Tinha que aprender isto. E faria o que fosse necessário.

Quando ele me tinha feito agarrar a faca e me cortar, tinha visto uma tênue luz na escuridão de meu crânio. Eu ainda me cortava, mas algo profundo dentro de mim tinha despertado, ali, em algum lugar, se tão somente pudesse escavar profundamente, o bastante para chegar até isso. Perguntei-me como seria eu ali? Era essa a razão pela que Barrons era da forma em que era? Quem tinha posto ao Jericó Barrons de joelhos? Ainda me custa imaginá-lo.



—Doeu-lhe aprender? -perguntei-lhe.

—Muitas vezes

—Quanto tempo demorou você?

Ele sorriu ligeiramente.

—Anos.

—Isso é inaceitável. Preciso-o agora. Pelo menos, para poder resistir ou nunca vou ser capaz de estar perto do SM.

Pensei que ia discutir comigo a respeito disso de estar perto do SM, mas só disse

—É por isso que me estou saltando anos de formação, levando-a muito por diante, em um território difícil. Esta noite foi só o começo da ...dor. Se não estar de acordo a respeito de aonde vai isto, diga-me isso aqui e agora. Não vou voltar a perguntar-lhe vou empurrar a na medida em que acredito que possa ir.

Tomei um profundo fôlego, exalando lentamente.

—Estou de acordo.

—Venda-se, Srta Lane. Utilize isto.

Retirou uma pequena garrafa de unguento de seu bolso.

—O que é isto?

—Acelera a velocidade de cura.

Quando retornei, abriu a porta e saímos para a noite.

Olhei instintivamente à direita. Minha Sombra era uma nuvem escura gigantesca na parte superior do edifício do lado. Surgiu ameaçadora e começou a deslizar-se pela fachada de tijolo.

Barrons saiu detrás de mim.

A Sombra se retirou.

—O que é você? – disse irritada.

—No Serengeti, Srta Lane, eu seria o guepardo. Sou mais forte, mais inteligente, mais rápido e tenho mais fome que todos o resto. E não me desculpo com a gazela quando a abato.

Suspirei, girei-me para a moto, mas ele se voltou para a esquerda.

—Iremos caminhando? -surpreendi-me.

—Por umas poucas horas. Quero jogar uma olhada à cidade, logo voltaremos de carro.

Os Unseelie estavam por toda parte nas molhadas ruas empedradas. A crescente taxa de delinquência não parecia manter a ninguém dentro de sua casa. A justaposição dos dois mundos (o do homem despreocupado, meio bêbado, outros que logo que começam sua noite na cidade, rindo e falando, mesclando-se com os depredadores, tristemente representados pelo Unseelie cobertos por um “encanto” que não tive que me esforçar por ver, à diferença do passado) na noite, como uma maré negra ardilosa.

Havia Rhino-boys, horripilantes vendedores ambulantes com os enormes olhos e sem boca, coisas aladas e mais coisas aborrecíveis. Alguns levavam um alto “glamour” enquanto caminhavam pela calçada com seus companheiros humanos. Outros elevados sobre os edifícios, como aves de rapina, selecionando para matar. Eu esperava que algum deles nos reconhecesse, desse a voz de alarme e descendesse a nos atacar.



—São egoístas -disse Barrons, quando o mencionei -Obedecem a um professor enquanto têm diante. Entretanto, o verdadeiro professor dos Unseelie é sua fome, e, esta cidade é um banquete. estiveram apanhados durante centenas de milhares de anos. Há pouca disciplina neles e muita fome neste momento. trata-se de consumir para não sentir-se tão vazios, tão... ocos. fecham-se a todo o resto.

Olhei-lhe bruscamente. Havia ali algo que soava estranho, ao final, quase como se dissesse... que o sentia por eles.

—Quando foi à última vez que matou a um deles, Srta Lane? -disse de repente.

—Ontem.

—Teve algum problema que não me contou?

—Não. Matei-o para cortar e guardar pedacinhos de sua carne.

—O que? -Barrons freou em seco e esperou minha resposta.

Encolhi-me de ombros.

—Uma mulher morreu o outro dia. Ela não teria que ter morrido se o tivesse tido à mão. Não vou cometer esse engano de novo.

Mostrava-me muito segura, estava realmente convencida de que estava fazendo o correto.

—A mulher que morreu em minha loja? -quando assenti, disse -E onde leva esses... pedacinhos, Srta Lane?

—Em minha bolsa.

—Você crê que é sábio?

—Acredito que acabo de dizer-lhe disse friamente.

—Você não se dá conta de que se comer de novo, não será capaz de sentir a única coisa que precisamos?

—Tenho-o sob controle, Barrons -eu nem sequer tinha procurado os frascos do almoço.

—A gente nunca tem um vício sob controle. Se você comer de novo, pessoalmente, chutar-lhe-ei o traseiro. Entendido?

—Se como de novo, provavelmente serei eu quem, pessoalmente, chute-lhe seu traseiro.

Ser capaz de brigar com o Barrons foi um das muitas vantagens de comer Unseelie. Eu, freqüentemente, desejava fazê-lo só por essa razão.

—vou esperar até que os atire -grunhiu.

—Com o divertido que foi?

Nunca esquecerei a noite em que tínhamos lutado, a inesperada luxúria.

Buscamo-nos o um ao outro e, por um momento, as nuvens de desconfiança se levantaram e pude ver seus pensamentos em seus olhos.

“Foi algo digno de ver” não disse.

“Foi algo digno de sentir” eu não respondi.

Seu olhar se fechou.

Eu olhei à distância.



Caminhamos rapidamente pela calçada. Abruptamente, ele agarrou meu braço e empurrou a um beco lateral. Dois Fae escuros estavam fazendo algo perto de um cesto de papéis, realmente, não queria saber o que.

—vamos ver como de boas são suas qualificações em combate, Srta Lane, quando você não está bombeando esteróides Unseelie.

Mas antes que eu pudesse me abandonar ao gozo de matar a algum desses bastardos, meu celular soou: era Jayne.

Capítulo 13

Nos seguintes dias se estabeleceu uma estranha rotina, frenética, e em sua maioria, atordoante. Barrons vinha cada noite e me treinava com a Voz.

E cada noite, incapaz de encontrar minha “guelra”, acabava com feridas frescas. Então saíamos à caça do Sinsar Dubh...

...Ou, mais que à caça do Sinsar Dubh, a seguir fazendo grandes esforços para que, como a outra noite quando Jayne me tinha chamado, Barrons se dirigisse na direção oposta, nos mantendo o suficientemente longe para que eu não me traísse com sutis assinalas de sua proximidade, como por exemplo, me derrubar em um atoleiro, perder a consciência ou soltar babas pela boca.

Em algum momento, cada dia, V'lane me perguntava a respeito dos frutos de meu trabalho. Assegurava-lhe que não tinha fruto e ele começou a me trazer presentes. Um dia me trouxe um chocolate que não fazia engordar, não importa quanto comesse; outro dia que me trouxe umas escuras flores do Reino, de aroma picante, que floresciam eternamente. Quando partia, eu os atirava: o chocolate deve fazer engordar e as flores deve murchar-se e morrer. Essas são coisas que alguém pode contar, são normais. Necessitava coisas que contar. Necessitava coisas normais.

Estava ocupada em multidão de ir e vir: acoessando a Kat e Dani para que me dessem mais informação, estudando um montão de livros a respeito dos Fae, esgotando minhas buscas na Internet sem resultados de utilidade... Havia muito jogo de Rol online de fanfic e era impossível distinguir os feitos da ficção.

Estava em metade de nenhuma parte, como um carro girando seus pneumáticos no barro, muito consciente de que embora conseguisse sair do barro, não sabia aonde ir.

A tensão e a indecisão de minha vida se converteram em insuportáveis.

Estava nervosa e o pagava com todo mundo, incluído meu pai quando me chamou para me dizer que mamãe parecia estar melhorando ao fim, como tinham ido reduzindo o Valium e aumentando os antidepressivos, como ela tinha cozinhado o almoço do domingo (tinha-me perdido isso!): palitos de queijo, chuletas de porco e ovos. Ela inclusive tinha feito pão com levedura fresca. Depois de me ponderar o magnífico almoço tinha pendurado. Tentei localizá-lo em algum lugar de minha vida, enquanto mastigava uma barrinha energética.



Minha casa estava a um trilhão de milhas de distância.

Halloween estava há dez dias.

Logo, as sidhe-seer estariam fazendo "suas coisas" na Abadia. Barrons e os MacKeltar, as suas, na Escócia. Eu ainda não tinha decidido onde estaria. Barrons me tinha pedido que lhe acompanhasse, sem dúvida para detectar OOP na casa dos MacKeltar enquanto estavam ali. Estava considerando a possibilidade de me deixar cair pela Abadia. Queria estar em alguma parte, fazer minha parte, independentemente de qual pudesse ser, embora minha parte só fosse tentar que Barrons e os MacKeltar não se matassem os uns aos outros. Christian tinha telefonado ontem para me dizer que as coisas iam avançando, mas se sobreviviam ao ritual, possivelmente não poderiam sobreviver-se uns aos outros.

Com todas essas Relíquias, os muros ficariam de pé ou cairiam por completo.

Estranhamente, tinha começado a esperar o Halloween, porque, pelo menos, assim minha espera chegaria a seu fim. O limbo no que vivia se acabaria também e, finalmente, saberia ao que tinha que me enfrentar; saberia, exatamente, como eram de boas ou más as coisas que vinham; queria saber se eu poderia ser relevada (uma vez tomei um ano sabático para saber o que fazer) ou averiguar se devia seguir aterrorizada. De qualquer maneira, seria algo concreto.

Eu não tinha nada concreto sobre o Livro (A besta!). Não sabia como consegui-lo ou o que fazer com ele. Tampouco tinha nada concreto no que ao Barrons ou V'lane se referia. Não confiava em nenhum deles. Como se isso fora pouco, cada vez que olhar pela janela, ou saía, tinha que lutar contra meu imperativo biológico de matar monstros. Ou me comer isso a.

Os Rhino-boys estavam em todas partes, como empregados públicos de absurdos uniformes, rechonchudos braços e pernas estalando costuras e botões. Sentia uma leve náusea constante por sua presença. Reagia a diminuir meu "volume" de novo, comecei a tomar Pepcid com meu café da manhã. Já nem sequer tento tomar descafeinado para acalmar meus nervos, fi-lo um dia e tinha sido um engano monumental: necessitava minha cafeína.

Ia dar algo: eu era uma confusão nervosa, triste e temperamental. Não posso dizer quantas vezes nos intermináveis e angustiantes dias tinha decidido confiar no Barrons, para logo, trocar a favor de V'lane. Estudei minuciosamente os casos, com largas listas de prós e contra perfeitamente tabulados em meu diário, em três colunas, loteando suas "boas" ações, "más" ações e as de "natureza indeterminável". Esta última era, com muito, a mais larga das colunas para os dois.

Um dia incluso decidi atirar a toalha, dar a Lança a Rowena e até me unir às sidhe-seer. Não só contava minha segurança, mas sim poderia lhe passar a lhe esmagar responsabilidade da tira de decisões a Grande Professora. Se o mundo posteriormente se ia ao inferno de sua mão, pelo menos eu estava fora do gancho. Essa era a MAC que conhecia, a que nunca quis responsabilidades, a que queria ser atendida. Como tinha chegado a ficar apanhada nesta confusão, onde se supunha que ia fazer me carregado de todos outros?

Felizmente, aquela vez, Rowena devolveu minha chamada, eu com meu habitual tom resmungão e ela com sua auto-suficiência, tínhamo-nos encetado em uma de nossas habituais discussões e me tinha desculpado dizendo que chamava para me assegurar de que tinha chegado



o Círculo, já que não tinha estado ali quando foi enviado. "Se você chama esperando que lhe dê as obrigado, saiba que não lhe darei nenhuma", depois tinha pendurado, me recordando as muitas razões pelas que não podia suportá-la.

Cada dia, fazia uma marca em meu calendário e em 31 de outubro estava cada vez mais perto.

Lembrei-me do Halloween passados: os amigos, as festas, a diversão e me perguntei o que traria este ano. Truque ou trato?

OH, sim, ia dar algo!.

A meio-dia da quarta-feira, estava em um Spa em São Martín, recebendo uma massagem (o último presente de V'lane tirado da leitura do Manual de Entrevistas Humano) Era de sentir saudades que eu estivesse perdendo rapidamente qualquer sentido da realidade? Os monstros e o caos e... massagens, OH, sim. Quando terminei, vesti-me e fui acompanhada a um comilão privado no hotel onde V'lane se reuniu comigo, em uma terraço com vistas ao oceano. Ele retirou uma cadeira e me sentei ante uma mesa com toalha de linho, taças de cristal fino e refinados manjares. MAC 1.0 havia sentido muitas coisas: adulada, coquete, em seu elemento. E fome. Tomei uma faca, apunhalei um morango e comi isso diretamente da ponta. Poderia ter utilizado minha Lança, mas, como de costume, havia desapareceu no momento em que ele apareceu. Sentia-me nua, embora estivesse totalmente vestida e se tivesse tido opção, teria caminhado através do restaurante tão nua como vim ao mundo com tal de conservar minha Lança.

Nos últimos dias, V'lane tinha estado em forma humanizada cada vez que nos tínhamos reunido, quase totalmente "apagado". Ele também estava tratando de conseguir tirar meu lado bom. Ironicamente, quanto mais o tentavam os dois, menos confiava eu neles. Os olhos se giravam quando o Príncipe se movia. Até apagado, as mulheres lhe olhavam fixamente com olhos vorazes. Desfrutei do cardápio com gosto, amontoando morangos, abacaxi, lagosta, bolos de caranguejo, biscoitinhos e caviar. Acredito que tinha vivido muito tempo a base de pipocas de milho e macarrão Ramen

—O que é exatamente o Sinsar Dubh, V'lane?, e por que todo mundo o quer?

V'lane baixou as pálpebras até a metade e me olhou de esguelha. Era uma atitude muito humana, contemplativa, calcificando a informação, pensando quanta podia me dar ou, se me podia dar isso.

—O que sabe dele, MacKayla?

—Virtualmente nada -disse -O que é... isso...que todo mundo o quer a qualquer preço?

É difícil pensar nele como um livro, mas sim como um "isso" que está "nele", alguma coisa que marcou minha mente em forma daquela escura besta, mas que desde lusgo não tinha páginas.

—O que te pareceu quando o viu? Um livro? Antigo e pesado, com bandas metálicas e fechaduras?

Assenti.

—Viu à criatura em que se converte? -olhou-me fixamente -Vejo que sim, embora me esqueceu dizer isso .



—Não acreditei que fosse importante.

—Tudo o que se refere ao Sinsar Dubh é importante. Não fazem os seres humanos lendas que falam de nossas origens, sidhe-seer?

É um sinal seguro de que está aborrecido quando me chama por meu título e não por meu nome. Disse-lhe o pouco que tinha aprendido no livro de "As Invasões dos Irlandeses".

Ele sacudiu a cabeça.

—É história recente, uma áspera inexatidão. estivemos aqui muito mais que isso. Sabe a história do Rei dos Unseelie?

—Não

—Então não sabe quem é.

Neguei

—Deveria?

—O Rei Unseelie, uma vez foi Rei da Luz, consorte da Rainha e Seelie. No começo, havia uma só classe, os Seelie.

Tinha-me embevecida; esta era a autêntica história dos fae relatada por um autêntico Fae, coisas que seguro não encontraria em nenhum livro nem arquivo das sidhe-seer arquivos.

—O que aconteceu?

—O que ocorreu em seu Éden? -burlou-se ele -O que sempre acontece? Alguém sempre quer mais.

—O rei? -adivinha.

—A nossa é uma linha matriarcal. O rei tem um poder residual. Só a Rainha conhece a Canção da Criação.

—Qual é a Canção da Criação?

Eu tinha ouvido falar dela ao Barrons e tinha visto referências nos livros que tinha estado lendo, mas ainda não sabia o que era.

—Impossível de explicar a alguém de mentalidade humana.

—Prova -disse zombadora.

Fez um de seus afetados encolhimentos de ombros.

—É a vida, a vida desde que chegamos. É, em última instância, o poder de criar, ou de destruir, dependendo de como se utilize. canta-se para... trocar... a existência.

—Para não... estancar-se.

—Exatamente -disse. Então seus olhos se reduziram -burla-te de mim?

—Só um pouco. Os Fae só compreendem, realmente, essas duas coisas?

De repente, uma brisa gelada açoitou o pequena terraço e os cristais se gelaram

—Nossa percepção não tem limites, sidhe-seer. É tão grande que desafia sua língua miserável, como o faz meu nome. É para que possa compreender muitas coisas pelo que temos que destilar as coisas essenciais a sua natureza. Não presuma de acreditar que entende nossa natureza. Apesar de que, há muito tempo, coexistimos com sua raça, nunca mostramos nosso verdadeiro rosto. É impossível para você nos contemplar como realmente somos. Se te mostrasse....



Ele se deteve abruptamente.

—Se me mostrasse o que, V'lane? -disse brandamente.

Fiz estalar em minha boca um biscoitinho repleto de caviar, nunca o tinha comido antes e não sabia se voltaria a comê-lo. A carne do Rhino-bpy era mais saborosa... apressadamente me colocava um morango na boca e a fiz passar com um gole de champanha.

Ele me ofereceu um sorriso. Tinha estado praticando: era suave, menos exótica. O dia se esquentou de novo, a geada se fundiu

—Não importa. Queria saber de nossas origens...

Queria saber sobre o Livro, mas estava desejosa de escutar tudo o que estivesse disposto a compartilhar.

—Como conhece a história de sua raça, se tiver bebido do Caldeirão?

—Temos "lojas" de conhecimentos. Depois de beber, a maioria solicita imediatamente inteirar-se de quem é e do que é.

—Se esquece de recordar.

Que estranho! Que horrível, pensei, ser tão paranóico que, tendo vivido tanto tempo de loucura reiterada, renascer mas nunca estar verdadeiramente limpo, para voltar temeroso, a um lugar de política estranha e traiçoeira

—O Rei Seelie queria mais...-pedi-lhe.

—Sim. Ele invejava a Rainha a Canção da Criação e lhe pediu que a ensinasse. Ele se tinha apaixonado por uma mortal e, não desejava ver-se privado dela até que não tivesse satisfeito seu desejo por ela, desejo que não parecia diminuir. Ela era... diferente a ele. Poderia havê-la substituído por outra, mas pediu à Rainha que a transformasse em Fae.

—Pode a Rainha fazer isso? Fazer Fae a alguém?

—Não sei. O rei acreditava que podia. A rainha se negou e o rei tratou de lhe roubar o que lhe tinha pedido. Quando ela o apanhou, castigou-lhe; logo esperou que sua obsessão minguasse, mas não o fez. Começou A... experimentar com o Fae menores, esperando aprender por si mesmo a Canção.

—Que tipo de experimentos?

—Um humano pode entendê-lo como uma forma avançada de mutação genética ou de clonagem, sem DNA ou resto físico para mudar. Tratou de criar vida, MacKayla. E o obteve. Mas sem a Canção da Criação.

—Mas eu pensava que a Canção era a que dava Vida. Como poderia criar Vida sem a Canção?

—Precisamente. Era imperfeita, defeituosa -parou -Entretanto, vivia e era imortal.

Entendi-o e gemi

—Ele fez aos Unseelie!

—Sim. Os Escuros são os meninos do Rei Seelie. Durante milhares de anos, experimentou, ocultando seu trabalho da Rainha. Seu número aumentou, ao igual a sua fome.

—Mas sua mulher mortal deveria ter morrido para então. Qual era o motivo?



—Ela estava viva, mantida em uma jaula de sua criação, mas, ao estar apanhada, murchou-se, por isso, para ela, criou os espelhos Chapeados e lhe deu mundos para explorar. Embora o tempo passa fora deles, dentro deles não é assim. A gente poderia passar um milhão de séculos neste país e não sair nenhuma hora mais velho no nosso.

—Pensei que os Espelhos se utilizam para as viagens entre os reino.

—utilizam-se para isso também. Os Espelhos são... coisas complicadas, de maneira dupla, já que foram amaldiçoados. Quando a Rainha sentiu o poder dos Espelhos na primavera da existência, chamou o Rei ao tribunal e exigiu que os destruísse. Era seu direito criá-los, não o dele. Na verdade, inquietava-lhe descobrir como tinha crescido seu poder. Afirmou havê-los feito como um presente para ela, para agradá-la, por não lhe haver pagado seu tributo em eras.. Mas o rei lhe deu só uma parte dos Espelhos. O outro o manteve oculto dela, para sua concubina, onde plantou exuberantes jardins e construiu uma grande casa Branca brilhante, em uma colina com centenas de janelas e milhares de habitações. Quando sua mortal voltou a inquietar-se, criou o Amuleto, com o que poderia configurar a realidade a sua vontade. Quando ela se queixou de sua solidão, fez-lhe a Caixa.

—O que faz?

—Não sei. Não foi visto após.

—Está dizendo que ele também fez o Livro? Mas, por quê?

—Paciência, humana. Estou-te contando esta história. O rei continuou os experimentos. Eras, passaram. Tinha criado mais... aberrações. Com o tempo, com tantos como tinha, começou a melhorá-los até que alguns deles foram tão belos como qualquer Seelie. Os Unseelie Reais tinham nascido, príncipes e princesas escuro, homólogos aos da luz. E, ao igual a seus homólogos, o que queriam era legitimamente dele: o poder, a liberdade de ir e vir, o domínio sobre os seres inferiores. O rei se negou. O segredo era uma parte necessária de seu plano.

—Mas alguém foi à Rainha -adivinhei -Um dos Unseelie.

—Sim. Quando se inteirou de sua traição, tentou lhe despojar de seu poder, mas tinha crescido muito e tinha aprendido muito. Não a Canção, mas sim outra melodia, uma mais escura. Combateram ferozmente, enviando seus exércitos um contra o outro. Milhares do Fae morreram. Nessa idade ainda havia muitas armas, não só as poucas que ficam. O Reino se murchou e enegreceu; o céu se encheu com a seiva de nossa espécie, o próprio planeta no que tínhamos vivido chorou ao ver nossa vergonha e se rachou de ponta a ponta... E ainda lutaram até que o rei tomou a Espada e ela tomou a Lança... e o rei matou a Rainha dos Fae.

Inalei

—A rainha morreu?

—E a Canção morreu com ela: foi assassinada antes que fosse capaz de nomear uma sucessora e transmitir sua essência. Quando ela morreu, o Rei e todos os Unseelie desapareceram. antes de morrer, ela tinha conseguido completar os muros da prisão e com seu último fôlego pronunciou o feitiço de contenção. Os Unseelie que evitaram o feitiço foram caçados pelos Seelie e assassinados.

—Então, onde encaixa o Livro em tudo isto?



—O livro nunca esteve destinado a ser o que é. Foi criado como um ato de expiação.

—Expição? -me ecoei. -Refere-te pela morte da Rainha?

—Não, pela de sua concubina. Ela se peneirou através dos espelhos e se tirou sua própria vida. Odiava no que o rei se converteu e lhe deixou da única maneira que podia.

Tiritei, gelada pela escura história.

—Eles dizem que o rei se voltou louco e, quando sua loucura finalmente diminuiu, viu, com horror, o escuro reino que tinha criado. Em seu nome, comprometeu-se a trocar, a converter-se no líder de sua raça. Mas sabia muito. O conhecimento é poder e imenso conhecimento é imenso poder. Enquanto que o tivesse, sua raça nunca confiaria nele. Consciente de que não lhe deixariam aproximar-se do Caldeirão, e que, inclusive se o faziam, destruir-lhe-iam ao segundo de ter bebido, criou um livro místico no que verteu todos seus conhecimentos escuros. Liberado deles, desterrou-o a outro âmbito no que nunca poderia ser encontrado nem utilizado para destruir. Ele voltaria para seu povo, como rei dos Seelie, pediria seu perdão e começaria uma nova era. Os Fae se converteriam em um patriarcado e, os Unseelie, é obvio, apodrecer-se-iam na prisão.

—Assim que isso é o Livro -exclamei -parte da escuridão do rei! A pior parte.

—Durante eras trocou, como trocam todas as coisas Fae e se converteu em uma coisa viva, muito diferente do que era quando o rei o criou.

—Por que o rei não o destruiu?

—Ele o tinha feito... como dizê-lo? ...seu duplo. Era seu igual e não podia derrotá-lo. Supôs que um dia poderia derrotá-lo. Ele o expulsou e por muito tempo esteve perdido.

Perguntava-me como tinha chegado às mãos das sidhe-seer. Não o perguntei, porque se V'lane não sabia que tinha estado ali, não queria ser quem o dissesse. Ele desprezava a Rowena, e poderia decidir castigá-la e outras sidhe-seer poderiam sofrer no processo.

—por que a Rainha o quer? Espera um minuto, se a Rainha está morta, quem é Aoibheal?

—Uma de quão muitos vieram depois e trataram de dirigir a nossa raça. Ela o quer, porque acredita que, em algum lugar de entre todas suas trevas, o Livro contém a chave da verdadeira Canção da Criação, que se perdeu faz cento e sete mil anos. O rei estava perto, muito perto. E só com os capítulos dessa Canção poderá voltar a confinar aos Unseelie.

—E Darroc? por que o quer?

—Ele pensa bobamente que pode ter seu poder.

—Barrons?

—O mesmo.

—Supõe-se que devo acreditar que você é diferente? Que alegremente lhe dará todo o poder à Rainha, sem querer o para você? -o sarcasmo gotejava em minhas palavras: V'lane e egoísmo eram sinônimos.

—Esquece algo, MacKayla. Sou Seelie. Não posso tocar o Livro, mas ela sim pode. A rainha e o rei são os únicos de nossa raça que pode tocar todas as Relíquias, Seelie e Unseelie. Deve encontrá-lo, me chame e te levarei com ela. É a única esperança para reconstruir os muros em caso de que se venham abaixo; nem a anciã, nem Darroc, nem Barrons o poderão fazer. Deve confiar na Rainha, como eu faço.



Estava escuro quando retornei, massageada, cuidada, pedicurada e encerada. Havia uma dúzia de rosas vermelhas de comprimento esculpo envoltas em um lenço de papel, me esperando, por fora, na entrada da livraria. Inclinei-me para as cheirar e vi um envelopinho com uma nota dentro.

"Me ajude a encontrá-lo e eu devolverei a sua irmã. me rechace e tomarei aquilo que é mais prezado para você"

Bom, bom, todos meus pretendentes me chamavam. Havia um celular escondido nas folhas com uma mensagem de texto em espera: "Sim ou não?" A resposta podia devolver-se como texto, mas não podia lhe chamar.

—V'lane?

Barrons, sua voz chegou de detrás de mim.

Neguei, me perguntando o que é o era "mais prezado para mim", com medo a descobri-lo. Senti a eletricidade de seu corpo detrás de mim quando se aproximou e tomou o cartão de minha mão. Ele não se afastou e lutei contra a necessidade de me inclinar para ele, procurando a segurança de sua força. Teria a bem envolver seus braços ao redor de mim? Far-me-ia sentir segura, por um momento e embora só seja uma ilusão?

—Ah, a velha ameaça de "o que você mais aprecia" -murmurou.

Dava-me a volta lentamente e esperei. Ele ficou rígido e inalou bruscamente. atrás de um momento, tocou minha bochecha.

—Tal dor nua -sussurrou.

Voltei meu rosto para sua palma e fechei os olhos. Seus dedos se enroscaram em meu cabelo, cavando-o, escovando-o, tocando a marca... esquentou-se com seu tato. Agarrou fortemente a base de meu crânio e apertou, me elevando lentamente até estar nas pontas dos pés. Abri meus olhos e foi meu turno para inalar bruscamente. Não humano. Ah, não, não este homem.

—Nunca se mostre assim de novo ante mim -Seu rosto era frio e duro, sua voz mais fria ainda.

—Por quê? O que fará você?

—O que está em minha natureza fazer. Entre. É hora de sua lição.

Depois de receber outra lição, Barrons e eu caminhávamos pelas ruas. Eu não tinha tido notícias do Jayne desde sua última convocatória, faz quatro noites. Tinha lido os jornais cada manhã. Se reconhecia o cartão de visita do Sinsar Dubh, e estava bastante segura de que o fazia, tinha saltado a uma nova vítima cada noite. Sabia bem o que o inspetor estava fazendo: estava esperando seu "chá".

Eu estava esperando uma inspiração divina em qualquer momento, que me mostrasse o caminho, que me confiasse o que devia fazer. Não tinha nenhuma dúvida de que Jayne obteria o que queria antes que eu.

Estava equivocada.

Tínhamos estado durante quase seis horas, conduzindo acima e abaixo, através da cidade no Viper. atrás de tantas noites, conhecia cada rua, cada beco, cada estacionamento; conhecia a



localização de cada supermercado e posto de gasolina que estavam abertos entre o anoitecer e o amanhecer. Não havia muitos. A delinquência não é um bom sócio, o bêbado e solitário são difíceis de persuadir para que fiquem em casa (sei por que sou garçoneiro), mas, sem dúvida, dissuade aos pequenos proprietários de negócios e a seus empregados para fechar antes que caia a noite.

Me fez triste ver Dublin trancando suas escotilhas. Só ontem de noite, descobrimos dois blocos de Zona Escura que não estavam em meus mapas, conduzindo por ali; chorei por cada bloco recém escurecido como uma perda pessoal, tão pessoal como esses poucos centímetros de meu cabelo ou meu monótono traje. Ambas, a buliçosa e amalucada cidade e eu, havíamos trocando muito.

Normalmente, quando íamos de caça, Barrons conduzia, se por acaso eu perdia o controle de minhas principais funções barcos a motor, mas assim era mais difícil lhe afastar das cercanias do Livro, assim insisti em conduzir esta noite.

Era um mau co-piloto, ladrando direções, mas lhe ignorei pois era melhor que a alternativa. Ontem à noite, quando nos tínhamos aproximado do Livro, eu tinha tido uma desesperada necessidade de utilizar o quarto de banho (a única estação de gasolina aberta nos conduziu em direção oposta) e ele me tinha Arrojado um olhar de nervosismo. Eu suspeitava que ele suspeitava, atrás de tudo, ele também lia o periódico: esta manhã tinha falado de um crime acontecido a menos de uma milha de onde tínhamos estado rondando a noite anterior. Embora ele não sabia que meu radar era cada vez mais forte, não tinha dúvida de que não demoraria em somar dois e dois finalmente.

Enquanto conduzia, meus sentidos sidhe-seer em alerta máxima, para que ante o menor formigamento pudéssemos, sutilmente, nos desviar, quando uma coisa totalmente inesperado aconteceu: o Sinsar Dubh explodiu em meu radar, deslocando-se diretamente para nós, a velocidade extrema.

Dei uma freada tal que os aros fumegaram, derrapando e girando bruscamente de direção. Não havia nada mais que pudesse fazer.

Barrons me olhou bruscamente.

—O que? Há-o sentido?

OH, que irônico, que pensasse que eu tinha girado assim para nos dirigir a ele

—Não -menti -Só que me acabo de me dar conta de que esqueci minha Lança esta noite. Fui sem ela da livraria. Pode acreditá-lo? Nunca esquecia minha Lança. Não me posso imaginar em que estava pensando. Suponho que não pensava, estava falando com meu pai enquanto me vestia e supondo que me esqueci -pisei nos pedais, que rangeram sobre suas engrenagens.

Nem sequer se dignou em me olhar, só disse

—Mentira.

Apressadamente, ruborizada e incômoda, balbuciei

—Está bem, Barrons. Pilhou-me, mas preciso voltar para a livraria. É... bem... é pessoal. -o fodido e estúpido Sinsar Dubh se estava aproximando; estava sendo perseguida pela coisa que se supõe que eu devia perseguir. Havia algo muito mau nisso.-É... uma coisa de mulheres ... já sabe.



—Não, não sei, Srta Lane. por que não me ilumina?

Passei zumbindo por um rio de pubs; estava agradecida de que a noite fora muito fria para que houvesse muito tráfico, se tinha que frear, o Livro ganharia e eu já tinha uma dor de cabeça do tamanho do Texas que ameaçava absorvendo Novo México e Oklahoma.

—É esse momento. Já sabe. Do mês. -traguei-me um gemido de dor.

—Esse momento? -ecoou brandamente. -refere-se na hora de parar em um dos múltiplos supermercados pelos que passamos zumbindo e assim poder comprar absorvente? É isso o que está me dizendo?

Eu ia vomitar. Estava muito perto, tinha começado a salivar. até que ponto estava detrás de mim? A duas quadras? a menos?

—Sim -chorei -Isso é tudo! Mas eu uso um tipo especial e não o levo

—Posso cheirá-la, Srta Lane -disse, ainda mais brandamente. -O único sangue em você é a de suas veias, não a de seu ventre.

Minha cabeça girou à esquerda e lhe olhei fixamente. Bom, era uma das mais inquietantes coisas que nunca me havia dito.

—Ahhh!

Chorei, a alavanca de mudanças e a embreagem voaram de minha cabeça. O Viper correu até a calçada, investiu dois quiosques e uma luz antes de estelar se frente a uma boca de incêndios.

E o maldito e fodido Livro ainda vinha. Comecei a soltar babas pela boca, me perguntando o que aconteceria entrava em um círculo de uns metros de mim. ia morrer? Minha cabeça realmente explodiria?

Deteve-se.

Derrubei-me contra o volante, ofegando, agradecida pelo indulto. Minha dor não diminuía, mas pelo menos já não era cada vez maior. Esperava que o Livro encontrasse sua próxima vítima depressa desaparecesse em direção contrária, rápido. Tinha problemas.

Barrons abriu a porta a patadas, plantou-se em meu lado e me tirou do carro.

—Por onde? -gritou.

Me teria cansado sobre meus joelhos, mas ele me manteve.

—Não posso -disse — Por favor.

—Por onde? -repetiu.

Assinalei.

—Por onde?

Usou a Voz e assinalei em direção contrária.

Agarrou-me por cabelo, me arrastando detrás dele. Mais perto, mais perto ainda.

—Vai... a me matar! -gritei.

—Você não tem nem idéia -grunhiu.

—Por favor... Pare! -tropecei, cega a tudo, exceto à dor.

Ele me soltou abruptamente e caí de joelhos, gemendo, chorando. Doía tanto! Meu cérebro chiava, por minhas veias corria gelo, fogo sob minha pele. por quê? por que o Livro me fazia



danifico? É que não tinha deixado de ser o suficientemente pura e boa! Tinha estado mentindo a todo mundo, tinha matado a uma sidhe-seer, embora tinha sido por acidente, mas era sangue inocente sobre minhas mãos, como a de todos os homens de O'Bannion, tinha libidinosos pensamentos sobre homens com os que nenhuma mulher corda deveria ter pensamentos libidinoso... Tinha matado a outras criaturas vivas para comer e roubar seu...

...Força!. Isso era o que eu necessitava. Força e poder Unseelie, a escuridão dos parentes e amigos do Livro, vivendo dentro de mim.

Onde estava minha bolsa?

Lutei contra a dor. estava no carro e eu nunca poderia chegar até ali, nem sequer podia me levantar, era uma agonia o simples feito de levantar a cabeça. Onde estava Barrons? O que estava fazendo? O ar era de gelo e o pavimento estava gelado debaixo de mim, sentia-o passar até meus joelhos e subir por minhas coxas. Um vento ártico açoitava meu cabelo, atravessava minha roupa, me desfazendo, me maltratando.

O que estava fazendo Barrons? Tinha que ver!

Procurei o lugar sidhe-seer de minha cabeça. A mera existência do Livro o inflamava. Representava tudo o que temia dos Fae, tudo aquilo pelo que existíamos, para defender. Inalei rápida e profundamente, aspirando ar gelado a meus queimados pulmões.

Tentei abraçar a dor, me convencer a mim mesma, ser uma com ele. Que havia dito Barrons? Não endureça, me relaxar, deixar de lutar contra ele, lhe deixar golpear e atrás fluir sobre mim como uma onda. Era mais fácil dizê-lo que fazê-lo, mas consegui retroceder sobre meus joelhos e elevar minha cabeça.

No centro da rua pavimentada, a 10 metros de distância, estava a Besta.

Isso me olhava.

—Olá, Mac -disse.

Sabia meu nome. Como sabia meu nome? Merda. Merda. Merda.

O chiado de minha cabeça se deteve. A dor desapareceu. A noite se silenciou; estava no olho do furacão.

Barrons estava a 1 metro e meio dele.

Oxalá lhe pudesse descrever isso me alegre de não poder, porque se eu pudesse encontrar as palavras para isso, estariam aderidas a minha cabeça para sempre e não quero nada pego em minha cabeça. Seu rosto era bastante terrível, mas uma vez que deixou que estar frente a você, seu cérebro se nega a reter a imagem. A forma em que se move, a forma em que te espera. A forma em que se burla. A forma em que nos conhece...

Nós olhamos a outros aos olhos. É a natureza da raça humana, somos uma espécie de reflexo, com fome de conhecer todas as facetas de nossa existência. Talvez por isso, os vampiros nos parecem tão monstruosos, porque não tem nenhum reflexo. Os pais, se forem bons, refletem a maravilha de nossa existência e o êxito em que pode converter-se. Os amigos, bem escolhidos, mostram-nos imagens de nós mesmos e nos respiram a crescer com elas.

A besta nos mostra a pior de nós mesmos e nos faz saber que é verdade.

Barrons se inclinou.



A Besta se converteu em um inocente livro de capa dura.

Barrons dobrou um joelho.

O inocente livro de capa dura se converteu no Sinsar Dubh, com suas bandas metálicas e cadeados. Esperava. Podia sentir que esperava.

Barrons ia alcançar ele.

Pela primeira vez em minha vida, rezei. Deus, não, por favor, Deus, não. Não deixe que Barrons o agarre e viva seu mau, porque se o faz, estamos todos perdidos. Morrerei, os muros cairão e o mundo perecerá.

Dava-me conta, então, da razão pela que havia sentido tanto conflito aquela noite em que vi sair ao Barrons do espelho Unseelie: em meu coração, realmente, não acreditava que ele fora mal. Não me interpretem mal, não acredito que fosse essencialmente bom, mas sua maldade era uma potencial maldade. O mal autêntico é uma causa perdida. Não tinha estado disposta a lhe confiar meu coração porque temia cometer os mesmos enganos que Alina e que quando morresse, o narrador dissesse sobre meu corpo sem vida : Bom, aí vai a segunda garota Lane, igualzinha que a primeira. O mais confuso de tudo é, tentar convencer a nossas cabeças de algo que nosso coração sabe que é uma mentira.

Seus dedos estavam a umas polegadas do Sinsar Dubh.

—Barrons! -gritei.

Ele se estremeceu e se voltou para mim. Seus olhos eram negro sobre negro.

—Jericó! -chorei.

Barrons sacudiu sua cabeça, uma vez, um violento puxão de um lado a outro. moveu-se como um homem com todos seus ossos fraturados, empurrando-se a si mesmo lentamente sobre seus pés, e começou a afastar-se de costas.

De repente, o livro se metamorfoseou na Besta e se elevou, elevou e elevou sobre nós até uma altura que eclipsou o céu.

Barrons se girou então e correu.

A dor estava de volta, triturando, me crucificando. A noite se voltou de um frio devorador de vida e o vento voltou, gritando com as vozes dos mortos sem vingança.

Senti que me desfazia.

Remotamente, pus os braços ao redor do pescoço do Barrons, me agarrando a ele enquanto corria.

Às quatro da manhã, estávamos sentados diante de um fogo na livraria, na zona de relax, onde os transeuntes não podem nos ver, embora não é que esperasse nenhum às quatro da madrugada no bordo de uma Zona Escura.

Estava aconchegada em um ninho de mantas, olhando as chamas. Barrons me trouxe uma taça de cacau quente do microondas, usando dois pacotes de cacau instantâneo do contrabando que Fiona guardava detrás do balcão. Aceitei com gratidão. Todos os poucos minutos, sofria um violento calafrio. Duvidava que nunca voltasse a estar quente de novo.

—Ela está com O'Bannion, sabe? -disse através de lábios que queimavam por quão frios estavam. Inclusive Barrons estava gelado e pálido.



—Sei -disse.

—Ela está comendo Unseelie.

—Sim.

—Importa-lhe?

—Confio é sua própria proprietária, Srta Lane.

—O que acontece tenho que matá-la?

Se ela vinha a por mim, eu não teria outra opção a não ser apunhalá-la.

—Ela tratou de matar a você. Se seu plano tivesse funcionado, estaria morta. Subestimei-a, não acreditei capaz de assassinar e estava equivocado. Ela queria que se fora a todo custo e estava disposta a acabar com algo que eu pudesse chegar a querer ou a necessitar e estive a ponto de obtê-lo.

—Foi você seu amante?

Ele me olhou.

—Sim.

—OH. -agitei o cacau com minha colher. -Ela era um pouco... velha não crê?

Fulminou-me com o olhar logo que o disse. Julgava pelas aparências, não a realidade. Barrons, em realidade, tinha pelo menos duas vezes sua idade, quem sabia quanto mais?

Seus lábios se curvaram ligeiramente.

Comecei a chorar.

Barrons estava horrorizado.

—Pare, imediatamente, Srta Lane!

—Não posso

Escondi-me em minha taça de cacau para que não pudesse ver meu rosto

—Me peça uma coisa mais difícil!

Estremeci-me

—Não fui seu amante desde... faz tempo -ofereceu, me olhando com cuidado.

—OH, acabe com isto! Isso não é pelo que chorei.

—Por que, então?

—Não posso fazê-lo, Barrons -disse com voz oca -Você o viu. Não posso... essa...essa... coisa. Estamos brincando?

Olhamos fixamente as chamas durante um tempo, até muito tempo atrás de que meu cacau se acabasse

—O que sentiu você? -disse finalmente.

Sua boca formou um sorriso amargo.

—Todo este tempo estive perseguindo-o, me dizendo a mim mesmo que eu seria a exceção. Eu seria o único que poderia tocá-lo, utilizá-lo e que não resultaria afetado. Estava tão seguro de mim mesmo... "Só até a distância da vista, Srta Lane" disse convencido de que poderia o ter "em meu bolso". Bom, estava equivocado -riu como um forte latido -Eu não posso tocá-lo, tampouco.

—Não pode? Já não o quer?



—Uma bom distinção. Ironia, a definição perfeita: é aquilo que mais desejo possuir, o que mais quero, mas uma vez que o consiga, posso perder tudo e ganhar nada. Não sou bom em exercícios de futilidade.

Bom, ao menos já não tinha que me preocupar de que Barrons ou V'lane conseguissem o Livro antes que eu: V'lane não podia tocá-lo porque era Seelie, Barrons não o tocaria porque era o suficientemente inteligente para dar-se conta de que qualquer fim que ele queria obter a prioridade, perder-se-ia imediatamente na Besta que consumia a natureza de tudo.

—Virá isso detrás de nós? -perguntei.

—Não sei -disse -Na verdade, parece-o, mas, fá-lo-á?

Me apertei ainda mais em minhas mantas.

—O que vamos fazer, Barrons?

Ele me lançou um olhar escuro.

—A única coisa que podemos fazer, Srta Lane: manter elevados esses putos muros.

Capítulo 14

Quando desbloqueei a porta na quinta-feira pela manhã e abri para os negócios, uma medida de quão desesperadamente queria ser uma garota normal em um mundo normal, o Inspetor Jayne estava esperando por mim.

Retrocedi tentando lhe deixar atrás e fechei a porta; então, com um suspiro agridoce, fui consciente do absurdo de minhas ações e troquei o pôster a FECHADO. Eu não era normal e este não era um mundo normal fingindo não ia obter nada. Tinha chegado o momento de deixar cair outro de meus próprios Bluffs. A livraria tinha sido um refúgio temporário, me dando uma comodidade a que não tinha direito. Devia estar ansiosa, devia ter medo. O medo é um capitalista motivador.

Tomei a capa úmida do inspetor e lhe assinalei um assento perto do fogo.

—Chá? Né, quero dizer, chá normal?

Ele assentiu e se sentou.

Eu lhe traga uma taça do Earl Gray, tomei assento frente a ele, me afundando em meu lugar

—Fazemos as pazes? -disse, soprando minha taça para que se esfriasse.

Sorriu-me. Sem dúvida o estávamos. Parecia ter passado um ano desde que me tinha miserável até a delegacia de polícia. Meses desde que me tinha acochado com os mesmos mapas que eu tinha em meu quarto

—Há inconvenientes -disse-lhe, pelo de comer Unseelie.

Ele sabia o que queria dizer: por isso estava aqui.

—Não tudo?



—Alguém se faz super forte, mas os Fae não podem ser assassinados, Jayne. Você não pode participar. Só pode vê-los, simplesmente. Deve convencer-se: se você começar a tratar de matá-los, eles saberão que você sabe e eles é que matarão a você.

—Como lhe fazem de forte? Tão forte como um deles?

Considerarei-o. Não sabia e assim o disse.

—Assim, talvez?

Encolhi-me de ombros

—Apesar disso, você ainda não pode matá-los. Eles não morrem. São imortais.

—por que crê que temos cárceres, Srta Lane? Não estamos autorizados a matar aos assassinos em série, tampouco.

—OH -sussurrei -Nunca pensei em encarcerá-los. Não estou segura de que nada lhes detenha. Exceto a prisão com muros tecidos com a Canção da Criação -Eles podem peneirar, recorda?

—Todos eles?

Fazia outro bom ponto. Eu nunca tinha visto um Rhino-boy peneirar-se. Supunha que só era possível para os Fae mais poderosos; os príncipes e os do tipo do Homem Cinza.

—É que não vale a pena tentá-lo? Talvez um homem humilde pode trazer algumas surpresas. Enquanto você faz seu trabalho, outros podem estar fazendo o seu. Corre o rumor na rua de que algo mau se aproxima, logo. O que acontece?

Contei-lhe a respeito do Halloween, dos muros e o que aconteceria se viessem abaixo. Ele pôs sua taça e pires sobre a mesa.

—E você me deixaria aqui, indefeso?

—Tem outras desvantagens. Não estou segura de todas, mas uma delas é, que se for ferido por uma arma imortal, você... -e descrevi a morte do Mallucé para ele: sua carne em decomposição, as moribundas partes do corpo...

—Quantas dessas armas imortais há, Srta Lane?

—Duas.

Em que medida tinha degenerado uma conversa sobre partes desaparecidas dos mapas a conversar casualmente sobre comer monstros e armas imortais?

—Quem as tem?

—Uh, eu e alguém mais.

Ele sorriu ligeiramente.

—Arriscar-me-ei.

—É aditivo.

—Estava acostumado a fumar. Se pude deixar de fumar, poderei sair disto.

—Acredito que te troca, de algum jeito.

Estava bastante segura de que comer Unseelie era a razão pela que tinha sido capaz de me aproximar do Sinsar Dubh. Muita da informação sobre "comer Fae escuros" não estava clara, mas algo tinha feito que percebesse o Livro... embaçado, diluído.



—Senhorita, será como trocá-lo por um cedo ataque ao coração. Deixe de pôr inconvenientes. Não mais conselhos, lembra-se?

No momento, não queria conselhos. Não tinha desejo de saber o que o Livro era, só um meio de evitar aos outros.

—Você não me deu uma opção ao me abrir os olhos -disse o inspetor -Deve-me isto.

Estudei sua cara, o conjunto de seus ombros, suas mãos. Até onde teria chegado eu? longe de ver nele a um inimigo, um impedimento para mim, vi um bom homem sentado em minha loja, tomando o chá comigo.

—Sinto lhe haver feito comer -disse.

—Eu não -disse rotundamente. —Prefiro morrer vendo a cara de meu inimigo que morrer cego.

Suspirei

—Você terá que voltar todos os poucos dias. Não sei quanto tempo dura.

Levantei-me, agarrei minha bolsa e revolvi nele. Aceitou os frascos com muita impaciência para meu gosto, com uma repugnante antecipação em seu rosto. Senti-me como um camello provendo a um drogado. Senti-me como uma mãe que envia a seu filho fora para fazer frente aos perigos do primeiro curso, mas eu tinha que fazer algo mais que seu pacote de almoço e levá-lo a ônibus, tinha que lhe dar conselhos.

—Os que parecem rinocerontes são guardiões dos Fae. São espiões, e ultimamente, por alguma estranha razão, estiveram fazendo trabalhos de utilidade. Acredito que há umas "moscas" que voam sobre os meninos, mas não estou segura; seguem-lhes, detrás de seus ombros. Há um magro, formoso, que pode introduzir-se dentro de você. Chamo-o Gripper; se você vir um vindo para você, saia correndo como se fosse o mesmo diabo. As Sombras lhe devoram em um instante se tropeçar com elas em uma Zona Escura. De noite, deve ter todas as luzes acesas... -Eu estava meio pendurando da porta, falando sem parar detrás dele ...comece a levar lanternas em todo momento. Se lhe capturarem na escuridão, está morto.

—Tê-lo-ei em conta, Srta Lane.

Ele se meteu em seu carro e desapareceu na distância.

As onze em ponto, estava em Ponta Cã, caminhando pela praia com V'lane, vestindo um biquíni de lamé cor ouro (eu, não V'lane; pegajoso, sei, ele o escolheu), com um sarongue rosa forte.

Tinha Arrojado seu nome ao vento e lhe tinha convocado pouco depois de que Jayne me tinha abandonado, desesperada-se por obter respostas, e não de tudo reticente a receber uma dose de sol. Hei pensando nos muros toda a noite e a maior parte da manhã. Agora que sabia deles, a melhor de nossas probabilidades era fortificá-los. A aposta mais segura para obter informação é um Príncipe Fae, um da confiança da Rainha e um que não tinha bebido do Caldeirão desde fazia muito, muito tempo.

Em primeiro lugar, exigiu conhecer o mais recente sobre o Sinsar Dubh e lhe disse, como tinha conseguido deter o Barrons, que tinha estado comigo, a fim de evitar uma potencial cagada. Disse-lhe que não tinha sentido continuar seguindo-o, porque não tinha idéia de como me



aproximar dele, e já que ele não poderia, não havia maneira de consegui-lo para a Rainha. Uma vez dito, alguém pergunte me ocorreu, tão evidente, que não podia acreditar que não a tivesse pensado antes.

—Disse que a Rainha pode tocá-lo, assim por que não vem atrás dele ela mesma?

—Ela não se atreve a sair do Reino, foi atacada recentemente e isso a deixou gravemente debilitada. Seus inimigos no mundo mortal são muito numerosos. fugiu com a Corte e solicitou um antigo lugar de refúgio e amparo dentro de nosso âmbito. Também é um lugar de alta magia. Ali, ela acredita que pode voltar a criar a Canção. Só os poucos nos que confia podem entrar. Ela deve estar segura, MacKayla. Não há nenhum outro que possa ocupar seu lugar. Todas as princesas se foram.

—O que aconteceu elas?

Em uma linha matriarcal, isso era um desastre.

—Ela as enviou em busca do Livro, como a outros. Elas não foram vistas nem se ouviu nada delas após.

E eles acreditavam que eu poderia fazer algo? Se umas Princesas Fae não tinham tido nenhuma oportunidade contra os perigos daí fora, que oportunidade tinha eu?

—Há algo que não entendo, V'lane. Os muros da prisão Unseelie ficaram centenas de milhares de anos atrás, não?

—Sim.

—Não foi muito tempo antes que a Rainha Aoibheal os erigisse entre nossos reino?

Ele assentiu.

—Bom, se existiam antes de forma independente, por que não agora? por que os muros da prisão cairão, se o SM obtiver que os que há entre nossos mundos caiam? por que todos os muros cairão?

—Os muros nunca existiram independente; os que há entre nossos mundos são uma extensão dos muros da prisão. Sem a Canção, a rainha não pode fabricar os obstáculos por sua conta. A separação de mundos requer imenso poder. Teve que recorrer à magia dos muros da prisão e confiá-la a uma parte dos novos muros de separação com os seres humanos. Um pacto de magia, indevidamente, dá rendimentos mais fortes que resultados de uma única empresa. Era arriscado, mas ainda com os protestos de seu conselho, ela considerou que era necessário.

—por que o Conselho protestou?

—Quando cheguei aqui, ao princípio, os humanos eram como o resto da vida neste mundo: selvagens, animais. Mas um dia desenvolveram um idioma. Um dia o cão não menear a cauda e ladrou, mas sim usou a palavra. A seu julgamento, isso te convertia em um ser superior. Ela lhes concedeu direitos e ordenou que coexistíssemos. Conseguiu que não fossem exterminados e dois terços de seu Conselho se mostraram a favor dela nos separasse, como parte de seus novos direitos.

Era evidente que V'lane não acreditava que haviam merecido nenhum direito absolutamente.



—Sinto-o pelo naufrágio de sua supremacia racial -disse friamente. -Era nosso mundo em primeiro lugar, recorda?

Neve em pó caiu sobre meus ombros.

—Você diz isso freqüentemente. me diga, humana, precisamente, que crê que isso significa? Que por uma força do destino que fez que começasse a vida neste planeta dá direito a ele? Em virtude de nosso cuidado seu mundo floresceu, fizemo-lo o verde; para nós Gaea floresceu. Em sua louca corrida o defumou,feriu, concretizou e agora o super povoam. O planeta chora. Sua gente não conhece a moderação. Nós sim. Sua gente não conhece a paciência. Nós somos a raça mais paciente que nunca encontrará.

Suas palavras me deixaram gelada. Os Fae poderia esperar milhares de anos para conseguir voltar a aprisionar a seus irmãos escuros, mas a raça humana nunca sobreviveria tanto tempo. Mais raciocine para manter os muros da prisão intactos

—O que é o que o SM está fazendo para debilitar os muros?

—Não sei.

—O que podemos fazer para fortalecê-los?

—Não sei. Houve acordos entre a Rainha e o homem para escondê-los e protegê-los. Eles devem honrar esses acordos.

—Eles o fazem e não funciona.

Ele encolheu um de seus dourados ombros.

—por que tem medo? Se os muros se vierem abaixo, eu te mantereí a salvo.

—Eu não sou o único que me preocupa.

—vou proteger aos que cuida em... Ashford, não? Sua mãe e seu pai. Quem mais te importa?

Senti a ponta de uma faca acariciando minhas costas com suas palavras. Ele sabia de meus pais, sabia de onde eu era. Odiava que qualquer Fae, bom ou mau, soubesse nada sobre a gente que quero. Entendi como devia haver-se sentido Alina, tratando de nos manter ocultos da escuridão do novo mundo com que tinha tropeçado em Dublin, incluído o namorado em quem ela tinha crédulo. Seu coração teria lutado contra sua cabeça a respeito dele? Tinha a sensação de que algo, no fundo, ia mal, mas foi seduzida por suas palavras e encantada por suas ações?

Não, ele a tinha enganado. Apesar de suas afirmações, sem dúvida utilizando sua Voz. Não havia outra explicação para o resultado das coisas.

—Quero mais que isso, V'lane -disse. -Quero que toda a raça humana esteja a salvo.

—Não acredita que seu povo se beneficiaria de uma redução de número? Não lê seus próprios jornais? Você acusar aos Fae da barbárie, entretanto, os seres humanos não têm precedente em sua crueldade.

—Não estou aqui para advogar pelo mundo. Esse não é meu trabalho. Estou tratando de salvá-lo.

Ele estava zangado. Eu também. Não nos entendíamos absolutamente.

Seu toque foi suave, mas seus olhos não, quando atraiu a seus braços. tomou seu tempo com minha língua. Envergonha-me dizer que me apoiava nele, perdido meu ser no beijo do Príncipe Fae; me deu quatro vezes seu nome.



—Um para cada uma das casas principescas.

Com um sorriso zombador, ele desapareceu.

As réplicas foram tão intensas que tomou vários minutos me dar conta de que algo andava mal.

—Uh, V'lane -chamei a atmosfera. -Acredito que se esqueceu algo. A mim. Olá? Ainda estou em Ponta Cã.

Perguntava-me se esta era sua maneira de me obrigar a utilizar seu nome de novo, por isso poderia substituí-lo de novo. Minhas desculpas, sidhe-seer, diria. Tenho muitas outras preocupações em minha mente. Meu traseiro. Se sua mente era tão vasta como ele constantemente reclamava, não tinha direito a que sua memória falhasse.

Minha Lança estava de novo comigo e a gente me estava olhando. Suponho que não era habitual ver uma mulher em biquíni de lamé, com uma Lança ao ombro, falando com o céu. Tomou um bom olhar ao redor e o me olhar a mim mesma, o me dar conta de que, provavelmente, fosse meu traje, não minha Lança, o que estava mais desconjurado. Eu tinha estado tão absorta em minha conversação com V'lane que não tinha notado que estava quase nua em uma praia.

Dois homens caminharam para mim e me ruborizei. Não podia lhes ajudar. Eram da idade de meu pai. Tinham pênis.

—Vamos, V'lane -vaiei -Me tire daqui!

Ele me deixou me cozer uns minutos mais antes de me devolver à livraria, com o biquíni de lamé, é obvio.

Minha vida trocou depois, entrei em outra rotina.

Já não tinha nenhum desejo de dirigir a livraria, ou me sentar diante de um computador, ou me enterrar em um montão de livros de investigação. Sentia-me como um doente terminal. Meu intento de apanhar ao Sinsar Dubh não só tinha fracassado, mas também me tinha obrigado a admitir que estava, irremediavelmente, além de meu alcance no momento atual.

Não havia nada que pudesse fazer, a não ser esperar, e esperar que outros pudessem fazer sua parte, e comprar mais tempo para averiguar como fazer o meu, se isso era ainda possível. O que sabia Alina que eu não sabia? Onde estava seu diário? Como tinha previsto pôr suas mãos sobre o Livro Escuro?

Sete dias. Seis. Cinco. Quatro.

Não podia me sacudir a sensação de que havia algo aí fora, me olhando diretamente à cara, que me faltava. Podia haver ido bastante bem se o pensamento tivesse estado em minha pequena caixa de contenção, mas suspeitava que estava em uma caixa ainda maior, que eu necessitava agora, mas para poder pensar precisava ver essa caixa.

Com esse fim, passei meus dias, armada até o punho, com o pescoço voltado contra o frio, caminhando pelas ruas de Dublin, empurrando fora de meu caminho aos turistas que seguiam visitando a cidade apesar da escuridão, o frio e a alta taxa de delinquência. me deslizando entre horrorosos Unseelie, pedindo bebidas quentes nos pubs, onde descaradamente espiava as conversações, humanas e Fae por igual. Detive-me em uma esquina, em um posto de "fish and



chips" e conversei até com a churrasqueira de cozinhar. Parei-me na calçada, e falei com um dos poucos vendedores de jornais humanos (casualmente o mesmo senhor de idade avançada que me tinham dado a direção da delegacia de polícia quando eu cheguei aqui) e que agora confessa em sua formosa linguagem que a notícias escandalosas tinham razão, voltavam os Velhos Tempos; percorri os museus, visitei a surpreendente biblioteca de Trinity, e inclusive, a amostra de cervejas da fábrica de cerveja Guinness.

De pé na plataforma, olhando para muito cobertos, tive uma surpreendente revelação: eu adorava esta cidade. Inclusive inundada entre os monstros como estava, com a inundação de delitos, viciada pela violência do Sinsar Dubh, eu adorava Dublín. Alina se havia sentido desta maneira? Aterrada pelo que poderia vir, mas mais viva que alguma vez do que alguma vez tinha estado?

E mais sozinha.

As sidhe-seer não devolviam minhas chamadas, nem sequer Dani. Tinham escolhido: Rowena tinha ganhado. Sabia que tinham medo, sabia que ela e a Abadia eram quão único a maioria delas tinha conhecido jamais, e que ela, habilmente, manipulava seus temores. Queria assaltar o PHI e lutar, chamar   anciã, argumentar meu caso ante as sidhe-seer. Mas já não: há algumas coisas que não deveriam ter que solicitar-se. Eu lhes mostrei minha boa fé e esperava algo em troca.

Caminei pelas ruas, vi e tomei nota em meu diário a respeito das diversas coisas que observei. Inclusive Barrons me tinha abandonado, procurando alguns antigos rituais que, a seu julgamento, poderiam ajudar no Samhain.

Christian chamou e me convidou   terra dos MacKeltar, em algum lugar das montanhas de Escócia, mas eu não podia sair da cidade: senti-me como sua vanguarda, ou possivelmente tão somente o capitão que se afunda com seu navio. Seus tios, Christian disse tristemente, tolerariam ao Barrons, mas pouco mais. Entretanto, tinham acordado trabalhar juntos, um tempo. Seu tom deixou claro que, uma vez que o ritual tivesse terminado, poderia haver um todos contra todos de guerra Druida. Eu não lhe emprestei atenção: poderiam lutar contra todos os que quisessem uma vez que os muros estivessem fortificados.

Três dias antes do Halloween, encontrei um bilhete de avio o a Ashford, fora da porta de meu dormitório. São de ida. O v o era mais tarde. Parei-me, observando-o um comprido momento, logo, com os olhos fechados, apoiando as costas contra a parede, imaginei a minha mãe e a meu pai... e minha habitação em casa.

Outubro, no sul da Georgia, tem o outono mais fino: as árvores vestidos de rubi, âmbar e cabaça; cheira o ar com o aroma das folhas e a terra e com os aromas da cozinha caseira; as noites são tão claras como você sozinho pode encontrar nas zonas rurais da América, longe o céu das luzes da vida da cidade.

A noite do Halloween, o Brooks de acolhida a sua festa anual de fantasmas e a Caça do Tesouro. O Brickyard celebrar  um concurso de disfarces, convidando à cidade a vir, se o desejar. Sempre era uma explosão. A gente optava pelas mais estranhas coisas. Se eu não estava trabalhando e fazia calor, Alina e eu jogávamos uma partida na piscina. Mamãe e papai sempre



partiam a um hotel, a uma tranqüila cama e café da manhã. Não era nenhum segredo o feito de que não esperavam que os acompanhassem em sua noite romântica.

Revivi minha viagem a casa, enquanto observava o bilhete...

...Logo chamei e tratei de que o reembolsassem o dinheiro ao Barrons. o melhor que pude fazer foi repor os recursos, pagar uma taxa e reservá-lo para um futuro a meu nome.

—Você acreditava que iria? -perguntei-lhe mais tarde essa noite.

Barrons ainda não tinha retornado. tinha-lhe chamado ao número da agenda de meu celular..

—Não a culparia se o fizesse. teria ido se eu o tivesse feito de ida e volta?

—Não, temo que algo pudesse me seguir. Descartei a idéia de ir a casa faz muito tempo, Barrons. Um dia irei, quando for seguro.

—O que acontece se alguma vez o é?

—Tenho que acreditar que um dia o será.

Houve um comprido silencio. A livraria estava tão tranqüila que podia ouvir um alfinete cair. Eu estava sozinha.

—Quando retorna a casa? -perguntei-lhe.

—Casa, Srta Lane?

—Tenho que chamá-la algo.

Fazíamos este intercâmbio uma vez antes, de pé em um cemitério. Eu lhe disse que "casa" era onde estava o coração e que o meu, naquele momento, estava a um metro e oitenta clandestinamente... mas já não era certo. Meu coração estava dentro de mim agora, com todas suas esperanças, temores e dores.

—Quase está preparado, estarei ali amanhã.

A linha ficou morta.

Três da manhã.

Levantei-me da cama.

Meu coração martelava e meus nervos gritavam.

Meu telefone celular estava soando.

—Que caralho faz? -soltou Dani quando respondi -Tem o sono de um fodido morto! Estive-te chamando a cada cinco fodidos minutos!

—Está bem? -exigi, tremendo.

Senti frio de novo. O resto em sombra de um sonho se deslizou fora, mas seguia sendo muito débil.

—Olhe pela janela, MAC.

Empurrei-me fora da cama, agarrei minha Lança e me apressei à janela.

Meu dormitório, encontra-se na parte traseira do edifício, por isso pode ver a parte de atrás do beco desde minha janela e me queimar as pestanas olhando as Sombras.

Dani estava de pé ali abaixo, no estreito caminho de luz entre a livraria e a garagem do Barrons, sustentando o telefone entre seu fraco ombro e sua orelha, sorrindo me. Via as Sombras deslizando-se de seu cabide.



Ela levava um comprido casaco de couro negro que parecia diretamente tirado de um filme de vampiros e muito grande para seus ombros. Quando notou que a via, deixou escorregar algo comprido, de alabastro e brilhantemente formoso de debaixo do casaco.

Gemi: só podia ser a Espada da Luz.

—vamos chutar alguns traseiros Fae -Dani riu, o olhar em seus olhos nada dizia que tivesse sozinho treze anos de idade.

—Onde está Rowena?

Deixei minhas calças PJ f e me embuti em uns jeans, com os dentes tocando castanholas. Odeio esse lugar frio de meus sonhos.

—Ro está longe, foi em um avião esta tarde e não se pôde levar a Espada com ela. Acaba. Quer falar ou deseja vir e matar alguns Unseelie, Mac?

Era brincadeira? Este era o sonho úmido de toda sidhe-seer. Em lugar da sessão habitual de passear, pensar, falar e investigar, poderia sair ali e fazer algo! Pendurei meu telefone, pus-me duas capas de camisetas debaixo de um suéter e uma jaqueta, botas acolchoadas e agarrei meu MacHalo de caminho, atei-o, desejando ter tido um para ela também. Não importava, se terminávamos na escuridão em algum lugar, seria minha sidhe-seer de cauda.

A conta subiu a oitenta e sete Unseelie essa noite.

Então perdemos a conta.

Capítulo 15

Passei a maior parte do dia antes do Halloween de limpeza, atrás de "minha festa" noturna. A diferença das seqüelas da diversão de minha casa na Georgia, os remanescentes de um tempo alegre em Dublin não eram taças de plástico pegajosas, não cascas de pizza meio comidas ou extremos de cigarro metidos em garrafas de cerveja, a não ser monstros mortos e partes de seus corpos.

Problema: quando você mata a um Fae, eles deixam de projetar o glamour e para fazer arrebentar a crença néscia da cultura pop, os cadáveres não se desintegram. Eles permanecem aqui, em nosso mundo, absolutamente visíveis para todos. No prazer da matança, esqueci os cadáveres. Quão mesmo Dani. Não é como se eles de repente se fizessem visíveis quando morrem: sempre são visíveis para mim.

Vi as notícias da manhã, tinham descoberto o "atraso de um filme esparramado de maneira espantosa ao redor de Dublin, monstros de borracha parecidos com os de brinquedo; o filme era uma produção de terror, tinha sido uma travessura, e a gente não devia alarmar-se assim se chamou à polícia que tinha designado mão de obra para limpar ...e, recolhê-los"

Meu telefone soou antes que o noticiário tivesse terminado. Era Rowena.

—Limpe-o, fodida imbecil!

Eu estava comendo meu café da manhã.



—A polícia já se está fazendo cargo disso -murmurei entre bocados, para irritá-la.

Tinha estado pensando o mesmo: precisava pôr ordem, e, rapidamente. Envergonhei-me de mim mesma por não me haver dado conta do que estava fazendo.

—Deixou algum rastro nos corpos para que possam atribuir-lhe a você?

Cabeceei. Provavelmente.

—Eu não sabia que lhe importasse, Ro -disse friamente.

—Foi Dani com você ontem à noite? -exigiu.

—Não

—Você fez tudo isso por acaso mesmo?

—Uh-huh.

—Quantos?

—Perdi a conta. mais de uma centena.

—Por quê?

—Estou farta de não fazer nada.

Ela esteve calada uns momentos e logo

—Quero que esteja na Abadia para o ritual de amanhã.

Quase me afoguei com o miolo de um pãozinho rangente. Isso era quão último esperava que me dissesse. havia me preparando para uma larga briga sobre meus muitos defeitos e tinha contemplado pendurar antes que ela tivesse oportunidade de começar. Agora me alegrava de que não havê-lo feito.

—Por quê?

Houve outro comprido silencio.

—Há força no número -disse finalmente. -Você é uma poderosa sidhe-seer.

A questão de se gostava ou não, flutuava no ar. Ao igual aos MacKeltars, queria todo o poder que pudesse encontrar. Apaguei esse pensamento de todos os modos. Sentia-me preparada para lutar com elas. Se devia tomar uma posição, queria estar ali. Eu não me sentia atraída a me unir aos MacKeltar da mesma maneira, suponho que era a chamada do sangue. Agora tinha um convite.

—A que hora?

—A cerimônia começa, precisamente, uma hora depois de pôr-do-sol.

Eu não precisava consultar o calendário pendurado em minha habitação, vamos, para saber que o sol sairia amanhã às 7:23 A.M. e se ocultaria às 4:54 P.M. A natureza me governa de maneira que nunca antes usou. Não posso esperar a que os compridos e brilhantes dias do verão voltem uma vez mais e não só por meu amor pelo sol: estes curtos e tristes dias de outono e inverno me assustam.

22 de dezembro, o solstício de inverno, será o dia mais curto do ano: sete horas, vinte e oito minutos e quarenta e nove segundos da luz diurna. O sol se elevará de 8:39 às 4:08, deixando às Sombras quinze horas, trinta e dois minutos e onze segundos para sair e jogar. mais de duas vezes o tempo dos humanos

—Quando vamos saber com segurança que funcionou?



—Pouco atrás de abrir o Círculo -disse, mas soava estranho nisso. Uma inquietante duvida se ouvia na voz da Rowena.

— Vou pensar isso era uma mentira. Eu gostaria de estar ali, definitivamente. -O que há ali para mim?

—Que me peça tal coisa só reforça minha opinião de você.

Ela pendurou.

Terminei meu café e pãozinho, e logo me dirigi a varrer os miolos de pão e os monstros de minha porta.

Os cadáveres Unseelie enchiam os contêineres de lixo, escondidos entre os edifícios abandonados e inclusive consegui colocar outros dois em um de uma obra, quando os trabalhadores tomaram uma pausa para o café.

Arrastei outros aos mais próximos à livraria, na próxima Zona Escura. Inclusive a plena luz do dia, foi difícil para eu ir ali. Podia sentir Sombras em todas as direções, a palpitante escuridão de sua voraz e terrível fome. Onde foram? Estavam apanhadas em pequenos ocos escuros entre os tijolos, me olhando?deslizando-se em algum metrô? Amontoando-se nos rincões escuros dentro dos edifícios decrepitos? Como poderiam os pequenos buracos as conter? Poderia ser um esconderijo uma lata vazia de soda, situada de pé, em ângulo reto para evitar a luz? Eu nunca tinha chutado uma lata vazia de menina e não ia começar agora.

As ruas estavam estranhamente vazias. Eu gostaria de saber que um número recorde de pessoas se haviam posto doentes nas vésperas do Halloween, de pais que tinham tirado férias, mães que mantinham a seus filhos a casa, sem ir à escola, por nenhuma razão. Acredito que não era necessário ser uma sidhe-seer para sentir o tenso e espectador silencio no ar, para escutar na longínqua escuridão os tambores de cascos sobre um aflito vento, deslocando-se mais perto, mais perto.

Mais perto.

Cortei mais carne em pequenos quadrinhos e meti em vidrinhos um novo contrabando de Unseelie enquanto estava fora. Esperava que Jayne agüentasse uns dias, mas decidi que possivelmente os efeitos se prolongariam durante mais tempo nos seres humanos ordinários.

Em meu caminho de volta à livraria, detive-me no supermercado para comprar algumas coisas e, continuando, parei em uma padaria e recolhi o pedido que tinha feito o dia de ontem. Logo me dei uma ducha de água quente, nua, mas com a vagem adaptada para a coxa posta, me lavando o cabelo, me desfazendo com esmero dos restos do Unseelie mortos.

Na meia-noite, Barrons não tinha aparecido e estava nervosa. Havia-me dito a mim mesma que poderia demorar. Tinha-me preparado para isso. A uma, estava preocupada. As duas, estava segura de que não ia aparecer. As três e quinze, chamei-lhe. Agarrou-o ao primeiro toque.

—Onde diabos está? -gritei

Ao mesmo tempo o gritou

—Está bem?

—Estive esperando horas -disse.

—Por quê?



—Você disse que viria.

—Vou atrasado.

—Talvez poderia ter chamado? -disse sarcasticamente. -Já sabe, agarrar o telefone e dizer

"Hey, Mac, vou chegar tarde".

Houve um momento de silêncio ao outro extremo da linha, logo Barrons disse brandamente

—Você me confundiu com outro. Não me espere, Srta Lane. Não construa seu mundo ao redor meu. Eu não sou esse homem.

Suas palavras me picaram, provavelmente porque eu gostaria de fazer exatamente isso: minhas noites estruturadas em torno dele, inclusive, imaginando como seriam.

—Ao diabo, Barrons!

—Eu não sou esse homem, de todos os modos.

—OH! Nem em sonhos! me permita pôr isto em palavras que você mesmo me ensinou: incomoda-me que esbanje meu tempo. Chaves, Barrons. Isso é o que estive esperando. As do Viper.

Tinha-o perdido, como perdi meu comprido cabelo loiro. Tínhamo-nos vinculado, o Viper e eu, e duvidava que nunca voltasse a vê-lo. danificou-se muito com nossa viagem a alta velocidade contra a calçada e, se conhecia o Barrons, como pensava que o fazia, sabia que o venderia antes que conduzi-lo de novo, não importa que fosse perfeitamente reparado. Era uma espécie de filtro: quando te vais gastar tanto dinheiro, quer a perfeição.

—Necessito um carro

—Por quê?

—Decidi ir à abadia para o ritual -disse.

—Não estou seguro de que seja inteligente.

—Não é sua decisão.

—Talvez deveria sê-lo -disse.

—Não posso fazer nada para ajudar aos MacKeltar, Barrons.

—Eu não disse que devesse fazê-lo. Talvez deveria permanecer na loja amanhã de noite. É o lugar mais seguro para você.

—Quer que me esconda?

Minha voz se levantou com incredulidade sobre a última palavra. Meses atrás, poderia me haver escondido felizmente, vendo a televisão noturna enquanto pintava as unhas de minhas mãos e meus pés com um esmalte rosa divino. Agora? Nem por indício.

—Às vezes a prudência é o mais sábio -disse.

—Inteire-se, Barrons: se você se vê sendo prudente comigo, ficarei aqui sendo prudente também. Não porque queira sua companhia -disse antes que pudesse fazer um comentário conciso -mas os que é bom para um ganso é bom para outros gansos. Não vou ser um ganso necessitado.

—Você um ganso, Srta Lane. Eu sou o ganso.

Como se pudesse haver engano em seu gênero!



—Esse foi um duplo sentido -informei-lhe -já sabe. Ganso tem múltiplos significados¹². Do que serve ser inteligente quando a pessoa com a que se está sendo inteligente está muito espessa para entendê-lo?

—Não estou espesso -disse tenso, e senti essa sensação de uma de nossas brigas infantis se aproximava pelo horizonte -Como este duplo sentido não o entendeu, lhe busque outro duplo sentido.

—Sei o que a expressão com duplo sentido quer dizer. E você pode ir soprando sozinho suas velas do bolo de aniversário. Ainda não sei por que me incomodei!

O silêncio era tão prolongado que decidi que tinha pendurado.

Pendurou-me, desejei havê-lo feito eu primeiro.

Vinte minutos mais tarde, Barrons entrou pela porta da parte de atrás da livraria. O gelo se cristalizou em seu cabelo e estava pálido pelo frio extremo.

Eu estava sentada no sofá na zona posterior, dormitando

—Bem. Você finalmente deixou que fingir que não usa o Espelho. Já era hora.

—Eu só uso o Espelho quando devo, Srta Lane. Inclusive para mim, é... desagradável.

A curiosidade pôde com a irritação.

—Que constitui esse "dever"? Aonde vai?

Olhou em torno dele

—Onde está o bolo?

—Atirei-o.

Lançou-me um olhar.

Suspirei, levantei-me e o tirei da geladeira. trata-se de um bolo de sete capas: chocolate, alternando com framboesa, chocolate cheio de nata, sorvete de cor rosa... com um Feliz aniversário JZB no centro, filigranas e delicadamente adornado com flores. Era formoso. Era a única coisa que tinha feito água na minha boca em semanas, além da carne Unseelie. Tinha preparado a mesa do café, pondo pratos e cobertos procedentes do gabinete.

—Estou confuso, Srta Lane. É este bolo é para mim ou para você?

Sim, bom, era isso. Havia pensando em me comer um montão eu sozinha, assim não regulei gastos. Poderia ter descarregado quarenta e sete canções do iTunes em seu lugar.

—Adoro o chocolate -disse irritada

Não estava reagindo da forma que eu tinha previsto. Ele não parecia afetado, ou, ao menos, um pouco divertido. De fato, olhava o bolo com uma mescla de horror e... sombria fascinação, da mesma maneira que eu olhava aos monstros que estava a ponto de matar.

Tamborilei com meus dedos. No momento em que o tinha encarregado, tinha-me parecido uma boa idéia. Eu pensei que era uma forma de introduzir um pouco de diversão em nossa... relação, ao mesmo tempo, que dizia "sei que é muito velho e provavelmente não de tudo humano, mas embora o seja, ainda tem uma data de nascimento, ao igual ao resto do mundo".

—Acredito que as velas são habituais -disse finalmente.

¹² (Ndet: Gander, significa também pertencente ao sexo masculino, trocadilho)



Coloquei a mão em meu bolso e tirei velas em forma de números, tinha-as unido formando uma cifra, e a cravei no alto do bolo. Ele me olhou como se me tivesse saído uma segunda cabeça.

—Pi, Sra Lane? Acreditei que tinha suspenso as matemática de secundária.

—Tirei um insuficiente. Sempre me superaram os pequenos conceitos, mas fiquei com alguns dos grandes.

—Por que Pi?

—É irracional e incontável -eu era Moça Engraçada, não?

—Também é uma constante -disse seco.

—Não tinham seis. Parece que nesta época do ano a demanda do é grande -disse, acendendo as velas. -Obviamente, eles não viram a verdadeira Besta ou não queriam jogar com o oculto.

—Houve mais aparições?

Ainda franzia o cenho olhando o bolo, como se ele esperasse que brotassem dezenas de pernas que corriam para ele, com lábios finos e dente afiados.

—foi trocando de mãos cada dia.

Havia uma pilha de papéis pelo sofá. Os crimes dos jornais eram o acompanhamento de meus cafés da manhã.

Ele levantou seu olhar do bolo a meu rosto.

—É só um bolo. O prometo. Não há surpresas. Não há partes de Unseelie ali -brinquei -vou comer me, inclusive, a primeira parte.

—Está longe de ser "só" um bolo, Srta Lane. Que o comprasse implica...

—...que eu estava tendo ânsia de comer doce e lhe utilizei como desculpa para me agradar. Sobre as velas, quer? E desfrute, Barrons.

Como não me tinha precavido de quão delicada era a capa de gelo sobre a que me encontrava? O que no mundo me teria feito pensar que podia lhe dar um bolo de aniversário e que ele não pensasse que havia nada estranho detrás disso?

—Estou fazendo isto por você -disse hermeticamente.

—De acordo -disse. Me alegro realmente de não ter posto balões. -Eu só pensei que seria divertido.

Parei-me, sujeitando o bolo ante ele com ambas as mãos, assim poderia soprar as velas antes que gotejasse a cera sobre a capa superior.

—Poderia pôr um pouco de diversão.

Senti a violência na habitação, uma fração de segundo antes que estalasse. Em retrospectiva, acredito que pensou que lhe tinha enjaulado e estava quase tão surpreso como eu. Bolo e velas explodiram de minhas mãos, disparando-se para cima, no ar, golpeando o teto e pegando-se ali, gotejando o chocolate. Olhei-o fixamente: meu formoso bolo.

Então eu estava apanhada entre a parede e seu corpo, sem a consciência de ter chegado ali. Ele é terrivelmente rápido quando quer sê-lo. Poderia apostar com Dani em uma corrida. Ele tinha posto minhas mãos em cima de minha cabeça, agarrando meus pulsos com uma de suas mãos. A



outra estava ao redor de minha garganta. Sua cabeça baixou e foi difícil respirar. Por um momento, ele descansou sua cara em meu pescoço.

Então, tornando-se para, olhou-me fixamente e, quando falou, sua voz foi baixa, furiosa.

—Nunca faça isto nunca mais, Srta Lane. Não me insulte com seus rituais tolos, idiotas e tópicos. Nunca tente me humanizar. Não cria que somos o mesmo, você e eu. Não o somos.

—Você tinha que arruiná-lo? -chorei. -Tinha-o estado esperando todo o dia.

Ele me sacudiu, duramente

—Você não tem que esperar bolos de cor rosa. Isso não é já seu mundo. Seu mundo é caçar o Livro e permanecer viva. São mutuamente excludentes, fodida tola.

—Não, não o são! Só se posso comer bolos de cor rosa poderei seguir à caça do Livro! Tem razão, não somos iguais. Não posso caminhar pela Zona Escura na noite, nem assusto a todos outros monstros a distância. Preciso o arco íris. Você não. Agora consigo isto. Anotarei: "nenhum aniversário para o Barrons". Porei-o ao lado de "Não espere nada dele e não espere que lhe salve ao menos que consiga algo para si". É um idiota. Isso é uma constante para você. Não vou esquecer .

Sua mão se relaxou em minha garganta.

—Bem.

—Bem -disse, embora em realidade não sei por que.

Acredito que só queria dizer a última palavra.

Estávamos parados, um de frente ao outro.

Estava tão perto, seu corpo elétrico, sua expressão selvagem.

Umedeci os lábios. Seu olhar ficou fixa neles. Acredito que deixei de respirar.

Afastou-se tão bruscamente que seu comprido abrigo escuro ondeou no ar e me deu as costas.

—É isso um convite, Srta Lane?

—Se for o que? -perguntei-lhe assombrada -O que é que acredita que estou fazendo?

—Eu não faço idéia, menina.

Olhei suas costas. Ele não se movia. Pensei em coisas que lhe dizer, mas não disse nenhuma delas. Ele desapareceu através da porta.

—Ouça! -gritei atrás dele -Preciso um carro que conduzir!

Não houve resposta. Uma grande porção de bolo desceu do teto e se estrelou contra o chão. Estava bastante intacto, só um pouco esmagado. Suspirei, tinha um garfo e me servi um pouco em um prato.

Era meio-dia do dia seguinte, quando saí da cama, limpei o alarme anti-monstros de diante da porta de minha habitação e abri.

Me esperando fora, havia um recipiente térmico de café, uma bolsa de rosquinhas, um jogo de chaves de carro e uma nota. Abri o recipiente térmico, cheirei o café e li a nota.

Srta Lane,

Eu preferiria que se unisse a mim na Escócia esta tarde, mas se você insistir em ajudar à velha bruxa, aqui estão as chaves, como você me pediu. Traga-o para você. É o de cor vermelha,



estacionado frente à porta. me chame se trocar de opinião. Pode-me encontrar até 4:00 como máximo.

CJ

Tomou um momento averiguar o significado das iniciais: Constant Jackass¹³. Sorri.

—Desculpa aceita, Barrons, se for o Ferrari.

Era-o.

Capítulo 16

"Liminar" é uma palavra fascinante.

O tempo pode ser liminar: o crepúsculo é a transição do dia de noite, a meia-noite é a ruptura entre um dia e o seguinte; equinócios, solstícios e o dia de Ano Novo são todas soleiras.

Liminar também pode ser um estado de consciência: por exemplo, entre esses momentos de vigília e sonho, também conhecido como soleira da consciência ou hipnagogia, um estado no que uma pessoa crê estar plenamente alerta, mas nesta realidade no "sono profundo". Este é o momento em que um montão de gente sofre uma tola convulsão ou uma sensação física de cair do teto.

Os lugares pode ser um liminar: os aeroportos com pessoas em um constante ir e vir, mas nunca ficam.

As pessoas, também pode ser um liminar: os adolescentes, ao igual a Dani, encontram-se temporalmente apanhado entre a infância e a idade adulta. Os personagens de ficção são frequentemente seres liminares, arquétipos que abrangem dois mundos, pelo sinal ou a vigilância das soleiras, ou estão fisicamente dividido por dois estados de existência.

"Entre" é uma característica definitoria de liminar. Limbo é outra coisa. Liminar não é nem aqui nem ali, mas existe entre um momento e o próximo, nesse ponto de pausa quando o que está acontecendo ainda não se fez mas já se está convertendo. Liminar é um momento mágico, um momento perigoso, cheio de possibilidades... e de perigos.

Halloween parecia arrastar-se por sempre. Irônico, tendo em conta que tinha dormido até o meio-dia. Tinha quatro horas para matar até 4:00, quando queria sair da cidade para a Abadia e, entretanto, estendiam-se interminavelmente.

Dani me chamou logo que me levantei. Estava emocionada porque eu ia e me disse que o ritual estava programado para começar em menos de um quarto para seis.

—Então, o que é? Uma grande quantidade de canto e raridades? -perguntei-lhe.

Ela riu e disse que mais ou menos era assim. As invocações tinham que ser recitadas e os dígitos pagos antes de que o Círculo pudesse ser aberto e sua essência Fae liberada para

¹³ (NdeT: Burro constante)



fortalecer os muros. Perguntei-lhe que tipo de dízimos e ela foi reservada. Perguntava-me se Rowena previa utilizar meu sangue ou algo assim. Tudo podia ser.

Chamei o Christian e me disse tudo ia bem. Seus tios tinha iniciado os ritos Druidas ao amanhecer, Barrons, não se uniria a eles até mais avançado o dia.

Chamei papai e falamos durante muito tempo a respeito de carros, de meu trabalho habitual e dessas coisas das que falávamos ultimamente. Ódeio que Barrons lhe levasse a um estado de estupor e livre de preocupações, e, também lhe estou agradecida por isso. Se papai tivesse estado a metade de perspicaz ao dia de hoje, eu poderia ter irrompido em lágrimas e lhe haver contado todos meus problemas. Este era o homem que tinha beijado cada golpe ou marca que tinha tido, inclusive o imaginário de quando eu era pequena e só queria ser uma princesa Jasmim, enroscad e aconchegada em seu regaço.

Depois de um momento, pedi-lhe que chamasse mamãe. Houve uma larga pausa e temi que não viesse ao telefone, logo ela o fez, e não posso descrever a alegria que senti ao escutar sua voz pela primeira vez em meses!

Embora ela escolheu suas palavras com incomum precaução, foi coerente, clara e, obviamente, não estava drogada. Papai diz que ainda se cansava, assim de uma forma muito singela, mantendo uma conversa curta e doce, e, lhe dizendo nada mais que notícia felizes, contei-lhe que meu trabalho era fabuloso, que tinha um grande chefe, que estava decidida a montar minha própria livraria, quando voltasse para casa, que estava fazendo planos concretos para terminar a universidade e obter um título em empresas, e não, não pude fazê-lo obrigado, mas sim, tentaria seriamente chegar a casa para Natal.

As mentiras são necessárias. Agora o entendo. Quase podia sentir a Alina, de pé detrás de mim, meneando a cabeça, como parodiando o espírito de minha mãe. Cada vez que o telefone tinha divulgado para mim em Ashford, Georgia, minha irmã me tinha feito rir e me sentir querida e segura, enquanto ela teria estado de pé em Dublin, pensando em se amanhã estaria viva.

Depois de pendurar, equilibrei-me sobre os donuts e agarrei meu Ipod, lhe dando à tecla de reprodução aleatória; em primeiro lugar surgiu “Knocking on Heaven’s Door” (NdeT: Chamando as portas do céu), seguida pela de “Don’t Fear the Reaper” (NdeT: Não temer ao Reaper). Apaguei-o.

Não sei o que fiz até 3:00, acredito que passei muito tempo sentada e olhando o fogo.

O liminar empresta. Não se pode agarrar com as mãos e lhe dar forma; não se pode fazer chegar a meia-noite mais rápido, crescer antes ou evitar os intermediários no processo. Só te pode pendurar nele e deixar que passe o tempo.

Tomei banho, maquiei-me e penteei meu cabelo em um curto rabo-de-cavalo. Calças jeans negras, uma camiseta, um pulôver, botas e uma jaqueta. Agarrei minha mochila e coloquei dentro meu MacHalo: ia estar fora até muito tarde. Coloquei minha Lança em minha capa sob o braço, escondi duas facas curtas do Barrons em minha cintura e coloquei dois vidrinhos de gelo do Rhino-boy nos bolsos de minha jaqueta. Atei-me minhas bandas de velcro com luzes ao redor de tornozelos e pulsos e inclusive deslizei um potinho de água benta no bolso dianteiro de meu jeans. Nesta cidade, nunca se sabe o que pode vir. Como se está acostumado a dizer em minha terra: estava preparada para os ursos, de todos os tipos.



Fui abaixo, olhei pela janela, voltei a olhar e me perguntei se não me tinha dado conta do passado do tempo; quando subi, estava claro e a luz era a de um dia invernal de princípios de novembro. Agora, às três e quarenta e cinco, estava quase escuro no exterior. Uma tormenta se desencadeou enquanto secava meu cabelo, não chovia mas o vento começava a soprar e parecia que poderíamos ter um Ripper real em qualquer momento.

Recolhi as chaves do carro e olhei em torno da livraria para me assegurar de que não esquecia nada. Quando meu olhar varreu os quatro andares da habitação, encolhi-me de repente, com a premonição de que nunca mais veria Barrons Livros e Adornos de novo. Igual a tinha crescido meu amor pela cidade, tinha-o feito o que sentia pela loja. Os andares de madeira dura, os candelabros, os abajures de âmbar, os livros colocados em seus lugares apropriados, a zona de revistas bem sortida, a estufa apagada, os sofás e as cadeiras colocadas convidadoramente para o bate-papo, o mural superior que se perdia nas sombras (um dia ia subir ali para ver o que era). A loja estava ordenada e tranqüila, cheia com mundos de ficção por descobrir, a caixa pronta e esperando ao próximo cliente.

Dirigi-me à porta de atrás

Estaria-me esperando quando voltasse amanhã, quando os muros fossem fortes de novo e tivesse todo um ano para resolver minhas coisas. Eu gostaria de começar a cumprir um horário habitual e me pôr a trabalhar em meus planos para criar um lugar Web e um catálogo das edições estranhas que tínhamos acima. Não mais “vagabundeio”

Mas, agora, um garanhão italiano me estava esperando, pisando em forte e soprando. A minhas costas, um Ferrari me chamava por meu nome. Havia duas horas de estrada entre aqui e o lugar onde ia e, este, sim era um liminar de que ia adorar cada minuto.

Capítulo 17

Estava a doze blocos.

O final da cidade, junto à Zona Escura, tinha sido abandonado como uma zona de guerra. Agora, já sabia por que.

As ruas, um oitavo de uma milha ao leste do BB & B estavam tão cheias de gente e Unseelie que a circulação de automóveis através delas era impossível. A maior parte dos Fae se encontravam em pleno glamour humano, tratando de incitar distúrbios, com grande êxito.

A polícia lhes empurrava com porretes expostos. A juventude de Dublin está o suficientemente agitada (a de qualquer cidade de fato) que inclusive uma pequena multidão zangada pode estalar e correr como a pólvora. Especialmente no Halloween, quando todos os fanáticos do alterne, escondem-se detrás das máscaras.

Realmente, uns poucos da polícia (que eram em realidade Unseelie com glamour) começaram a golpear com sanha a um grupo de jovens com seus porretes, acendendo à multidão. Outros Unseelie começaram rompendo janelas, saqueando e estimulando a outros a tomar o que



queriam. Chamei uns poucos meninos que se apressavam a unir-se à briga. Ninguém parecia saber o motivo dos distúrbios, nem tampouco parecia lhes importar. Tinha medo de me aproximar, por temor a que danificassem o carro. Ou a mim.

A bílis ferve em meu estômago, comprimido pela multidão do Fae. Ao menos o Sinsar Dubh não estava o suficientemente perto para me incapacitar. A multidão se estava expandindo, empurrando para o exterior e me ocorreu que colocar turma de trabalhadores em meio dela, sentada em um Ferrari, era realmente uma má idéia. Retrocedi, dando a volta apressadamente e fui longe, por onde tinha girado à esquerda uns poucos minutos antes.

Procurei um mapa da cidade em minha mochila e o abri, olhando com a luz interior. Apesar de que a tormenta só ameaçava, a coberta de nuvens tinha convertido o dia em noite uma hora antes do esperado.

Dez quadras ao norte da livraria, encontrei outra multidão. Retrocedi, girei e me dirigi para o oeste. Não podia ir por ali. Essa direção era igualmente má.

Meti-me em uma zona de estacionamento para estudar o mapa e logo me dirigi ao sudoeste, com a intenção de rodear a Zona Escura que se interpunha em meu caminho e, se era necessário, por-me-ia meu MacHalo e rodearia a parte traseira para sair de povo. Quando já tinha abordado o perímetro do bairro abandonado, freei bruscamente: todo o bordo da Zona era um negro e denso muro de Sombras, pulsando entre as zonas de luz emitidas pelas luzes da rua Dorsey. estiravam-se à esquerda e a direita, a todo o comprimento da zona que podia ver, formando uma grande barricada de morte.

Pus o automóvel em marcha atrás e retrocedi: só a atravessaria se não tinha mais remédio.

Não estava ainda disposta a admitir a derrota.

Passei os seguintes quinze minutos no carro, na cada vez menor circunferência de meu mundo, encerrada pelo perigo, por toda parte. Borda-os das Zonas Escuras se uniu às enfurecidas turfas e vi com horror como Unseelie com glamour humano levavam às pessoas para as Sombras que lhes esperavam, lhes causando a morte.

Por último, me ocorreu sair do chamativo carro vermelho que estava começando a atrair uma quantidade perigosa de atenção, voltar para toda fechada BB & B, onde tinha previsto trocá-lo por algum outro veículo anódino e planejar como escapar da cidade.

Quando enfiava a rua principal da loja, pisei nos freios com um golpe tão duro que quase me deu uma chicotada cervical.

Barrons Livros e Adornos estava escuro!

Completamente.

Estava rodeado de noite em todos e cada um de seus lados.

Todas as luzes exteriores estavam apagadas!

Fiquei pasmada. Tinha-as deixado todas acesas. Soltei um pouco o freio e me aproximei mais. O fulgor dos faróis brilhava como o cristal na rua pavimentada. As luzes estavam apagadas, alguém as tinha quebrado, seguro em conta o altas que eram, provavelmente a pedradas... ou, alguém tinha enviado Fae voadores ou, inclusive, aos mesmos Caçadores, para fazer o trabalho. encontrar-se-iam ali agora, no cornijas, esperando abater-se sobre mim? Havia tantos Fae na



cidade que meu sensor sidhe-seer se sentia bombardeado, afligido, por presenças muito numerosas para ser contadas ou diferenciadas. Olhei atentamente para cima, mas o terraço da livraria se perdia na escuridão.

Embora as luzes do interior estavam acesas, estavam postas em modo econômico até o anoitecer, derramando sua luz sobre o pavimento através da porta de vidro biselado e das janelas, coisa que não era suficiente para dissuadir a meu inimigo. Um bloco mais se uniu às Sombras: o meu.

Barrons Livros e Adornos formava parte, agora, da Zona Escura.

Os irmãos mais substanciais das Sombras poderiam entrar na livraria e romper e romper todas as luzes interiores até convertê-la em um recinto insalvável? Poderiam? Sabia que Barrons não tinha podido pôr guardas contra tudo, só contra os maiores riscos.

Meus olhos se reduziram. Isto era inaceitável. Os Fae não teriam meu santuário! Não podia ficar fora, na rua. Eles iam tirar suas desagradáveis e sombrias traseiros de meu território e o iam fazer agora. Saí em um chiado de aros e fui à outra direção. A quatro quadras do novo perímetro da Zona Escura, a multidão me empurrou de novo. Coloquei marcha atrás, esquivando por pouco aos outros veículos estacionados e parei debaixo de um grupo de brilhantes luzes. Podia ouvir os gritos zangados, o ruído de cristais quebrados e o estrondo da turfa a aproximar-se. Não queria ser tragada por ela, mas teria que atuar rápido.

Saí do carro, coloquei minha mão debaixo de minha jaqueta e agarrei firmemente minha Lança: não a perderia esta vez.

Frio, névoa e vento cravavam meu rosto e minhas mãos. A tormenta tinha começado, mas não havia só a sensação de tormenta no ar: algo andava mal, terrivelmente mal, além de multidões zangadas, multidões de Unseelie e Sombras que alcançavam minha de casa. O vento era estranho, soprando desde múltiplas direções, fedia a enxofre. A vanguarda da multidão caótica e destrutiva rodeava a esquina, a dois blocos de onde eu estava de pé.

—V'lane, te necessito! -chorei, liberando seu nome.

Desenroscou-se de minha língua, engrossando-a, me afogando e, logo, golpeou a parte de atrás de meus dentes, o que me obrigou a abrir a boca de par em par.

Mas em vez de elevar-se no céu da noite, chocou-se contra uma parede invisível e caiu a chumbo ao pavimento, onde revoou fracamente, como um escuro pássaro caído.

Dava sobre ele com a ponta de minha bota.

Desintegrou-se.

Girei meu rosto ao vento, ao leste e ao oeste, ao norte e ao sul; se enredava ao redor de mim, me esbofeteando por todos os lados, me pegando com centenas de mãos diminutas e eu, de repente, pude sentir ao SM aí, trabalhando com sua magia escura, derrubando os muros. Isto trocava coisas.

Procurei o lugar de sidhe-seer de minha mente, concentrada, interiorizando, lhe buscando, lhe rastreando e durante um instante consegui um brilho real dele, de pé no bordo de uma negra rocha dura e escarpada, em um lugar gelado, vestido de carmesim, suas mãos levantadas... isso que sustentava em alto, gotejando sangue, era um coração?... cantando, convocando artes



bastante capitalistas para estelar se contra a prisão, trabalhando para destruir os fios da Canção da Criação, fazendo que toda a magia, inclusive a Fae, fosse terrivelmente mal.

Obriguei-me a fechar meu olho interior antes que me matassem: estava de pé em meio de uma rua, em meio dos distúrbios de Dublin, apanhada na cidade e sozinha.

V'lane não viria hoje a salvar o dia.

A multidão estava a menos de uma quadra de distância. O fronte acaba de ver meu carro e se dirigia para ele, rugindo como uma bestas. Alguns levavam tacos beisebol, outros brandiam porretes que tinham arrebatado à polícia.

Eles foram golpear meu Ferrari até fazê-lo pedacinhos.

Não tinha tempo para tirar o móvel e tratar de chamar Barrons: estariam sobre mim em questão de segundos. Sabia o que acontecia com os ricos durante os distúrbios, assim como sabia que nunca acreditariam que eu não era rica; estava a ponto de ser decapitada com a aristocracia, só porque, de vez em quando, tinha que conduzir um bom carro que nem sequer me pertencia.

Agarrei minha mochila do carro e corri.

A uma quadra, outra multidão se aproximou.

Vi-me sumida nela, perdida eu mesma dentro dela. trata-se de uma horrível, pestilenta, quente e crescente massa de humanidade. Se ia desbocada, a frustração e a inveja desatadas. Animavam a vitória, saqueando, destroçando e destruindo.

Não podia respirar, ia vomitar. Havia muitas pessoas, muitos Fae, muita hostilidade e violência. Nadava em muito rostos, alguns selvagens, alguns excitados, outros (como imaginava que era o meu) cheios de medo. Os Fae eram monstros, mas, nós também tínhamos nossa parte: os Fae poderiam ter incitado os presente distúrbios, mas tínhamos sido os humanos os que os mantínhamos ativos.

A pavimentação se fez escorregadio pela chuva. Vi com horror como uma jovem que caiu, pedindo ajuda a gritos, foi pisada em questão de segundos quando a multidão a enrolou. Um ancião (por que merda estava aqui?) caiu atrás. Um adolescente escorrego ao lado de uma luz, agarrou-se, perdeu o equilíbrio e desapareceu da vista.

Por incontável tempo, vi-me impulsionada por um único imperativo: me manter de pé, me manter viva.

Seguia à multidão, embora não queria, apanhada, de um bloco a outro. Duas vezes consegui me liberar, brigando por me abrir caminho para o exterior, só para me afogar no rebanho de novo, propulsada por sua incansável correria.

Temia duas coisas: que fossem direitos a uma Zona Escura ou que o Sinsar Dubh fizesse uma aparição súbita e caísse de joelhos e perdesse a consciência. Não poderia dizer que morte me parecia pior.

Meu celular estava em minha mochila, mas não tinha suficiente espaço para manobrar entre a multidão e chegar até ele. Preocupava-me que a mochila escorregasse de meu ombro, caindo de minhas mãos e perdendo-se para sempre. Minha Lança era algo frio e pesado sob meu braço, mas temia que se a sujeitava, me pudesse cravar isso eu mesma de tão esmagada que ia.

Unseelie.



Tinha os fraquitos de carne em meu bolso.

Com sua escura vida em minhas veias eu seria capaz de me liberar da multidão.

Aproximávamo-nos do bordo do distrito de Têmpera Bar. A Zona Escura não estava longe. Íamos para lá deliberadamente? Se eu fosse capaz de flutuar por cima deste motim, veria os Unseelie pastoreando detrás de nós, levando o gado a massacre?

—Sinto muito -murmurei -Vá, não queria lhe golpear!

Como se não fora todo o suficientemente mal como para que ninguém se atasse a murros comigo! Pude extrair um frasco de meu bolso. Tinha apertado as tampas muito para abri-lo com uma só mão. Pugnei por obter espaço e abri a tampa. Alguém me empurrou e perdi o agarre. Senti-o ricochetear em minhas botas antes de perder-se rodando.

Chiando os dentes, procurei outro: tinha três mais no bolso, o resto estavam metidos em bolsas de plástico escondidos dentro de minhas botas, de modo que nunca poderia chegar a eles sem que me esmagassem. Tinha que ter mais cuidado com este, afrouxando-o, me agarrando à vida (ou isso esperava). Tinha que sair da multidão. Sabia onde estava o limite: a duas quadras estava a Zona Escura.

Consegui fazer arrebentar a tampa, mas não estava disposta a baixar a cabeça para comê-lo, por medo de que me tocassem uma cotovelada, para me pela dor, tropeçar e cair.

Levantei o frasco perto de meu corpo, joguei minha cabeça atrás, traguei e mastiguei. Tomei meu tempo para mastigar, não importava que tivesse estado ansiando-o: custava muito trabalho fazê-lo baixar; a rangente cartilagem e os sacos parecidos com um quisto que arrebentavam quando os mastigava, meneavam-se em minha boca e avançavam lentamente, como aranhas em meu estômago. Quando baixei o pote, encontrei-me olhando diretamente aos olhos de um Rhinoboy, que vigiava a dois chefes dos seus; na expressão de sua cara cinza com olhos redondos e brilhantes, desigualmente pálida vi que ele sabia o que eu acabava de fazer; devia ter visto a carne cinzenta quando joguei o pote para trás.

Adivinhei que palavra nomeava aos que comiam deles, a que designava ao Mallucé, o SM, O'Bannion e agora Jayne. Ele bramou, girou a cabeça e me assinalou. Girei-me e comecei a empurrar violentamente à multidão, me abrindo passo. Consegui abrir o terceiro frasco e comecei a tragar, enquanto lutava para a liberdade.

A única outra vez que tinha comido Unseelie, tinham-me ferido de morte, de fato, estava moribunda, assim que não sabia o que esperar. A última vez, tinha tomado vários grandes bocados só para começar a me curar e tinha necessitado uns dez minutos para completar a viagem de volta e estar mais viva que nunca. Esta noite estava ilesa e inteira. A força e poder me golpearam, como se me tivessem injetado adrenalina diretamente ao coração. Um esclofría marcava como a potência Fae enriquecia meu sangue.

A Mac-Selvagem apareceu sua cabeça e tomou posse de meus olhos, de meu pensamento, de meu cérebro e de minhas extremidades, reorganizando-se em uma nova composição: poderosa, predadora e que corria por pernas.

Momentos atrás, estava livre da multidão, mas na distância, podia ouvir aproximar-se de outra. A cidade se tornou louca esta noite. Eu gostaria de averiguar mais tarde quantos Fae com



glamour humano tinham irrompido em casas e negócios por toda a cidade, atacando a proprietários e residentes e impulsionando-os a sair à rua, obrigando-os a começar os distúrbios.

Olhei atrás. Ao parecer, tinha perdido ao Rhino-boy na multidão. Ou talvez tinha decidido que estava mais interessado na destruição de toda uma multidão que na minha. Detrás de mim estava a Zona Escura. Por diante vinha outra turfa, sua frente dirigido por um Rhino-boy que rompia luzes com um taco de beisebol de beisebol. A minha esquerda tinha os sons da violência, a minha direita um beco negro como a boca de um lobo. Baixei minha mochila, procurei meu MacHalo e o ateí e grampeei por debaixo de meu queixo, acendi as luzes, uma atrás de outra, até que assemelhei a uma pequena baliza. Juntei braços e pernas, estava iluminada da cabeça aos pés.

A multidão avançava para mim como uma grande onda.

Meti-me no beco escuro.

Perdi a noção do tempo, correndo por ruas e becos, esquivando, me agachando, tratando de evitar as multidões e evitar as tropas do Rhino-boy, com quem quase tropecei em várias ocasiões, agora que meus sentidos sidhe-seer estão bloqueados por minha horrível comida.

Eles partem militarmente rodeando aos atrasados do rebanho humano. Atravessei os mesmos blocos ao menos uma dúzia de vezes, me escondendo em suas portas e contêineres de lixo. Tive um terrível momento no que fiquei encerrada entre dois grupos deles e me vi obrigada a me cobrir com caixas de cartão nas sombras de um cesto de papéis e apagar todas as luzes para que a horda do Unseelie não me descobrisse.

Enfrentei-me à morte sentada na escuridão, me perguntando se havia "manchas de Sombras" (muito pequeno âmbitos nos que só uma ou duas Sombras podiam viver) e em qualquer momento poderiam deslizar-se para mim; a idéia era quase pior que me plantar em meio da tropa Unseelie; por certo, falando do Unseelie, tinha aberto as bolsas de minhas botas e me tinha comido algumas, sentada ali, sobre meus joelhos, escondida na escuridão detrás da caixa de aço. Talvez (uma vez tinha brincado com o Barrons a respeito) às Sombras realmente não gostasse da carne escura e possivelmente me deixassem em paz.

Depois de que a tropa passou, rastreei e me acendi de novo.

Sim, a gente estava sendo impulsionada, reunida e conduzida.

Cordeiros a massacre. Meu povo.

E não havia uma só coisa que pudesse fazer a respeito. Comer Unseelie poderia me haver transformado de um canivete a uma Uzi e me haver convertido em uma arma ambulante, mas ainda era uma única arma e era muito consciente disso. Era defensiva, não ofensiva: não havia ofensiva que pudesse realizar-se esta noite na cidade. Nem sequer Mac-Selvagem, a mais arrogante entre os arrogantes, a mais poderosa. sentia-se ameaçada, encurralada, queria encontrar uma cova para esconder-se até que as probabilidades estivessem mais a seu favor. Eu estava inclinada a aceitar. A sobrevivência era nossa principal diretiva.

A primeira vez que tinha comido Unseelie, nada me tinha desconcertado, mas aquela noite só tinha tido que me enfrentar a um podre vampiro e tinha ao Barrons a meu lado. Esta noite, estava apanhada em uma cidade cheia de distúrbios, de centenas de milhares de pessoas, era



Halloween e os Unseelie eram numerosas e estavam terrivelmente organizado; V'lane era inalcançável e Barrons estava a um país de distância.

Finalmente encontrei um beco semi deserto, sem militantes com tacos de beisebol ou sons de distúrbios perto. Meti-me em uma porta iluminada por uma única lâmpada nua, tirei-me a mochila com cuidado, depusitei-a no chão, arranquei-me a jaqueta, e cautelosamente, delicadamente, tirei a Lança, deixando-a no chão.

Todo o tempo que tinha estado correndo, seu peso foi uma chama de terror contra meu corpo. O que aconteceria se caía? O que aconteceria me via apanhada em meio de uma multidão de novo e alguém me empurrava? O que aconteceria a ponta atravessava minha pele? Olá, Mallucé. Adeus, prudência. Eu podia ser mais dura do que estava acostumado a ser, mas não tinha dúvidas sobre minha incapacidade para fazer frente à podridão da morte.

Tirei-me o suéter e a camiseta e, continuando, voltei a me pôr o suéter e a jaqueta, pendurei-me o MacHalo da cintura e coloquei a Lança no exterior de meu casaco, sem tocar nada, só o couro.

Atei-me a camiseta ao redor da parte inferior do arnês, formando uma capa adicional de amparo entre a ponta e meu corpo.

Irônico, o que mais eu gosto, o que me faz sentir tão capitalista em circunstâncias normais, converte-se em minha maior preocupação e a coisa que mais medo me dá quando me encho de poder escuro. Posso ter uma coisa ou a outra mas nunca as duas de uma vez.

Levei a dicotomia um passo mais à frente: já não podia sentir a Lança, o que significava que poderia me ferir inadvertidamente com ela. Entretanto, tampouco poderia sentir o Sinsar Dubh, o que significava que já não podia me fazer danifico, nem me fazer cair sobre meus joelhos, impotente, em uma situação perigosa.

Duh. Parei-me na porta maravilhada por minha própria estupidez: se comer Unseelie me fazia não sentir ao Sinsar Dubh, então tudo o que tinha que fazer a próxima vez que entrasse em meu radar era chegar o mais perto a ela como pudesse, comer carne Unseelie e me aproximar, o suficientemente perto para recolhê-lo.

Uma imagem da Besta, como a tinha visto por última vez, materializou-se em minha mente.

Sim, claro! Recolhê-lo. Seguro! Que então? Pô-lo em meu bolso? Eu não tinha nenhum o suficientemente grande.

Portanto, sabia como chegar perto dele sem ser incapacitada pela dor, mas... ainda não tinha nem idéia do que fazer a seguir. Se o tocava absorveria minha psique? Ou meus sentidos sidhe-seer/Null/detector-OOP eram uma mutação que me eximia de algum jeito? Um ponto discutível neste momento, com minhas probabilidades de sobreviver de noite descendo de maneira sombria.

Procurei meu celular para chamar Dani e lhe dizer o que estava acontecendo em Dublin. Não havia forma que pudesse chegar à Abadia. Olhei meu relógio e me surpreendi ao ver que eram quase as sete. Levava na clandestinidade durante horas! O ritual já se teria completado e se assim era, as sidhe-seer poderiam vir à cidade e me ajudar a guardar a algumas das pessoas arrastadas à



morte-por-Sombras. Eu sozinha podia não ser capaz de fazer uma diferença, mas setecentas de nós se poderíamos.

Se elas não podiam, ou não queriam, vir porque Rowena as tinha vetado por alguma estúpida razão, chamaria o Barrons e se não tinha resposta, eu gostaria de chamar o Ryodan, e se nenhum deles respondia, seria, provavelmente, o momento de chamar o IYD: se você está morrendo. Uma cortina de morte pendurava sobre Dublin como a dor durante um funeral. Poderia cheirar-se, degustar-se no ar. Se as sidhe-seer não vinham a unir-se a mim, buscá-las-ia eu, de qualquer maneira que pudesse para chegar até elas.

Dani respondeu ao segundo timbras. Ela soava histérica.

—Merda, Mac! -chorou. -O que nos tem feito?

Estava ajustando as correias de minha mochila para dar capacidade a meu volumosos arnês externo, quando alarmada a soltei

—O que tenho feito mal? -exigi.

—Sombras, Mac! Fodidas Sombras de merda saíram do fodido Círculo quando o abrimos!

Em plena Abadia!

Estava tão aturdida que quase me caiu o telefone. Quando o levei de novo a meu ouvido, Dani estava dizendo:

—Rowena diz que nos traiu! Ela diz que você o fez!

Meu coração se parou.

—Não, Dani, eu não, juro-o! Alguém deve havê-lo feito!

Este pensamento gelou meu sangue. Só há uma pessoa que poderia havê-lo feito, uma pessoa que caminhava entre os vampiros escuros sem temor. Como de fácil tinha renunciado à Relíquia? Com que rapidez me tinha acordado dar isso Entretanto, ele não me tinha dado isso essa noite: trinta horas tinham transcorrido entre minha solicitude e sua entrega. O que tinha estado fazendo ele durante essas horas? Enriquecer uma bebida sidhe-seer com Sombras?

—Tão mal é? -chorei.

—perdemos dezenas! Quando se abriu o Círculo, fragmentou-se e saiu o que pensávamos que era a luz do ritual dos mortos, mas essas merdas cresceram e se fundiram formando Sombras. Estão em todas partes! Nos privadas, nos sapatos, em qualquer lugar onde há escuridão!

—Dani, eu não fiz isso! Juro-o. Juro-o por minha irmã. Sabe o que significa para mim? Tem que me acreditar! Eu nunca faria isso! Nunca!

—Disse que viria! -gritou -mas não o fez Onde está?

—Estou entupida na cidade, entre os York e Mercer. Dublin é um pesadelo e não pude sair. As pessoas estiveram gerando distúrbios durante horas e os Unseelie lhes estão guiando para as Zonas Escuras!

Ela gemeu

—Tão mal é? -ecoou de minha pergunta.

—Milhares, Dani! mais dos que posso contar. Se mantiver como até.... -entupi-me, incapaz de me fazer à idéia completa ...se vierem, poderemos proteger a alguns deles, mas não posso fazê-lo sozinha. Há muitos Unseelie.



Mas se a abadia estava cheia de Sombras, não poderiam sair. Não podíamos nos permitir o luxo de perder a abadia. As bibliotecas estavam ali, e só Deus sabia o que outras coisas. A lâmpada em cima de mim piscou e fez um ruído lhe chiem, como se tivesse tido uma sobrecarga.

É difícil dizer o que faz que o cérebro junte de repente os pedaços, mas tive um desses momentos onde uma série de imagens passaram através de minha mente e eu estava estupefata pela simplicidade e a evidência do que me faltava: os Rhino-boy que recolhiam lixo, a reparação de luzes, os condutores de caminhões da cidade, a substituição dos tijolos quebrados no pavimento...

—OH, não, Dani! -respirava horrorizada -esquece o que te acabo de dizer! Não entrem na cidade e não deixem que ninguém mais o faça! Não agora. Nem por qualquer motivo. Não até atrás do amanhecer.

—por quê?

—devido a que isto estava planejado. estive vendo Unseelie com postos de trabalho na cidade e não me dei conta até agora. Não eram só varredores ou coletores de lixo... -Onde melhor para aprender a respeito de um inimigo que a partir do suceder diário de sua vida, de suas frustrações? O FBI se infiltrou na vida cotidiana de seus suspeitos, pôs escutas em sua casa e revisou seu lixo. ...essa era a utilidade dos trabalhadores, também. -Quanto tempo tinha estado o SM orquestrando sua macabra sinfonia? O tempo suficiente para ter pensado em todos os bits da mesma e seu tempo como ser humano lhe tinha ensinado bem quais eram nossas debilidades. - Eles têm o controle da rede, Dani. vão conseguir sumir totalmente à... -afastei meu celular do ouvido e o olhei.

Bateria cheia. Nenhum serviço.

Não havia nenhuma cobertura. Não tinha nem idéia de quanto tinha escutado Dani.

—... cidade em uma Zona Escura -sussurrei. A lâmpada em cima de mim piscou de novo. Olhei-a. Vaiou, caloteou e finalmente tudo foi escuridão.

Capítulo 18

O mundo se estava caindo a pedaços a meu redor.

Não podia convocar a V'lane; Barrons estava procurado, em última instância, como traidor; a Abadia estava cheia de Sombras, BB & B era uma Zona Escura, a cidade se reduziu a bagunceiros e Unseelie e estava a ponto de cair na escuridão total.

Uma vez que o fizesse, nada vivo nas ruas estaria seguro. Nada. Nem sequer a erva e as árvores.

Bom, eu sim poderia, iluminada por meu MacHalo, armada com minha Lança (que também podia me matar horivelmente), se por acaso um grupo de bagunceiros ou de Unseelie me atacavam em massa ou preferia estar indefesa? O que podia esperar se perambulava sozinha pela cidade? Poderia salvar outras vidas? O que devia fazer com eles se o fazia? Como poderia manter seguras as luzes quando saíssem? eles poderiam me roubar minhas próprias luzes para poder



sobreviver? Se eu morria quem seguiria a pista do Livro? Não sou covarde, mas tampouco sou tola. Sei quando terá que lutar e sei quando terá que sobreviver para poder lutar outro dia.

Cada célula de meu corpo queria subir e baixar o terreno, afastar-se das ruas e dos becos e de qualquer tipo de via escura que pudesse conter Sombras, agüentar até o amanhecer, que agora se vislumbra em um impossível horizonte.

Doze horas... e alguns minutos. Rastreei as ruas de meu Álamo particular, me negando a refletir sobre os possíveis resultados dessa batalha. Eu gostaria de havê-lo feito melhor. Finalmente me estabeleci em uma antiga igreja com um alto campanário, aberto e com arcos de pedra onde eu poderia me esconder e vigiar meus flancos. As altas portas dianteiras estavam fechadas. Eu gostava assim. Não havia janelas que dessem à rua, o que eu gostei ainda mais. Aqui estava minha fortaleza, e me esconder nela era o melhor que podia fazer, por agora, de todos os modos.

Rodei sobre minhas costas e arrebentei de uma patada a porta do refeitório, para me deslizar em seu interior. atrás de trancar a porta com um pesado armário da China, apropriei-me de uma maçã e duas laranjas de uma cesta de frutas sobre a mesa de comilão, e me apressei a atravessar as fracamente iluminadas áreas comuns da igreja.

Tomou um tempo encontrar a entrada ao campanário, na parte traseira da grande capela, debaixo do balcão do coro, onde estava o enorme órgão de grossos tubos. A porta, estreita, estava quase completamente oculta detrás de uma estante que suspeitei alguém tinha empurrado até ali para evitar que os meninos curiosos tentassem subir. Empurrei a livraria a um lado (algo fácil para alguém que bombeava poder Unseelie como eu) e abri a porta. O oco era ainda mais escuro que a noite. Me dei ânimos e iluminei o interior da torre. Nenhuma Sombra retrocedeu, nenhuma massa de negrume se deslizou. Exalei um suspiro de alívio.

Subi pela estreita e cambaleante escada de madeira, atrás de um centenas de círculos e a cinqüenta pés do chão, cheguei ao campanário. Estava realmente reforçado com morteiro em alguns lugares; não havia vigas nem colunas e parecia tão seguro como um castelo de naipes. Perguntei-me quando foi à última vez que alguém tinha subido. Os sinos não precisavam ser reparadas? Ou, o que era mais provável, a última pessoa que tinha subido as escadas o tinha feito faz mais de cinqüenta anos?

Não importa.

Eu não ia permanecer sobre o terreno.

Os degraus cederam em dois lugares e graças a minha duplicada força e meus novos reflexos, não me caí; sem o poder Unseelie martelando através de minhas veias, não teria escapado de pisá-los e cair 15 metros, me rompendo seriamente algo. Ambas às vezes me fiz o sinal da cruz consciente do frio peso da Lança contra meu corpo. Odiava ter que levá-la enquanto eu estivesse sob os efeitos da carne escura. Era como um balão cheio de água com um cravo parecido no chão, que se dirigia rodando para ele, tentando o destino.

Pendurei precariamente do último degrau, estiquei-me para chegar ao alçapão, empurrando-a para içá-la sobre mim e olhar ao redor. Estava em uma sala justo debaixo da agulha. Sobre minha cabeça, havia uma segunda plataforma similar a esta em que eu estava, por



cima da qual penduravam dois grandes sinos de bronze. A habitação parecia usar-se como armazém, com caixas de ferramentas, uma vassoura e um armário que estava parcialmente aberto. Transladei-me à primeira sala, assegurei-me de que estivesse livre de Sombras e fechei. Arrastei um móvel de portas rachadas sobre o alçapão.

Subi pela última escada, até os sinos.

Surpreendi-me ao encontrar que a tormenta estava já no extremo norte da cidade, um claro entre as nuvens deixava passar a luz da lua, que embora pálida, iluminava o campanário. Apaguei todas minhas luzes: não queria-se um alvo com um pôster que dissesse “né-aqui-um-jovem-sidhe-seer”. Quatro altos arcos de pedra, duas vezes tão altos como minha cabeça, emolduravam a agulha ao leste, oeste, norte e sul. Olhei intensamente neste direção, tiritando ante a fria brisa, olhando para baixo, para Dublin.

Os incêndios estavam ativos em muitos lugares, os carros atirados a ambos os lados das ruas e milhares e milhares de bagunceiros arrasando, saqueando e destruindo. Vi o ir e vir da multidão, indo para cima e para baixo dos blocos da cidade. Vi um grupo de vários milhares de pessoas impulsionadas diretamente a uma Zona Escura, obrigadas a esperar pegadas à parede às Sombras, onde foram absorvidas, deixando uma casca seca de restos humanos desprovidos de toda vida. Escutei seus gritos de horror, gritos que escutarei até o dia em que morra.

Olhei a todo o comprimento de Dublin, a escuridão estava tomando a cidade, quadriculado a quadriculado, distrito a distrito, como se, em algum lugar das vísceras de Dublin os disruptores estivessem sendo, sistematicamente, Lançados.

Lembrei-me da noite que tinha saltado desde meu sofá no BB & B para aparecer na janela e meus olhos tinha sofrido aquele “truque” do blecaute.

Não era um truque agora. Ou mas bem, era o truque do Halloween maior de todos: não haveria “entendimentos” esta noite em Dublin, isto era ao que se referiu Derek O'Bannion quando falamos o outro dia.

Às 8:29 P.M. Reinava a escuridão absoluta, inclusive os incêndios se extinguíram.

Os sons que flutuam até mim são agora diferentes, menos vozes, e, assustadas não zangadas.

Tropas de Unseelie passam debaixo de mim com regularidade, ainda seguem nos buscando, nos recolhendo, nos matando. Necessitei cada onça de auto-controle que possuía para não ir ali a caçá-los na escuridão e tratar de salvar aos seres humanos que ficavam.

Ali, ao longe, a certa distância da livraria, uma Zona Escura se está estendendo inverificado, absorvendo cada vez mais lances da cidade.

Dublin estaria sem esperança até 7:25 A.M., até o Alvorada.

Perguntei-me o que estava acontecendo com os MacKeltar. Barrons teria sabotado seu ritual também? Isto não tinha nenhum sentido, por que ia querer Barrons que os muros se viessem abaixo? Barrons queria que os muros se viessem abaixo? Poderia o Círculo ter chegado a ele já sabotado, como uma granada de mão, só esperando que alguém atirasse da argola? Onde tinha conseguido ele o Círculo? Eu era uma boba tão desesperada que ainda estava tratando de procurar desculpas para ele?



O muros tinham caído já? Era esta a inundação do Unseelie que se liberaram de sua prisão ou eram simplesmente precursores, e o pior ainda estava por vir?

Deixei o frio chão de pedra da abertura, abracei meus joelhos e deixei descansar meu queixo sobre elas, ainda olhando a cidade. Meu corpo seguia bombeando a energia escura da carne Unseelie, arrepiando-se com o instinto protetor de shide-seer, magnificado com esteróides Fae, me pedindo que interviesse, exigindo que fizesse algo, algo. Estremeci-me, lutando denodadamente contra minha própria batalha interior, sentia-me chorar, embora não caíam lágrimas; não sabia se as lágrimas eram possíveis para um Fae ou para qualquer pessoa sob sua influência.

Ver BB & B rodeado de sombras, tragado por uma Zona Escura, foi bastante mau. Ver toda Dublin escuro foi uma sobrecarga. Quantas pessoas ficariam na madrugada para tratar de recuperar isto? Alguma? Deixariam guardas os Unseelie onde agora as estruturas estivessem controladas? Teríamos que formar exércitos para lutar a nossa maneira e tomar o controle?

Meu mundo tinha trocado esta noite. Não tinha nem idéia de como em muitas facetas, mas o que se sabia é que isso era mau.

Sentei-me na fria pedra, olhando, esperando.

Três horas e meia mais tarde, a primeira de minhas perguntas foi respondida.

As onze e cinqüenta e nove, a pele de todo meu corpo começou a me picar. Literalmente. Arranhei-me febrilmente. Inclusive com meus sentidos sidhe-seer amortecidos pela carne escura, sentia-o vir.

Não, os muros ainda não tinham caído: estavam caindo agora.

O mundo estava trocando, refazendo-se.

Senti uma esmagadora sensação de distorção espacial, me estirando, me tensionando, me comprimindo: era enorme e fina como o papel, logo redonda e pequena como um bago, tinha-me dado a volta por completo, meus ossos e órgãos expostos e de novo, dentro de minha pele...

Então, o mundo de repente sofreu uma enorme e horrenda fissura, os baixos dos edifícios se elevaram de maneira irregular, formando ângulos impossíveis, desaparecendo e voltando a aparecer de novo. Vi como as leis da física foram reescritas, como dimensões que se supõe não devem coexistir, coexistiam, ou mas bem, chocavam, lutando umas contra outras pelo domínio, por encher o espaço. Vi como a malha da existência se rasgava e se recosia de novo, alinhado sobre princípios diametralmente opostos.

O universo gritou protestando quando as barreiras se derrubaram e os reinos chocaram; então a noite esteve cheia de outra classe de chiados; retrocedi, me fundindo com as sombras, com medo das Sombras, mas com mais medo ainda de conectar minhas luzes, porque a segunda de minhas perguntas estava sendo respondida: Não, os Unseelie ainda não se liberaram de sua prisão. Eles vinham agora, galopando sobre um vento escuro que soprava no horizonte e que tinha a substância e a matéria de pesadelos. Conduzido pela Morte, a Peste, a Fome, e a Guerra?

Eles vieram.

Vi-lhes vir.



Os que não têm nome, as abominações, as pessoas que estão defeituosa ainda vivem, os que têm fome mas nunca podem ser saciados, os que odeiam eternamente além de que precisam tendo com suas extremidades retorcidas e psicótico sonhos, os que sabem, a não ser uma alegria: a caça, a matança, o néctar de pó e cinzas.

Disparou-se sobre minha cabeça, muito por cima da cidade, uma grande e escura onda que se estendia de um extremo do horizonte ao outro, apagando o céu, chiando, uivando, celebrando sua vitória, Liberdade! Livres pela primeira vez em quase um milhão de anos! Livres em um mundo esquentado pelo sol, povoado por milhares de milhões de corações que pulsavam forte, em uma explosão de vida, com sexo, drogas, música e a glória inexprimível de tudo aquilo que lhes tinha sido proibido para sempre.

Vieram, os Caçadores Reais, os seres alados com garras e bicos como seus irmãos e outros seres que desafiavam toda descrição, saindo de seu sorvete inferno, enchendo o mundo de gelo, deixando um caminho prateado de brilhante cristaliza a seu passo.

Retirei-me no campanário, meu fôlego cristalizando amargamente sobre o ar frio. Logo me retirei ainda mais atrás, baixando à plataforma inferior, onde me meti no privado, tirando vassouras, panos e baldes de meu caminho e fechando a porta. Meus gelados dedos acenderam minhas luzes.

Meus dedos intumescidos pelo frio têm feito migalhas minha camiseta à luz de meu casco, com esses pedaços preenchi cada fissura ou oco de meu armário para evitar que saia qualquer brilho de luz que revele meu esconderijo; atrás elevei bem minha cabeça para que a luz enchesse até o ultimo curva de meu diminuto quarto de luz: Com o coração palpitando e os olhos dilatados pelo terror, apoiei-me em uma esquina, aproximei meus joelhos a meu queixo, pus as guarnições de minha Lança no chão, a meu lado, e começou a larga vigília até o Amanhecer.



Terceira parte

Amanhecer

*"Resultou que estava equivocada.
"Não era da escuridão de quem eu deveria ter tido medo, absolutamente."
—Diário de Mac—*

Capítulo 19

Foi à segunda noite mais larga de minha vida; a primeira, está ainda por vir.

Consegui passar o tempo revisando minhas lembranças, as boas lembranças, revivendo-os a pleno detalhe: dois anos atrás, quando Alina e eu estávamos na escola secundária juntas, a viagem que fizemos em família ao Tybee Island, o tipo que conheci ali, que foi quem me deu meu primeiro beijo real, entre as ondas, onde meus pais não podiam nos ver; minha festa de graduação; a despedida da Alina antes de ir à Irlanda...

O silêncio chegou muito antes de amanhecer.

Era absoluto; as horas transcorridas de cinco a sete foram sobrenaturalmente tranquilas. Tinha medo de que alguma calamidade cósmica tivesse ocorrido: que um reino FAE tivesse saído vitorioso na batalha pelo direito a existir na mesma latitude e longitude que eu, meu armário e minhas ferramentas agrícolas de limpeza, e tínhamos sido relegados a qualquer outro lugar.

Que o que era o que tinha passado realmente? Pois nem idéia, mas às 7:25 AM, o momento em que saía o sol, seguia estando tudo tão absolutamente em silêncio que quando pus minha mão sobre o bracelete da porta, me ocorreu me perguntar se poderia estar abrindo minha porta para cair no vazio.

Isso, certamente, simplificaria as coisas.

Queria estar morta e já não ter que me preocupar com o que o dia pudesse trazer. Se abria a porta, teria que sair por aí e, não queria. Meu armário era acolhedor, seguro e possivelmente, esquecido.

O que ia encontrar ali? Como podia sair da cidade? O que existia além das fronteiras de Dublin? E se tivéssemos perdido partes do mundo ontem de noite, em uma batalha metafísica entre reino? Seria Ashford, Georgia, ainda como se supunha que devia ser? Era-o eu? Onde poderia ir? Em quem ia confiar?



No grande esquema das coisas, a busca do Sinsar Dubh, de repente, parecia um tema menor.

Abri uma ranhura, olhando para a plataforma e exalei um suspiro de alívio.

Distante, com meticulosa atenção, voltei-me a colocar minha Lança. O poder Unseelie bulia em meu sangue, minha postura agressiva, seguiria fazendo-o durante dias e temeria a minha Lança durante todo esse tempo.

Saí do armário.

Depois de um minucioso rastreamento a meu redor, para me assegurar de que não se encheu de Sombras, me esperando escondidas, durante a noite, apaguei minhas luzes e subi ao campanário.

Quando olhei através dos arcos de pedra, exalei outro suspiro de alívio: a cidade estava ali, os edifícios estavam, não tinham sido demolidos ou queimados, e, definitivamente, não tinham desaparecido.

Dublín poderia parecer quebrado, sua malha esmigalhada, seus saltos quebrados, mas, ainda em *deshabillé*¹⁴, não estava morta e algum dia voltaria a ser vibrante e plena de diversão.

Não havia circulação, nem a pé nem em carro. A cidade parecia abandonada.

Embora os sinais dos distúrbios infestavam as ruas, dos automóveis aos refugos humanos, não havia Fae movendo-se por ali. Senti-me como a última e única sobrevivente.

Não há luzes acesas, nenhuma.

Comprovei meu celular: nenhum serviço.

De noite, ia ter que voltar para meu armário.

Vi a cidade quando o dia tinha amanhecido totalmente e com a luz do sol, suas ruas empedradas estavam cheias de cristais quebrados. Nos últimos quarenta e cinco minutos, nada nem ninguém tinha passado. Ao parecer, as tropas Unseelie tinham limpado ao Dublín de toda vida humana e tinham contínuo avanço. Duvidava que as Sombras tivessem desaparecido. Ainda podia ver o verde nos subúrbios da cidade. teriam se retirado a suas ocultas gretas e fendas, obrigadas pelos primeiros raios da manhã. Benzi, seja qual seja, o fado que me tinha inspirado para fabricar meu MacHalo. Parecia que ia ser uma parte fundamental na manutenção de minha vida por um tempo. Impossível permanecer na luz, quando não há nenhuma luz, em nenhum lugar.

Em primeiro lugar, em minha agenda de hoje, estava encontrar pilhas e encher minha mochila com elas. No segundo: comida. Em terceiro lugar: me perguntar se Barrons poderia me seguir à pista pela tatuagem na base de meu crânio, em um mundo que se fundiu com os Reino Fae, e se era assim isso era bom ou mau? V'lane viria a me buscar? Haveria *sidhe-seer* sobreviventes? Como estaria Dani? Não me atrevo a deixar que meus pensamentos cheguem a casa, até que pudesse encontrar um telefone que funcionasse e pudesse chamar, não me deixaria vencer por meus temores.

¹⁴ (NdeT: assim no original; em francês, *despida*, *desarrumada*)



Na parte superior da cambaleante escada, deixei cair minha Lança, lançando-a para a esquina da porta; se os degraus cediam de novo, não queria cair sobre ela.

Descendi lentamente, cuidadosamente, e não respirei com normalidade até que cheguei à parte inferior. Tinha-me comido todos os “gelo” de carne Unseeli; sentir-me-ia mais segura com um novo contrabando. Queria mais. Necessitava mais. Quem sabia em que batalhas poderia me encontrar hoje em dia?

Coloquei minha Lança em seu arnês e o ateí a meu ombro; espiei através de uma fresta da porta, agachada, à escuta de vozes, de movimento, de qualquer sinal de perigo.

A igreja estava inquietantemente tranqüila, muito.

Inalei, me aproveitando ao máximo de meus potencializados sentidos Unseelie: havia um peculiar aroma no ar, um desconjurado. Recordava-me... me inquietava... cheirava parecido... mas não bastante... Odiava a mim mesma por não ter meus sentidos sidhe-seer, odiava não saber se podia haver FAE à volta da esquina, me esperando em uma emboscada.

Avancei furtivamente e acrescentei uma quarta nota a minha agenda mental: novos calçado. Sapatilhas de tênis. Estranhos sons as botas que possam ser usadas com sigilo e, as minhas, definitivamente não o eram.

A metade da sala de espera, detive-me. A minha esquerda, havia uma grande escada de mármore, envolta por um atapetado corredor que descendia até as portas de saída. A minha direita estava à entrada à capela. Inclusive além de suas portas fechadas, podia cheirar o interior do santuário, o fraco e pegajoso aroma de incenso e esse outro aroma difícil de identificar, um aroma picante que me inquietava e me intrigava. Na tênue luz da silenciada amanhã, as brancas portas do oratório pareciam brilhar com um suave e tácito convite.

Poderia girar à esquerda e mergulhar nas ruas do Dublin, ou, ir à direita, e tomar uns momentos para conversar com Deus com o que não tinha falado muito em minha vida. Escutar-me-ia hoje? Ou sacudirá sua cabeça, recolherá seu Kit de Criação e partirá a outro mundo melhor que este nosso que se havia fodido na noite passada? Do que lhe vou falar? De como me senti enganada pela morte da Alina? Do zangada que estava por estar sozinha?

Voltei-me a esquerda: havia monstros mais fáceis de tratar nas ruas.

Na parte superior da escada, a luxúria me atacou, incinerou minha vontade, despertando uma exótica e terrível necessidade sexual. Era uma mudança e lhe dava a bem-vinda.

—V'lane! -exclamei, me forçando a tirar a mão do botão superior de meu jeans-

Podia lhe sentir fora da igreja. Estava avançando para mim, pela calçada, até a escada exterior, a ponto de entrar. Tinha-me encontrado! Dava-lhe as graças a esse Deus ao que antes me tinha negado a me dirigir.

As comportas se abriram e a luz me cegou. Minhas pupilas eram apenas dois pontos. Emoldurado na entrada, estava V'lane com seu cabelo de brilhantes tons oro, bronze e cobre. Esperava cada polegada de anjo vingador que houvesse nele de uma maneira que nunca esperaria no Barrons.

Tinha um aroma incomum, que me tinha confundido e inquietado, emanando de sua pele. Não tinha cheirado antes desta maneira ou é que eu sozinho podia cheirá-lo agora que meus



sentidos estavam aumentados pelo poder Unseelie? Saturada pela presença de seus escuros irmãos, eu não estava detectando a V'lane como Fae, não sentia náuseas. Sua aparição tinha sido precedida só por sua letal sexualidade, tão impacto para mim como para qualquer outra mulher. Não é de sentir saudades que girassem as cabeças quando passava pela rua. Seu atrativo era inclusive mais forte com meus sentidos sidhe-seer mortos, como se alguma qualidade especial em meu sangue, normalmente me blindasse de seu pleno efeito, mas não quando por minhas veias corria poder Fae.

Qualquer que fosse a razão, seu impacto tinha sido formidável o dia de hoje. Era inclusive mais intenso que a primeira vez que me tinha tropeçado com ele, quando eu não tinha idéia do que era.

Minhas pernas se sentiam débeis. Meus seios eram pesados, dolorosos e meus mamilos ardiam. Queria sexo. Necessitava sexo. Violentemente. Tinha que o ter. Não me preocupavam as repercussões. Queria merda e merda até que não me pudesse mover. Não disse que me poderia dar isso sem me prejudicar? Silenciar-se Tinha trocado?

—Te apague! -obriguei-me a dizer, mas como estava sorrindo quando o disse, minha ordem carecia de valor.

Estava tão aliviada de vê-lo!

Meu suéter estava no chão, inclinei-me para recolhê-lo.

Transladou-se do eixo da brilhante luz do sol e se encaminhou para as escadas.

—Sidhe-seer -disse.

Quando a porta se fechou detrás dele e a sala de espera retornou a seu estado fracamente iluminado, minhas contraídas pupilas se ajustaram e me dava conta de meu engano. Ofegando, dava um passo atrás.

—Você não é V'lane!

O exótico príncipe tinha o olhar fixo em meus seios, esculpidos por um sutiã de renda. Pus-me de novo o suéter. Fez um som profundo com sua garganta e meus joelhos se abriram com antecipação sexual. Só um imenso esforço me fez permanecer de pé. Eu queria estar de joelhos. Eu deveria estar de joelhos. Ele queria que eu estivesse de joelhos. E de mãos. Minha cabeça aspirava meus pensamentos, meus lábios e pernas funcionavam à parte.

Aproximou-se.

Lutei uma frenética batalha comigo mesma e consegui dar um passo atrás.

—Não -disse. -Eu não sou... -suas exóticas pestanas baixaram, seus antigos olhos se elevaram ... esse.

—Qu... quem é? -balbuciei.

Ele deu outro passo adiante.

Eu dava outro passo atrás. Tinha-me tirado o suéter de novo. Merda!

—O fim -disse simplesmente.

As portas que conduziam ao santuário se abriram detrás de mim. Senti-me uma vez mais o inquietante e estranho aroma que enchia meu nariz.

A luxúria me golpeava, por diante e por detrás.



—Somos todos o final -uma fria voz flutuava sobre meu ombro. -E Começo. Logo. Mais Tarde. Atrás.

—Tempo. Irrelevante -respondeu o outro. -Ao redor é ao redor.

—Estamos sempre. Você não.

Parecia que falávamos em um idioma estrangeiro. Voltei-me, apenas capaz de respirar. Havia um sutiã de renda estendido no chão, a meus pés. Era meu. Merda de novo. O ar parecia afresco sobre minha pele avermelhada.

Não ia perguntar isso de "e agora o que?": havia dois deles... Dois Fae-morte-por-sexo. Dois Príncipes. Poderia escapar eles? Poderia sobreviver? Eles podiam peneirar. Eu estava entre eles. Poderia "lhes anular"? OH, Deus, não com minhas habilidades sidhe-seer mortas!

—Conhece você a V'lane? É um Príncipe Seelie -tinha conseguido escapar de meus lábios que doeram sozinho por seu toque, enchendo-se de uma plenitude que só insinuada pela sensação do nome de V'lane que perfurava minha língua. Quis me afogar nos homens. Quis ser cheia, mais rechonchuda que uma salsicha. Seus lábios o fariam... atrás outras coisas. Olhei de uma de seus entre pernas a seguinte. Sacudi minha cabeça, violentamente. Minha boca estava seca, meu cérebro derretido. -Ele me protege.

Talvez eles eram amigos dele. Talvez se poderiam chamá-la. Talvez lhe temessem e dessem marcha atrás.

Eu não me teria surpreendido por ouvir risadas de vilão, mofas ou comentários obscenos, ao fim e ao cabo, eu estava ali de pé nua da cintura para acima. Eu esperava algum comentário, alguma expressão, qualquer expressão, mas não que se limitasse a girar a cabeça com uma suavidade inquietante e me examinasse de uma maneira tão longe da humana que me gelou o sangue e deixei de respirar.

Eu sabia quem eram. Eles não eram amigos de V'lane. Esse estranho gesto lhes tinha delatado.

Quando consegui respirar de novo, inalei bruscamente.

Estes eram os Príncipes Unseelie. Fae que nós nunca tínhamos tido a oportunidade de estudar, com um glamour perfeito por imitação; Fae que poderiam empregar nossa língua, mas só desprovida de referências ou metáforas; isto que tinham aprendido sobre nosso mundo, tinham-no feito de uma grande distancia, por seus poderes; eles, provavelmente, não compreendiam os conceitos básicos Fae de estancamento e mudança. Fae que nunca tinham sido livres, que nunca tinham bebido do Caldeirão, que nunca tinham tido sexo com uma mulher humana.

Entretanto, tinham previsto ter sexo comigo. Derramava-se uma imensa fome, em escuras ondas. A luxúria flutuava na sala, tão explosiva como a dinamite, com um fulminante perigosamente curto. O ar transbordava dela. Eu entrava nesse desenho com cada respiração, alimentando inextinguível e deliciosa febre Fae.

Um terceiro entrou na igreja.

O que dizia Christian?



“A lenda diz que os quatro chefes das quatro casas, os quatro Príncipes Escuros, equivalem aos Quatro Cavaleiros do Apocalipse”.

Assim, à Morte lhe tinham somado a Peste e a Fome na casa de Deus. Agora, só a Guerra seguia sendo desconhecida para mim. Esperava que o seguisse sendo.

Eles formaram um círculo ao redor de mim, um círculo de três, metamorfoseando-se de uma forma a outra enquanto se aproximavam.

A mudança de formas, cores, e... de outra coisa que poderia ter sido uma natureza dimensional. Vejo em três dimensões, não quatro nem cinco, mas meus olhos não podiam explicar a meu cérebro o que estavam vendo, assim, simplesmente fingiram que não o viam. V'lane disse que os Fae nunca tinham revelado sua verdadeira cara para nós. Possivelmente era esta que acabava de vislumbrar.

Traguei-me meu medo ante a única arma que podia utilizar-se contra eles, agarrei minha Lança, tirei-a de seu arnês e pivotei em um círculo ameaçador.

—Atrás! — gritei -Esta é uma Relíquia Seelie! Pode matar inclusive príncipes! Não me toquem! — e finté para o mais próximo.

Ele se deteve, considerado a Lança e dirigindo seu incandescente olhar para a minha; girou sua cabeça e olhou a outros e, continuando, voltou-a de novo para a Lança, de uma forma que me fez ver também: descobri com horror que minha mão se girou para mim, lentamente, até que a ponta, a mortal e potencialmente corruptora ponta, apontava-me diretamente.

Tentei afastá-la, apontá-la para ele, mas não podia mover-se. Meu cérebro Lançava ordens que meu corpo se negava a obedecer.

A violação era bastante horrorosa. Podia morrer como Mallucé depois de tudo. Não havia nenhum caminho.

Quando a ponta esteve a apenas uma polegada de minha pele, tentei arrojá-la longe, com a esperança de que poderia fazê-lo e eles a esqueceriam. Trabalhei para liberar meu novo mecanismo de anulação (a isso que teria sentido para mim um dia) e a Lança rodou pelo chão até a porta da capela. Ali, chocou-se contra a base do reservatório de água de água bendita, com tal impacto, que a água transbordou pelo lado e assobiou e jogou vapor quando caiu sobre a Lança.

Os príncipes adotaram uma forma estática, converteram-se em homens incrivelmente formosos, de tão deliciosa perfeição que olhá-los fazia doer à alma e eu gritei sem palavras. Estavam nus, à exceção dos torques negros que brilhavam e se retorciam, como escuridão líquida, ao redor de seus pescoços. Seus corpos flexíveis, de ouro brilhante, estavam tatuados com uns modelos complicados, que se precipitavam como nuvens sobre sua pele, caleidoscópicas tormentas através de um céu dourado. Um relâmpago reluzia em seus olhos brilhantes.

Profundamente dentro de mim, senti trovões que respondiam. Eu não podia olhá-los. Eles eram muito.

Dava a volta, me afastando, mas eles estavam ali outra vez, me forçando a olhar suas caras espantosamente fantásticas. Meus olhos se alargaram e se alargaram mais ainda.



Chorei lágrimas de sangue que correram por minhas bochechas. Limpei minhas bochechas com meus dedos e estes saíram tintos de carmesim.

Então as bocas dos príncipes estiveram sobre as gemas de meus dedos, com suas línguas que acalmavam com sua frescura e umas presas que destilavam gelo e uma besta muito mais primitiva que Mac-Selvagem, e muito mais à frente meu controle, bocejou e estirou seus braços por cima de sua cabeça, despertando com um sentido delicioso de antecipação.

Isto era para o que ela tinha nascido, para o que ela tinha estado esperando todo este tempo.

Aqui.

Agora.

Eles.

Um sexo pelo que valia a pena morrer.

Tirei-me de uma patada minhas botas, jogando longe de mim, minha roupa interior e meu jeans, me lançando para eles, beijando, degustando, lambendo, alimentando minha própria paixão e a deles, que me golpeava uma e outra vez, acalmando-se e retornando de novo, e, com cada transferência entre nós, crescia algo maior que eu, maior que eles, como uma de suas bestas.

Na distância, uma parte de minha mente, reconhecia com horror aquilo que me estava acontecendo: o prazer de seus lábios, do perfeito vazio neles, entendendo que sob a impecável e aveludada pele dourada, agora sob as ondas do Eros, afogava-me em... não havia nada, mas... me afogava nesse oceano.

Vi, inclusive quando entregava a eles, a verdadeira natureza dos príncipes Unseelie. Eles estão vazios por aquilo que não são, e, isso, é o que mais desejam: a paixão, o desejo, o fogo da vida, a capacidade de sentir...

Algum componente essencial neles se perderam faz muito tempo, ou talvez, congelou-se ao longo dos cento e sete mil anos de encarceramento de gelo, ou talvez, não lhes tinha sido concedido pela Canção imperfeita de seu Rei, deixando-os igualmente imperfeitos e vazios. Qualquer que fosse a causa, o mais intenso que podiam sentir era através do sexo. Eram professores da luxúria, negados eternamente à música em seu reino, rodeado por outros igualmente vazios, sem um corpo humano com o que seguir a melodia.

Mas com uma humana, sempre e quando a seu julgamento, fosse igual a eles, e que entoasse em sua garganta a mesma canção, até a sala de concertos se reduzia a silêncio: a paixão se convertia em cinza, e, depois, morria, seu corpo tão frio como esse lugar dentro deles onde a vida não pode realizar-se plenamente.

Vazio, e, então, encontrar outra mulher com a que entoar, lhe dando ao sexo sua mais elementar essência, seu estado mais puro e potente, canalizando tudo o que vivia fora dela, de novo dentro dela e fora outra vez. Meus orgasmos não eram convulsões, eram como pequenas recreações de meu nascimento. O sexo era à vida o que o sangue era Deus, enchendo todos e cada um dos ocos vazios que eu tinha, por dentro e por fora.

E seria a morte para mim.

E eu sabia.



E... tinha que ter mais.

Estamos tombados no frio chão de mármore da sala de espera, meus três príncipes escuros e eu, escorregando para a escada atapetada, um debaixo de mim, outro por detrás e outro dentro de minha boca.

Moviam-se profundamente dentro de mim, me enchendo com sensações tão caleidoscópicas como seus corpos tatuados. Eu era como uma pequena flor, explorando para o exterior e me fragmentando uma e outra vez em pequenos pedacinhos de mulher destrozada. Provava seu néctar, que cheirava às escuras drogas, a especiarias, seus corpos eram duros, esculpidos, perfeitos, e se, de vez em quando, o gelo de suas línguas negro, rosa e branco e seus dentes afiados congelavam pele, era um pequeno preço a pagar pelo que faziam dentro de mim.

Senti minha mente desintegrar-se: momentos de minha vida passaram ante meus olhos, antes de cair na distância, em algum lugar abandonado.

Gritei, mendigando ser liberada, mas minha boca só formou ordens e demandas: mais, mais, mais rápido, assim.

Meu último mês em Dublin, com todas suas esperanças, preocupações e temores, passou através de minha mente e foi esquecido. O dia que tinha estado no Reino Fae com a Alina, seguido pela memória de todos os Mallucé, Christian, O'Bannions, Fiona, Barrons, e Rowena, a reunião no bar, essa primeira noite na Irlanda... Meu verão voava para trás passando ante meus olhos, caindo na distância.

Havia um quarto macho me beijando agora? me degustando? por que eu não podia vê-lo? Quem era?

Recordei o dia da morte da Alina, e logo se foi também... e esse dia não tinha ocorrido jamais e minha vida seguiu a desdobrando-se para trás.

Perdi meu ano de universidade com os beijos da Peste; despedi-me da escola secundária com a Fome correndo-se docemente em minha boca; perdi minha infância nos braços de três Príncipes Fae. Se houve um quarto, eu nunca vi sua cara, só senti a presença de outro, que não era exatamente quão mesmo os outros três.

E então eu nunca tinha nascido.

Eu era só "agora".

Este momento. Este orgasmo. Esta fome. Este vazio interminável. Esta necessidade cega.

Eu era consciente de que outros tinham entrado na sala de espera, mas não pude vê-los além de meus escuros príncipes. Não me preocupou. Era bom. Quando meus príncipes se afastaram de mim, meu corpo ficou tão frio que pensei que morreria. Retorci-me no chão, pedindo mais. Alguém se aproximou de mim. Agarrei-lhe com ambas as mãos em busca de socorro. Retirando o matagal de cabelo de meu rosto, elevei a vista para me encontrar olhando, diretamente, à cara do Lorde Master.

—Penso que ela me obedecerá agora. - murmurou.

Lhe obedecer?

"Morreria por ele".



Fim



Uma Nota para o leitor

Já anunciei este momento, anunciei que o pior está ainda por vir... mas para aqueles de vocês com lanternas a ponto de esgotar-se, que sentem abater-se às Sombras e o medo lhes faz pensar que não há esperança à vista, considerem o seguinte:

No Bloodfever, Mac diz:

"Embora não o pareça, esta não é uma história a respeito da escuridão, mas sim da luz. Khalil Gibran diz que a alegria só te pode encher tão profundamente como a dor te tenha escavado. Se você nunca provou a amargura, o doce é simplesmente outro agradável sabor em sua língua. Um dia, eu vou ter um montão de alegria."

E o fará. Há minha promessa em suas palavras.

Mantenham as luzes acesas.

Karen

Glossário do Diário de Mac

(Nota: a mudança de cor da "caneta" com que Mac escreve, está assim no original)

* AMULETO, O: Relíquia Unseelie (escura) criada pelo Rei Unseelie para sua concubina. De ouro, prata, safiras e ônix, o dourado engaste dá capacidade a uma pedra clara de composição desconhecida. Uma pessoa épica pode utilizá-la e modificar a realidade. A lista dos últimos proprietários é legendaria, incluindo o Merlin, Boudica, Juana de Arco, Carlomagno ou Napoleón. Última compra por uma cifra de oito dígitos, por parte de um galês, em um leilão ilegal; passou brevemente por minhas mãos e na atualidade está em posse do Lorde Master. requer-se algum tipo de dízimo ou vinculação para utilizá-la. Eu tive a vontade, mas não pude averiguar o caminho.

BARRONS, Jericó: Não tenho nem a menor fodida idéia. Mantém-me viva. Suponho que é algo.



Addendum à entrada original: Tem um espelho Prateado em seu estúdio, na livraria, e quando caminha através dele, os monstros se retiram, ao igual às Sombras. Vi-lhe chegar através dele com o corpo de uma mulher. Ela tinha sido assassinada, brutalmente. Por ele? Pelas coisas do espelho? Tem, pelo menos, várias centenas de anos, e possivelmente, mais. Fiz-lhe agarrar a Lança para ver se era Unseelie, e o fez, mas me inteirei mais tarde, por V'lane, que o Rei Unseelie pode tocar todas as Relíquias (como a Rainha Seelie) e, embora não posso imaginar por que o Rei Unseelie não seria capaz de tocar seu próprio Livro, talvez essa é, exatamente, a razão pela que Barrons pensava que seria capaz de tocá-lo. Talvez se converteu em algo mais capitalista do que era a princípio. Além disso, não posso descartar que poderia ser algum tipo de Seelie/Unseelie híbrido. Os Fae têm relações sexuais e se reproduzem? Algumas vezes... acredito que ele é humano... malvado. Outras vezes acredito que é algo que este mundo não viu jamais. Ele não é, definitivamente, sidhe-seer, mas vá aos Fae tão claro como o dia, ao igual a a mim. Ele é Druida e sabe magia negra, é super-forte e rápido e há seus sentidos agudos. O que significa o comentário do Ryodan o Alfa e Omega? Tenho que espiar a esse homem!

* CALDEIRÃO: Relíquia da Luz ou Seelie do qual todos os Seelie bebem eventualmente, para perder a memória que se converteu em onerosa. Segundo Barrons, a imortalidade tem um preço: a loucura. Quando os FAE acreditam estar aproximando-se da loucura, bebem do Caldeirão e “renascem”, sem nenhuma memória de uma existência prévia. Os Fae têm um registro, com documentos, de cada uma das muitas reencarnações, mas a localização exata do Escriba que os leva é desconhecida sozinho por uns poucos, e o paradeiro dos registros por ninguém nada mais que por ele. É isso o que está mal com os Unseelie, que não têm um Caldeirão de que beber?

CRUZAMENTO: Fae. Desconheço se Seelie ou Unseelie. Muitas de suas Relíquias estão flutuando por aí. Ele amaldiçoou os Espelhos chapeados (tamizadores). antes que fossem amaldiçoados, os Fae os utilizavam livremente para viagens através das dimensões. A maldição de algum jeito corrompe o canal interdimensional e agora nem sequer os Fae podem usá-los. Desconheço o caráter da maldição. Desconheço os danos que causa ou a ameaça dos Espelhos. Seja o que seja, Barrons aparentemente não lhe teme. tentei entrar no de seu estudo. Não posso averiguar como abri-lo.

BRACELETE DE CRUZAMENTO: Um bracelete de ouro e prata com pedras de cor vermelha como o sangue; antiga Relíquia Fae que, supostamente, permite ao humano que o leva "uma espécie de escudo contra os Unseelie e outras coisas muito mais ...desagradáveis" (isto segundo um Fae-morte-por-sexo, se a gente puder realmente confiar nele)

CAÇADORES REAIS: Uma casta de nível médio do Unseelie. Militarizados, corpóreos, parecem-se com a pintura clássica do diabo, com cascos fendidos, chifres, caras muito parecidas com as de um sátiro, asas coriáceas, olhos ardentes de cor laranja e caudas. Desde 2 a 3 metros de altos, são capazes de uma velocidade extraordinária tanto sobre seus cascos como com suas asas.

Função primária: exterminadores de sidhe-seer.

Avaliação de ameaça: MORTAL.

Addendum à entrada original: encontrei-me com um. Barrons não sabe tudo. É grandemente maior do que ele me tinha feito esperar, com uns 10 a 30 metros de envergadura e capacidades



telepáticas. São mercenários ao serviço de um senhor e só tem um professor, sempre e quando isso lhes beneficie. Não estou segura de que sejam de nível médio e, de fato, não estou segura de que sejam totalmente Fae. Temem minha Lança e suspeito que não estão dispostos a morrer por qualquer causa, o que me dá uma vantagem tática. Addendum à entrada original: Está ainda por aí? Queria Lhe ver morto.

Addendum à entrada original: Dani matou o bastardo!

Poderia "peneirar" o espaço?

Quais deles podem e quais não podem?

COISAS-DE-MUITAS-BOCAS, A : Criatura Unseelie repulsiva, com multidão de bocas sugadoras, dezenas de olhos e órgãos sexuais excessivamente grandes.

Casta Unseelie: desconhecida de momento.

Avaliação de ameaça: desconhece-se neste momento, mas suspeito que arbusto de uma maneira em que prefiro não pensar. (Experiência pessoal)

Adição ao original da entrada: ainda existe? Eu gostaria que estivesse morta.

QUATRO PEDRAS, AS : Pedras translúcidas, de cor negro-azulada, cobertas com Runas. A chave para decifrar a antiga língua e romper o código do Sinsar Dubh se oculta nestas quatro pedras místicas. Uma pessoa pode usar a Pedra para arrojear luz sobre uma pequena parte do texto, mas só se as quatro são usadas de uma vez, ficará de manifesto a totalidade do texto. (de "Mitos e Lendas Irlandeses")

Addendum à entrada original: Outros textos dizem que é a "verdadeira natureza" do Sinsar Dubh o que porão de manifesto.

DANI: Jovem sidhe-seer em seu temprana adolescência, cujo talento é uma velocidade sobre-humana. Ela tem a seu crédito (como ela orgulhosamente apregoa, como corvo em um telhado, ante a mais mínima oportunidade) quarenta e sete Fae mortos no momento de escrever este artigo. Estou segura de que terá mais amanhã. Sua mãe foi assassinada por um Fae. Somos irmãs na vingança. Ela trabalha para a Rowena e se emprega como mensageira urgente no Post te Hajas Inc (PHI)

Addendum à entrada original: Seu número aumentou a quase duzentos! Esta garota não tem medo!

DÓLMEN: Uma tumba megalítica, construída com três ou mais pedras em posição vertical, que servem de apoio e plaina horizontal como culminação. Os dólmens são comuns na Irlanda, sobre tudo em torno dos Burren e Connemara. O Lorde Master utiliza um dólmen em um ritual de magia negra para abrir uma porta entre os reino e conseguir trazer para seu través aos Unseelie.

DRUIDA : Em épocas anteriores à sociedade cristã, os Druidas celtas presidiam o culto divino, legislavam e julgavam. Educavam e ensinavam Filosofia aos jovens da elite de sua ordem. Os Druidas se acreditavam no tanto dos segredos dos deuses, incluídas as questões relativas à manipulação física da matéria, o espaço e inclusive o tempo. Em antigo irlandês "Druí" significa mago, adivinho. (de "Mitos e Lendas Irlandeses")



Adição ao original da entrada: Vi tanto ao Jericó Barrons como ao Lorde Master usar o poder da Voz, uma maneira de falar com muitas vozes que não podem ser desobedecida.

Addendum à entrada original: vi que tanto Barrons como o Lorde Master utilizam o poder druida da Voz, uma forma de falar com muitas vozes que não pode ser desobedecer. isto é importante?

Addendum à entrada original: Christian MacKeltar descende de um largo e antigo sangue druida.

* ESPADA DO LUGH, A: Relíquia da Luz ou Seelie, também conhecida como a Espada de Luz, uma Relíquia Seelie capaz de matar Fae, tanto Seelie como Unseelie. Atualmente, tem-na Rowena, e se a disposta a suas expedições de sidhe-seer do PHI quando ela considera conveniente. A dá a Dani pelo geral.

Addendum à entrada original: Vi-a. É formosa!

* ESPELHOS CHAPEADOS: (Tamizadores, Silvers): Relíquias Unseelie, complexo labirinto de espelhos criados pelo Rei Unseelie; uma vez utilizados como o principal método de viagem entre reino dos Fae, até que Cruzamento emitiu a maldição que proibia o passo pelos prateado corredores. Agora os Fae não se atrevem a entrar nos Espelhos.

Addendum à entrada original: O Lorde Master tinha muitos destes em sua casa, na Zona Escura os utilizava para entrar e sair do Reino. Se destruíam um se destruíam também o que houvesse dentro dele? O aperto de uma entrada/saída em um reino Fae era como uma ferida na malha de nosso mundo? Qual é exatamente a maldição e quem era Cruzamento?

Addendum à entrada original: Barrons tem um e entra e sai dele!

FAE: (Fay) Veja-se também Tuatha Dê Danaan. Dividido em duas Cortes, a luz ou Seelie yla escuridão ou Unseelie. Ambas têm diferentes castas Fae, com as quatro Casas Reais na parte mais alta a casta de cada corte. A rainha Seelie e seu consorte regem a Corte da Luz. O Rei Unseelie e sua atual concubina regem a escuridão.

FAE-MORTE—POR-SEXO: (por exemplo, V'lane) Um Fae tão sexualmente "potente" para um ser humano que este morre se praticar sexo com ele, a menos que o Fae proteja ao humano do impacto mortal de seu erotismo.

Addendum à entrada original: V'lane se fez sentir como nada mais que um homem incrivelmente sexy quando me tocou. Podem silenciar sua letalidadd se assim o desejarem.

Addendum à entrada original: Esta casta emana sozinho das casas reais. Podem fazer três coisas: proteger aos humanos completamente e lhes dar o mais incrível sexo de sua vida, protegê-los só de morrer e convertê-los no Pri-já, ou matá-los com o sexo.

Podem "peneirar" o espaço.

FIONA: A mulher que dirigia Barrons Livros e Adornos antes que eu me fizesse cargo. Ela estava grosseiramente apaixonada pelo Barrons e tratou de me matar ao apagar todas as luzes e deixar uma janela aberta uma noite, para que as Sombras acabassem comigo. Barrons a despediu por isso (Gee, agora que o penso, sua demissão por tentar me matar faz, seguro, que deseje me matar agora)



Ela está conectada com o Derek O'Bannion e come carne Unseelie. Tenho uma má sensação dela; parecem o um para o outro.

GLAMOUR: Ilusão emitida pelos Fae para camuflar sua verdadeira aparência. quanto mais capitalista é o fae, mais difícil é penetrar em seu disfarce. Permite ver os seres humanos só o que o fae deseja que vejam e são sutilmente rechaçados ou se separados deles por um pequeno perímetro de distorção espacial que é parte do encanto Fae.

GRIPPER: fino e diáfano Unseelie que é surpreendentemente formoso. Os Gripper aparecem os meios de comunicação modernos como a representação das fadas (delicadas e brilhantes belezas nuas, com uma nuvem de cabelo dourado, encantadoras) só que são quase do tamanho de um humano. Chamou-lhes Gripper (NdeT.: pinzas) porque "agarram-se" a nós. Podem passar através da pele do humano e possuir. Uma vez que se deslizaram dentro de uma pessoa, já não posso senti-los, poderia estar de pé justo ao lado de um Gripper dentro de uma pessoa e nem sequer sabê-lo. Por um tempo, eu tive medo de que Barrons podia ser um. descartei-o quando agarrou minha Lança.

HAVEN, O: Conselho Superior de sidhe-seer.

Addendum à entrada original: Antes se escolhia por voto popular, agora é escolhido pela Grande Professora por sua lealdade a ela e à causa. Elas são as únicas, além da Rowena, que sabiam o que se mantinha escondido sob a Abadia. Alguns delas morreram e/ou desapareceram quando o livro se perdeu faz uns vinte anos. Como ocorreu? Eu tenho vinte e dois. É possível que minha mãe fosse uma delas?!

HOMEM-CINZA, O: monstruosamente feio, Unseelie leproso que se alimenta roubando a beleza humana da mulher.

Avaliação da ameaça: pode matar, mas prefere que sua vítima fique horrivelmente desfigurada e viva sofrendo.

Addendum à entrada original: Ao parecer é a única de seu tipo, Barrons e eu a matamos.

Addendum à entrada original: Pode "peneirar" o espaço.

IYCGM: Barrons me deu um telefone celular com este número programado "se por acaso não podia lhe localizar a ele". O misterioso Ryodan respondeu quando chamei uma vez.

IYD: Outro dos números programados pelo Barrons; significa "Se te está morrendo".

* Lança DO DESTINO, A: Relíquia da Luz ou Seelie (aliás Lança do Luin, Lança do Longino, Lança do Destino, o Lança Flamígera), foi utilizada para perfurar o flanco do Jesus cristo depois de sua crucificação. Não é de origem humana, é Tuatha Dê Danaan e um das poucas armas capazes de matar a um Fae, independentemente de sua fila ou poder.

Addendum à nota original: Mata Fae e se alguém for sozinho Fae em parte, arbusto essa parte, horrivelmente.

MACKELTAR, Christian: Empregado no departamento de línguas antigas do Trinity. Ele sabe o que sou e conhecia minha irmã! Não tenho nem idéia de qual é seu lugar em tudo isto, nem sei seus motivos. Encontrarei mais informação breve.

Addendum à entrada original: Christian provém de um clã de Grandes Druidas dos Fae e foram a defesa dos humanos ante eles, mantendo os muros que separam ambos os Reino durante



milhares de anos, com o desempenho de rituais e o pagamento de dízimos. Ele conhecia a Alina só de passagem. Ela tinha vindo a lhe pedir que traduzisse um texto do Sinsar Dubh.

MALLUCÉ: Nascido John Johnstone, Jr. Causador da misteriosa morte de seus pais, herdou centenas de milhões de dólares, desapareceu por um tempo e ressurgiu como o novo Não-morto ou vampiro Mallucé. No seguinte decênio, criou seu culto em todo mundo e foi contratado pelo Lorde Master por seu dinheiro e conexões. Forte e magro, loiro, de olhos cor limão, de estética gótico-punk vitoriana.

NULL: Sidhe-seer podendo para congelar a um Fae com o toque de suas mãos (por exemplo, eu). Uma vez congelado, é completamente impotente. Quanto maior e mais capitalista é a casta do Fae, mais curto é o tempo que permanece congelado.

O'BANNION, DEREK: Irmão do Rocky; novo recruta do Lorde Master. Ele quer a Lança de seu irmão e que quer me matar por matar a seu irmão. Deveria lhe haver deixado entrar na Zona Escura aquele dia.

Addendum à entrada original: Ele está comendo carne Unseelie e conectou com a Fiona, que também come!

O'BANNION, ROCKY: ex-boxeador convertido em mafioso, irlandês e fanático religioso. Tinha a Lança do Destino * em uma coleção profundamente oculta no subsolo. Barrons e eu entramos uma noite e a roubamos. Sua morte foi o primeiro sangue humano em minhas mãos. A noite que lhe roubamos, Barrons apagou todas as luzes exteriores em torno da livraria. Quando O'Bannion veio detrás de mim com quinze de seus secuaces, as Sombras lhes devoraram justo debaixo da janela de meu dormitório. Eu sabia que Barrons ia fazer algo. E se ele me tivesse pedido que escolhesse entre eles ou eu, lhe teria ajudado a apagar as luzes. Nunca se sabe o que vais estar disposto a fazer para sobreviver até que esteja pego a uma esquina e vendo o que explora detrás de você.

OOP: Acrônimo de objetos de poder, imbuídos com propriedades místicas Fae. Alguns são Relíquias, outros não o são.

OOP DETECTOR: Eu. Sidhe-seer com a especial capacidade de sentir os OOP'S. Alina era uma também, por isso a utilizou o Lorde Master.

Addendum à entrada original: Muito estranhas. Algumas de seu sangue foram criados para este rasgo. As sidhe-seer da Rowena dizem que morreram todas.

CÍRCULO DO JAI: Nem idéia, mas o tem Barrons. Ele diz que é um OOP. Não podia senti-lo quando o agarrei, mas não podia sentir nenhum nesse momento. De onde saiu e onde o pôs? Está em sua misteriosa abóbada? O que faz? Como entrar em sua abóbada, de todos os modos? Onde está o acesso aos três andares por debaixo de sua garagem? Há um túnel que conecta os edifícios? Devo procurar.

Addendum à entrada original: Barrons me deu isso para poder entregar-lhe às sidhe-seer, para seu uso no ritual de reforçar os muros no Samhain.

PATRÃ: Mencionada pela Rowena, supostamente tenho "seu olhar". Era uma O'Connor? Foi em um momento a líder do Haven.



PHI: Post te Hajas, Inc, um serviço de mensagens de Dublin que serve como cobertura para a coalizão sidhe-seer. Ao parecer, Rowena está a seu cargo.

Addendum à entrada original: atrás de que o Livro se perdeu, Rowena abriu sucursais deste serviço de mensagens em todo mundo, em um esforço para rastreá-lo e recuperá-lo. É muito inteligente, realmente. Ela tem às ciclistas atuando como seus olhos e ouvidos em centenas de cidades importantes. A abadia/sidhe-seer têm um muito rico benfeitor que redireciona recursos através de múltiplas empresas. Pergunto-me quem é.

PORTAIS ou TABH'Rs:(Tah-VR) portas ou portais Fae entre reino, freqüentemente ocultas em objetos cotidianos humanos.

PRI-JÁ: Um viciado no sexo Fae.

Addendum à entrada original: Que Deus me ajude, eu sei.

RELÍQUIAS, As: Oito antigas relíquias de imenso poder fabricadas pelos Fae: quatro de Luz e quatro Escuras. As Seelie são as Pedras, a Lança, a Espada e o Caldeirão. As Unseelie são: o Amuleto, a Caixa, o Espelho e o Livro (Sinsar Dubh ou Livro escuro) de "Uma guia definitiva para os artefatos, autênticos e legendários"

Addendum à entrada original: ainda não sei nada sobre as Pedras ou a Caixa. Conferem poderes que me poderiam ajudar? Onde estão?

Correção à definição anterior: o Espelho é, em realidade, Os espelhos Chapeados, que peneiram o tempo. Veja-se Espelhos tamizadores ou Chapeados. O Rei Unseelie fabricou todas as relíquias escuras. Quem fez a da Luz?

Addendum à entrada original: Veja-a história do Rei Unseelie e sua mortal concubina, como V'lane me contou isso (ler capítulo correspondente do presente livro) O rei criou os espelhos para manter sua idade e lhe dar seu reino a explorar. Ele criou o Amuleto para que pudesse reconfigurar a realidade. Lhe deu a Caixa para sua solidão. Que mais fez? O Sinsar Dubh foi um acidente.

RHINO-BOY: feio, fae de pele cinza que se assemelha a um rinoceronte, com frentes protuberantes, corpo de barril e grandes braços e pernas, lábios pendentes em sua boca e dentes proeminentes. Eles são os mais baixos na casta Unseelie, valentões enviados principalmente para vigiar aos de alta fila Fae.

Addendum à entrada original: são fatais.

Addendum à entrada original: Não acredito que possam "peneirar" o espaço. Vi-os encerrados nas celas do Mallucé da gruta, encadeados. Não me ocorreu naquele momento quão estranho era, logo pensei que talvez Mallucé os continha, de algum jeito, com feitiços. Mas atrás de que Jayne fez seu comentário sobre o encarceramento do Fae, dava-me conta de que não todos os Fae podem "peneirar" e estou começando a me perguntar se só os muito capitalistas puderem. Isto poderia ser uma importante vantagem tática. Devo explorá-la.

ROWENA: A cargo, até certo ponto, de uma coalizão de sidhe-seer organizadas como mensageiras no Post te Hajas, Inc. É ela a Grande Professora? Têm um refúgio ou casa de retiro em uma antiga abadia a umas poucas horas do Dublin, com uma biblioteca em que devo entrar.



Addendum à entrada original: Ela nunca me gostou. Está jogando a juiz, jurado e verdugo comigo. Enviou a suas garotas detrás de mim para me roubar minha Lança! Nunca deixarei que a tenham. estive à abadia, mas só brevemente. Suspeito que muitas das respostas que quero se podem encontrar ali, já seja nas proibidas bibliotecas nas que só Haven está autorizado a entrar, ou em suas lembranças. Tenho que averiguar quem são os membros do Haven e falar com uma delas.

RYODAN: Associado do Barrons e IYCGM em minha agenda.

Addendum à entrada original: é o Top de minha lista de pessoas a localizar.

SEELIE: A "Luz" ou "justos" da corte dos Tuatha Dê Danaan, regidos pela Rainha Seelie, Aoibheal.

Addendum à entrada original: O Seelie não pode tocar as Relíquias Unseelie. O Unseelie não pode tocar as Relíquias Seelie.

Addendum à entrada original: Segundo V'lane a verdadeira Rainha dos Fae leva muito tempo morta, assassinada pelo Rei Unseelie e com ela morreu a Canção da Criação. Aoibheal é um membro mais da realeza de quão muitos tentou levar a sua gente após.

LORDE MASTER: É o traidor assassino de minha irmã! Fae, mas não Fae, líder dos exércitos Unseelie, persegue o Sinsar Dubh. Ele estava usando a Alina para detectá-lo como Barrons me está utilizando a mim para detectar OOP'S.

Addendum à entrada original: Ele me ofereceu um trato: Alina voltaria se lhe conseguia o Livro. Acredito que realmente poderia fazê-lo.

SHAMROCK: Um ligeiramente disforme trevo de três folhas, símbolo antigo das sidhe-seer, que representa sua missão: Ver, Servir e Proteger, à humanidade dos Fae.

SIDHE-SEER:(SHE-seer) Uma pessoa com quem a magia Fae não funciona, capaz de ver além da ilusões ou "glamour" emitidos pelos Fae, a verdadeira natureza que se encontra debaixo. Alguns também podem ver os Portais ou Tabh'Rs, portais entre reino. Outros podem sentir os OOP Seelie ou Unseelie. Cada sidhe-seer é diferente, com distintos graus de resistência aos Fae. Algumas tem um poder limitado, outras têm um grau de poder avançado com múltiplos "poderes especiais".

Addendum à entrada original: Algumas, como Dani, são super velozes. Há um lugar dentro de minha cabeça que não é... igual ao resto de mim. Acaso todas o têm? O que é isto? Como o obtive? Onde estão os fragmentos de conhecimento inexplicável que sinto como lembranças que vão e vêm? Existe algo como um inconsciente coletivo genético?

* SINSAR Dubh, O:(she-Suh-DOO): Relíquia Unseelie pertencente aos Tuatha Dê Danaan. Escrito em uma linguagem conhecida só pelos mais antigos de sua espécie, diz-se que contém a mais mortal de todas as magias dentro de suas páginas cifradas. Trazido a Irlanda pelos Tuatha Dê durante as invasões, segundo o escrito de pseudo-historia "Leabhar Gabhála", foi roubado junto com as demais Relíquias Escuras e se rumoreia que encontrou seu caminho para o mundo dos homens. Ao parecer o autor, mais de um milhão de anos atrás, foi o Rei dos Unseelie. ("Uma guia definitiva para artefatos, autênticos e legendários")



Addendum à entrada original: Vi-o, agora. As palavras não podem fazer uma descrição do mesmo. trata-se de um livro, mas vive. É consciente. Addendum: A Besta. O dito.

SOMBRAS, As: Uma das castas mais baixas do Unseelie. Apenas corpóreas. Elas têm fome, elas se alimentam. Não podem suportar a luz direta e caçam só de noite. Roubam a vida da mesma forma que o Homem Cinza rouba a beleza, esgotando a suas vítimas, vampirizándolas com rapidez, deixando detrás de si um montão de roupa e uma casca desidratada de pele.

Avaliação da ameaça: MORTAL.

Addendum à entrada original: Acredito que estão trocando, evoluindo, aprendendo.

Addendum: Conheça-a! Juro que me espreita!

Addendum: aprenderam a trabalhar juntas e a formar barreiras consigo mesmas.

PENEIRAR: método Fae de locomoção, produz-se à velocidade de pensamento. (Vi-o!)

Addendum à entrada original: De algum jeito V'lane me peneirou sem minha consciência de que ele estava ali. Não sei se foi capaz de aproximar-se de mim "encoberto" de algum jeito, então me tocou no último minuto e eu simplesmente não me dava conta do acontecido, já que é tão rápido, ou, se talvez em lugar de me peneirar, transladou os reino a meu redor. Pode fazer isso? Como de capitalista é V'lane? Poderia outro Fae me peneirar sem que tenha nenhum aviso prévio? Inaceptadamente perigoso! Exigir mais informação.

TUATHA DÊ DANAAN ou TUATHA DÊ:(SEU dia Dhanna ou Sua DIA) (Ver acima Fae) Uma raça muito avançada que chegou à Terra de outro mundo; compreende aos Seelie e aos Unseelie.

UNSEELIE: Corte Escura ou "asquerosa" dos Tuatha Dê ao Danaan. Segundo a lenda dos Tuatha Dê Danaan, os Unseelie estiveram capturadas centenas de milhares de anos em uma prisão ineludível. Ineludível? Meu traseiro!

V'LANE: Segundo os livros da Rowena, V'lane é um Príncipe Seelie, da corte da Luz, membro do Conselho Superior da Rainha e, às vezes, seu Consorte. É um Fae-morte-por-sexo e esteve tratando de me fazer trabalhar para ele em nome da Rainha Aoibheal, para localizar o Sinsar Dubh.

VOZ: Arte ou habilidade Druida que obriga à pessoa sobre a que se utiliza a obedecer, exatamente, qualquer ordem. Tanto o Lorde Master como Barrons a utilizaram sobre mim. É aterrador. Apaga-se sua vontade e te converte em um escravo. Vê-te com seus próprios olhos e vê que seu corpo faz coisas que sua mente está gritando que não faça. Estou tratando de aprendê-la, ou, pelo menos, aprender a resisti-la, porque, de outro modo, nunca vou ser capaz de me aproximar o suficiente ao Lorde Master para matá-lo e vingar a Alina.

ZONA ESCURA: Uma área que foi assumida pelas Sombras. Durante o dia parece ter sido abandonada pela vida cotidiana, como se os vizinhos se mudaram a outro bairro. Uma vez que cai a noite, é uma armadilha mortal.

Guia de Pronúncia



AN GARDA SIOCH'NA: Em Dublin, garda; Garda-shee-a-conna. Fora de Dublin: gardee.

AOIBHEAL: Ah-veel. (Não no Gaélico a não ser na antiga língua dos Fae)

CRAIC: Crack.

CRUZAMENTO: Como o "cruc" de "crucificar".

DRUI: Dree.

FIRBOLG: Fair bol ugh.

LEABHAR GABHALA: Lour Gow onda.

MALLUCÉ: Mau-loosh.

Pronúncia irlandesa obtida dos recursos da policia e de Trinity de Dublin. Qualquer engano na pronúncia é meu.

MAPAS



